

Roberta de Fátima Martins

ENLACES:

MEMÓRIA E SUBJETIVIDADES NO ACERVO JORGE

AMADO

Dissertação submetida ao Programa de Pós-graduação em Literatura, da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestre em Literatura

Orientador: Profª. Dra. Tânia Regina de Oliveira Ramos.

Florianópolis

2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Martins, Roberta de Fátima

Enlaces : Memória e Subjetividades no Acervo Jorge Amado / Roberta de Fátima Martins ; orientadora, Tânia Regina de Oliveira Ramos - Florianópolis, SC, 2015.
251 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura.

Inclui referências

1. Literatura. 2. Cartas . 3. Amizade. 4. Comunismo. I. Ramos, Tânia Regina de Oliveira . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. III. Título.

À Rosa, minha judia sem nome
e ao Pedro, meu farol, laço e nó.
Não necessariamente nessa ordem
e por razões diferentes.

AGRADECIMENTOS

Minha trajetória teve percalços, mudanças no rumo e muitas pessoas que contribuíram para minha desconstrução. São essas pessoas a quem eu quero agradecer.

Professores, familiares e amigos que ajudaram na formação da identidade. E posteriormente ajudaram-me a desconstruí-la.

Mia Couto (Raiz de Orvalho e Outros Poemas) define identidade de forma magistral, não saberia, nem poderia descrever de outra forma. Diz o escritor moçambicano:

Preciso ser um outro
para ser eu mesmo
Sou grão de rocha
Sou o vento que a desgasta
Sou pólen sem insecto
Sou areia sustentando
o sexo das árvores
Existo onde me desconheço
aguardando pelo meu passado
ansiando a esperança do futuro
No mundo que combato morro
no mundo por que luto nasço

Àqueles a quem eu devo muito mais do que o sopro de vida, muito obrigada: meus pais, Jair e Fátima. Esses dois, de formas diferentes, me ensinaram o valor da vida, a importância do saber, me deram valiosas lições de sabedoria e amizade; incentivaram meu carácter questionador, mas também as alegrias das piadas inocentes; sei que, ao escrever essa dissertação, represento também a realização acadêmica de vocês, a fome de aprender que não pode ser saciada formalmente.

Ao meu irmão Thiago e a minha irmã Crys, agradeço pelos inúmeros livros que precisei ler para fazer os trabalhos escolares que eles não fizeram. Aprendi a gostar de escrever e tive oportunidade de ter os meus professores e os deles avaliando e mostrando caminhos para a minha escrita.

Às minhas irmãs, Flávia e Renata, por ajudar na minha formação, por permitir que eu vivesse plenamente a minha infância, quando tiveram que assumir as maiores responsabilidades.

Paula, Letícia, Marina, e Maria, porque vocês me inspiram a ser melhor.

Ao meu filho Pedro, por me fazer ser mais, por manter em mim a vontade de mudar o mundo, a vontade de torná-lo um lugar mais justo; por ele, preciso aprender sempre. Mas, agradeço, principalmente, por ser seu meu farol, meu laço e meu nó.

Agradeço a todos os professores que contribuíram para a minha formação. À professora Marlene, por ter me iniciado nas letras; à professora Nita que despertou o gosto e o hábito da leitura. Ao professor João Ernesto Weber por ter me ensinado a ler, à professora Roberta Pires por ter despertado o gosto pela pesquisa e pela língua(gem). E agradeço à professora Tânia pela orientação e paciência. Agradeço também pelas incríveis lições de sabedoria.

Professor Stelio, obrigada pela leitura atenta.

À professora Leonor Scliar pela doação da Mala de Jorge Amado ao NuLIME. Agradeço, ainda, pela interlocução: muito obrigada!

Ao Jorge, agora, Amado, agradeço pela inspiração, porque ele é a razão de todo o resto que completa esta pesquisa.

Agradeço à Queza por me mostrar na prática a teoria que permeia essa dissertação. Amizade feita de luta, escrita, cuidado e afeto.

Paulo, se alguém ler esta dissertação pela capa, o mérito é teu: muito obrigada, meu amigo!

Aos meus amigos de ontem, de sempre: muito obrigada pelo afeto!

Uma história se conta, não se explica.

(Jorge Amado)

RESUMO

O objetivo central da minha dissertação é apresentar o resultado das relações afetivas constituídas e apreendidas no Acervo Jorge Amado (NuLIME). A minha subjetividade foi ao encontro da memória material das cartas destinadas ou remetidas por dois comunistas: Juan e Joaquim. A leitura delas me permitiu ressignificar a questão da autoria e da literatura epistolar. O trabalho, em parte, foi apresentado como cartas. A escrita, situada no limite entre ficcional e factual, faz referências ao contexto político e social do Brasil no período da ditadura de Vargas. O trabalho está inserido no contexto específico da memória e da narrativa dos comunistas e perseguidos políticos que viveram esta fase da vida intelectual, social, política e literária brasileira.

Palavras-chave: Cartas. Amizade. Comunismo.

ABSTRACT

My dissertation's main objective is to present the result of the affective relations constituted and apprehended from Jorge Amado's collection (NuLIME). My subjectivity is connected to the material memory of the letters destined or posted by two communists: Juan and Joaquim. Reading them has enabled me to reframe the questions of authorship and epistolary literature. The work was partially presented as letters. The writing, classified in between fictional and factual, refers to the social and political context and to the narrative from communists and political persecuted who lived this period of Brazilian intellectual, social, political and literary life.

Key words: Letters. Friendship. Communism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	17
2	PRESENÇA E AUSÊNCIA	43
2.1	IDENTIDADE	45
2.2	A JUDIA SEM NOME	53
2.1	CARTA A JORGE.....	61
3	AMIZADE - FAROL, LAÇO E NÓ	77
3.1	TODAS AS AGÚSTIAS DO MUNDO.....	79
3.2	<i>NO PASARÁN!</i>	97
3.3	POR TRÁS DA FICÇÃO	103
3.4	CARTAS PARA COMUNISTAS	113
4	CONATUS	189
4.1	AMIZADE, RESISTÊNCIA E AFETO.....	193
	<i>POST SCRIPTUM</i>.....	207
	<i>L'ULTIMA LETTERA</i>	209
	REFERÊNCIAS.....	217
	ANEXOS	229

INTRODUÇÃO

“Pobres dos escritores que não se derem conta disso: escrever é transmitir vida, emoção, o que conheço e sei, minha experiência e forma de ver a vida¹”. Ainda que provavelmente a fala seja direcionada aos escritores de romance, sigo o conselho de Jorge Amado (J.A.). E essa é, sem dúvida, a informação mais honesta e a ser dita nesta dissertação. Essa frase do escritor baiano também é um exemplo de manifestação da consciência autobiográfica dos escritores ligados ao modernismo brasileiro. Prova disso são os rastros biográficos que marcam sua obra. Talvez por isso ele seja, para esta pesquisa, elo entre política, literatura, verdade, ficção, história; seja ponto de partida e ponto de chegada. Minha proposta é investigar as relações estabelecidas entre comunistas presentes nas correspondências encontradas no Acervo Jorge Amado²; a conhecer, para além das fronteiras entre a militância política e a obra de J.A., os “anônimos” que protagonizam com o autor baiano a luta contra a ditadura varguista³. Pretendo ainda problematizar os limites da

¹ Jorge Amado. O ESTADO DE SÃO PAULO, em 31/03/1995.

² O Acervo Jorge Amado, conhecido como “A Mala do Jorge”, está sob os cuidados do Núcleo Literatura e Memória da UFSC, NuLime - Centro de Comunicação e Expressão, da Universidade Federal de Santa Catarina. O Acervo é constituído de mais de 1000 páginas de correspondências, textos, rascunhos, manuscritos, poemas do período em que Jorge Amado esteve exilado na Argentina e no Uruguai, entre os anos 1941-1942. O Acervo foi organizado pela aluna Thalita Coelho, durante o projeto de pesquisa de iniciação científica e de conclusão de curso e está numerado segundo a ordem de organização da Mala ao ser recebida pelo Núcleo, portanto sem a intervenção da equipe de pesquisa. Os documentos estão acondicionados em pastas e protegidos em embalagens especiais.

³ O presidente Getúlio Vargas anunciava o Estado Novo no dia 10 de novembro de 1937. Getúlio Vargas alegava a existência de um plano comunista, chamado de Plano Cohen, para a tomada do poder. Como forma de impedir a ação dos comunistas, Vargas fechou o Congresso Nacional e implantou uma nova Constituição. Para implantar o Golpe, Getúlio Vargas teve apoio dos militares e contou com o apoio de uma parte significativa da sociedade. A sociedade foi bombardeada, desde o final de 1935, com propaganda anticomunista. Em novembro de 1937, Vargas impôs censura à imprensa, aos meios de comunicação como um todo e passou a controlar ainda mais a atividade política nacional. Inimigos políticos do ditador eram perseguidos e presos. Sob a direção do jornalista Lourival Fontes, Getúlio Vargas criou, em 1939, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Dentre as funções do DIP, destaco o seguinte trecho: "centralizar, coordenar, orientar e superintender a propaganda nacional,

narrativa, a utilização da biografia como objeto de pesquisa histórico e sociológico, além do papel da literatura e o ponto de vista literário sobre a utilização destas fontes. Durante a pesquisa descobri Jorge Leal Amado de Faria⁴, escritor, baiano, pai, marido, militante, político. É

interna ou externa [...] fazer a censura do Teatro, do Cinema, de funções recreativas e esportivas [...] da radiodifusão, da literatura [...] e da imprensa [...] promover, organizar, patrocinar ou auxiliar manifestações cívicas ou exposições demonstrativas das atividades do Governo". A Agência Nacional também foi criada nesta época, como subdivisão da DIP. A função da AN era enviar aos jornais notícias sobre o Governo. Cerca de 60% das matérias publicadas na imprensa nacional eram fornecidas pela Agência. A organização do Estado e os valores nacionalistas, a propaganda essencialmente ideológica, foram imprescindíveis para a manutenção da ditadura varguista. Vargas difundiu a imagem do progresso e do desenvolvimento associados diretamente à própria figura. A propaganda populista de Getúlio Vargas implantou a imagem de uma nação soberana, aos moldes de Hitler e Mussolini, na Alemanha e Itália, respectivamente. O Estado era usado para controlar e fiscalizar de forma autoritária os governos estaduais. Durante o Estado Novo, a Segunda Guerra Mundial (39-45) foi o principal acontecimento. A princípio, o Brasil assumiu uma posição neutra no conflito. Vargas dependia economicamente dos EUA, mas flertava com o nazi-fascismo. (FGV.CPDOC, [s.d]).

No entanto, a posição de neutralidade acabou em 1942. Neste ano, algumas embarcações brasileiras foram atingidas e por submarinos alemães no Oceano Atlântico. Vargas fez um acordo com Roosevelt e o Brasil entrou na guerra ao lado dos Aliados (Estados Unidos, Inglaterra, França, União Soviética, entre outros).

⁴ Jorge Amado nasceu a 10 de agosto de 1912, na fazenda Auricídia, em Itabuna, Bahia. Jorge era filho do fazendeiro de cacau João Amado de Faria e de Eulália Leal Amado. Passou a infância em Ilhéus; fez os estudos secundários em Salvador. Neste período, começou a trabalhar em jornais e a participar da vida literária, fundou a Academia dos Rebeldes. Publicou seu primeiro romance, O país do carnaval, em 1931. Dois anos depois, casou-se com Matilde Garcia Rosa. Do casamento, nasce, Lila. A vida política de Jorge Amado foi incentivada pela escritora Raquel de Queiroz. O ano de 1932 marca o início da militância partidária do autor. Em 1935, Jorge adere ao Movimento de Frente da Aliança Nacional Libertadora, ano em que também se forma em Direito. No ano seguinte, acontece a primeira prisão política do autor baiano. Dois anos depois, uma nova prisão, dessa vez em Manaus. Neste ano, a produção literária do autor é apreendida e queimada em praça pública, tanto no Estado natal do autor, quanto em São Paulo. Jorge Amado recupera a liberdade, após a transferência carcerária para o Rio de Janeiro. Não podendo livrar-se da perseguição política que sofria, Amado exila-se por dois anos na Argentina e no Uruguai. Durante o exílio Jorge deveria escrever a biografia de Luiz Carlos Prestes. A biografia de

indiscutível que a correspondência pessoal⁵ de Jorge Amado, por si só, oferece inestimável fonte de pesquisa e inúmeras possibilidades que poderia ter seguido, mas, ao descobrir o homem por trás do mito, a luta por trás da literatura, enveredei por outra inquietante possibilidade de pesquisa, de escrita e principalmente de autoria: investigar as relações afetivas entre camaradas que habitam a “Mala de Jorge Amado” e apresentar o resultado desta investigação com uma escrita situada no

Prestes foi inicialmente publicada em Buenos Aires. O livro foi publicado por capítulos, pela *Editora Claridad*. A tradução do livro *Vida de Luiz Carlos Prestes, el caballero de la esperanza* para o português foi publicada em 1942, também na Argentina pela *Editora Claridad*. A biografia tinha 395 páginas e exaltou a luta pela liberdade e o repúdio a opressão que sofriam os militantes de oposição ao governo. A gênese de nosso Acervo aconteceu durante essa efervescência política e literária. Em 1943-44, Jorge Amado pôe fim ao exílio e ao casamento com Matilde. No retorno ao Brasil, é preso novamente. Jorge atua principalmente nas campanhas populares em favor dos aliados. Preso em Porto Alegre, J.A. é enviado ao Rio de Janeiro, onde foi posto em liberdade, desde que se estabelecesse em Salvador. Com o passar dos anos, Amado desafia a proibição e muda-se para a capital paulista. Em 1945, Jorge Amado se casa pela segunda vez com a também escritora Zélia Gatai, com quem teve dois filhos, João Jorge, nascido em 1947 e Paloma, 1952. Em 1949, morreu no Rio de Janeiro sua filha Lila e o escritor é eleito deputado federal por São Paulo, pelo PCB. Jorge Amado presidiu a delegação baiana do I Congresso de Escritores Brasileiros, em São Paulo. Assume sua cadeira no Congresso Nacional em 1946, quando morava no Rio de Janeiro. Teve seu mandato cassado em 1948 e foi forçado ao exílio, porém desta vez, o destino é a Europa. O mandato foi simbolicamente devolvido em 24 de março de 2014. Em Paris, atua na política ao lado de outros intelectuais de diferentes países. Retorna a terras brasileiras em 1952 e, em 1955, abandona a militância política e o PCB. Segundo informações não oficiais, a desilusão com Stálin fez com que o escritor baiano se decepcionasse com o Partido Comunista e a política de forma geral. Passou a dedicar-se exclusivamente à literatura. Em 1961, foi eleito para a cadeira de número 23, da Academia Brasileira de Letras, que tem por patrono José de Alencar e por primeiro ocupante Machado de Assis. Morreu em 06 de agosto de 2001. Jorge Amado recebeu o título de Obá, posto civil que exercia no Ilê Axé Opô Afonjá, na Bahia. As obras de J.A. foram traduzidas para 49 idiomas. (Fundação Casa de Jorge Amado, [s.d]).

⁵ Segundo a poeta Myriam Fraga, que dirige a Fundação Casa de Jorge Amado, desde sua criação, mais de cem mil páginas de cartas de Jorge Amado trocadas com gente do mundo inteiro estão guardadas em um acervo na Casa de Jorge. O Acervo foi entregue com uma ressalva, escrita por J.A., nesta, o escritor pedia que o material fosse aberto ao público somente 50 anos após sua morte.

limite entre o ficcional e o factual, fazendo referências ao contexto político e social no Brasil e utilizando a voz feminina.

Por isso, na primeira parte de minha pesquisa, principalmente, Jorge não será o escritor; será o militante, o partidário, o companheiro de exílio, será um personagem, como Rosa. Outros comunistas também serão personagens dessa dissertação. Jorge Amado, Rosa Scliar⁶, Juan (Picón)⁷ e Joaquim foram militantes comunistas do Partido Comunista: os homens do PC brasileiro (PCB)⁸, e Rosa, do PC Uruguaio. Todos moraram na Argentina e no Uruguai durante o mesmo período em que estas terras serviram de abrigo para o autoexílio do escritor baiano, ou seja, nos anos de 1941 e 1942⁹. Entretanto, aparecerão no texto outras personagens; outros interlocutores.

A protagonista deste trabalho, no entanto, é a carta. Carta que, segundo a professora Maria Manuela Parreira da Silva (1998, p. 486) é

⁶ Rosa Scliar, segundo a professora Leonor Scliar, escolheu trocar seu nome por Rosa em homenagem à Rosa de Luxemburgo. Sabemos que Rosa era polonesa, foi para Berlim e depois para o Brasil. Mãe de Leonor e Esther Scliar, esposa de Isaac Scliar. Foi deportada do Brasil, provavelmente, por volta de 1930, mudou-se com a família para Rivera, no Uruguai. Foi em Rivera que Rosa abandonou o marido Isaac Scliar e as duas filhas em prol da política e por ter se apaixonado por Bernardino do Valle, militante comunista exilado no Uruguai. (SCLIAR-CABRAL, [s.d.] - entrevista).

⁷ As correspondências ora são de Juan ora de Juan Picón, acreditamos se tratar da mesma pessoa.

⁸ Desde a sua fundação, em 25 de março de 1922, o PCB participou ativamente da história brasileira. O partido surgiu de ideais libertários dos proletários e se consolidou devido à luta dos trabalhadores e representantes da intelectualidade e da cultura brasileira, eram 73 militantes, intelectuais como Astrojildo Pereira, Jorge Amado, Caio Prado Jr. e Graciliano Ramos. Estes intelectuais acreditavam que o proletariado era sujeito-autor de intervenção social. A história do PCB foi marcada pela clandestinidade e repressão tendo vivido durante metade da sua existência nestas condições. Durante os anos de fundação, o PCB realizou três congressos; o primeiro para formalizar sua fundação e outros dois em 1925 e 1928. Em 1930, o PCB foi reconhecido pela Internacional Comunista. Até 1935, o partido buscava sua afirmação política, e até 1942, viveu uma época de resistência, compreensível somente quando consideramos as transformações sociais advindas da Revolução de 1930, início da Era Vargas. (PCB, [s.d]).

⁹ Como dissemos, Rosa foi para o Uruguai no início da década de 1930. Jorge Amado se autoexilou para fugir da perseguição política em 1941-42 e para escrever a biografia de Luiz Carlos Prestes.

[...] o resultado de um ato solitário: aquele que escreve sozinho diante do papel dispõe de todo o tempo para compor e elaborar o seu discurso. A ausência física do outro lhe oferece também a possibilidade de evocar, de o trazer fantasmagoricamente à sua presença e de o imaginar ou de lhe retocar a imagem. A distância dá-lhe, por outro lado, lugar para o fingimento, no sentido pessoano do termo. Isto é, o discurso epistolar surge, com frequência, atravessando pela ficção ou pode ser, pelo menos, gerador de equívocos.

De certa forma, trilhei estes caminhos, quando escrevi as cartas que compõem essa dissertação. Elaborei meu discurso, trouxe fantasmas à minha presença, me emocionei. As lágrimas que me ocorreram não permitiam fingimento, tentei “passar a limpo” uma história que não é minha. Atravessei a ficção, mas parti do real, da possibilidade de ser, do fato, do histórico e da literatura. Mas, não corro o risco de gerar equívocos, porque estou no limite de várias fronteiras, sejam elas: da ficção e da não ficção; da literatura e da história; da pesquisa e do romance.

As cartas¹⁰ fazem parte da história da humanidade. Horácio, Ovídio e Cícero escreveram cartas que foram consideradas modelo para a

¹⁰ Braren (1999, p. 42) apresenta a seguinte possibilidade para a estrutura de uma carta:

AUTOR (epístola ou carta) = {missivista}

LEITOR (discurso epistolar, sermo ou mensagem) = {endereçado}.

Onde, o autor é o sujeito que produz o texto (nesse caso, pode ser um único autor, impessoal, muitos autores, ou ainda um autor não identificado). O missivista será então o autor enunciado autorizado, explícito, materializado, que cria seu tempo e espaço, durante e mediante o discurso. O leitor também pode ter cada uma dessas características.

Maria de Fátima Valverde (2001, p1) apresenta os modelos de correspondência e elenca cinco tipos de cartas literárias. São elas:

1- carta-romance: As Ligações Perigosas de Chardelos de Laelos;

2- carta de Amor de Soror Mariana Alcoforado;

3- carta-manifesto, de Rimbaud a Geoges Izambard, carta de 13 de Maio de 1871;

4- carta-ensaio, Carta ao futuro de Vergilio Ferreira;

5- carta a um jovem poeta, de Rainer Rilke.

A essas, incluem-se: cartas-testamento, de Getúlio Vargas; as cartas-declaração de guerra do Rei Felipe da Macedônia ao rei de Esparta; as cartas filosóficas de Epicuro, Platão, Cícero, Sêneca, Plínio, Espinosa, Voltaire, Descartes; as cartas espirituais de Frei Antônio das Chagas; e as cartas histórico-geográficas de Pero Vaz de Caminha.

posteridade. As cartas de Horácio (I Livro das Epístolas), por exemplo, são consideradas clássicos. Clássicos que, segundo Calvino (2004, p.16-17), “[...] são livros que exercem uma influência especial, tanto quanto se impõem como inesquecíveis, como quando se ocultam nas pregas da memória mimetizando-se de consciente coletivo ou individual”. O gênero epistolar é um dos mais antigos registros de escrita. Teresa Souza de Almeida (1998, p.7) diz que a carta estabelece-se na inconstante fronteira entre o que é e não é literatura. Segundo a autora, talvez não sejamos capazes de formular uma conclusão segura sobre esta fronteira. E essa instabilidade gera outras questões, como ler as cartas, por exemplo, em se tratando de cartas de uma escritora? As cartas serão anteriores à obra? Concomitantes a ela? Ou cartas devem ser lidas no contexto biográfico? Cartas, ainda que imateriais, ultrapassam as divisas do tempo. De certa forma, essa inclusão democratiza o acesso a esse fazer literário. E, no caso da parte selecionada do Acervo Jorge Amado, as cartas são também documentos do PCB; tratam também de relações políticas, relações que antecedem às íntimas. Relações que estão para além da amizade possível entre os missivistas e os endereçados – e, talvez, as relações íntimas antecedam a essas amizades políticas: não foi meu objetivo identificar a gênese da relação. Então, se as cartas também vivem nessas fronteiras, vivem lá há algum tempo. A “[...] carta é, surpreendentemente, um texto que, ao ser acionado, ilumina fatos e acontecimentos, desrealca impressões, deixa entrever sentimentos, revela experiências e idiossincrasias com a acuidade de um aparelho de raio X (SANTOS, 1994, p.15)”. Meu trabalho será, então, aparelho de raio-x de Rosa, de Jorge, Joaquim e Juan, de mim mesma e de ninguém realmente.

Originalmente, meu trabalho teria como objeto somente a relação de amizade, manifestada nas cartas, entre os comunistas que conviveram com Jorge Amado durante seu autoexílio¹¹ na América do Sul.

Pero Vaz de Caminha foi o autor da carta que marca a chegada dos portugueses ao Brasil. No documento, Caminha narra ao Rei D. Manuel a viagem desde a saída da cidade de Belém, até avistarem o Monte Pascoal, na Bahia, em 22 de abril de 1500.

¹¹ Do exílio na Argentina e no Uruguai pouco se sabe e Jorge Amado, durante a vida, pouco falou sobre isso. Espera-se com o trabalho realizado, sob a orientação da professora Tânia, esclarecer um pouco mais sobre a vida e obra do autor baiano durante esse período. O que se sabe oficialmente é que a repressão policial do Estado Novo obrigou o autor a refugiar-se em Buenos Aires.

Segundo Rosane Rubin e Maried Carneiro (1992), Jorge Amado foi presença marcante na imprensa argentina. Escreveu para *Sud* e *La Critica*. J.A. adaptou

Trabalharia com as cartas do Acervo que intencionalmente chamamos de “A Mala do Jorge”. Eu digo “era para ser” porque no meio do caminho descobri Rosa. Rosa foi uma das guardiãs do Acervo durante décadas¹². A história de vida dessa mulher me fascinou, queria incluí-la na pesquisa. Não me contentei em dedicar meu trabalho a ela. Parecia pouco. A teoria se mescla ao desejo de escrever e foi invadida pela criatividade. Durante o percurso acadêmico, cursei disciplinas em que a autoria e a escrita de si eram temas recorrentes e tudo isso influenciou a dissertação, o texto. Entre idas e vindas do então projeto de dissertação, li um texto de Jacques Derrida por acaso; a obra¹³ reunia reflexões de Derrida sobre desenho, pintura, fotografia e cinema. Retomei outros textos do filósofo franco-angelino e o conceito de desconstrução¹⁴ e

sua obra *Mar morto* para transmissão pela rádio El Mundo. Jorge escreveu e publicou, pela Editora Claridad, a biografia panfletária de Luiz Carlos Prestes. Biografia que tinha como objetivo divulgar a campanha pela anistia do líder comunista. A obra foi censurada pela polícia argentina e foi apreendida e incendiada por Perón. Toda essa repressão ajudou a construir um universo heróico em torno dessa biografia, que foi contrabandeada de muitas formas pela militância comunista, inclusive para o Brasil. (Fundação Casa de Jorge Amado, [s.d]).

¹² Rosa, segundo a professora Leonor, não conviveu com Jorge Amado durante o autoexílio do escritor no Uruguai. No entanto, ficou com os pertences do camarada comunista quando este teve que partir para a Argentina. Jorge Amado não quis receber mais os seus pertences. Rosa e Bernardino guardaram a Mala até entregá-la à filha, Leonor, professora da Universidade Federal de Santa Catarina. A professora Leonor, por sua vez, doou o material ao NuLime, núcleo de pesquisa coordenado pela professora Tânia Regina de Oliveira Ramos. No decorrer da pesquisa, algumas das cartas escritas por Jorge faziam menção à Rosa; não se pode confirmar se era Rosa Scliar e os indícios apontam em outra direção: Rosa Meirelles.

¹³ DERRIDA, Jacques. **Pensar em não ver**: escritos sobre as artes do visível. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

¹⁴ *Desconstrução* é um conceito consagrado por Jacques Derrida. Entretanto, de certa maneira, foi Martin Heidegger quem falou, em primeiro lugar, sobre o “desconstruir”. Heidegger propôs, na fase inicial da sua carreira acadêmica, a “destruição da metafísica”. A ideia por trás dessa descrição era propor uma libertação dos conceitos enrijecidos tanto pelo hábito quanto pela construção/transmissão da semântica por trás dos conceitos. O filósofo alemão falou em *Destruktion*. O termo prevê a desmontagem das estruturas “calcificadas” de sentido; isto é, o filósofo quer extrapolar o uso dos termos, permitindo que sejam utilizados fora do sentido original para o quais foram pensados. Por conta da conotação negativa que o termo *Destruktion* (*algo como desenclausura*) tem para a língua alemã, Jacques Derrida, usou o

literatura¹⁵ me deram alento e coragem para manter o formato literário. Além de Jacques Derrida e sua teoria, Lejeune e seus estudos sobre autobiografia também foram muito importantes.

Ao iniciar meus estudos de crítica literária e arquivo, evitei ficar presa à história, restringir meu trabalho ao aspecto histórico da materialidade do Acervo. Percebi que minha intenção não seria a da historiadora comprometida com a veracidade dos documentos; escolhi o caminho que marca o lugar de onde falo: a Literatura. Mais segura, dei vazão à minha subjetividade como parte da linguagem, enlacei a memória do arquivo com subjetividades, escolhi Rosa e os comunistas que escreveram as cartas que estão no Acervo e a história que pudesse contar sobre eles. Ao abrir a Mala, aceitei o desafio do Arquivo como resultado da convivência com os fantasmas que a habitam. Fui construindo narrativas, ainda que décadas me separem do momento de escrita. Aliás, por conta dessa distância cronotópica¹⁶ do Arquivo,

termo *deconstruction*. O filósofo franco-argelino achou que o termo “desconstrução” era mais intuitivo para captar esta ideia de desmontagem. Apesar do termo não ser o mesmo utilizado por Heidegger, retoma a experiência do pensamento ocultada pela familiaridade conquistada no manejo dos conceitos que Heidegger pensou. O projeto de Derrida é atravessado por outras influências, como a psicanálise e o pensamento de Friedrich Nietzsche, por exemplo, e o conceito de “desconstrução” passa a tomar outra forma. Para Derrida, este conceito não pode ser restituído ou orientado para a sua gênese. O filósofo não pretende “desmontar” o conceito com o intuito de liberá-lo da sua origem esquecida; a desconstrução de Derrida é a ideia, o espírito, a razão, a história etc. que pode ou deve ser retomado à realização do que é ou deveria ser. Toda “origem” nunca é “original”, pois ela é desde sempre *suplementada* por uma palavra, um termo, um conceito, enfim, por todo um discurso. (PRIKLADNICKI, 2007, *grifos do autor*). A desconstrução assume que determinada estrutura é original ou originária; a coisa em si e não o discurso utilizado para tornar material. A desconstrução é, portanto, anterior a “formação” pelo conceito. E qualquer tentativa de definir desconstrução tende a ser falsa, por ocupar-se de fazer justamente o que a desconstrução questiona.

¹⁵ Para o autor, se a literatura guarda algum privilégio é em parte em razão do que ela tematiza sobre o acontecimento da escritura. Bem como, porque, na história política, a literatura se liga a essa autorização de a princípio “tudo dizer”, que a relaciona de forma única a isso que se chama a verdade, a ficção, o simulacro, a ciência, a filosofia, a lei, o direito, a democracia. (DERRIDA, 2007).

¹⁶ Relação entre espaço e tempo. Cronótopos: composto pelas palavras gregas *cronos* (tempo) e *topos* (lugar). Cronótopos enfatiza a indissociabilidade destes dois elementos tal como se manifesta nas representações literárias. O termo foi

buscarei uma história dos acontecimentos, a verdade enquanto fabulação. A finitude humana então ajuda-nos a ter outra dimensão da verdade. A cada momento histórico temos uma nova face da verdade. Derrida ensina que a literatura é o rastro e não expressão da memória viva e do discurso autêntico. A Literatura como um remédio ou veneno à memória¹⁷. Derrida fala ainda em dimensão ética da leitura. Essa dimensão ética implicará em uma leitura como tradução e reinvenção, como traição em relação ao original. E a memória como a traição de nós mesmos.

A verdade, sem aspas, é que Rosa é mãe da professora Leonor Scliar. Rosa foi uma das guardiãs do Acervo de Jorge Amado. Quando Jorge Amado regressou ao Brasil de seu autoexílio, deixou para trás uma mala com documentos. Rosa e seu companheiro Bernardino, membros do Partido Comunista Uruguaio, ficaram com uma das bagagens, uma mala literalmente. A Mala ficou décadas sobre a proteção destes guardiões, quando tornou-se herança da professora Leonor. O destino quis que a Mala ficasse com a professora Tânia, coordenadora do NuLIME. Abandonei o pai¹⁸, abri a mala e conheci Rosa. A ideia de escrever uma dissertação sobre a participação dos homens não me atraía de todo. A literatura feminina¹⁹ sempre foi o objetivo maior da pesquisa em

criado por M. M. Bakhtin, em 1937-38, intitulado “Forms of time and of the chronotope in the novel”.

¹⁷ Veneno porque ao remexer nos baús de memórias, as lembranças, as mágoas, os desassossegos da alma que estavam adormecidos podem entrar em erupção. Remédio porque passado tempo, quem remexe no baú de memórias pode não ser a mesma que colecionou as lembranças, as novas impressões podem “sasar” feridas ou sangrá-las novamente.

¹⁸ A ideia inicial para dissertação do mestrado é que desenvolvêssemos uma pesquisa sobre a figura do pai nas obras de escritoras brasileiras. O trabalho foi abandonado ainda na fase inicial, quando tive oportunidade de conhecer o Acervo de Jorge Amado, durante a vigência da disciplina A Historiografia da Literatura Brasileira, ministrada pela Professora Tânia Regina Oliveira Ramos, em 2013.

¹⁹ Sobre a escrita feminina, Rita Terezinha Schmidt (1999, p.37) afirma que “a visibilidade à autoria feminina e assim, reconstituir a voz da mulher e suas representações no contexto da natureza centrada na autoria/paternidade cultural que funda o prestígio da função autoral”. Virginia Woolf fazia também fala sobre a condição feminina na vida real e literária; a escritora afrontava esses dois espaços ditos patriarcais: o real e o ficcional. Woolf dizia que “[...] se a mulher só existisse na ficção escrita pelos homens, poderíamos imaginá-la como uma pessoa de maior importância: muito versátil, heróica e mesquinha; admirável e sórdida; infinitamente bela e medonha ao extremo; tão grande

literatura. Ainda que essa escrita não seja materializada por terceiros e somente por mim, enquanto mulher e tecendo palavras sobre folhas já escritas. E não foi Jorge, mas, sim a polonesa Rosa quem me trouxe um novo aspecto do comunismo. Um aspecto mais humano, menos nobre, dependendo do ponto de vista. A política está em tudo e definitivamente está em mim. Mergulhando nessa história, me descobri Rosa. E foi aí que surgiu outro ponto, outro nó, outro laço, uma vez que novamente a teoria atravessa a ficção. Resolvi desconstruir a noção de autoria. Quem é autora de minha dissertação? As cartas ficcionais são escritas por mim, é verdade. Mas todas são assinadas por “R”. R. de Rosa, mas também de Roberta. Autora, personagem, narradora e objeto se misturam. A história se converte na verdade que construí. Ana Letícia Fauri (2001), em sua dissertação, ao falar sobre as cartas de Érico Veríssimo, afirmou que não podemos viver o que está fora e distante de nós. Só podemos viver a história que acontece dentro de nós, na memória, na imaginação e na fantasia. Fiz exatamente isso. Memória, fantasia e imaginação que encontrei revirando, invadindo a vida íntima, porém pública, dessas personagens e, em especial, da família Scliar e dos militantes contra a ditadura varguista²⁰. E a rede me levou até as memórias da neta²¹ de Rosa, à entrevista da professora Leonor²², ao Filho de Jorge Amado²³,

quanto o homem e até maior, para alguns. Mas isso é a mulher na ficção. Na realidade, [...] ela era trancafiada, surrada e atirada pelo quarto”. (WOOLF, s.d., p.55-56).

Por isso, como negar ao anseio e não responder ou contribuir para essa questão? Ainda é importante empoderar as vozes femininas, principalmente as do passado. Trazer à luz os registros, tornar presente a voz ausente. Só com este empoderamento constituiremos uma história de mulheres a partir de suas próprias representações, tanto para o mundo exterior quanto para si mesmas. Acredito que essas representações, mesmo ficcionais sejam válidas. Sei que extrapolo estas relações - uma vez que é evidente que a representação de Rosa está inserida em um determinado contexto, em certo “lugar” de onde se fala e está condicionada ao período histórico e aos valores que constituem esse traço temporal e espacial. Para manter-me fiel a esta voz, durante a elaboração das cartas, principalmente aquelas assinadas por Rosa, fundamentei a narrativa em depoimentos e biografias de mulheres que militaram contra a ditadura varguista e a ditadura militar de 64.

²⁰ Apesar do foco ser a ditadura varguista, o texto de algumas cartas foi escrito com base nos depoimentos de mulheres que militaram contra a ditadura militar.

²¹ Clube do livro é um blog com textos de Ethel Scliar Cabral. Um dele chamava-se: Minha avó Rosa, publicado em 19 de março de 2009.

²² Scliar-Cabral ([s.d.] - entrevista).

²³ E-mail enviado por João Jorge Amado, em 2010.

aos depoimentos de quem viveu a ditadura de Vargas. Fatos históricos, verdades individuais, narrativas da memória de quem sofreu e viveu o cotidiano de Rosa, Jorge, Juan e Joaquim. Li cartas. Escrevi cartas; cartas que rastreiam o posicionamento do remetente e surpreendem quando há esse “desnudar-se” para o outro, projetando o que estava escondido ou o que o preocupava no momento (SANTOS, 1994). Assim, penetrar na intimidade das cartas alheias é esbarrar permanentemente no inesperado. Marcos Antônio de Moraes (1997) ensina que as cartas, "no constante movimento de afirmação do discurso presente, conseguem esboçar tanto um possível retrato quanto a máscara desejada". E mesmo que minha ficção não seja fato histórico, as cartas que vi conservam testemunhos desses processos históricos, dessas experiências de vida e me revelaram a trama das relações políticas, culturais e literárias. E, se uso máscaras, estas foram pintadas à semelhança do retrato. Investigo as referências a outras personalidades, as notícias. Traduzo, na medida do possível, as ações e do que falam remetente e destinatário.

As cartas do Acervo que foram analisadas durante esta pesquisa - são destinadas ou remetidas por dois comunistas, Juan e Joaquim. Além do debate político e de assuntos corriqueiros do cotidiano do Partido Comunista Brasileiro, é possível verificar os ecos de amizade, de preocupação, de cuidado com o outro nas cartas analisadas. Essas cartas comprovaram a hipótese levantada durante a pesquisa de que amizade é alimento para a luta política; o comprometimento e preocupação com outro se desenvolvem ou se fortalecem pela militância; esses ecos de intimidade foram fortalecidos através das epístolas e revelados nelas. Estudando o depoimento de quem viveu situações similares àquela vivida pelos interlocutores da Mala, por exemplo, é bem marcante o registro desse tipo de laço afetivo, como sugere a fala de Nilce de Oliveira Cardoso, ex-militante contra a Ditadura Militar, em entrevista concedida à Susel Oliveira da Rosa: “eles foram um suporte afetivo, não só um suporte político, nessa colcha de retalhos que virou a minha vida... de me alcançar um docinho, de limpar a cela como fazia o Sobrosa, de cuidados...”²⁴.

A escolha pelas cartas de Juan e Joaquim não foi aleatória, minha primeira hipótese é de que seriam codinomes utilizados por Jorge Amado. Com uma análise mais aprofundada, logo descartei esse caminho. As cartas desses camaradas tratam da atuação do PCB no

²⁴ Nilce Cardoso Entrevista concedida à Susel Oliveira da Rosa. Ver: Cardoso (2007).

estrangeiro, da relação com os diretórios do Partido no Brasil. Tratam também de problemas políticos, de outros comunistas, de problemas de ordem mais pessoal, divergências entre a forma de atuação, organização do PCB e das células de Buenos Aires e Montevideú. Mas, invariavelmente são cartas atravessadas por questões afetivas, seja por questões familiares, seja pelos momentos difíceis, de amparo, de ânimo, de desabafo sobre a limitação da liberdade, a vida no exílio, os ciúmes, as inquietações, os anseios com a luta e a literatura.

Matildes Demétrio dos Santos (1994, p15) afirma que “de todos os gêneros em prosa, a carta é o mais difícil de ser enquadrado, pois sua feição verbal é múltipla e participa da natureza de outros gêneros periféricos como o diário, a autobiografia e o memorialismo”. Por isso, é bastante complexo falar das relações de amizade estabelecidas entre o missivista e o endereçado – ainda mais quando se desconhecem ambos – das cartas analisadas, a única certeza que possuo é a identidade da herdeira do Acervo e daquela que foi guardiã dos documentos durante anos. São elas, além da materialidade do Acervo, obviamente, os elementos de ligação entre os fatos históricos e Jorge Amado.

Por outro lado, analisar correspondências pessoais, geralmente, nos desvenda possibilidades, surpresas e descobrir um discurso que talvez não seja público; permite-nos dividir e compartilhar de uma relação de confiança e de amizade. Esses momentos em que o remetente se desnuda, esses momentos em que conseguimos ir além do posicionamento social em que nos tornamos interlocutores ocultos desses diálogos me despertaram para um mundo que já não é meu, para um tempo e para o convívio de pessoas que eu certamente gostaria de ter conhecido. Trabalhar com estas cartas me permitiu selecionar o passado que queria ter vivido, (re)criá-lo à luz dos acontecimentos presentes. Tal como Walter Benjamin e a alegoria do colecionador; assim como um colecionador, procurei nas memórias dessas pessoas, relíquias, escolhi a minha fortuna, releguei ao ostracismo outras histórias, fiz escolhas, retirei do contexto e da gênese, e as expus como resultados dessa pesquisa, evocando-as com um novo valor. Conto a vida dessas pessoas, talvez não como aconteceu, mas como poderia ter acontecido, encontro uma chave que abre novas portas, novos anseios e deixa a marca de sua (re)existência²⁵.

²⁵ Resistência e existência. Resistência política, existência porque Rosa, Juan e Joaquim talvez tenham existido apenas na Mala, isto porque oficialmente seus nomes podem ser outros, suas histórias “oficiais” podem ter outra narrativa.

II

As correspondências reais são consideradas autobiográficas ou memorialísticas: Helmut Galle (2006, p.71) afirma que “a unidade da narração autobiográfica, conseqüentemente, não é dada, mas [é] constantemente construída pelo sujeito por meios dos acontecimentos vividos e lembrados”. A referência memorialista é relacionada à recuperação do passado, fala através das lembranças, mas não retrata o autor.

Essa experiência de si mesmo permitiu construir um sujeito e foi utilizada para que eu testasse a autoria do trabalho. A experiência desses homens e mulheres serviu para que eu elaborasse minha voz sobre o assunto. A elaboração da narrativa provocará, por sua vez, a incerteza entre o que de fato foi vivido e o que foi ficcionalizado. Falo deste contexto, onde fragmentos de memória ou relatos do vivenciado por outros serão utilizados para construir a narrativa (e a narrativa, por sua vez, construirá o autor) e comprovar a hipótese de que a amizade sustenta a luta política, quando cria laços de cuidado e proteção. Ao mesmo tempo, utilizarei a correspondência do Acervo como empreitada para defender essa posição. E enquanto estiver desvendando essa teia de subjetividades, adentrarei no mundo do desconhecido e inesperado para (re)criar a identidade de Rosa. Minha escrita tornará oficial o lugar que esta mulher ocupou na luta, tornará oficial a sua existência como Rosa para o PC. Rosa como um sujeito político, ativa, desaparecida, fugitiva, eternamente exilada. Rosa teve sua natureza (re)criada, sua imagem (re)escrita; a partir das lembranças, memórias, relatos daqueles companheiros de luta. Rosa que saiu também das memórias dos herdeiros e tornou-se ‘real’ nesse texto.

E talvez Rosa, Jorge Amado e os comunistas sejam lidos tal como escritos por mim e se estabeleça um pacto. Gosto do desafio e de construir esse mundo possível. Esse mundo passado, que também é ficcional.

Para além dos enigmas e máscaras, este trabalho está inserido nos estudos da memória. Por memória, e por sua manifestação tanto na literatura quanto na cultura, entendo como o registro do vivido; o resgate imagético ou (re)construção das experiências vividas ou narradas, que preservam a trajetórias dessas vidas. Neste, serão as memórias dos comunistas, mas também de outros que falam por Rosa. E também minhas, enquanto leitora dessas narrativas, ouvinte de suas histórias, dos vislumbres de realidade que tanto eles quanto eu escolhi narrar. Recolhi os trechos a partir da memória dos camaradas que habitaram a Mala durante todos esses anos. A memória que se seleciona

é vivida no presente, com a preocupação do futuro e caracteriza-se pela permanência viva de um passado. Os recortes são a seleção, o agrupamento, o rastro e fazem parte da verdade subjetiva e não da verdade factual, em que às vezes se guarda um botão e às vezes um rato²⁶.

As minhas mentiras são verdades, mas as minhas verdades serão certamente mentiras. Ficção. E como afirma Phillipe Lejeune (2008, p.42) só a ficção não mente; só ela entreabre na vida uma porta secreta, por onde se insinua, fora de qualquer controle, sua alma é desconhecida. Já, Michel Schneider (2011, p.29), em seu artigo publicado no livro *Crítica e Coleção*, organizado pelos professores Eneida Maria de Souza e Wander Melo Miranda, disse que é somente a ficção que dá acesso ao real e o que se atinge ao fim de uma narrativa. Por exemplo, como a narrativa de uma vida, em que não é a “verdade revelada de seus personagens, mas uma série de imagens quebradas, percorrida de reflexos à contramão”.

Ressalto que a força da narrativa dos textos, das trajetórias, será imposta pelo discurso esteticamente elaborado e fruto das reflexões a que me propus sobre a memória. Reflexões, que, por sua vez, foram forjadas a partir da leitura de Henri Bérghson²⁷, especificamente o trabalho *Matéria e Memória*²⁸.

A memória e a lembrança (lembrança como resgate da memória) serão apresentadas por nossas percepções, que estão impregnadas dos eventos. Presença na ausência, o que sugere que minhas escolhas durante o desenvolvimento das narrativas que constituem este trabalho e, por sua vez, as memórias e lembranças de Rosa e dos outros comunistas não sejam frutos do acaso ou meramente fabulação.

É na memória que articulamos o passado e o presente. E para compreender essa percepção, essa articulação, é preciso entender como percebemos a imagem, a matéria. Bérghson afirma que são os objetos, as

²⁶ [...] Às vezes um botão. Às vezes um rato. Do poema *Resíduo*, de Carlos Drummond de Andrade.

²⁷ Henri Bergson (Paris, 18/10/1859 – Paris, 4/1/1941), filósofo, filho de judeus de origem polonesa. Bergson é considerado um marco na filosofia moderna, representando o fim da era cartesiana. Bergson fundamentou suas ideias em quatro pilares: a "intuição", a "durée", a "memória" e o "élan vital".

²⁸ *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito* / Henri Bergson; tradução Paulo Neves. - 2- ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999. - (Coleção tópicos). Henri Bergson, neste livro, dissertará sobre a realidade do espírito, a realidade da matéria, e procura determinar a relação entre eles sobre o exemplo da memória.

imagens cujas partes agem e reagem por meio de movimentos umas sobre as outras que constituem o mundo material. Já a percepção pura se constitui na gênese dessas imagens, onde a ação original se desenha. Os conceitos de memória, corpo e imagem, portanto, se relacionam. Assim, a memória, intercala o passado no presente, condensa os momentos múltiplos da duração em uma intuição única. O passado persistirá por duas operações, os mecanismos motores e as lembranças independentes. Conseqüentemente, a operação prática e a operação ordinária da memória, ou seja, essa rememoração da experiência passada para a ação presente se realiza dessas duas formas: na própria ação e pelo funcionamento completamente automático do mecanismo apropriado às circunstâncias; ou implicará um trabalho do espírito, que irá buscar no passado as representações mais capazes de se inserirem na situação atual e as trará ao presente. Em outros termos, temos, na primeira formulação, a memória como um hábito, a lembrança da lição, enquanto aprendida de cor, terá, portanto, todas as características de um hábito. E, na segunda, a memória pode ser constituída por lembranças independentes, ou seja, a imagem imprimiu-se necessariamente de imediato na memória, uma vez que outras leituras constituem, por definição, lembranças diferentes.

Bergson afirma que só é possível reavermos o passado pelo reconhecimento. Este reconhecimento, ainda segundo o autor, pode manifestar-se de muitas formas e está relacionado à forma como processamos o presente. Para ele, nossas lembranças estão associadas às percepções que temos de situações atuais. Isso corrobora com meu entendimento sobre o assunto quando se trata de analisar o Acervo de Jorge Amado. As escolhas da narrativa, a escolha das personagens não é fruto do acaso ou mera obra de ficção. Para imprimir uma originalidade em um trabalho acadêmico foi preciso traçar um plano, escolher um ponto, um *punctum* no sentido elaborado por Barthes (1980), como algo pessoal e intransferível; tracei minhas subjetividades nessa oportunidade de colocar minha opinião, minha possibilidade sobre a história, sobre a vida literária de Jorge Amado e sobre a vida de Rosa, a partir daquilo que acrescento aos fatos e que, no entanto, já está lá.

Entendo, a partir dos estudos de Bergson, que a memória está diretamente relacionada ao modo como o indivíduo enxerga o próprio passado. Assim, lembramos e percebemos aquilo que vemos, ouvimos, enfim, experienciamos. Extrapolando o conceito, o nosso presente será, ao mesmo tempo, nossa lembrança e nossa percepção. Vou além, e afirmo que minha decisão por lembrar e perceber, por relatar o passado de alguém está associada às minhas próprias experiências. Corroborando

com esta ideia, temos o conceito do sociólogo Maurice Halbwachs (1990, p.51) que diz que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva”. Neste cotejamento entre a memória coletiva e a memória individual, Halbwachs afirma que fazemos um apelo aos relatos, testemunhos para fortalecer, debilitar ou para completar o conhecimento prévio que temos sobre determinado evento, embora muitas circunstâncias nos pareçam obscuras. Assim, a primeira testemunha, à qual sempre podemos apelar, é a nós próprios.

O sociólogo reconhece que a memória coletiva não é capaz de explicar todas as lembranças, bem como, não explica a evocação de qualquer lembrança. Halbwachs (1990, p.38-39) observa este processo de elaboração da memória desde a infância. Assim, se não somos capazes de nos recordar de nossa primeira infância, é por que nossas impressões não podem ser ancoradas em nenhum outro ponto, enquanto ainda não somos ente social. Para Maurice Halbwachs, temos dois tipos de memórias: uma relacionada à nossa trajetória individual e uma segunda mais ampla que nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, mas sob um quadro bem mais contínuo e denso.

Nossas lembranças, mesmo quando são resgates de nossas experiências individuais, podem ser marcadas e atravessadas por outras lembranças e pelo fluxo de rememoração. Então, parece possível dizer que selecionei e defini o que lembrar, o que relatar da história desses comunistas; a lembrança é então como uma tentativa de reconstruir o passado e que é atravessada por situações e experiências do presente; bem como por interferências de outras reconstruções, de outros tempos, de onde a imagem já veio alterada. O presente, portanto, é quem define o que lembramos, o que trazemos do passado e como nos relacionaremos com as nossas lembranças.

A partir desta questão da memória me perguntei sobre como funciona a lembrança para estes comunistas, afinal são eventos em certo grau comprometidos e atravessados pelo trauma, pela violência, por eventos que “queremos esquecer”. Como realizar esta memória e ainda assim não relativizar as graves violações de direitos humanos ocorridas neste período? E principalmente como falar dessa memória que é coletiva e ainda conceder a essas pessoas o direito à verdade individual?

Parto destes questionamentos e ofereço um ponto de vista sobre este contexto e lanço uma possibilidade para falarmos de um período importante historicamente, mas que também foi marcante individualmente. Essa memória não é a que provavelmente constitui a “verdade oficial” – e minha intenção não é descobrir essa verdade

oficial/factual porque talvez a verdade factual não dê conta da memória e da compreensão do que aconteceu, de quem eram e quais as experiências desses homens e mulheres que habitam a Mala; a verdade que consta nos autos não permite que enxerguemos o indivíduo, a pessoa por trás da agressão, as vidas que foram atravessadas, as consequências desses atravessamentos, essas verdades constituídas. O que quer dizer aqui ‘verdade’, e o que fazer quando a dita “verdade” pode ser antes um obstáculo à reconciliação do que levar a ela? (DERRIDA, 2005).

No entanto, mesmo partindo destas reflexões sobre que verdade relatarei, que memórias colecionarei, quero manter a compreensão do que aconteceu, como forma de dizer que muitas são as vozes que devem ser ouvidas, muitas são as vidas que devem ser representadas e muitas devem ser as narrativas construídas. Não acredito que essa é a única (até porque existem outras já constituídas) ou a melhor forma de nos relacionarmos com eventos impactantes com a ditadura varguista e todo o contexto por trás dela. O que posso afirmar é que fiz uma opção por olhar de outro lugar estas essas feridas do passado. E tenho ciência de que deixarei para trás inúmeros desdobramentos dessa experiência e possibilidades. Mas, de alguma forma, espero contribuir para o desdobramento da relação entre a literatura, história e “verdade”.

E essa contribuição poderá vir em um envelope ou em uma mala. Virá contando a história que pude descobrir de Rosa, buscando por meio das cartas ficcionais estabelecer uma ponte entre passado e futuro.

III

O estudo sobre as diversas formas de narrativas centradas na história e nos sentimentos de um indivíduo específico foi fundamentado principalmente por Philippe Lejeune²⁹. *Le pacte autobiographique* estuda mecanismos que darão sustentação às narrativas fundadas no eu,

²⁹ Lejeune é um teórico francês que se destaca por ser um dos maiores estudiosos sobre as formas da escrita de si; sejam elas: biografias, diários, autobiografias e cartas. Estende seus estudos para os escritos ficcionais onde a relação entre a vida e obra de um autor são relacionadas, sobrepostas. Lejeune, inicialmente, se dedicou à escrita de si e se enveredou para a crítica da cultura e da história. “[Sou um] historiador aprendendo a trabalhar com arquivos e sociólogo, aprendendo a fazer pesquisa... Frequentei mais antropólogos do que analistas da literatura. O resultado é que meus colegas de área me olham hoje de cara feia e me perguntam onde, para mim, termina a literatura”. (LEJEUNE, 2002).

como a autobiografia, por exemplo. Traçarei algumas linhas sobre a teoria do filósofo francês pela importância que essa obra teve para a construção da narrativa proposta neste trabalho.

Assim, começo com a definição de autobiografia para Lejeune (2008, p.14), ou seja, a autobiografia como uma “narrativa em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” e que coloca ênfase sobre a vida individual e, em especial, sobre a história de personalidade do autor. Lejeune estende o conceito para obras cujo conteúdo extrapola a definição de autobiografia; inclui a nela: as memórias, os diários íntimos, entre outros.

O narrador autodiegético³⁰ se apresenta como autor e personagem. O autor, necessariamente o nome de pessoa, idêntico assumirá um conjunto de diferentes textos publicados. A autobiografia, ou seja, a narrativa que conta a vida de um autor, pressupõe a identidade de nome entre o autor, tal como consta na capa do livro, narrador da trama do livro e a personagem da qual se narram fatos.

A coincidência entre o nome da personagem e o nome do autor constitui a identidade do narrador cuja verdade histórica do que é expresso por sua voz é dada por um pacto implícito realizado entre autor e leitor. O pacto realizado entre autor e leitor se fundamenta na verdade histórica expressa pelo narrador, que é, ao mesmo tempo, personagem e autor (além de narrador, obviamente), tanto nos relatos da autobiografia quanto em qualquer outro texto baseado em experiências pessoais. Sendo assim, Lejeune exige a contribuição desse leitor para garantir a verdade do relato; ou seja, a aceitação, integral ou parcial, do pacto criará um tipo de jogo da verdade entre leitor e autor. A natureza da leitura que o leitor fará da obra é imprescindível para que o pacto seja ou não estabelecido. O leitor cobrará da obra rigor nessa execução, não sendo, então, passivo diante dos relatos da autobiografia.

Lejeune partirá da noção de autoria como um contrato social para definir a autobiografia como gênero pressupondo a mesma identidade para as três instâncias do pacto. Esse contrato determinará qual a atitude do leitor. Diante de narrativas de natureza autobiográfica, o leitor questiona o limite, procura por fatos que comprovem ou provoquem a ruptura do

³⁰ Essa expressão foi introduzida por Genette (1972), em seus estudos narratológicos. Narrador autodiegético é aquele responsável por uma determinada atitude narrativa específica. Por exemplo, é aquele narrador que narra sua própria experiência como protagonista de uma história. (REIS; LOPES, 1988).

contrato. O pacto autobiográfico será de referencialidade histórica e de respeito para com leitor.

Portanto, o que definirá a autobiografia para quem a lê será o contrato de identidade cujo selo é o nome próprio, nas palavras do autor. “O que define a autobiografia para quem a lê é, antes de tudo, um contrato de identidade que é selado pelo nome próprio. E isso também é verdadeiro para quem escreve o texto” (LEJEUNE, 2008, p.33).

Segundo o filósofo francês, o pacto autobiográfico se opõe ao pacto ficcional (romanesco). O pacto romanesco não exige do leitor a crença na veracidade do que ele está lendo. A exigência no caso de pactos ficcionais é que o leitor finja que acredita. O pacto romanesco é indeterminado é inversamente compatível com o pacto autobiográfico. Já o romance autobiográfico não tem a voz narrativa identificada com um nome impresso na capa. Por romance autobiográfico, Lejeune entende que sejam textos ficcionais em que o leitor pode suspeitar da semelhança do contexto e acreditar que haja identidade entre autor e personagem, apesar do autor negar.

Ao elaborar suas memórias, o sujeito autor precisa de um tempo de maturação e compreensão das próprias experiências; precisa também de distanciamento histórico para desenvolver e sistematizar uma linguagem articulada ao estatuto do gênero, que possibilite transformar essa experiência em conhecimento. E a partir dessas leituras, entendemos que o importante é procurar nas obras a verdade do autor³¹.

No espaço autobiográfico caberiam todos os tipos de textos e todos os pactos propostos pelo teórico francês. Dessa forma, textos que não tiverem conteúdo explicitamente relacionado à vida do autor, mas que o leitor reconheça como parte de sua biografia, se localizariam nesse

³¹ O leitor é assim convidado a ler os romances não apenas como ficções remetendo a uma verdade da ‘natureza humana’, mas também como fantasmas reveladores de um indivíduo. Denominarei essa forma indireta de pacto autobiográfico pacto fantasmagórico. [...]

Visto sob esse ângulo, o problema muda completamente de natureza. Não se trata mais de saber qual deles, a autobiografia ou o romance, seria o mais verdadeiro.

Nem um nem outro: à autobiografia faltariam a complexidade, a ambigüidade, etc.; ao romance, a exatidão. Seria então um e outro? Melhor: um em relação ao outro. O que é revelador é o espaço no qual se inscrevem as duas categorias de textos, que não pode ser reduzido a nenhuma delas. Esse efeito de relevo obtido por esse processo é a criação, para o leitor, de um ‘espaço autobiográfico’ (LEJEUNE, 2008, p.43).

espaço. Podendo, leitor e autor, estabelecer um pacto indireto ou implícito.

Fica evidente porque a narrativa desta dissertação conversa com essa teoria. Esses questionamentos permeiam essa ruptura que proponho: teoria feita por um sujeito ficcional, baseado em um acervo real, em realidade histórica e em depoimentos de pessoas que participaram ativamente da construção dessa materialidade presente no Acervo, bem como de entrevistas, e-mail, relatos, lembranças tanto dos comunistas quanto dos familiares que tiveram suas vidas atravessadas pelas escolhas destes.

E para avançar nas discussões sobre o denominado “espaço autobiográfico”, nos apoiamos no conceito de performance utilizado nas artes cênicas, porém vinculando-o a uma reflexão sobre a autobiografia; discussões que foram propostas por Diane Klinger em seu texto *Escrita de si, escritas do outro* (2007).

Neste texto, a autora divide com seu leitor o conceito de autoficção elaborado pelo francês Serge Doubrovsky. Para o escritor francês, a autoficção não é uma autobiografia ou romance; a autoficção, no sentido estrito do termo, funciona entre os dois gêneros, em um reenvio incessante, em um lugar impossível e inacessível fora da operação do texto.

Diane Klinger atribuía a diferença entre romance autobiográfico e a autoficção aos elementos que permitem ao leitor fazer uma validação da identificação, quer dizer, no nível da verossimilhança. Para a autora, o romance autobiográfico se “inscreve na categoria do possível, do verossimilmente natural”, quando suscita dúvidas sobre sua verificabilidade, mas não sobre a verossimilhança. No entanto, a autoficção “mistura verossimilhança com inverossimilhança e assim suscita dúvida tanto a respeito da sua verificabilidade quanto da sua verossimilhança”(2007, p.46).

Assim, se a escrita ocupar este “espaço autobiográfico”, tanto no romance autobiográfico quanto na autoficção, as “verdades” do texto serão as verdades do autor; ainda que sejam as verdades que ele escolha revelar ou aquilo que ele entenda como verdade. O autor mostrará uma de suas máscaras. E sobre estas máscaras haverá a verdade; os questionamentos acerca da veracidade dos fatos não são fundamentais para a aceitação da veracidade destes. Portanto, existirá a elaboração da personagem-autor, mesmo que implicitamente. Existirá (resistirá?) a construção de um sujeito e da sua “verdade-fictícia”. E essa verdade que o autor utiliza não possuirá um referencial passível de verificação de procedência, permanecerá a verdade dos escritos. Na autoficção não é a

relação do texto com a vida do autor o que interessa, e sim a do texto como forma de criação de um mito, o mito do escritor.

A noção de mito elaborada por Roland Barthes é usada por Diana Klinger. Nessa noção, consta que o mito está mais para o inconsciente freudiano do que para o signo linguístico, pois, neste último, o significativo é “vazio e arbitrário” e não dá sustentação ao significado. Autoficção se relaciona com o mito do escritor e não com a biografia. A autoficção vai participar da criação do mito do escritor. O relato existirá como criação da subjetividade, a partir dessa verdade prévia e ambivalente, possibilitando que a autoficção seja uma performance do autor.

Sob esta perspectiva, o conceito de verdade está sempre implícito quando se trata de textos inseridos neste espaço autobiográfico. É a verdade como aquela elaborada ou que faz parte do conjunto de crenças do autor e não mais uma verdade referente aos fatos, como na biografia e na autobiografia. Portanto, o autor de uma autoficção, tal como um ator em uma peça de teatro, usa uma máscara.

O autor construirá a sua personagem, tanto nos livros quanto na vida em que representará o papel de escritor. O interessante no texto de autoficção não é essa adequação à verdade dos fatos, mas sim a ilusão da presença, do lugar de onde emana a voz. O sujeito da escrita não será um ‘ser’ pleno, mas sim, resultado de uma construção que opera dentro e fora desse texto ficcional, na ‘vida mesma’.

Como consequência, não é possível considerar a autoficção simplesmente como um texto de ficção; existem fatores, como a intencionalidade do autor, por exemplo, que devem ser considerados. Se a intenção for criar um mito de si mesmo ou fazer uma performance, a autoficção ainda é passível de ser atestada, pois a biografia e o autor darão sustentação, não podendo ser considerada como ficção unicamente.

Meu texto será refém destas teorias, é constituído com a intenção clara de testá-las, incorporá-las ao texto acadêmico. Além destas (des)construções teóricas, as fontes, os informantes, a fabulação, Rosa, Jorge Amado, Juan, Joaquim, os discursos políticos e sociais, a história factual da ditadura varguista, as memórias e lembranças de muitas outras personalidades diversas, e as cartas são os outros elementos que me permitem construir este texto. São estes os rastros que sigo, as fontes que servem de pistas e me fazem chegar à minha verdade que sustentam o texto e não permitem que seja considerado ficção puramente.

IV

As cartas escritas pelos comunistas, por estes destes, por mim serão os discursos, os traços que viajam do passado para o presente e vice-versa; são restos e marcas de historicidade, as representações de um lugar e de um recorte temporal, da História como narrativa, como ficção, mas, como literatura que permite criar o traço e converter as minhas fontes (históricas) em significados ficcionais e os significados ficcionais como possibilidades históricas. No entanto, meu texto vive, em partes, na ficção, que não é controlada pelo Acervo, mas é passível de confirmação histórica.

Além do Acervo e todos os rastros que mencionei, a literatura de Jorge Amado também é ferramenta, acervo, *corpus* de pesquisa, sobre o que falarei brevemente. Das obras de J.A, retirei as representações dos trabalhadores, intelectuais, escritores, representações de militantes, das organizações da classe trabalhadora, enfim tudo que estivesse relacionado ao contexto político no qual o autor estava inserido na ocasião em que publicou as obras. Como por exemplo, Paulo Rigger³², os “alugados”³³, Antônio Balduino³⁴ e Pedro Bala³⁵. Sirvo-me também do livro O mundo da paz, de 1951, que nesse tom confessional serviu para mostrar a relação do autor com o comunismo. Livro importante porque marca a transição das fases de Jorge Amado, é significativo porque o autor não autorizou a reedição deste livro, o que aparentemente pode representar a ruptura com as ideias contempladas na obra.

Michel Schneider (2011, p.27) afirma que a distinção entre o mundo real e o ficcional é uma distinção artificial. O autor sugere que não é possível determinar o que é mundo real e o que não é justamente porque até o mundo dos fatos é interpretado. Nesse sentido, qualquer produção acadêmica é trabalhada pelo imaginário. O autor diz ainda que seu romance, Marilyn últimas sessões³⁶, não é mais ficção que os ensaios que escreveu antes. Ele afirma que “tudo é ficção. Os romances, os ensaios, as biografias, as autobiografias, as autoficções. Tudo, e não somente na Literatura”.

Assumo a intenção de partir dos fatos para a ficção e utilizar o imaginário para desvendar os ecos, os jogos de palavras secretas,

³² AMADO, Jorge. **O País do Carnaval**. São Paulo: Martins, 1957.

³³ AMADO, Jorge. **Cacau**. São Paulo: Martins, 1957.

³⁴ AMADO, Jorge. **Jubiabá**. 46 ed. São Paulo: Record, 1984.

³⁵ AMADO, Jorge. **Capitães da Areia**. Rio de Janeiro, 1991.

³⁶ Editora Objetiva, 2008.

(re)editar as imagens produzidas pelos laços afetivos que existiam entre os comunistas.

A parte ficcional de meu trabalho, não possui uma linearidade histórica. O tempo é marcado pelo destinatário. As cartas escritas no presente e no passado dividem o mesmo espaço. As cartas³⁷ que não fazem parte do Acervo de Jorge Amado reportam as impressões, as possibilidades, as conclusões da pesquisa que realizei.

A leitura das cartas históricas (ficcionalis ou não) é orientada por outras cartas trocadas entre R. e o interlocutor não nomeado³⁸. Esse recurso foi necessário para o suporte teórico ao trabalho, para dar a ele uma organização mais acadêmica, possibilitar que a autora conduzisse uma possibilidade de leitura. Sem essa dupla de interlocutores, R. (talvez de Roberta) e a interlocutora não identificada (filha de R., de Rosa) não seria possível desconstruir a noção de autoria, por exemplo. Também não conseguiria relacionar a verdade histórica, factual, ou seja, as cartas reais e que compõem o Acervo e as minhas cartas ficcionais. Não pretendo que estas cartas factuais sejam retiradas do contexto do seu tempo em que estão enquadradas historicamente, do Acervo. A intenção é pontuar esse lugar, construir um aporte teórico que possibilite a leitura marcada no tempo de escrita, as cartas como parte de um contexto, como retratação de pedaços de vidas e não como textos literários puramente.

Pedaços de vida, vozes dos homens, mulheres e crianças³⁹ que viveram e lutaram contra a ditadura do Estado Novo. Trago, nesse primeiro momento, a história de vida desses comunistas que viveram esse período histórico. A tortura e a polícia de Getúlio são interlocutores diretos do

³⁷ As cartas que escrevi com base nas biografias, entrevistas, artigos acadêmicos, autobiografias de quem conviveu diretamente com Rosa, do próprio Jorge Amado e de outros membros do Partido Comunista daquela época, como João Falcão, Carlos Marighela, dentre outros.

³⁸ Assino com R. apenas e não nomeio porque faz parte da desconstrução e da teoria a noção não clara, a referência obscura de quem é o autor.

³⁹ Com relação às crianças, em 1938, vigoravam no Brasil normas que previam além da organização de "colônias agrícolas para reeducação moral e cívica e aproveitamento dos elementos comunistas considerados não-perigosos" e de "campos de concentração militares, destinados a receber os jovens que, porventura, se tenham transviado de seus deveres cívicos", "um campo de concentração, em moldes de escotistas nacionais, destinado a educar e reeducar [...] os filhos dos comunistas presos". Os governadores deveriam ser os executores destas normas. (KONRAD, [s.d]).

meu trabalho, mas principalmente nesta parte. Afinal, é a repressão, a tortura, a ditadura a causa do exílio de Jorge Amado.

David Nasser⁴⁰ estudou a tortura durante o Estado Novo. O jornalista publicou as seis reportagens deste estudo na revista *O Cruzeiro*, em 1946. Já, em 1947, David publicou o livro *Falta Alguém em Nuremberg*, também sobre tema. O alguém do título do livro era o capitão Filinto Müller⁴¹. Durante esse tempo, o capitão foi acusado de prender arbitrariamente e de torturar prisioneiros. Dentre as ações do militar, a de maior repercussão foi a prisão de Olga Benário, militante comunista e companheira de Luís Carlos Prestes. Quando foi presa, Olga⁴², que estava grávida, foi deportada para a Alemanha. A estimativa é que tenha havido, durante os 15 anos do regime Vargas, no mínimo, dez mil presos políticos. Não é possível obter um número real porque, em 1942, Filinto Muller, auxiliado por outros militares, queimou todos os documentos da polícia, quando deixou o cargo. Nos anos do Estado Novo, os principais instrumentos de tortura usados pela polícia de Getúlio Vargas foram: o maçarico⁴³, estiletes de madeira⁴⁴, os “anjinhos”⁴⁵, a “cadeira americana”⁴⁶, e a máscara de couro, que impedia a respiração. Além destas torturas, os torturadores do Estado Novo também queimavam os presos com pontas de cigarros ou de charutos e espancavam-nos com canos de borracha.

Durante a Ditadura de Vargas, para abafar os gritos dos presos torturados, a Polícia Especial ligava o rádio com volume alto, para evitar que gritos dos presos fossem ouvidos fora dos prédios. Durante o período, muitos torturados cometeram suicídio pulando da sede da Polícia Central. Quando conseguiam resistir às sessões de tortura, muitos presos perdiam a sanidade mental⁴⁷. Quase todos os presos políticos desta época guardavam sequelas para o resto da vida no corpo

⁴⁰ Jornalista e compositor da cidade de Jaú.

⁴¹ (1900-1973) Filinto Muller era capitão do exército e foi chefe da polícia política, entre os anos de 1933 a 1942.

⁴² Olga foi assassinada em um campo de extermínio nazista.

⁴³ Usados para queimar e arrancar pedaços de carne dos torturados.

⁴⁴ Estes estiletes eram conhecidos como “adelfis”, foram usados para serem enfiados por baixo das unhas dos presos.

⁴⁵ Os anjinhos eram uma espécie de alicates usados para esmagar testículos e as pontas dos seios.

⁴⁶ Essa cadeira era usada para fazer com que o preso permanecesse acordado.

⁴⁷ Harry Berger, um membro do Partido Comunista Alemão, e que foi torturado durante anos (com sua mulher, Sabo) enlouqueceu.

e na mente. Carlos Marighela⁴⁸ prestou depoimento em 25 de agosto de 1947. Nesta data, Marighela descreveu as torturas que sofreu ou que presenciou sendo impostas a outros presos. Em um depoimento dramático, Marighela relatou o uso de canos de borracha, para atingir a sola dos pés e os rins, queimaduras com pontas de cigarro, introdução de alfinetes por baixo das unhas, mutilação das solas dos pés ou das nádegas com maçaricos.

As Mulheres sofriam, além das torturas praticadas contra os homens, outros tipos de violência, a introdução de esponjas embebidas em mostarda em suas vaginas, por exemplo. Essa é a realidade que apresentarei, ainda que não tenha sido vivenciada diretamente por Rosa, Juan, Joaquim ou Jorge Amado.

Para fins de organização, as cartas são numeradas em notas de rodapé; as cartas factuais possuem numeração decimal e as cartas ficcionais estão em ordem alfabética. Assim, a “Carta AA”, por exemplo, não faz parte do Acervo. Já quando a nota indicar uma “Carta 513” trata-se de uma carta retirada da Mala do Jorge, Arquivo.

A narrativa está dividida em três partes: a primeira parte do trabalho é destinada ao contexto histórico e à Ditadura Vargasista. A segunda parte está dividida em dois momentos, na primeira, falo da amizade. Não falo de hipóteses de amizade; falo de Amizade, com esse “a” maiúsculo justamente para configurar um substantivo próprio, uma descrição definida que sustenta a vida política desses militantes. Recorro a quem viveu situação similar, principalmente depoimento de mulheres⁴⁹ para elaborar os textos narrados. É factual mesmo que não factual para Rosa⁵⁰. Ainda na segunda parte, trarei as cartas do Acervo. Estas 11⁵¹ cartas obedecem à catalogação do Acervo. Do ponto de vista político, as cartas representam a resposta para a necessidade de comunicação, de

⁴⁸ (1911-1969). O depoimento ocorreu quando Marighela era deputado pela Bahia do Partido Comunista do Brasil.

⁴⁹ Como, por exemplo, a entrevista com Rose Nogueira e Nilce Cardoso. (Jornal do Comércio, 2013).

⁵⁰ Em conversa com Leonor Scliar, esta afirmou que Rosa teve duas grandes amigas, ambas membros do Partido Comunista. Amizade que a acompanhou durante toda a vida.

⁵¹ Havia decidido estudar todas as cartas disponíveis cujo remetente ou destinatário eram Juan ou Joaquim. No entanto, no decorrer da pesquisa, selecionei dentre estas, aquelas que julguei mais relevantes. As cartas selecionadas do Acervo são: 497, 503, 510, 513, 514, 1029, 1031, 1054, 1093, 1094 e 1095. Elas estão identificadas desta forma, mas na verdade muitas delas têm mais de uma página.

organização do partido; as mensagens são de ordem prática, buscando a articulação dos membros do partido comunista. Além da função política, as cartas do Acervo apresentam o diálogo com os pares, uma tentativa de salvar-se do exílio e da solidão que ele impunha.

Estas cartas serão colocadas na íntegra e as minhas intervenções serão feitas nas notas de rodapé, tal como o livro *Garranchos*⁵², organizado por Thiago Mía Salla, que se serve das notas de rodapé para contextualizar os mais de 80 textos inéditos de Graciliano Ramos. As intervenções, as notas de rodapé, serão as minhas análises, apontando, por exemplo, trechos em que os laços afetivos são bastante claros, os cuidados e a preocupação com os colegas militantes evidentes; bem como, as inferências que conseguimos fazer, isto porque, como são cartas comunistas e sujeitas à censura, algumas mensagens são cifradas. Como detetives, pesquisamos possíveis interpretações. Utilizei as notas de rodapé como guia, como texto paralelo, onde dialogo com a pesquisa histórica, teórica, literária; lugar de partida e destino de outros interlocutores.

Finalmente, na terceira parte deste trabalho, trarei minhas considerações, minhas análises sobre estas construções narrativas ficcionais e reais. Tal como esta introdução, retomo minhas ponderações, não com menos subjetividade, mas almejando o diálogo com a biografia, com a teoria, com a crítica e outros destinatários.

Posso dizer que me aproveitei do lugar que ocupamos na Academia e, portanto, a partir desta introdução e até a parte final deste trabalho, apresento cartas. Cartas escritas por mim, por Rosa, que também sou eu, e por Joaquim e Juan. A decisão de escrever dessa forma não foi aleatória. Foi uma escolha consciente e que pretende deslocar a fronteira entre história e literatura, principalmente quando se trata de trabalhos que utilizam cartas pessoais e íntimas como objeto de pesquisa. A linguagem me liberará dessa crise de paradigmas. Como mencionei, em parte, esta escolha foi influenciada pela teoria, principalmente sobre autoria e escrita de si. Não há dúvidas quanto à localização deste trabalho.

Espero que tenha conseguido mostrar o caminho que escolhi para a construção da narrativa.

⁵² RAMOS, Graciliano. **Garranchos**. Organização de Thiago Mío Salla. Rio de Janeiro: Record, 2013.

II: PRESENÇA E AUSÊNCIA

2.1 Identidade

*As marcas deixadas, sejam por amor, corte
ou tatuagem, ficam para sempre.
São bem mais que verdades.
Fazem parte da alma da gente assim como os
olhos enfeitam o rosto.
Assim como a história ou como a chuva.
As marcas que ficam na gente são aquilo que
esquecemos e aquilo que somos para sempre.*

Gabriel Moojen

A quem interessar possa,⁵³

Eu já não consigo mais lembrar os detalhes, mas as sensações e as emoções ainda estão vivas. Éramos jovens, cheios de sonhos. Vivíamos da utopia, do desejo da igualdade, do desejo de sermos mais livres, mais iguais.

Ainda que lembrasse, talvez, minha escolha fosse a mesma. Falar como se fosse outra é talvez covardia, talvez uma estratégia de defesa. Eu não sou Rosa, nem a filha desta. Eu sou o que sou. Tenho orgulho da trajetória, das próprias realizações, das lutas que escolhi lutar, dos escorregões e dos erros, pois embora não tenham sido exatamente projetados, contribuíram (e muito) para que eu tivesse a consciência que tenho. E, se não consigo mudar o mundo, mudar-me me basta. Eu gosto do resultado, bem ou mal construído e, sobretudo, inacabado.

R.

⁵³ Bilhete AB– Manuscrito em português. Sem destinatário. Remetente: R.. Sem catalogação.

Prezada⁵⁴,

Antes de qualquer coisa, deixe-me dizer o quanto fiquei feliz ao receber sua resposta: muito obrigada!

Então, sobre a questão da biografia, não se trata disso. Para falar a verdade, meu trabalho não tem cunho histórico: como faço mestrado em Literatura, o meu interesse está em reviver a ligação, o vínculo e a intensidade das relações estabelecidas entre os comunistas que habitam a Mala do Jorge. Mergulharei nesse universo, como lhe expliquei na carta anterior, através das correspondências trocadas entre eles. Esse tesouro que ultrapassou a temporalidade, que sobreviveu à ditadura, às decepções desses comunistas chegou até mim de maneira poética, quase romântica. Já contei para você? A sensibilidade e a poesia guardadas na Mala do Jorge estão além da história, da política e da morte destes homens e mulheres que por ideologia, utopia ou ambição abdicaram das vidas, dos amores, dos amados, dos amantes, do conforto, da própria nação para lutar por algo que acreditavam.

Especificamente, pretendo falar sobre as relações de amizade entre os comunistas exilados no Uruguai e na Argentina, na década de 40. O interesse por este assunto surgiu da poesia que permeia toda essa história e da forma como a luta política me instiga. Mãe e filha separadas há muito tempo atrás, que se encontram através da Mala de lembranças é emoção que me abala, me impulsiona e me motiva. Uma mala que pertencia ao Jorge Amado e que ele preferiu esquecer. Minha pesquisa está inserida no projeto que pretende investigar este Acervo e que foi intencionalmente chamado de “A Mala do Jorge”. A Mala é parte da herança dessa filha e ela escolheu entregá-la; muito obrigada também por isso. As lembranças que preenchem a Mala, a história dessas duas mulheres, os conflitos que ultrapassam o momento político despertaram-me para um mundo de idealismos, de militância, de narrativas, de afetividade, lealdade e amizade. As viagens que tracei me levaram até uma mãe, comunista exilada muitas vezes, no próprio país, no Brasil, depois no Uruguai. Vou reescrever, reinventar as viagens da Mala, quero entender um pouco mais dessa incrível narrativa.

Como falarei da amizade, das relações afetivas que se estabelecem entre os comunistas autoexilados no Uruguai e na Argentina, seguirei essas linhas, usarei a fala desses homens e mulheres para comprovar a minha

⁵⁴ Carta FA – Manuscrito em português. Destinatário: Filha de Rosa. Remetente: R.. Sem catalogação.

hipótese: relações de amizade podem sustentar a luta política. Vamos ver aonde chego. Talvez no meio do caminho abandone a Mala e carregue apenas Rosa, Jorge, Joaquim e Juan. Os dois últimos são comunistas e companheiros de exílio de Jorge Amado. São as cartas destinadas ou remetidas a esses dois que servirão de *corpus* para a minha análise, isso é certo.

Talvez você esteja se perguntando onde sua mãe entrará nessa história. Já lhe adianto que ainda não sei: talvez sua mãe seja a história. Enfim, a mantereí informada das minhas descobertas.

Farei isso por dois motivos, primeiro por respeito à história íntima de vocês duas. Segundo, porque acredito que precisarei de sua ajuda. Talvez, não exista no mundo alguém mais interessado nessa história quanto você.

Sei que você será capaz de entender meus anseios, que entenderá a ligação que já se estabeleceu entre Rosa e mim.

Grande abraço,

R.

Florianópolis, 10 de março de 2010.

Cara colega⁵⁵,

Fiquei triste em saber que não existem documentos sobre a vinda da sua mãe para cá. Também fiquei frustrada em não conseguir encontrar muitas informações sobre ela, sobre este momento de sua vida. Sei que essa é uma parte da história mundial que se deseja esquecer, mas é preciso lembrar. Lembrar para que jamais aconteça novamente.

Mas não se preocupe, acredito que a trajetória da sua mãe não seja muito diferente da trajetória de tantas outras mulheres que viveram aquela situação.

Encontrei nas cartas de Elisa Lispector⁵⁶, irmã de Clarice Lispector, e no diário de Anne Frank⁵⁷ farto material sobre essa parte da história, a perseguição aos judeus, exílios. Na verdade, este material ajuda a ter uma ideia dessa vida de privações. Sei que o contexto da vinda de Rosa para o Brasil estava mais relacionado à fuga da miséria do que antissemitismo e também sei que era outro momento histórico; não é a história da sua família materna, mas poderia ser. Assim que tiver desenvolvido melhor essa ideia, lhe encaminho.

Mas, lhe escrevo porque encontrei uma carta, na verdade um rascunho de carta, que aparentemente é de uma mãe para uma filha. Pensei que você gostaria de olhar com mais atenção.

⁵⁵ Carta FB – Manuscrito em português. Destinatário: Filha de Rosa. Remetente: R.. Sem catalogação.

⁵⁶ Elisa Lispector - Seu nome era Leah Pinkhasovna Lispector, nasceu em Savran, no dia 24 de julho de 1911 e morreu no Rio de Janeiro, em 6 de janeiro de 1989. Também foi uma escritora brasileira, como a irmã Clarice Lispector. Com a Revolução Russa de 1917, a família Lispector passou a sofrer perseguição por serem judeus, refugiaram-se em aldeias do interior da Ucrânia até conseguirem embarcar, em 1920, em um navio para o Brasil. A família chegou a Maceió em março de 1922, e foi recebida por Zaina, irmã de Mania, mãe de Elisa. Por iniciativa do pai, todos, com exceção da outra filha e irmã de Elisa e Clarice, Tânia, deveriam mudar de nome. O pai passou a se chamar Pedro; Mania, Marieta; Leah seria Elisa; e Haia (Chaya), Clarice. (MOSER, 2011).

⁵⁷ Anne Frank, Annelies Marie Frank, nasceu em Frankfurt am Main, 12 de Junho de 1929 e morreu em Bergen-Belsen, Março de 1945. Anne era uma adolescente alemã de origem judaica, que foi vítima do Holocausto. Morreu aos quinze anos em um campo de concentração. Anne escreveu um diário, durante o período em que a família se escondeu da perseguição aos judeus. O Diário de Anne Frank foi publicado pela primeira vez em 1947. (FRANK, 2011).

Agradeço imensamente pela atenção que dispensa aos meus devaneios.
Abraços,
R.

Florianópolis, 15 de abril de 2010.

PS. Encaminho uma pequena lembrança, para matares a saudade de Florianópolis.

2.2 A Judia Sem Nome

*Eu fêmea-matriz.
Eu força-motriz.
Eu-mulher
abrigo da semente
moto-contínuo
do mundo.*

Conceição Evaristo

Filha,⁵⁸

Não sei como cheguei aqui. Não sei o que quero, tentando escrever uma carta que não sairá deste lugar. *Escrever é um ato de provocação, mesmo se o que escrevemos não tem intenção ou utilidade alguma*⁵⁹, não é mesmo?

E talvez, por saber que não lerás, te escrevo. Parece contraditório, mas por saber que não serei lida, me sinto mais livre em dizer o que sinto.

*A escrita acumula, estoca, resiste ao tempo, me estabelece naquele passado... A leitura não se protege do tempo (nós nos esquecemos e nós a esquecemos); ela pouco ou nada conserva de suas aquisições, e cada lugar por onde ela passa é repetição do paraíso perdido*⁶⁰. E eu gostaria de ter esse paraíso.

Não te escrevo para recuperar o tempo que perdemos. Jamais te obrigaria a escolher entre o amor, sua mágoa e o perdão. Escrevo-te porque quero que me conheças, quero que conheças minha história. Mas, antes de qualquer coisa quero que saibas que nunca pude escolher entre vocês e a política. Escolhê-los seria condená-los a uma vida de clandestinidade, de mortes, repressão, de despedidas e de abandono constante. Após tantos anos de envolvimento político, sair não seria possível. Acusa-me de tudo, mas não de egoísmo ou de não te amar. Ter escolhido fugir, ter escolhido deixá-las não significa menos amor. Pensar isso é ainda enxergar a vida com óculos cor de rosa. Não sei como é ver a vida através dessas lentes. Não conhecia uma vida sem sofrimento. Nunca tive escolha.

Viver os horrores da guerra na Polônia, depois a miséria, destruí qualquer possibilidade de levar minha vida sem guerra. A guerra estava em mim; Um mundo melhor era mais que ideologia política, era sobrevivência; lutávamos pela política, lutávamos para viver⁶¹. Meus

⁵⁸ Carta FC– Manuscrito em português. Destinatário: Filha de Rosa. Remetente: R.. Sem catalogação.

⁵⁹ Carta encontrada por Hermes Cardoso, no Café Central. Essa é uma carta que o escritor Mário de Andrade enviou para Clarice Lispector. Na época, Clarice ainda morava em Belém do Pará. Até onde se sabe a carta nunca chegou a sua destinatária. Cardoso (2010).

⁶⁰ Certeau (1994)

⁶¹ Inicialmente, havia relacionado a história de Rosa ao antisemitismo. No entanto, a professora Leonor Scliar, na ocasião da qualificação deste trabalho, informou que a miséria e a fome impulsionaram a vinda de Rosa e da irmã para o Brasil. Nesta ocasião, a professora esclareceu também que Rosa era comunista com suporte teórico sólido. Lenista convicta: não lutava pela filantropia,

pais eram separados, viviam em Varsóvia e essa era noção de família que conhecia: miséria, mágoa, separação; já nasci ciente de que o mundo não era um lugar justo. Eu não conhecia uma vida que não fosse feita de privações, de sangue, de lágrimas, de dor. Não vou te horrorizar com essas histórias, não vou tentar justificar as minhas escolhas. Não vou. Mas entenda que o que você vê como abandono, eu vejo como uma prova de amor. Com apenas 16 anos fugi para a Alemanha. Ao invés de esperança, vi mais destruição. O namorado de minha irmã que vivia lá me acolheu e tornou possível minha vinda ao Brasil. O casamento com teu pai me salvou da morte, da fome. Eu não vou romantizar ou transformar nossa história num conto de fadas, sabes que não foi⁶². Era muito jovem, carregava muitas cicatrizes, marcas profundas que me cegavam. Minha querida menina, apesar de não amar ao teu pai como ele merecia, eu sempre soube o grande homem que ele era. Teu pai tinha uma alma sensível, teve uma vida dura e eu só lhe causei mágoa. Perdoei-me pelo que eu fiz ao teu pai, me reconciliei com essa parte do meu passado. Gosto de pensar que teu pai, por amor a vocês, também me perdoou. Tu me conhecestes através dos olhos de um homem magoado, machucado pelo abandono da mulher. Teu pai era um bom homem, um homem justo, mas ainda humano. Quando vocês nasceram, iluminaram minha vida, mas a luz não foi suficiente para espantar a escuridão. Não me sentia apta, eu não merecia a família que formávamos. A família de teu pai foram as pessoas mais disponíveis, abnegadas e resilientes que conheci. Hoje, mesmo após tantos anos, isso não mudou. Conhecer teu tio⁶³ só me mostrou outros caminhos de luta. Eu morri aos 16 anos, quando fugi da Polônia. Eu morri de novo quando fugi do Brasil e deixei vocês. Eu fui moldada para a luta, escravizei-me pelos ideais de um mundo melhor, mais justo, mais igual. Mas, eu só pude ir, porque tinha certeza de que vocês teriam um lar amoroso. Em certa forma, a família de teu pai se encaixava como uma luva para mim, vocês seriam muito bem educadas, com os valores que eu gostaria que tivessem, mas não seria por mim. Vocês seriam educadas para serem fortes, justas e capazes de fazer-se por vocês mesmas. Eu pedi ao bebê que eras, que me perdoasses. Esse último pedido, o fiz na esperança de

sobrevivência e sim conforme o credo da Internacional Comunista. Ainda segundo a professora, seguir a cartilha da IC significava colocar o partido acima de tudo, dos filhos, famílias e amigos.

⁶² Scliar-Cabral ([s.d.]).

⁶³ Henrique Scliar foi um dos fundadores do Partido Comunista no Rio Grande do Sul, em 1920. (MARTINS, 2012).

me beneficiar dele, fui uma jovem tola, mas uma velha mais feliz por saber que, de uma forma ou de outra, eu fiz o melhor.

Apesar dessa trajetória dolorida, dessa vida não vivida, dessa luta em vão, desse caminho conflituoso, cheio de mágoas, de frustrações, de dor, eu faria tudo de novo. Eu ainda prefiro a esperança de um mundo melhor, do que a certeza de que estamos fadados a viver com tanto desprezo e tanta perseguição. Somos o que somos, não negarei minha essência, não me permitirei viver na ilusão de que poderia ser melhor do que sou, do que fui.

A vida me ensinou a ser dura, a fazer o que era preciso. Aprendi minhas lições e aprendi mais com aquelas que me trouxeram dor. Quando meu pai nos deixou, a mágoa me corroeu. Mas, conviver diariamente com o abandono era quase morte. Essa dor, gosto de pensar, não causei a vocês. Eu fui embora, antes das lembranças, antes que o convívio causasse mais mal que o amor que já sentia por vocês e vocês por mim. Fui-me antes de magoá-las ainda mais, pelas ausências, pelas noites na prisão, pelas feridas que a tortura abria⁶⁴, toda vez que era presa. Vocês teriam a chance de ser criadas por uma mulher íntegra, forte, mais sensível e doce. Seu pai me salvou (uma completa estranha!). Ele daria a vocês amor suficiente para lhes suprir a falta da mãe que eu não fui. Ele me amou, apesar das minhas imperfeições, apesar da minha incapacidade para devolver-lhe o sentimento. Mas ninguém pode ser culpada por não amar, pode? Acho que ofensa maior seria ficar ao seu lado apenas por gratidão. A minha gratidão, seu pai sempre terá, a gratidão de alguém que lhe deve a vida. Sabendo do amor que ele tinha por vocês, vocês teriam uma vida melhor do que eu jamais pude imaginar oferecer aos meus filhos.

Em dias como hoje, meu fardo é tão pesado sei do tamanho do sofrimento que causei, mas lembre-se: sou culpada apenas pelos erros que cometi.

Quando fui embora de Rivera, quando seu pai chorando me pediu pra voltar e eu neguei, o amor foi mais forte que a devoção a vocês⁶⁵. No

⁶⁴ Rosa, segundo professora Leonor Seliar, durante a qualificação, nunca foi torturada. Foi presa apenas uma vez. Ficou no Presídio do Gasômetro, em Porto Alegre, por pouco tempo. Manterei a versão factual na nota de rodapé. No corpo do texto, mantenho a prisão e tortura como forma de re(a)presentar o destino de muitas mulheres que foram presas durante a Ditadura de Vargas.

⁶⁵ A ideia original era manter a luta pela causa como motivo maior do abandono de Rosa pela família. No entanto, como a professora garantiu que o amor por Bernardino del Valle foi determinante para a fuga, deixo no corpo do texto o rastro da filha: “Uma paixão incontrolável, segundo ela mesma me confessou”.

entanto, minha querida, eu só conheci a luta, a clandestinidade, a guerra, eu era incapaz de viver uma vida diferente. Esse era o mundo que eu conhecia: abandoná-lo me causava mais medo que a morte numa cela escura ou numa emboscada qualquer.

Saí da Polônia para fugir da fome. Quando respondi, quando você era apenas um bebê, ao apelo do Partido Comunista, sabia que era um caminho sem volta e esta decisão havia sido tomada ainda em Berlim. Minha escolha não tinha retorno. A consciência de que a luta seria a minha vida, foi se consolidando. Deixei pra trás tudo, inclusive meu nome em prol dessa luta. Não foi propriamente uma escolha, foi mais corresponder ao que destino havia traçado para mim. E, veja bem, não estou tentando arrumar desculpas ou diminuir minhas falhas, de todos os defeitos que tenho, a covardia não é um deles. A coragem que tive para abandoná-las, o medo que tive de não ser boa o suficiente e a certeza de que falhava como mãe, como esposa, a sensação de estar sendo ingrata com aqueles que me salvaram de um destino pior, da fome, da miséria, da guerra e de mim mesma alimentaram a minha alma, mas não me transformaram num monstro vingativo; pelo contrário, me conduziram a ser uma pessoa melhor, alguém que lutava para que o mundo fosse livre. Minha querida, podes pensar que eu não estava do seu lado, mas sempre tiveste comigo, onde quer eu fosse. Se eu não poderia ser boa mãe, seria uma pessoa dedicada ao mundo. Minha vida foi marcada pela ausência de ingenuidade: naqueles anos na Polônia sobrevivi por pura teimosia. Aos judeus, a segregação, a morte e a violência inaudita eram o destino, a certeza. Foi nesse país que nasci e cresci. Diante desse cenário de horror, sair da Polônia tornou-se uma obsessão. Fiquei dias, meses ou anos tentando sair de lá. Até hoje, ainda tenho a sensação de estar tentando sair da Polônia. Quando dei o primeiro passo em direção ao autoexílio, quando duas adolescentes sem família e com o espírito de vingança e luta deixaram para trás tudo que conheciam, deixei qualquer ilusão ou sonho naquelas terras. E foi assim que tua tia e eu fugimos. Na noite em que fugimos, os tiros e o desespero de quem morria durante a travessia do rio ditavam o compasso dos nossos corações.

Já na Alemanha, com a ajuda do namorado de tua tia, quando ouvimos falar do Barão⁶⁶, do Brasil, sentíamos um lampejo de esperança, não de

⁶⁶ Barão Maurice de Hirsch - Foi um filho pequeno de um banqueiro judeu bávaro; entrou no mundo dos negócios com 17 anos. Casou-se com Clara Bischoffsheim, em 1855 - filha do banqueiro Jonathan Raphael Bischoffsheim. Utilizou parte de sua fortuna para organizar a emigração de judeus para a América, principalmente a Argentina. (MORASHA, [s.d])

uma vida melhor, mas de uma vida. Eles davam preferência para famílias com filhos, mas conseguimos migrar, com a condição de casarmos com imigrantes judeus. Conheces essa parte de nossa história, deves ter ouvido muitas vezes, não vou importuná-la, mas gostaria que soubesses da minha versão. Depois de 50 dias, cheguei ao Brasil, sozinha. Mudei meu nome ainda na Europa, mas foi aqui que renasci. Renasci Rosa, judia sem nome. Rosa como Rosa de Luxemburgo⁶⁷. Sua tia e eu nos perdemos entre Hamburgo e o Brasil. Casei-me com seu pai, logo que cheguei. Quando você e sua irmã, anos depois, se juntaram ao PCB, tive tanto medo que essa escolha tivesse sido influência minha, ainda que indireta. Uma tentativa de encontrar a mãe desconhecida. Felizmente, conseguiste traçar os próprios caminhos e essas decisões estavam muito mais relacionadas à família de teu pai do que a mim, tenho esperança.

Quando, naquele início de 1931, minha prisão deixou tu e tua irmã sozinhas em casa, tive a certeza que precisava escolher um caminho. Não poderia seguir assim, traçando atalhos. Quando abriram o processo e fui deportada, enxerguei uma oportunidade: fugi. Segui minha vida tendo que criar coragem para ir embora. Talvez um dia pare de doer e eu me sinta em paz. Se isso acontece, eu sei, logo uma simples coisa, desencadeia uma tempestade e tudo começa novamente. Cada palavra que escutei, cada ferida se abre, se torna presente.

Como poderias compreender esse mundo de onde venho? Mesmo que me perguntasses, mesmo que quisesses ouvir, filha, não terias vivido realmente aquilo ou teria sentido. Seriam representações desse passado que não cessa. Ninguém é realmente capaz de sentir uma história que não sua. As sensações, essa dimensão é experiência pessoal demais para ser dividida; não cabe em folhas de papel ou baldes de lágrimas.

Meu passado me definiu por muito tempo. Se é que posso chamar de passado, vivia nele a maior parte do tempo. Mas, isso era o que eu era, aquela que ninguém via ou ouvia realmente. Nada era como deveria ser

⁶⁷ Rosa se tornou Rosa na Alemanha: “Falamos da violência, falamos do ódio, da raiva e dos desatinos humanos, esparramados nos campos de batalha, mesmo quando não são campos e sim cidadelas respingadas por países alheios. Mas que dizer dos sonhos e de esperanças? Pois este post vai para minha vó, que viveu e morreu comunista. Seu nome verdadeiro não sei. Sei que se auto denominou Rosa, em homenagem à Rosa de Luxemburgo. Sua história fui re-construindo pouco a pouco, com o passar do tempo. Quando a vi pela última vez, fizera 90 anos. Morava no Uruguai, já há décadas. Minha vó era judia polonesa. Fugiu para Alemanha (!) e de lá para o Brasil. Casou, teve duas filhas. Fugiu de novo, casou de novo. Desta vez no Uruguai.” Texto de Ethel Scliar Cabral (2009).

e eu vivia nessa tristeza profunda, e a escuridão invadiu finalmente a minha alma. Eu só tinha qualquer acalento dentro de mim mesma. Incapaz de ver a luz, de enxergar através da neblina, de sentir, de ter esperança para mim, de ter sonhos meus. E a escuridão continuou a rondar, sempre era noite; nunca manhã. Talvez, minha querida, você se pergunte por quê? Mas, a verdade é que na maior parte do tempo, eu não penso muito a respeito disso, eu tento passar por cima de tudo isso. Não consigo, mas finjo é mais fácil assim. Sobrevivo, na melhor das hipóteses; respiro.

Minha história não é minha culpa, ela não deveria ter definido meu futuro. E ela não deveria ter interferido dessa forma no de vocês.

E nada pode ser comparado ao que realmente importa e que eu deixei para trás; é ridículo esse desejo de vê-las crescendo, de ouvir as risadas infantis. Eu sabia que vocês precisavam de mim para segurar suas pequenas mãos e dizer que tudo ia ficar bem. Onde eu estava? O que eu estava fazendo quando vocês precisavam de mim?

Quantas vezes mais me perguntarei isso? Sou incapaz responder, por que ainda tento?

O sol nasce todo dia e eu ainda não sou capaz de dizer onde. É difícil achar o leste quando se vive em qualquer lugar e em lugar algum.

Mas, o sol sempre está lá e eu dependo disso, dessa certeza, dessa única e segura certeza.

Talvez eu precise que sejas forte por mim; desata esse nó! Nos liberta!

Tem dias em que descubro que talvez eu seja merecedora de algum afeto, do cuidado.

Talvez eu descubra que sou capaz de amar.

Essa sensação, essa esperança me permite acreditar que algum dia seremos capazes de descobrir onde o sol nasce, que o calor e o verão chegaram também pra nós.

Eu te escrevo por necessidade, no entanto eu sei, que poderia escrever durante dias, escrever páginas e páginas e isso não diminuiria o vazio que a minha ausência te causou.

R.

Montevideu, 12 de maio de 1951.

2.3 Carta a Jorge

*Sou bravo valente sou nobre
Os gritos aflitos do negro
Os gritos aflitos do pobre
Os gritos aflitos de todos
Os povos sofridos do mundo
No meu peito desabrocham*

Conceição Evaristo

Cara,

Serei⁶⁸ breve, mas precisava de sua ajuda para descobrir se a carta em anexo é da sua mãe.

Encontrei no meio de um texto, estava dentro de um envelope. O envelope tinha um aviso do correio de que a mensagem foi rejeitada pelo destinatário.

Se você pudesse me ajudar, ficaria imensamente agradecida.

Abraços e espero que todos estejam bem em sua casa.

R.

Florianópolis, 11 de novembro de 2010.

⁶⁸ Carta FD – Manuscrito em português. Destinatário: Filha de Rosa. Remetente: R.. Sem catalogação.

Meu caro⁶⁹,

A insistência não vencerá a motivação da minha causa. Antes de ser mulher, antes de ser mãe, eu sou uma guerreira, uma militante revolucionária. A luta é minha essência e não por acaso, você e os seus entraram na minha vida.

Sigo minha vida, sigo minha luta. Sigo sendo quem posso ser; quem desejo ser.

Deixar-te é fácil, lamento dizer isso assim; mas é.

A crueldade que me atribuo é também o alívio que me permite ser eu. Talvez a condenação desse ato venha amanhã, talvez ainda hoje quando deitar a minha cabeça em outro travesseiro, talvez jamais venha. Você seguirá também, espero.

Você não pode decidir como viver minha vida, você não pode escolher a quem eu amaria, esse foi a sua única falha. E nem é uma falha sua.

Minha vida, minha escolha, meu erro ou meu acerto.

Que sejas muito feliz, cuide delas. Sempre terei para elas em meus pensamentos. Minha luta é também por elas. Por favor, deixe-me.

Vivo por mim, luto por mim, mas também por elas.

Amo-as, mas reinventar-me é preciso.

R.

26 de julho de 1931.

⁶⁹ Carta FF– Manuscrito em português. Sem destinatário. Remetente: R.. Datada de 26 de julho de 1931. Sem catalogação.

Minha querida⁷⁰,

Estou muito feliz por saber notícias suas. Depois escreverei com mais detalhes sobre o que aconteceu com meu menino. Um susto grande! Aquele e-mail rápido foi só para não deixá-la sem resposta. Agora, volto às folhas e tinta porque ansiosa estou com mais tesouros encontrados.

Encaminho cartas assinadas! Incrível como eles escreviam bem! Não é possível diferenciar quem é o escritor profissional. Talvez todos sejam. Fico emocionada, as palavras são tão fortes. Jorge fala como se a morte do comunismo fosse a morte de um amigo. Sua mãe ou era muito idealista ou tinha uma fé muito grande nos ideais do partido. Não acho que seja só medo de comprovar que tudo que fez, todas as escolhas ao longo da vida adulta foram motivadas por uma mentira, como você supôs. Lendo algumas dessas cartas, percebo quando ela escreve como mãe, como comunista, como mulher. Gostaria de tê-la realmente conhecido!

Peço desculpas porque as impressões não ficaram muito boas, algumas vezes as imagens das cartas ficaram distorcidas. Se você tiver dificuldades com a leitura, me avise, encaminho o texto digitado por mim.

Super abraço

R.

Florianópolis, 10 de outubro de 2011.

⁷⁰ Carta FG– Manuscrito em português. Sem destinatário. Remetente: R..
Datada de 26 de julho de 1931. Sem catalogação.

Montevidéu, 22 de janeiro de 1957.

Caro amigo e estimado Jorge⁷¹,

Li seu último livro. Quanta inspiração, meu amigo⁷².

Fiquei impressionada com a força das palavras, com a narrativa cativante da viagem. Espero que tenha sido experiência tão valiosa quanto pareceu. Seu trabalho ensina ao mundo como o *comunismo zela pelo ser humano, só os comunistas dão ao homem seu perfeito valor, só eles o consideram como o que há de mais precioso sobre a terra*⁷³. Precisamos dessas manifestações de coragem, meu querido. E isto vai além dele⁷⁴, Jorge. Não somos nós quem desejamos errado. *O coletivo não é o oposto do indivíduo. Sem considerar o indivíduo como ser humano, não se pode pensar em socialismo*⁷⁵. Todos nós nos chocamos, não só você.

Lembrando daqueles tempos, dos idos de 1940, das conversas, das angústias. Você era um jovem escritor, talentoso e charmoso demais para seu próprio bem. Sinto falta daqueles ares, Jorge. Você escreve por necessidade social e política, não perca isso, por favor. Não por ele, por nós, por você. Você mostra o “caminho” e “marcha à frente” do povo, capta a realidade em seu “desenvolvimento revolucionário”, guia-nos através do seu texto e estas “perspectivas otimistas” nos salvam. E isso sempre será comunismo. Ele não é comunista.

⁷¹ Carta FH – Manuscrito em português. Destinatário: Jorge. Remetente: R.. Sem catalogação.

⁷² Segundo a filha de Rosa, a amizade entre Rosa e Jorge Amado é fictícia. Rosa não era amiga de JA. A mala depositada pelo PC no apartamento que Rosa dividia com Bernardino, justamente porque ele era um dos membros mais proeminentes do Partido Comunista Uruguaio. No entanto, foram encontradas em cartas escritas por Jorge Amado e que fazem referência à Rosa, ainda que provavelmente seja Rosa Meirelles.

⁷³ (AMADO, 1951, p. 50)

⁷⁴ Stálin. Em 1956, no XX Congresso do PC, foi divulgado o relatório de Kruschew. O relatório trazia informações sobre a política Stálinista, os crimes cometidos pelos governantes. Este relatório causou impacto na militância comunistas do mundo todo. Jorge Amado, profundamente decepcionado com o Stálin, afasta sua obra da literatura inspirada pelo realismo socialista. A mudança foi percebida principalmente com a publicação de Gabriela, cravo e canela, em 1958. (BARBOSA, 2010).

⁷⁵ Jorge Amado ([s.d] – Entrevista a Geneton Moraes Neto)

Dia desses, Joaquim apareceu. Perguntou por você. Queria saber como estavam todos. Mandou lembranças. Estamos todos com saudades, você sabe que pode voltar. Você tem a desculpa perfeita para fazer-nos uma visita. Venha buscar sua mala, conversaremos pessoalmente. Já se vão anos que lhe peço para pegá-la. Essa é sua história, Jorge, e você deve se orgulhar dela. Tantos anos de luta, prevejo lutar até os fins dos meus dias. Espero que sejamos sempre camaradas até o último suspiro.

Dino manda lembranças.

Sua sempre amiga.

R.

Rosa⁷⁶,

Não, não desejo voltar ao Uruguai para buscar a mala, nem mesmo para chorar pelos anos perdidos lutando por algo que não existia, tão pouco quero fitar teu rosto tão desolado quanto o meu. Sobre tudo isso que nos cobriu nos últimos tempos, não existe nada além do meu silêncio. Perdemos nossas filhas, eu perdi Lila muito antes de 49, tudo por nada.

Não desejo voltar a estas terras, nem mesmo para sentar-me com os amigos. Joaquim e Bernardino entenderão. Não desejo recordar nossas conversas, tua fala arrastada, gutural, aqueles momentos, gargalhadas. São doces lembranças. Isso está no meu passado. Ainda estou em luto, não consigo conformar-me com a morte da utopia. Não conseguiria ainda conceber a tua casa sem a nossa luta, o nosso plano, a poesia de mundo que iríamos descobrir. A nossa amizade é a nossa luta. A luta ficou no passado, mas a amizade permanece inalterada, saiba.

*Éramos frágil de carne e osso, tão leve na balança...um vento mais forte podia te arrastar como uma folha de árvore ou um pedaço roto de poema. Vivíamos a amizade, a ternura, o dar-se a cada instante, a preocupação pelos outros*⁷⁷. Não aceito a morte da nossa utopia, a ausência é decepção que não cessa.

Jogue fora as lembranças, porque guardo as mais importantes na alma. Longe daquele tempo, posso imaginar que estamos todos a esperar por outros dias não tão fáceis, mas de *coração leve e riso alto*⁷⁸.

Fomos injustiçados demais, Rosa. E agora que chegamos a certa idade, vamos indo pela vida com os vivos, mas também com os nossos mortos, aqueles que vão faltando. Carregamos nossos defuntos, e eles fazem parte de nossa vida, vão conosco. Em geral, os amigos que partiram foram os que já deram tudo ou quase tudo de si, completaram seu trabalho, cantaram as estrofes de seu canto. Nós ainda dividimos a cantoria.

Éramos complexos. Mas éramos simples como o pão e profundo como a água do rio. E tu estavas plantada no chão da tua gente, que não era em verdade tua gente.

⁷⁶ Carta FI - Manuscrito em português. Destinatário. Rosa Remetente: Jorge Amado.

⁷⁷ Carta de Jorge Amado a Tânia Carneiro Leão. (AMADO, [s.d]).

⁷⁸ Carta de Jorge Amado a Tânia Carneiro Leão. (AMADO, [s.d]).

Lembro-me de ti, principalmente ti, *aparentemente frágil, porém mais resistente e permanente que as grandes árvores. Tu eras a rosa e o musgo, a fruta sumarenta e o cacto de espinhos. Tua flor tinha riso e sangue, levavas nos ombros de toda fragilidade a dor e esperança de teu povo, sua solidão.* Foste tão tua gente que muito tempo vai passar antes que surja outras rosas assim.

Guardo os amigos, as amizades e minhas lembranças e isso, por enquanto, me basta, minha velha.

Guardo essa imagem tua e daquele tempo. Guarde o Jorge que era, Rosa, guarde aquele homem de sonhos e esperança. O de hoje é sombra que não refresca, é a versão vulgar de um homem engajado com seu povo. Guarde-me em seu coração corajoso.

Jorge Amado

PS.: Devolvo tua carta gentil.

Salvador, 20 de fevereiro de 1957.

Montevidéu, 01 de março de 1957.

Estimada amiga⁷⁹,

Recebi com tanta alegria sua carta, quase não consegui esperar que D.⁸⁰ fosse para o restaurante para que pudesse tranquilamente escrever-lhe.

Tempos difíceis enfrentamos e eles parecem não cessar. Convidei J.A.⁸¹ para vir visitar-nos, soube pelo amigo A. que ele anda deprimido com tudo o que anda acontecendo. Depois de tantos anos de luta, tantos anos de política, será que ele ainda é tão ingênuo? Homens serão homens, sempre, sujeitos ao fascínio que o poder exerce. Minha crença não se abala assim. Acredito que o comunismo está além das idolatrias.

J. A. escreveu-me uma carta triste, uma carta de um homem doente, de luto.

Mas a minha ansiedade em escrever-lhe é por conta de outra carta de J.A. Essa carta foi enviada a J.P.. Ele autorizou que lhe enviasse, fique tranquila.

Nós conversamos e achamos que você deve falar com Campeão⁸², você sabe como nada abala a amizade dele e J.A. Quem sabe Campeão consegue fazê-lo entender que comunismo não é religião. Nem S.⁸³ é deus.

Fiquei profundamente chateada com a carta de J.A., se ele pensa assim, o que estarão pensando os outros? Devem estar rindo de nós; não aceito. Entendo que J.A. tenha motivos para estar deprimido, todos estamos; mas, dizer que socialismo é uma mentira, uma farsa é um pouco de exagero, não acha?

Minha militância só é fiel aos meus ideais de igualdade e liberdade. Acredito que não me decepciono com eles, talvez me decepcione por morrer sem conseguir alcançá-los plenamente, mas isso já é outra história.

Leia a carta de J. A. e me escreva dizendo o que pensa sobre isso.

⁷⁹ Carta FL – Manuscrito em português. Destinatário: Desconhecida. Remetente: R.. Sem catalogação.

⁸⁰ Possível referência a Bernardino, Dino.

⁸¹ Jorge Amado.

⁸² Thomaz Pompeu Accioly Borges, editor de Jorge Amado, no período do autoexílio.

⁸³ Stálin

Nesse verão, minha filha virá com a família me visitar. Ansiosa.
Abraços calorosos,
R.

P.S.: Sei que já me pedisse para parar de escrever com codinomes, mas simplesmente não consigo evitar.

Caro amigo Pompeu⁸⁴,

Você⁸⁵ realmente pensa que fui ingênuo? Desculpe-me, mas me sinto um pouco enganado com essa revelação.

Desculpe-me também por dizer que o Socialismo não existe. Na verdade, não peço desculpas por isso, peço desculpas por dizer-lhe isso, sabendo o que pensa sobre tudo isso.

Mas, onde existe o socialismo? Nunca houve. O que existia era uma mentira imensa, uma falsificação completa.

Fechei esse ciclo de desilusões, já não sou o homem que, um dia, descreveu Stálin como "Mestre, guia e pai, o maior cientista do mundo de hoje, o maior estadista, o maior general, aquilo que de melhor a humanidade produziu"⁸⁶. Envergonho-me de um dia ter escrito isso.

Eu me desorientei - e muito - quando descobri que Stalin não era o pai dos povos, ao contrário do que sempre pensei. Esse foi um processo doloroso, difícil, cruel e demorado. A maioria das causas dos acontecimentos atuais talvez já fosse clara para mim. Mas estes outros acontecimentos são de uma rapidez imensa, não sei se consigo acompanhar. Jantei com Costa Gavras, meu amigo. Discutimos esta situação: não é só um mundo que acabou. É tudo o que foi a vida e o objetivo de luta de milhões de pessoas. É gente que lutou com generosidade e coragem e foi presa e torturada por lutar por uma coisa que - de repente - se acaba.

Eu também entendo que o socialismo, como ideia, representa o avanço e um passo adiante. Nunca houve socialismo, como não houve democracia. Como a implantação dos regimes socialistas foi baseada naquilo que é fundamentalmente errado - a ditadura de classe, houve, então, uma falsificação total e completa! Por isso me sinto tão enganado!

Isso não quer dizer, no entanto, que os valores trazidos pela Revolução de outubro - como uma consciência coletiva maior e fraternal - não persistam. Persistem. O que acontece é que o mundo não será mesmo igual. Já não é. O capitalismo de hoje também já não é o mesmo de antes.

⁸⁴ Carta FM – Manuscrito em português. Destinatário: Pompeu. Remetente: Jorge. Sem catalogação.

⁸⁵ A inspiração para esta carta é uma entrevista que Jorge Amado concedeu em 2012. Poucas vezes o escritor foi tão claro ao falar sobre o comunismo.

⁸⁶ Amado (1955)

Você sabe que eu não sou sociólogo, mas sem democracia não se pode construir o socialismo. O coletivo não é o oposto do indivíduo, como foi nestes países.⁸⁷

Campeão, não abro mão dos nossos ideais, sem considerar o indivíduo como ser humano, você não pode pensar em socialismo. E parecia-me tão óbvio que todos em nosso barco pensavam assim.

O choque veio já antes da denúncia, porque eu vinha sabendo de algumas coisas que me atormentaram muito. Mas é evidente que a denúncia de Krushev trouxe fatos de que eu não fazia a mínima ideia, que jamais esperaria que acontecessem.

A dor é o luto, meu último ídolo chama-se Stálin. Já não tenho ídolos - há tempos.

Não consigo esquecer aquele cartaz. Lhe contei? Um jornal publicou uma foto em que um homem impunha um cartaz e nele dizia: "Proletários de todo o mundo, perdoai-nos". Me rasgo sabendo que preciso gritar isso também. Isso é tão terrível! Você não se sente assim, desolado?

Meu mundo e o de tantas pessoas que deram a vida toda a estes ideais desabou diante dessas mudanças.

Campeão, que as lembranças acalentem nossos corações; as amizades que fizemos valeram a luta. E é isso que me mantém de pé, nesses dias.

Abraços,
Jorge

Salvador, 07 de dezembro de 1956.

⁸⁷ Jorge Amado (2012- Entrevista).

III: AMIZADE – LAÇO, FAROL E NÓ

3.1 Todas as angústias do mundo

*... já não ouço meu pranto
porque o choro emudeceu
nos meus lábios
O grito calou-se
em minha garganta
o sol da meia-noite
cegou-me os olhos...*

Conceição Evaristo

Querida⁸⁸,

Fiquei muito contente em saber que sua netinha está bem. Incrível como já se passaram dois anos daquela minha primeira carta. Com quase mil páginas de Acervo, encontramos algumas coisas surpreendentes, não? Quando você entregou a Mala do Jorge para a professora, imaginei que não encontraríamos coisas de Rosa, que lembranças pessoais de sua mãe já haviam sido separadas. Essas cartas mais recentes me fizeram pensar que Rosa deve ter feito da Mala um pequeno altar, uma caixa de recordações. O que você acha? Me parece que, embora, a Mala seja do Jorge, a Rosa também mora nela.

Eu sei que já lhe agradei algumas vezes pela confiança, por deixar-me descobrir a história de sua mãe, mas nunca é demais. Muito obrigada por confiar em mim, muito obrigada por me deixar conhecer essa incrível luta, essa valiosa lição de resistência, de força, de coragem, lealdade, amizade e compaixão. Sei que olhamos esta história com óculos diferentes e que talvez as dificuldades que você e sua família enfrentaram não permitam enxergar a grandeza dessas memórias. Tenho consciência disso.

Personificar os/as camaradas me trouxe uma nova perspectiva sobre o comunismo e os militantes da causa. Esses homens e mulheres eram tão abnegados, lutavam pelo princípio, pela causa, pelo ideal de igualdade, respeito e liberdade que ainda é pauta de nossas reivindicações. E, se hoje, à luz dessa democracia ainda encontramos porções repletos de violência e repressão; tenho dificuldades para imaginar quão difícil deve ter sido para estas pessoas.

Ao final, quando muito, se desiludiram com o comunismo, gosto de acreditar que esses homens e mulheres ainda acreditavam nessa possibilidade, nesse mundo ideal. Talvez tenham deixado de acreditar no comunismo⁸⁹, mas não na igualdade, na liberdade e na democracia.

⁸⁸ Carta FN – Manuscrito em português. Destinatário: Filha de Rosa. Remetente: R.. Sem catalogação.

⁸⁹ Acredita-se que Jorge Amado desiludiu-se com o partido Comunista, com o relatório divulgado pelo PC, onde constavam farta denúncia contra Stálin. Perdeu amigos. Em entrevistas, Jorge disse que a repulsa ao Stálinismo se deu mais pelo pavor que viu do que por argumentos racionais. Nas primeiras cartas enviadas a Zélia, antes que ela se juntasse a ele em Praga, Jorge deixa entrever a angústia. Mas não fala de política explicitamente. “Meu pai manteve o segredo sobre os detalhes de sua militância”, afirma João Jorge. “Isso não significa que não tenha mantido, até o fim, sua posição em favor dos pobres contra os ricos,

Com meus óculos de militante, de idealista, de esquerdista, livre dos laços sanguíneos e dos compromissos que eles trazem, tenho na sua mãe, um exemplo. Durante esse tempo em que a conheço, descobri muito além de fatos políticos: descobri semelhanças, descobri que divido com ela a ganância, a obsessão pelo pão da revolução. Divido outros traços, e talvez estes não sejam tão nobres. Rosa foi além da revolução comunista, quebrou esse estereótipo dos papéis femininos, dessa conveniência imposta de que mulher nasceu para ser mãe. Rosa nasceu para revolucionar. Revolucionou-me. Não existe plenitude ou felicidade possível quando se sente que estamos sendo coniventes com a violência, com a desigualdade. Sou simpática a essa quebra de paradigma, a essa quebra do que se espera de uma mulher em prol de uma vida política, de ideais revolucionários, essa busca por uma vida soberana livre de opressão, de medo e da violência imposta por quem detém o poder, seja na esfera que for.

A convivência com Joaquim, Jorge, Juan e principalmente Rosa me fez questionar essas raízes sociais. Espero que com isso você não pense que estou diminuindo as consequências, as implicações que as decisões de sua mãe acarretaram para você ou sua família e é por respeito a vocês que preservo nome, sobrenome e o baú de ossos.

Minha intenção é reconhecer essas pessoas sem nome, fazer jus a todo sacrifício que essas pessoas fizeram, às vezes, pagando com a própria vida.

Gostaria que esses homens e mulheres tão pouco convencionais, tão à frente do seu tempo, tenham suas lembranças, seus passos registrados. E faço isso misturando fatos e histórias, misturando sobrenomes e recriando lembranças e heranças. Literatura, linguagem, fabulação e política. Gosto muito dessa mistura.

E que a herança dessa gente se espalhe como flores dente de leão ao vento.

Mas não pense que quero criar heróis, não quero. Transformar sua mãe em heroína seria retirar dela a humanidade. Eles eram pessoas, pessoas sujeitas aos erros e acertos. Pessoas. Mas, a mensagem de luta, de perseverança e de coragem deve ter voz, vida, deve sair da Mala. Essa vida revolucionária, em mais de um sentido, precisa ser exaltada. Quase 80 anos me separam dessa história, quase 80 anos me separam de sua

dos fracos contra os fortes. Não houve uma mudança de pensamento. Ele apenas se afastou da rigidez comunista e trocou o realismo socialista pela crítica e pelo humor”. (JORGE AMADO, 2012)

mãe e ela é mais livre do que eu jamais serei. Isso foi um verdadeiro balde de água fria na minha militância feminista.

Sua mãe permanecerá sem nome, por respeito a essa mulher que se reinventou quantas vezes foi necessário. Minha vez de (re)inventá-la.

Lhe digo tudo isso, para pedir-lhe que guarde a carta que segue. Ela é sua. Mas também é um prefácio de um livro que um dia escreverei, se me permitir.

R.

Minha menina⁹⁰

Minhas cartas, meus rascunhos, minhas tentativas de escrever-te só não são mais patéticas que meus sonhos juvenis. Tento outra vez e imagino que surpresa terás se algum dia enviá-la! Talvez em outra vida leias, quando lemos cartas escritas numa outra época, elas são alimento para memória, a imaginação enraizada na lembrança que nos falta⁹¹. No caso dessa, uma carta escrita quase trinta anos depois dos fatos acontecidos, elas são quase motivo de vergonha. Vergonha porque eu não devia precisar te escrever pra te contar isso, você deveria ter vivido isso ao meu lado. E eu, conhecida pela coragem, pela ousadia, preferia enfrentar mil exércitos a enfrentar-te. Sempre encarei com medo a hora em que seria preciso escrever-te, porque eu tinha necessidade de falar-te, mas não me sentia merecedora desse privilégio. No entanto, te escrevo mesmo assim, te escrevo essa verdade nua e crua⁹².

Imagino que deves me culpar pelo que aconteceu com a família, em parte é por saber que talvez tenhas razão, que me amedronto diante das folhas em branco. Tu viveste dentro do comunismo, teu tio, seus primos todos são camaradas de luta, deves conhecer muito do que te contarei, mas, por favor, me dá a oportunidade de falar sobre este passado que me é tão caro.

Quero que me conheças e conhecer-me sempre passará por conhecer um pouco do comunismo. Depois, que leres isso, me concede um julgamento além da palavra mãe. Minha querida, ser tua mãe não fez de mim menos humana ou mais perfeita. Tampouco me faz mais capaz. Na verdade, a única coisa que a maternidade me trouxe foi essa sensação de incapacidade.

Os grilhões me sufocavam, e quase sempre eram invisíveis. Eu só reagi. Bem ou mal, o instinto de sobrevivência sempre teve o melhor de mim; dessa vez me levou para longe de vocês.

Era incapaz de seguir representando o papel que me impunham, fui criada para ser um soldado. Não se pode ensinar a guerra e esperar passividade, não é mesmo?

Em minha vida, não existia espaço para arrependimentos ou justificativas, não pretendo começar agora, tal desatino, então, não,

⁹⁰ Carta FO - Manuscrito em português. Destinatário: Filha de Rosa. Remetente: R.. Sem catalogação.

⁹¹ Salomon (2002)

⁹² Baumgarten in Salomon (2002).

filha, não estou arrependida. A culpa não foi de meu pai, nem de meu avô. Nem sei se existe culpa, existe escolha. E se existirem culpas não servirão para limpar tuas lágrimas, não me servirão para nada.

Sei que pode parecer cruel, mas se entendes o que eu digo, talvez consigas ler estas palavras despidas da mágoa, talvez consigas enxergar, ao menos, a sinceridade das minhas imperfeições.

Sei que só fui tua mãe na gestação, sei que não me vês como mãe e sei que me culpas, inclusive, pela tristeza que a outra rosa do jardim de teu pai carregou. Aceito isso, não porque mereça, mas porque sei que o abandono te marcou. Sei que a mágoa não te deixa ver essa história de forma mais objetiva. Como poderias, não? Sou tua mãe e te deixei.

Não tenho o direito de te pedir nada, mas ainda assim, farei: seja minha correspondente. A carta tem o poder mágico de criar laços, sei que temos muitas coisas em comum e acredito que se conseguires nos dar essa chance, podemos construir uma ligação. Talvez essas palavras que começam assim desajeitadas, pouco a pouco, abram caminho para uma relação mais humana, mais próxima. E talvez as palavras cumpram seu papel aqui. E talvez sejamos mais do que meras desconhecidas.

Não vou esperar resposta, nem eu ousaria te pedir tal coisa. O que te peço é que me conheças através dessas mal traçadas linhas. Que leias o que escrevo. Se quiseres responder, obviamente que o podes, mas eu não espero por isso. Tenta entender a alma torturada de uma mulher, que viveu mais guerras do que o aceitável, se viver guerras fosse aceitável. As cartas desse envelope são desta mulher, tentando encontrar a paz nas próprias memórias, conciliar o passado e talvez o futuro.

Querida, ando pensando muito sobre a vida, sobre a morte. Testando alguns sentimentos que nunca me permiti verbalizar, arrepender-me ou absolver-me. Penso na vida, penso em como a política tomou minha vida aos seus cuidados, lembrando-me que a vida esquiva-se destes mecanismos e quer controlar a política. Eu gosto disso, me acalenta. Talvez ela tenha razão, não? A vida escapa, a vida está em todos os lugares continuamente⁹³. A política assumiu minha vida, posso morrer em paz... Mas a vida não é momento, é inclusive o entre momentos. São pausas que não ousou nomear, mas em que constantemente penso. Esses momentos, entre momentos, entre movimentos singulares. O entre tempos que me permite fechar os olhos e lembrar quando a minha vida subverteu a minha própria existência, traçou caminhos reescreveu essa estrutura que me alcança de tempos em tempos, em entre-tempos e que

⁹³ Deleuze (1997)

me permite agora te revelar⁹⁴. Essa trajetória, que não é minha, marcada por desencontros, desencontros que marcam a alma, a vida e a política.

Da Polônia, do abandono familiar, da luta que marcou e que me transformou pouco lembro. Colecionamos memórias⁹⁵, escolhemos esquecer quando escolhemos lembrar.

Mas lembro da descoberta dos movimentos contestatórios, da efervescência política, do embate contra a opressão que engessava como certa a destruição do meu povo, minha opressão. O primeiro exílio e o segundo só fortaleceram minha convicção em continuar na luta política; sim, de fato, penso que não era opção, lutar era necessidade, era viver. Qualquer coisa além dessa vida era sobrevida. O exílio, o casamento com seu pai e a separação de nossa família foram, de certa forma, passos necessários para continuar a luta. E toda tristeza que conheci, que vi, que senti, que vivi me transformaram, me renomearam. E foi quando a minha identidade deixou de ser minha, quando quem eu era não existia mais que me tornei quem eu queria ser⁹⁶. Morri para poder nascer.

Fugi de guerras, sofri com uma família desestruturada, mas nada disso teve efeito em mim, de certa forma, sobrevivia. Sabia que não era boa vida, mas o que eu conhecia diferente disso?

Lutava por outra vida, enfrentaria quantos dias e noites sem comer para me encontrar. Eu não temia nada. Nada.

⁹⁴ Deleuze (1997)

⁹⁵ De Walter Benjamin gosto da alegoria de colecionador que ele propõe. “Este processo ou qualquer outro é apenas um dique contra a maré de água viva de recordações que chega rolando na direção de todo colecionador ocupado com o que é seu. De fato, toda paixão confina com o caos, mas a de colecionar com o das lembranças.” (BENJAMIN, 1995, p. 227-228).

“É decisivo na arte de colecionar que o objeto seja desligado de todas as suas funções primitivas, a fim de travar a relação mais íntima que se pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante. Esta relação é diametralmente oposta à utilidade e situa-se sob a categoria singular da completude. O que é esta “completude” <?> É uma grandiosa tentativa de superar o caráter totalmente irracional de sua mera existência através da integração em um sistema histórico novo, criado especialmente para este fim: a coleção. E para o verdadeiro colecionador, cada uma das coisas torna-se neste sistema uma enciclopédia de toda a ciência da época, da paisagem, da indústria, do proprietário do qual provém”. (BENJAMIN, 2009, p. 239).

⁹⁶ Como já foi dito, dessa história, uma história não ficcional: Rosa é um codinome, inspirado em Rosa de Luxemburgo, segundo a professora Leonor Scliar, filha de Rosa.

No entanto, quando percebi que minhas escolhas afetavam inocentes, o medo me paralisou. A violência dos policiais, as memórias⁹⁷ dos porões que habitei me fizeram temer por vocês. E isso começou naquela primeira prisão, quando deixei você sozinha para entregar panfletos. Para entregar panfletos... Não esperava ser presa. Na prisão, além da violência física, a violência psicológica. Como esquecer a primeira cicatriz: “tire a roupa”⁹⁸. Essa cicatriz destruiu meu corpo, mas também foi testemunha da minha força, da minha determinação, da minha dor para além do que poderia suportar. Essa primeira prisão foi o divisor de águas. Como disse, pensei que não fosse suportar além daquele primeiro dia. E esse limite, essa linha entre o que achei que suportaria e o que consegui suportar suplantou o conceito de vida, reinventou-me mais uma vez. Minha querida, dizer que foi difícil enfrentar essa perversidade, essa posse de meu corpo, essa exposição e manter-me atenta aos ideais que perseguia é simplificar este processo. Mas, sobreviver era nossa vingança. Resistir era desafio. Viver era afronta, subversão.

Nestes anos de exílio, a dor da ausência quase foi subjugada pela dor física. Superar estes dias só foi possível porque não estava sozinha. Só foi possível porque transformávamos o impossível em luta; transformamos a dor em elo. Essa percepção do mundo que queríamos formou uma rede que estava sempre ali, sempre acessível, até quando invisível.

E essa rede, esse cuidado, transformou-se em afeto. Esse afeto transbordava as possibilidades, era transformador. Era nosso sustento, o

⁹⁷ Apesar da impossibilidade desta ser uma memória de Rosa, mantenho no corpo do texto. A ação da memória na narrativa ou a transformação da memória, individual ou coletiva, em narrativa é um estudo que preciso aprofundar. Entretanto, de modo geral, para escrever sobre este tema, me apoiei em Bergson (1999) e Maurice Halbwachs (1990). Halbwachs ilustra que o gênero de memórias está ligado a nossa necessidade de enunciar nossas vivências. Nesse sentido, é a condição presente que determina nosso interesse pelas narrativas das experiências pessoais. E, enquanto produção de linguagem, esses relatos memorialísticos ultrapassam a historiografia e podem ser vistos como ficção.

⁹⁸ “Algumas experiências são únicas para a mulher. São raros relatos de homens estuprados na prisão. De mulheres, não. E, para os militares, os comunistas eram menos do que nada”.

“Só me interrogavam sem roupa. Achavam que ficaria com vergonha e falaria tudo. Uma vez me colocaram nua, com uma jiboia por cima” (Ângela Milanez-entrevista).

sustento dessas pessoas comuns limitadas pela repressão do Estado. Nós, pessoas comuns, que por dever, por amor ou pela impossibilidade de fazer diferente, lutavam por um mundo mais igual, mais justo. Não havia limite para nossa luta. Nem a morte. Nem a vida.

Nos anos de prisão, de repressão, o meu corpo foi afetado pelo encontro com outros corpos⁹⁹. Meu corpo foi destruído e curado por estes encontros. E não existem garantias desses encontros. Existiam aqueles encontros¹⁰⁰ que nos causavam alegria, prazer e existiam os outros que causam dor e tristeza.

E tanto a dor quanto o prazer me empurravam, me sustentavam. Eram ação. A dor me movia para o confronto. Sem a dor, eu não existiria.

Você sabe que não é fácil ser uma mulher livre: fugir da peste, peste que te determina, peste que te cria, se escreve sobre teu corpo. Você sabe que não é fácil permitir os encontros, aumentar a potência; agir, afetar-se de alegria, multiplicar os afetos que exprimem ou envolvem um máximo de afirmação. Fazer do corpo uma potência que não se reduz ao organismo, fazer do pensamento uma potência que não se reduz a consciência¹⁰¹.

E cada vez que um corpo convém com o nosso, e aumenta nossa potência, a alegria, uma noção comum aos dois corpos era formada¹⁰².

E isso era o aquilo que me afetava. Mas, só eram livres para serem afetados os corpos masculinos. Nós éramos julgadas com severidade.

Mas, desses encontros que geravam, tristeza, que desencadeavam o mal em nossos corpos, dos encontros com esses torturadores talvez restasse a doença, E para doença, existe a cura, o remédio. E o afeto, o carinho e a amizade dos meus irmãos de luta sustentavam, me curavam, eram meu remédio.

Viver é um risco, nós só assumíamos isso com mais ênfase. E apesar dos riscos, essa desproteção é comum a todos, precisamos viver, essa vida é nua¹⁰³. E nossa vida não era só nossa, era de todos, éramos conectados

⁹⁹ E essa vida que não era natureza. Essa vida como campo de imanência variável do desejo. O desejo são os encontros, os efeitos. Efeitos que nada mais são que vestígios de um corpo sobre o outro. (DELEUZE, 1997).

¹⁰⁰ Esses encontros são passagens, devires, ascensões e quedas, variações contínuas de potência que vão de um estado a outro. Das alegrias desses encontros surgiam potências aumentativas. Dos encontros que impactavam na tristeza, servidões diminutivas. (DELEUZE, 1997)

¹⁰¹ Deleuze (1998).

¹⁰² Deleuze (1997)

¹⁰³ Giorgio Agamben retoma a expressão 'Vida para designar a matável e insacriável do *homo sacer*, a vida que foi colocada fora da jurisdição humana.

uns aos outros. Toda importância da nossa vida estava nela mesma, como possibilidade, potencialidade, e multiplicidade, nossa à imanência¹⁰⁴. E se foi nessa vida¹⁰⁵ que se deu minha existência, se a minha vida só existiu nesses encontros, não sei. Não sei se vivo procurando viver aqueles dias novamente, não sei te responder. Não sei se quero encontrar a resposta pra isso, não sei se quero descobrir que só vivi quando em contato com os meus. Mas, se fosse assim, explicaria muita coisa. Se não isso, o *que faz com que nessas guerras absurdas, grotescas, nesses massacres infernais, que as pessoas, apesar de tudo, tenham se sustentado? Sem dúvida o afeto, todos nós precisamos de afeto*¹⁰⁶. Eu sei que foram esses desconhecidos sem nomes que me mantiveram viva, muitas vezes, que me mantiveram viva na luta. Às vezes, desacreditava da causa. A esperança é um sentimento de alta manutenção. E se continuava, apesar do cansaço, era porque eles contavam comigo, precisavam de mim, tanto quanto eu deles. E essas amizades¹⁰⁷, tão importantes para mim, tão fundamentais para a nossa resistência, a nossa luta, não são assim tão naturalmente aceitas, principalmente porque éramos mulheres. E a mulher não está autorizada a ser amiga, não é mesmo? Não foram poucos os questionamentos sobre meus interesses em abrir mão da vida que conhecia pela luta. E isso, infelizmente, não é um privilégio meu; somos invisíveis, só vistas porque somos esposa, companheira ou amante de alguém. Não somos capazes de nos mover por algo que não seja o amor carnal, a paixão. Por política? Não é do nosso instinto, da nossa natureza. Até a amizade, de certa forma, a relevância política da amizade, só era considerada quando entre homens. Alguns dos homens mais inteligentes

O autor usa como exemplo supremo a vida nos campos de concentração (AGAMBEN, 2004).

¹⁰⁴ O conceito de imanência para Deleuze é ideia de que a vida não depende de uma causa externa. Toda importância da vida está contida nela mesma, como possibilidade e potencialidade. e multiplicidade. Nesse sentido, Deleuze afirma que o conceito de “uma vida...” seria a “imanência absoluta”.

¹⁰⁵ Deleuze publicou, dois meses antes de morrer, o texto “A imanência: uma vida...”. Deleuze fala “há um momento em que não é mais o de *uma* vida que brinca com a morte” (DELEUZE, 1997).

¹⁰⁶ Foucault (2006).

¹⁰⁷ Segundo a professora Leonor Scliar, Rosa teve duas grandes amigas: as três pertenciam à ala comunista judaica. Ainda, segundo a professora, essa amizade perdurou e foi muito importante para Rosa.

da história¹⁰⁸ afirmavam que somos incapazes desse sentimento chamado amizade¹⁰⁹. Até a minha amizade por minhas companheiras é um ato político, um ato de resistência, de subversão. Os grandes pensadores diziam que nossa fragilidade nos afastava da nobreza necessária para que uma amizade seja considerada verdadeira, tolos. Os grandes filósofos consideravam-nos *propensas às lamentações, aflitas por natureza e incapazes de sentimentos nobres*¹¹⁰. *Éramos consideradas incapazes de participar das conversas. Faltava a nossa alma o vigor para sustentar o abraço apertado desse sentimento de duração ilimitada que une tão fortemente os homens entre si*¹¹¹. Tinham-nos em alto conceito, não? Admira-me que tenham se sujeitado a nascer das nossas entranhas. Associam a amizade ao gênero e nessa vida de luta, de desistências, resistências, em que me faltava quase tudo, até a amizade era negada. A amizade só era possível entre eles. E nós, mulheres só deveríamos, ou melhor, só éramos capazes de pensar no amor. Minha querida, construíam, sobre os nossos corpos, concepções. *Concepções criadas por eles, que naturalizavam o comportamento que eles vinculavam a nós e a eles. Eles eram capazes da lealdade, da dedicação ao outro. E nós? Nós éramos rivais, dedicadas à família, suprimidas pela vida doméstica.*¹¹² Acho que tua experiência como minha filha poderia dizer umas coisinhas a eles, não?

E essa amizade se negada entre mulheres, era igualmente negada entre homens e mulheres. E a amizade naqueles dias não era teoria, não era discurso. Amizade era necessidade, era alimento, era permanência, era resistência. Era vida. Vida!

Triste é perceber que minha luta pela igualdade, minha luta pela justiça é também uma luta pelo direito a ser gente. Aceitar a amizade entre homens e mulheres, e nesse sentido em que *o amigo é um outro eu*¹¹³ é aceitar-nos como iguais. E todo estranhamento, toda crítica, todo julgamento da mulher que saía pra luta passa por isso¹¹⁴.

Sei que vai ser difícil te afastar da nossa história e proporcionar ao teu algoz um julgamento justo - não falo isso por subestimar a tua

¹⁰⁸ Aqui, acredita-se que a ocorrência da palavra “homem” não seja acaso. História do homem na ausência da voz feminina. Como seria a história da humanidade se fosse escrita com a participação da mulher?

¹⁰⁹ Platão, Aristóteles, Montaigne, Kant, Hegel.

¹¹⁰ Aristóteles (1991).

¹¹¹ No século XV. Montaigne (1996).

¹¹² Ionta (2004).

¹¹³ Aristóteles.

¹¹⁴ Ionta (2004).

capacidade, mas porque eu mesma não consigo ver com objetividade a minha relação com meus pais, não é tarefa simples. Mas, se você conseguir isso, te afastar de nós, perceberás que a sociedade é senhora e dona da minha pena. Sempre é causa de um julgamento mais severo a mulher que recusa o espaço doméstico em prol da luta. Tal é como vivemos, ainda hoje, anos depois daqueles dias infelizes, somos vítimas dessa concepção: homem, usufrua do espaço público; mulher teu espaço é tua casa, a vida doméstica é tua essência. Aceitar-nos como incapazes da amizade é uma forma de manter a ordem das coisas, manter esse mecanismo de controle¹¹⁵.

E deves estar te perguntando por que te falo de amizade, quando deveria falar de nós, de tratar nossas feridas, não é mesmo? Te falo de amizade, porque compreender esse sentimento tão nobre é compreender um pouco de mim. *A amizade nada mais é do que uma das formas em que se dá ao cuidado de si*¹¹⁶.

Eu era mais eu, quando estava junto deles. Por muito que as coisas do mundo nos afetem, por muito profundamente que nos abalem, só se tornam humanas para nós quando podemos discuti-las com nossos semelhantes¹¹⁷. E o meu mundo sem fronteiras, o meu mundo de exílios não era espaço, não era geografia. Meu mundo eram as pessoas. Eu não aceitava vir ao mundo apenas, eu precisava cuidar do mundo, cuidar das pessoas, não por laços sanguíneos ou por laços contratuais, mas por amizade. Não podia fingir que outras rosas não precisavam ser cultivadas, que outras meninas não precisavam ser salvas. Quando aceitei esse compromisso com o mundo, questionei valores, convenções, o lugar que ocupava e o lugar que queria ocupar. Um preço pequeno para alguém que só queria mudar o mundo, não?

E segui vivendo com essa intensidade, onde a vida se subordinava à política, onde tentava conciliar a minha política com a minha consciência; racionalmente alerta, emocionalmente esgotada. E esse diálogo comigo mesma se estendia aos meus pares; *esta conversação, essa conversa que não é aquela que falamos com nós mesmo, e sim aquela que dá prazer por ver que o que falamos ecoa na voz do outro, sabe o prazer de se olhar, de se perceber no olhar do outro? A presença dessa amizade era o meu mundo, meu mundo comum*¹¹⁸.

¹¹⁵ Ionta (2004).

¹¹⁶ Derrida (2003).

¹¹⁷ Arendt (1991).

¹¹⁸ Arendt (1991).

E foram essas trocas, esse compromisso, essa vida, essa política que escolhi seguir. Fui deportada do Brasil para o Uruguai; segui em exílio. Mas meu verdadeiro exílio foi esse, de vocês. Porque sempre e nunca vivi exilada. Já não tinha terra que fosse minha, pátria para defender, tampouco sentia falta disso. Eu lutava pelo mundo, por vocês e por mim mesma. Eu lutava pelo socialismo, não por fronteiras. E nas andanças que me permiti, nas novas terras que desbravei ou que me desbravaram, questionava-me, principalmente quando a saudade batia e a culpa me corroía, *que possibilidades de vida ou que processos subjetivos estava criando para ser capaz de lidar, de lidar, comigo? Eu queria constituir uma “rosa” para além do saber e do poder? Será que era capaz disso, já que de certa maneira é a vida e a morte que estavam em jogo?*¹¹⁹ E com a minha vida e a de vocês em jogo, submersa de política, repressão e opressão, não era capaz de estar ciente de quem eu era além do saber e do poder. Estava ciente de que o mundo valia a pena ser cuidado, defendido, preservado. Aceitei o compromisso com o mundo, mas isso não significou que me sentia bem nele ou com essa escolha. Era inquieta. O mundo me inquietava, me empreendia em combates, meus moinhos de vento eram reais. Um combate, uma dobra e eu me roubava. E nesses dias intensos, fazer escolhas, escolher que caminho seguir, minha menina, não era só um dilema moral, foi a coisa mais difícil de fazer. Fugi sozinha porque não queria submetê-las a uma vida como a que eu tive. Vocês tinham a chance de ter a estabilidade para crescer sabendo bem onde estão suas raízes, crescer sem marcas profundas, sem o medo de amar, sem o medo de não ser suficiente. Vocês foram a minha escolha, ainda que me perder significasse ganhar. Apesar do sofrimento e da mágoa que eu causei, sou fiel a quem sou. Vai por mim, querida, é melhor não ter mãe, do que ter meia-mãe.

Fiz o que pude e o que precisei e embora insista em dizer-te que não te peço perdão, sei que o faço, em cada linha que escrevo.

Você disse que escolhi a política, eu escolhi a vida, filha.

Lutei tanto pela vida, submeti a vida à política. Engraçado, não?

Mas talvez para mim “amor à vida” não seja nesse sentido comum, até porque eu disse sim à morte, muitas vezes. Todos dizemos, não? Viver se trata disso, afinal é *eterno [o] gemido de corpo, que sempre encontra um corpo afiado que o corta, um corpo gordo demais que o penetra e sufoca, um corpo indigesto que o envenena, um móvel que o machuca, um micróbio que lhe faz uma brotoeja; mas também o histrionismo*

¹¹⁹ Deleuze (2006)

*daqueles que minam um acontecimento puro e o transformam em fantasia, e que cantam a angústia, a finitude e a castração*¹²⁰.

E de onde vem a força que nos sustenta? De onde vem a energia que não cessava? Naqueles dias de luta e ainda hoje, vinham dos amigos, dessas pessoas de quem muitas vezes desconhecíamos o verdadeiro nome; dos amigos, dos irmãos de luta. E quando chego ao Uruguai e quando nós chegamos lá, esses me apoiaram além do subjetivo. Apoio de quem entende as dores, de quem cuida; pequenos cuidados. A coragem de correr da morte e ao mesmo tempo correr para vida.

Minha vida, minha menina, gritava para a morte. E a morte? *A morte para mim não era mais esse demasiado-visível que nos faz desfalecer, ela é essa força invisível que a vida detecta, desentoca e faz ver, ao gritar. É do ponto de vista da vida que a morte é julgada*¹²¹.

Vivi a morte em vida, vivo a morte e vivo por contar-te essa história.

Te insulto ao escrever-te?

Te insulto a justificar meu egoísmo como sendo abnegação? Desprendimento? Ideologia?

Minha menina, que entendas minha intenção, ainda que não entendas minhas escolhas.

Que perdoes as minhas falhas, ainda que não as aceite.

E eu que não queria teu perdão, declaro mais e mais essa intenção. Talvez seja porque palavras são escutadas na mente... O medo que não tive- e não tenho - da morte me congela quando penso que triste é a mãe que não se sente digna de pedir perdão a um filho.

Só não penses que estas páginas são produto do arrependimento senil. Não são. São talvez o resultado de anos e anos de culpa e sei que também o sentes, não? Aquilo que eu escolho e faço fará até a diferença entre morte e vida, entre fracasso e sucesso.

¹²⁰ É preciso conseguir "erigir entre os homens e as obras seu ser de antes da amargura". Entre os gritos da dor física e os cantos do sofrimento metafísico, como traçar seu estreito caminho estóico, que consiste em ser digno do que acontece, em extrair alguma coisa alegre e apaixonante no que acontece, um clarão, um encontro, um acontecimento, uma velocidade, um devir? "A meu gosto pela morte, que era fracasso da vontade, substituirei uma vontade de morrer que seja a apoteose da vontade." À minha vontade abjeta de ser amado, substituirei uma potência de amar: não uma vontade absurda de amar qualquer um, qualquer coisa, não se identificar com o universo, mas extrair o puro acontecimento que me une àqueles que amo, e que não me esperam mais do que eu a eles, já que só o acontecimento nos espera, *Eventum tantum*. (DELEUZE, 1998).

¹²¹ Deleuze (2007).

O fato de que posso fazer uma diferença significa que é minha responsabilidade fazê-la, não é isso que nos ensinam? E isso sempre significará que eu tenho o poder de realizar. E agora tu tens também este poder.

Sim, eu fiz isso. Entreguei a responsabilidade para ti.

Não é minha última carta, mas talvez seja a mais longa.

Com amor,

R.

3.2 No Pasarán!

*...Porque amanhã não haverá mais
nenhum resto de esperança
não haverá mais um outro amanhecer,
pois certamente muito antes
de surgir um novo dia
um sol, guerreiro, há de raiar
à meia-noite, para despertar o teu sono,
Como uma nova alvorada.*

Conceição Evaristo

Querida!¹²²

Olhe só essa carta que encontrei! Recente, inclusive o papel tem outra cor de passado.

Acho que vocês conseguiram, não?

Tanto tempo trocando cartas com você e eu nunca imaginei!

Abraço!

R.

Florianópolis, 09 de junho de 2012.

¹²² Carta FP – Manuscrito em português. Destinatário: Filha de Rosa.
Remetente: R.. Sem catalogação.

Rosa¹²³,

Minha Rosa, que viveu e morreu comunista.
Que foi perseguida. Que foi deportada– lá nos idos de 1930 – que refugiou-se no Uruguai. Minha Rosa que deixou no Brasil as filhas pequenas e o marido. E se foi.

Cruzou a fronteira, foi encontrar-se com um camarada, em busca de um lugar seguro, de abrigo; e encontrou o amor. Foi cruzar a fronteira e cruzou olhares; apaixonou-se.

Isaac foi atrás, implorou e pediu. Nada.

Rosa lá ficou, pelas bandas uruguaias. Passou os verões em Punta del Este.

Bernardino, garçom qualificado; avô emprestado nos verões; fazia pêssegos flambados. Pêssegos que ainda são lembranças daquelas netas emprestadas, lembranças cheias de *admiração – o prato flamejante, o fogo vivo de quem ainda pregava o comunismo.*

Pequena casa. Pequena Rosa. Grande mulher. Rosa que em lembranças mais recentes já estava encurvada, a fala arrastada ainda estava forte e marcante. Na ausência, deixou o engajamento político de herança para as filhas. A neta exibia, quando criança, na lapela, um pin com a foice e o martelo¹²⁴.

Orgulhosa, minha Rosa festejava – Esta é das minhas!

E se te lembravam que a *União Soviética não existia mais, que o comunismo desapareceu. Apontavas para a foto de Lenin, sorrias confiante e dizias: O comunismo pode acabar, o ideal jamais!*

Morreste, ainda acreditando seu sonho, ainda acreditando na igualdade dos homens e em um mundo melhor. E nesse mundo, os exércitos serão de todas as cores, *não existiram* cavalos pisoteados, gargantas cortadas ou sangue correndo. E, nesse dia, você cantará a Internacional e clamará: - *No pasarán!*

Na sua luta, encontrei inspiração.

Rosa, judia sem nome.

Teu nome me marcou.

Sua filha.¹²⁵

¹²³ Carta FL – Manuscrito em português. Destinatário: Rosa. Remetente: R.. Sem catalogação.

¹²⁴ Segundo a professora Leonor Scliar, um presente do pai da menina, Plínio Cabral.

¹²⁵ Carta escrita baseada no texto de Ethel Scliar Cabral, publicado no Clube do livro em 19 de março de 2009. Vide Anexo.

3.3 Por trás da ficção

*Não quero ter a terrível limitação de quem
vive apenas do que é passível de fazer
sentido.
Eu não: quero uma verdade inventada.*

Clarice Lispector

Florianópolis, 30 de junho de 2013.

Cara¹²⁶,

Não recebi mais notícias suas. Espero que esteja tudo bem por aí. Escrevo para informá-la que acabei de selecionar o *corpus* que irá compor meu trabalho. Faço uma pausa para tomar fôlego e aproveito para agradecer novamente. Mas, também lhe escrevo para lhe contar por que escolhi escrever sobre a sua mãe. Eu sei: já havia lhe contado uma versão, mas não era necessariamente a mais verdadeira. Você tem mais participação na minha escolha do que pode imaginar.

Estava pesquisando sobre o Acervo, para um trabalho de uma disciplina e encontrei uma entrevista do seu tio. Ele falava da família, fiquei impressionada com tanta luta, tanta dedicação à causa política e tanto talento. Isso despertou minha curiosidade e segui pesquisando. Encontrei uma entrevista sua; uma que você concedeu a uma revista do Paraná. Nesta entrevista você dizia “[...] Eu diria que ela não tinha instinto maternal”¹²⁷, quando estava falando de sua mãe. Fiquei pensando sobre essa declaração por dias. Sei que parece bobagem, mas estudei teoria feminista e uma frase como essa tem tantas implicações, tanto peso. Por mais contraditório que possa parecer ainda hoje, ser “acusada” de não ter instinto maternal para mim era transgressor, libertador; eu quis conhecer essa mulher. Sua mãe fez o que nós não conseguimos fazer ainda hoje, arrebitou a gaiola dourada que é a maternidade. Ela fez isso quase 20 anos antes de Simone de Beauvoir publicar o segundo sexo.

Como disse na minha carta anterior, sua mãe conseguiu ser mais livre do que eu jamais conseguirei à luz de toda militância feminista e de toda teoria formalizada.

Pesquisando sobre as mulheres daquele período, encontrei histórias inacreditáveis, Eneida de Moraes¹²⁸, Carmen de Alfaya¹²⁹, Nise da Silveira¹³⁰, Noemia Mourão, Adalgisa Cavalcanti¹³¹ e Pagu¹³², para citar

¹²⁶ Carta FQ – Manuscrito em português. Destinatário: Filha de Rosa. Remetente: R.. Sem catalogação.

¹²⁷ Ver Scliar-Cabral (2012).

¹²⁸ Ela esteve presa em Ilha Grande, escritora paraense, autora de *Aruanda* e de *Cão da Madrugada*.

¹²⁹ Argentina, casada com Rodolfo Ghioldi, após a Intentona Comunista foi presa e, durante a II Guerra Mundial, deportada para a Argentina.

¹³⁰ Foi a única mulher, na Faculdade de Medicina da Bahia, que se graduou em 1926, dentre 156 alunos. Quando o pai morreu, mudou-se sozinha para o Rio de

algumas apenas¹³³. Aracy Guimarães Rosa também tem um lugar aquecido no meu altar. Ainda hoje vivemos sobre a obrigação de sermos boas mães, convivemos com a luta íntima e diária de ser pessoa, ser político, ser social e a maternidade. Perceber que no início de 1930¹³⁴ aquela mulher escolheu a ela mesma, antes de qualquer outra pessoa, é libertador.

Janeiro. Era apenas simpatizante do comunismo. Ficou presa por um ano e 4 meses. Lá conheceu Olga Benário, Graciliano Ramos e outros participantes do movimento comunista, que se tornaram amigos seus.

¹³¹ Ao todo, Adalgisa Cavalcanti esteve presa durante vinte períodos.

¹³² Patrícia Rehder Galvão – Pagu, a primeira repórter latino-americana a presenciar a coroação do Imperador de Manchúria (China). Em 34, após sua ida à Rússia, Pagu começou a ficar decepcionada com o comunismo e constatou que os ideais não batiam com a realidade daquele país. Sua análise de Moscou foi: "Gente pobre nas ruas e luxo para os burocratas". Pagu, uma vez mais, foi trancafiada atrás das grades. Desta vez, por um período de cinco anos. No seu regresso (foi presa anteriormente por motivos políticos) ao cárcere brasileiro, Pagu sofre bárbaras torturas. Em 1940, ao sair da cadeia, rompeu definitivamente com o PCB. (PALAVRA OPERÁRIA, [s.d])

¹³³ Citei apenas aquelas que foram presas durante a Ditadura de Vargas.

¹³⁴ Só para exemplificar a construção social da mulher, trago dois recortes da revista *Fon-Fon*. A revista “evidenciava-se como porta-voz do discurso ideológico daquele Estado totalitário: a estratégia da retirada da mulher do espaço público, restringindo-a ao espaço privado do lar. [...] A missão feminina na vida é importantíssima; a mulher é auxiliar do homem, além de ser sua companheira, e seu papel, na vida, é glorioso... A mulher tem a seu cargo criar e repartir a felicidade. Fazendo felizes seus filhos e seu marido... Os deveres a ella impostos, pela grandiosidade mesma da sua missão na vida, devem ser aceitos sem revolta e realizar-se com alegria. (*Fon-fon*, 21/12/1940, p.16) [...] Esse sentimento do dever a cumprir corresponde a uma lei superior e imperiosa que deve sempre afirmar-se na alma feminina e pela qual, e para a qual, a mulher deve a força e a coragem necessárias para saber rejeitar e repellar toda influencia social e externa que possa enfraquecê-la e, assim, perturbar sua consciencia do dever. Quatro palavras: só pensar nos outros... quer dizer – realizar o problema espiritual do que constitue a vida e a ventura de cada um dos seres queridos. Quando uma mãe não cumpre esses deveres não merece o nome de mãe. Quando uma mulher, que tem um filho, innocente e pequenino a estender-lhe os bracinhos, chamando-lhe: “Mamãe”,- deixa essa criança para procurar alegria ou ventura fora do lar, ella commete o maior dos crimes, a maior das faltas e com isso apenas consegue encher sua alma de decepções bem cruéis e profundas amarguras. (*Fon-Fon*, 21/12/40, p.16)”. (Revista *Fon-Fon*, 2007).

Rosa e Aracy poderiam ensinar algumas lições sobre ser feminista e, acima de tudo, ser livre. Lendo sobre Aracy encontrei a Margarethe. A história de amizade dessas duas mulheres é roteiro cinematográfico; mas, além disso, me fez lembrar daquela última carta que te enviei, escrita por tua mãe. Aracy era fluente em vários idiomas e quando se desquitou, em 1930, pegou o filho de cinco anos pela mão e foi trabalhar na Alemanha, aos 26 anos. Era funcionária do consulado brasileiro e salvou inúmeros judeus do nazismo, o “Anjo de Hamburgo” desafiou o chefe, o cônsul, e deu vistos para o Brasil aos judeus, antes que estes fossem presos e enviados aos campos de concentração. Tem seu nome escrito no Museu do Holocausto, como “justa entre as nações”, a mesma honraria com que foi reconhecido Oskar Schindler. Essa mulher deu a vida a milhares de pessoas.

Margarethe e Aracy se tornaram amigas naqueles tempos nebulosos, se conheceram no consulado brasileiro, em 1938, em Hamburgo. Margarethe foi uma das judias salvas por Aracy. Duas mulheres belíssimas e muito à frente do seu tempo. Em comum tinham a beleza e o fato de não seguirem a cartilha feminina daquele tempo. Não nasceram mulheres e se tornaram quem quiseram. Viveram uma história de amizade por mais de 70 anos. Viveram intensamente, tiveram paixões e amores¹³⁵; eram ambas indomáveis, desafiaram preconceitos e até Hitler. Morreram aos 102 anos, quase ao mesmo tempo¹³⁶. Conhecendo um pouco a biografia destas duas mulheres extraordinárias, que não se renderam nem aos costumes nem mesmo a Adolf Hitler, perco tempo pensando na vida que levaram. Aracy seguiu Margarethe, se foi; morreu, da mesma forma que viveram, na hora que quiseram. Quase tempo suficiente; uma amizade de vida e de morte. Não é incrível?

Sei que por trás dessas histórias existem os dramas, as mágoas. A própria Aracy teve que lidar com as consequências da sua coragem, passou 30 anos do lado do escritor Guimarães Rosa, mas as filhas do primeiro casamento, magoadas com a paixão do pai por ela, guardam rancor que o tempo não resolveu. Também sei que essas questões de

¹³⁵ Guimarães Rosa escreveu Antes e depois, beijar, longamente, a tua boquinha. Essa tua boca sensual e perversamente bonita, expressiva, quente, sabida, sabidíssima, suavíssima, ousada, ávida, requintada, ‘rafinierte’, gulosa, pecadora, especialista, perfumada, gostosa, tão gostosa como você toda inteira, meu anjo de Aracy bonita, muito minha, dona do meu coração. (Revista Época, 2008).

¹³⁶ Brum (2011)

ordem pessoal não são facilmente resolvidas, não estou defendendo, embora esteja, nem justificando; só enalteço essa postura de mulher que não pede desculpas por ser mulher e age conforme o direito que lhe cabe de viver.

Estou nessa fase final de recorte do *corpus*, mas espero poder continuar dividindo essa coleção de lembranças, essas incríveis histórias que estou recolhendo: vejo Rosa em cada uma delas. Falando nisso, encontrei, pelo menos, três mulheres que viveram e lutaram contra a ditadura varguista e são conhecidas como Rosa, em homenagem à Rosa de Luxemburgo!

Ah! Já ia esquecendo, conheci sua filha, incrível, não?! Ela é coordenadora de um projeto de que estou participando. Mundo pequeno! Enfim, querida, gostaria de te dizer que essas personagens, sua mãe, inclusive, são quem conduziram a minha pesquisa. Fui vivendo a vida deles e não sabia o que aconteceria. Às vezes, surgiu uma personagem por necessidade técnica, mas ela também cresceu e seguiu. A História decorre dessas personagens, é um enredo vivido, enquanto inventado e vice-versa.

Não tenho a invenção da história. É difícil. Preciso que as personagens fiquem de pé e andem, para que a história/História também ande¹³⁷. Enfim, nada mais ficcional que a própria vida, não? E se Jorge Amado é o barco que conduz a história, você foi, sem dúvida, o farol, o laço e o nó da narrativa, até agora.

Por tudo e por isso também, muito obrigada!

Abraços,

R.

¹³⁷ Jorge Amado (2012 – entrevista)

Florianópolis, 02 de outubro de 2013.

Querida, tudo bem?

Espero que estejas melhor e que consigas vir pra Florianópolis em breve.

Te escrevo porque finalmente escolhi o *corpus* do meu trabalho. Como você sabe o Acervo é masculino, poucas são as mulheres que habitam a Mala. Assim, precisei escolher cartas escritas por homens. Mas, estas cartas, apesar das circunstâncias em que foram escritas, são repletas de manifestações de carinho e bem-querer. Obviamente, não estou afirmando que por ter sido escritas por homens não pudessem ter tais sentimentos, mas me sinto feliz em perceber a sensibilidade de homens que conviveram com tantas adversidades.

Eu analisei cartas de dois comunistas (já te disse isso não?): Juan e Joaquim. Desde o início cismei que estes dois eram a mesma pessoa. Não só porque o “J” da assinatura era muito parecido, mas por outras circunstâncias. Por exemplo: vasculhando a rede, encontrei um Joaquim Picón, um documento do DOPS. O cidadão era ligado aos movimentos que lutaram contra a ditadura militar. Pouca informação consta, mas aparentemente morou em SP. Uma das cartas de Juan é assinada como Juan Picón. Penso que Juan era o codinome que Joaquim usava. Essa suposição ficou ainda mais forte ao ler as cartas do Acervo. Isto porque algumas cartas de Juan faziam referência ao conteúdo da carta de Joaquim. Em alguns casos, o argumento era o mesmo; veja:

Na carta a Baby, Joaquim¹³⁸ faz a seguinte reclamação sobre a casa onde vive:

“Não sei se sabes que minha instalação é má. Agora mesmo quero escrever-te com calma é quase impossível. O amigo que é dono da casa que vivo está em casa durante o tempo que estou “atamancado” esta ele fala continuamente comigo. Que martírio!”

Juan¹³⁹, quando escreve a Munhoz, faz reclamação semelhante:

“A minha instalação é má. Estou numa casa pequena numa família operária. Marido, mulher e filho. Como¹⁴⁰ há trabalho o companheiro fica muito em casa.”

¹³⁸ Carta 497.

¹³⁹ Carta 514.

¹⁴⁰ Inserido manual o “não”.

Além disso, tanto Juan quanto Joaquim fazem insinuações de que precisam constituir o próprio lar.

Eu também sei que estas cartas circulavam, eram quase uma forma de rede social e não eram exclusivas dos respectivos destinatário e remetente. Talvez por isso não se possa fechar os olhos para outros caminhos. No entanto, a reclamação sobre a residência onde Joaquim e Juan moravam me deixa mais confiante em fazer tal suposição.

Mas, voltando ao assunto da amizade entre eles, em alguns momentos as cartas eram permeadas por carinho e manifestação de apreço e cuidado. Veja esses trechos da carta escrita por Joaquim:

“Prepare-te meu anjo¹⁴¹”

“A ti e família um milhão de felicidades e que em breve possamos festejá-los todos como uma só família em torno de uma só mesa...¹⁴²”

Eles desejam ao outro, cuidavam um do outro. Mesmo quando as cartas tinham uma função específica, um objetivo, a amizade, o cuidado e o afeto eram também mensagens.

Em alguns momentos ficava claro que os missivas não se viam como espelho um do outro, como iguais, tal como a prerrogativa ciceriana de amizade. Veja só o que diz Baby a Joaquim:

“Não pretendo esconder que divergimos em muitas coisas, e lamento profundamente não haver discutido¹⁴³”

Mas, adiante, no entanto, Baby (te disse que eu acho que descobri a identidade de Baby? Me parece que era Baby Bocayuva Cunha.) ressalta o apreço pelo amigo, mesmo que tenham divergências.

“E apesar das minhas arrelias com você, receba um abraço¹⁴⁴ bem apertado, com todo afeto de irmão e amigo, e um pensamento carinho para sua mãezinha, do Baby¹⁴⁵”.

Nas notas de rodapé das cartas, eu aponto as minhas suposições sobre a identidade dos comunistas que estavam exilados no Prata. Claro que são suposições. Mas são suposições baseadas em extensa pesquisa na rede, diversos documentos, biografias e dissertações sobre o assunto. Além disso, a própria biografia do Prestes foi quem mais ajudou nesta pesquisa. A edição de 2012 tem várias notas de rodapé que são um verdadeiro tesouro!

¹⁴¹ Carta 503

¹⁴² Carta 497

¹⁴³ Carta 1029

¹⁴⁴ Rasura.

¹⁴⁵ Carta1029.

Talvez com mais pesquisa do Acervo seja possível encontrar outras inferências que confirmem ou refutem essa hipótese.

Eu te mando as cartas para que, se puderes, analise e me diga se possui alguma informação para me ajudar. Sei que tens amplo conhecimento sobre tudo que eles falam.

Eu transcrevi as cartas, a princípio mantive o tom original, mas na medida em que avancei na dissertação, reescrevi, fazendo os ajustes para atualizar a linguagem. Esses ajustes foram pontuais e não alteram a escrita original.

Você vai ver inúmeras notas de rodapé que indicam onde tinha rasuras. Estas rasuras são desde marcas do original, por exemplo, uma palavra datilografada e ajustada manualmente, até marcas que indicam uma correção do autor das cartas. Decidi deixar estas marcas porque elas podem de alguma forma mudar a leitura que se faz dessas cartas. São pontuais e apenas indicação.

Antes de finalizar esta carta, deixa te contar a última: meu computador quebrou e eu perdi as últimas versões do texto! Ainda bem que faço muitas anotações manuais e consegui recuperar praticamente tudo! Eu sei deveria ter umas duas cópias, mas quem disse que sigo isso?

Enfim, Me despeço por ora!

R.

3.4 Cartas para comunistas

*As sementes de todos os frutos
cairão sobre os nossos pés
E germinaremos juntos
Embora tu não possas mais
tocar as flores deste jardim, eu sei
Mas o teu solo é livre.*

Conceição Evaristo

Montevideo, 2/12/41

Caro Joaquim: A minha resposta á sua carta, já prometida através do P. ha varios dias, só hoje é que segue. Tenho andado muito atarefado aqui por causa do meu emprego em "~~La~~ Razón". Deram-me sete notas para fazer sobre coisas típicas do Brasil e depois mais duas, uma local e outra sobre as bases americanas no Brasil (apoio a Roosevelt). Meio destreñado e sem documentação, cortei o doze para escrever tudo num prazo relativamente curto.

Muito obrigado pelos seus elogios a respeito dos artigos "trabalhistas". Também tomei nota de suas observações sobre minhas frequentes "afortezas". Mas no caso do artigo mandadô suspender não foi tanto assim. Não mandei suspender propriamente...

Com referencia á rede jornalística aqui, tenho já contacto mais frequente com o "D.P.". Escrevi um artigo para o nº de 7 de Nov. assinado (Influencia da resistencia sovietica na moral do povo brasileiro). Outro, idem, para 15 de novembro (A Republica foi feita pelo povo e voltará a ser do povo). A 27 de nov. fizemos meia pagina comemorativa. Retrato Prestes, artigo meu sobre a data e notas evocativas de T. e Sá, tudo assinado e com retratos dos autores, menos o de T. por culpa da paginação do jornal. Aqui ha o inconveniente do artigo 9º da lei de imprensa, que proíbe alusões a chefes de Estado. A embaixada do Brasil não dá uma folga, e o "D.P." se resguarda.

"La Razón" será um grande jornal, integrado na corrente democrática e conservadora. Creio que o mais importante daqui. Terei colaboração assinada frequente nos suplementos, mas não politica. Geralmente sobre folhete, favoravel ao povo. Mandarei via P. o que sair, a partir de 17.

O jornal está fazendo ensaios geraes para a saída a 17. Além disso arranjei outro trabalho menor num "Boletim Internacional Agro-Pecuário", onde dou expediente 2 horas pela manhã e ~~xx~~ 2 á tarde. Na proxima, por causa ~~xxxx~~ do jornal, só poderei ir á tarde, até as 7. Tenho que fazer toda essa força para endireitar a vida, que ádava muito ruizinha...

Por essas ocupações, nestas duas semanas que são as de "largada", creio que minha colaboração no folhete não pôde ser muito eficiente. Falei com T., mas ele não tem dados concretos. Eu também não. Mas farei força para dar o que puder. É melhor ir tocando para a frente sem contar muito comigo este mez.

Acho que regularizando a vida minha atividade geral será mais eficiente que antes.

Um grande abraço do amigo

*Arrendado jornal 60 e
boletim 15 (A. Campesino)*

1093

¹⁴⁶ Carta 1093 - Arquivo NuLIME. Manuscrito em português. Destinatário: Joaquim. Remetente: Sem identificação. A catalogação segue a ordem apresentada por Thalita Coelho em seu TCC, defendido em 2013.

Montevideo, 2/12/41

Caro Joaquim¹⁴⁷: A minha resposta a sua carta, já prometida através do P¹⁴⁸, há vários dias só hoje é que segue. Tenho andado muito atarefado aqui por causa do meu emprego em “La¹⁴⁹ Razón¹⁵⁰”. Deram-me 7 notas para fazer coisas típicas do Brasil e depois mais duas, uma local e outra sobre as bases americanas do Brasil (apoio a Roosevelt). Meio destreinado e sem documentação cortei o doze para escrever tudo num prazo relativamente curto.

Muito obrigado pelos seus elogios a respeito dos artigos “trabalhistas”. Também tomei nota de suas observações sobre minhas frequentes “afoitezas”. Mas no caso do artigo mandado suspender não foi tanto assim. Não mandei suspender propriamente...

Com referência à rede jornalística aqui, tenho já contato mais frequente com o “D. P¹⁵¹.” escrevi um artigo para o n.º 7 de nov. assinado (influência da resistência soviética na moral do povo brasileiro). Outro,

¹⁴⁷ Uma hipótese é que Juan e Joaquim sejam a mesma pessoa. Juan escreveu para D. Leocádia, mãe de Luiz Carlos Prestes. No remetente constava Juan Picòn. De Juan Picòn nada achei, mas de Joaquim Picòn, encontrei uma ficha da DEOPS e uma reportagem do periódico “La Publicitat”, jornal em Catalão, publicado em Barcelona a partir do 01 de outubro de 1922 a 23 de janeiro de 1939. A Ficha do DEOPS foi criada em 25-12-1944, portanto próximo ao ano em que as cartas foram trocadas. Já a reportagem fala da prisão do sindicalista Joaquim Blanco Martinez que usava como codinome Joaquim Picòn. Na ocasião, Joaquim foi acusado de ataques contra as forças armadas. Uma análise linguística breve e superficial, parece-me que as cartas destes dois comunistas mantêm a mesma estrutura linguística, algumas semelhanças na separação silábica, o vocabulário simples e a inexistência de palavras específicas ou o uso de palavras pouco utilizáveis, em PB, levanta a possibilidade que talvez Juan não seja nativo do português ou do espanhol, embora seja um falante bastante proficiente. Além disso, na carta 510, Juan faz referências a ter recebido notícias delas da parte de J.A., que estamos tratando como Jorge Amado. A carta de 1094 e 1095 são de Jorge Amado para Joaquim. Não é possível fazer uma afirmação contundente sobre a questão, uma vez que as cartas circulavam entre os comunistas.

¹⁴⁸ Talvez Pedro Pomar ou Pedro Mota Lima. Acredito, no entanto, que o P. seria Pedro Mota Lima, ora também chamado de secretário.

¹⁴⁹ Rasura.

¹⁵⁰ *La Razón*. Foi fundada em 1878.

¹⁵¹ Em algumas andanças, supus que D.P. fosse o Diário Popular, jornal mais antigo do Rio Grande do Sul. No entanto a referência a seguir, quando diz que a embaixada brasileira “não dá uma folga” remete a um periódico estrangeiro.

idem, para 15 de novembro (A República foi feita pelo povo e voltará a ser do povo). A 27 de nov.¹⁵² fizemos meia página comemorativa. Retrato Prestes, artigo meu sobre a data e notas evocativas de T. e Sá¹⁵³, tudo assinado e com retratos dos autores, menos o do T. por culpa da paginação do jornal. Aqui há o inconveniente do artigo 9º da lei de imprensa, que proíbe alusões a chefes de Estado. A embaixada do Brasil não dá uma folga, e o “D. P” se resguarda.

“La Razón” será um grande jornal, integrado na corrente democrática conservadora. Creio que o mais importante daqui. Terei colaboração assinada frequentemente nos suplementos, mas não política. Geralmente sobre folclore, favorável ao povo. Mandarei via P. o que sair, a partir de 17.

O jornal está fazendo ensaios gerais para a saída a 17. Além disso, arranjei outro trabalho menor num “Boletim Internacional Agropecuário”, onde dou expediente 2 horas pela manhã e¹⁵⁴ 2 à tarde. Na próxima, por causa¹⁵⁵ do jornal, só poderei ir à tarde, até as 7. Tenho que fazer toda essa força para endireitar a vida, que andava muito ruinzinha...

Por essas ocupações, nestas duas semanas que são as de “largada”, creio que minha colaboração no folheto não pode ser muito eficiente. Falei com T., mas ele não tem dados concretos. Eu também não. Mas farei forças para dar o que puder. É melhor ir tocando para frente sem contar muito comigo este mês.

Acho que regularizando a vida minha atividade geral será mais eficiente que antes. Um grande abraço do amigo

Assinatura¹⁵⁶

¹⁵² Possível referência ao 27 de novembro de 1935, conhecido como o dia do levante comunista.

¹⁵³ Talvez uma referência a José Correia de Sá

¹⁵⁴ Rasura.

¹⁵⁵ Rasura.

¹⁵⁶ Um texto manuscrito segue no rodapé da página. Infelizmente, não consegui entendê-lo para transcrever. Tarefa postergada para a continuidade da pesquisa.

Buenos Aires, 8 de dezembro de 1937.

Velho Joaquim amado. Chamado com você porque você não dá ideia de escrever umas linhas a meus confrades escritores, nem mesmo para dar lembranças, quero lhe mandar dizer que sua vitória é completa porque o ritmo de trabalho não diminuiu. Apesar de não termos aqui a sua experiência vamos navegando, fazendo alguma coisa, pretendendo fazer ainda mais. Pedi ao Pedro que lhe mandasse meu artigo sobre o Coelho de Souza. Escrevi a ele mandando o artigo, pedindo a conferência completa, etc. Creio que ele gostará. Você que achou? Viu a carta na "La Hora" e a notícia de ontem, domingo, sobre os vivos dos estudantes de Fortaleza a esse seu amigo? Essa notícia veio numa carta do Rio de uma pessoa daquela revista. Prova que os chingamentos de ladrão de rádio não pegaram, não valeram mesmo nada, o que ainda mais me animou na minha intenção de continuar a ser cada vez mais útil ao meu povo.

Agora, velho, o motivo central dessa carta: estou trabalhando o mais que posso na biografia. Você sabe que a vaidade não é mesmo uma das minhas qualidades e por isso acreditará que se lhe dizer que ela está me agradando ~~o~~ estou dando a minha opinião e a do engenheiro e do Pedro sobre. Creio que vai ser um livro bom e útil. Penso então em que seria talvez útil fazer aqui uma edição de 500 exemplares, em papel de jornal, do original, para a terra e manda-la, de modo que chegasse, para lá. Poderia ser útil para animar a gente, mostrar o heroísmo da família do biografado, enfim uma multidão de coisas. Sobre isso queria muito saber sua opinião, sobre a coisa em geral e sobre os detalhes. Gostaria que você dedicasse uma parte desse tempo que você sabe espichar como ninguém a pensar nesse assunto e me mandasse dizer algo, fazamos ou não, aqui ou lá, como a edição, tiregem, como mandar. É uma pena que você não possa ler o livro antes dele ser publicado. Sem dúvida me iria ser muito útil a sua leitura anterior, mas nem tudo é como a gente quer.

Você viu o artigo do Redo sobre o ABC? Está a confissão que fiquei valioso. Não adianta mentir. A verdade é que fiquei meio basta quando li o bicho. E o meu poema sobre F. de Moronha? Como você vê estou invadindo seu domínio poético. Não é só você quem faz poesia. Então faço uma conferência

1094

¹⁵⁷ Carta 1094 (frente e verso) - Arquivo NuLIME. Manuscrito em português. Destinatário: Joaquim. Remetente: Por inferência, Jorge Amado. A catalogação segue a ordem apresentada por Thalita Coelho em seu TCC, defendido em 2013.

na Alape daqui sobre a "moderna literatura brasileira".

É o trecho que voce ficou de mandar sobre o "Labiaba" e o "capitães"?
Não interesse nisso porque, em cabendo a biografia, vou continuar meu romance e seus palpites por vezes me fazem quebrar a cabeça, dizer nomes feios, mas quasi sempre me enchem algo. É isso q' que vais.

Maria lhe manda lembranças, o secretario tambem, fela muito em voce, eu lhe mando o melhor abraço do

[Handwritten signature]

Buenos Aires, 8 de dezembro de 1941.

Velho Joaquim¹⁵⁸: um abraço. Danado com você porque você não da ousadia de escrever umas linhas a meus confrades escritores, nem mesmo para dar lembranças, querer lhe mandar dizer que sua vitória é completa porque o ritmo de trabalho não diminui. Apesar de não termos aqui a sua experiência vamos navegando, fazendo alguma coisa, pretendendo fazer ainda mais. Pedi ao Pedro¹⁵⁹ que lhe mandasse meu artigo sobre o Coelho de Souza¹⁶⁰. Escrevi a ele mandando o artigo pedindo a conferência completa etc. Creio que ele gostará. Você que achou? Viu a carta na “La Hora¹⁶¹” e a notícia de ontem, domingo, sobre os vivos de estudantes de Fortaleza a esse seu amigo? Essa notícia veio numa carta do Rio de uma pessoa daquela revista. Prova que os xingamentos de ladrão de rádio não pegaram, não valeram mesmo nada, o que ainda mais me animou na minha intenção de continuar a ser mais útil ao meu povo. Agora, velho, o motivo central dessa carta: estou trabalhando o mais que posso na biografia¹⁶². Você sabe que a vaidade não é mesmo uma das minhas qualidades e por isso acreditará ao lhe dizer que ela está me agradando estou¹⁶³ dando a minha opinião e a do engenheiro¹⁶⁴ e do Pedro¹⁶⁵ sobre. Creio que vai ser um livro bom e útil.

¹⁵⁸ Nas páginas finais do livro publicado pela editora Companhia das Letras (2012), Jorge Amado agradece ao seu Joaquim “magnífico símbolo de força do proletariado brasileiro, que muito devo ao seu entusiasmo na construção deste livro. Foi ele o meu grande animador nesse trabalho”.

¹⁵⁹ Jorge Amado, nas páginas finais do livro publicado pela editora Companhia das Letras (2012), também faz agradecimentos a Pedro Mota Lima. Por conta desse agradecimento, fazemos a inferência a Pedro Mota Lima.

¹⁶⁰ Nasceu em 1898 e faleceu em 1982. Advogado, historiógrafo e político brasileiro. Eleito para à Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul em 1935, para o mandato de dois anos (até 1937). Em 1951 assumiu uma cadeira na Câmara Federal, como deputado, ocupando a vaga até 1962. Entre 1937 e 1945 foi Secretário de Educação e Cultura do Rio Grande Do Sul. Também foi professor de História e Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Jorge Amado cita Coelho de Souza na biografia de Prestes, na página 171. “No Rio Grande do Sul o povo apoiava entusiasticamente a política antinazista de Cordeiro de Farias e Coelho de Souza”.

¹⁶¹ Possivelmente, jornal argentino.

¹⁶² A carta é de Jorge Amado por conta dessa referência à biografia. Na época, Jorge Amado escrevia a biografia de Luiz Carlos Prestes.

¹⁶³ Rasura.

¹⁶⁴ Talvez uma referência ao engenheiro Thomaz Pompeu Accioly Borges, tradutor da biografia de Luiz Carlos Prestes.

Penso então em que seria talvez útil fazer aqui uma edição de 500 exemplares, em papel de jornal, do original, para a terra e mandá-la, de modo que chegasse, para lá. Poderia ser útil para animar a gente, mostrar o heroísmo da família do biografado, enfim uma multidão de coisas. Sobre isso queria muito saber sua opinião, sobre a coisa em geral e sobre os detalhes. Gostaria que você dedicasse uma parte desse tempo que você sabe espichar como ninguém a pensar nesse mandar. É uma pena que você não pode ler o livro antes dele ser publicado. Sem duvida me iria ser muito útil a sua leitura anterior. Mas nem tudo é como a gente quer.

Você viu o artigo do Rodo sobre o ABC¹⁶⁶? Está aí: confesso que fiquei vaidoso. Não adianta mentir. A verdade é que fiquei meio besta quando li o bicho. E o meu poema sobre F. de no Noronha? Como você vê, estou invadindo seus domínios poéticos. Não é só você que faz poesia. Sábado faço uma conferencia na Aiape¹⁶⁷ daqui sobre “moderne literatura brasileira”. E o troco que você ficou de mandar sobre o “jubiabá”¹⁶⁸ e o “capitães”¹⁶⁹ tenho interesse nisso porque, em acabando a biografia, vou continuar meu romance e seus palpites por vezes me fazem quebrar a cabeça, dizer nomes feios, mas quase sempre me ensinam algo. E isso é que vale.

Maria¹⁷⁰ lhe manda lembranças, o secretário¹⁷¹ também, fala muito em você eu lhe mando o melhor abraço do
(Assinatura)

¹⁶⁵ Como dissemos, talvez uma referência a Pedro Mota Lima.

¹⁶⁶ ABC de Castro Alves, 1941.

¹⁶⁷ *Agrupación de Intelectuales, Artistas, Periodistas y Escritores*.

¹⁶⁸ Jubiabá, 1934.

¹⁶⁹ Capitães de Areia, 1937.

¹⁷⁰ Ainda é preciso investigar, mas aparentemente Maria era companheira de J.A. e, posteriormente, esposa de Thomaz Pompeu Accioly Borges, como dissemos, amigo e tradutor de Jorge Amado, durante o exílio.

¹⁷¹ O secretário é Pedro Mota Lima.

Ss. Aires, 7-XII-41.

Querido camarada e amigo Joaquim:

Acabo de receber tua carta de ontem. As desagradáveis notícias sobre a importância das altas alíquotas, os segredos de Estado e os "materiais" do Rio de Janeiro infelizmente não me causaram surpresa. Já estamos começando a sofrer os efeitos de tudo isso por antecipação, ainda que em pequena escala, como te contarei adiante. O remédio vai ser a vinda do velho, mas, conforme o que diz em carta que recebi de lá ante-ontem, continua no mesmo atoleiro e cada vez mais irritado. Ia falar ao "Salvador", mas este há dias está de cama. A última vez que tratei do assunto do velho com R. perguntei-lhe si não seria o caso de ir um de nós buscá-lo. Ele compreendeu naturalmente que ~~at~~ isso seria chocante para os amigos de lá, e, delicado como é, respondeu que não valia a pena e que escreveria ~~pedindo~~ medidas urgentes. Começo, a cada semana que passa, a sentir mais ainda a necessidade de mandar alguém, o P. ou melhor ainda para isso o V. Dir-se-á que é uma despesa "inútil". Mas não é despesa não só inútil, pre-judicial, a permanência do velho ali por tanto tempo, com as mãos e os pés atados, quando tanto precisamos dele? Que achas si lhe mando propôr isso: a ida de um paisano que o ajude a arrumar as malas? Passemos agora, e por ordem, a coisas concretas. 1) Opinião de Munhoz. Em longa carta que me escreve, aponta os pontos de vista já conhecidos, frizando mais ainda a posição que aconselha segundo a análise que faz da situação europeia. Eu tinha reservado o dia de hoje, domingo, para responder-lhe. Pensei em esperar a tua opinião mais detalhada, embora já a conheça em linhas gerais e que me parece mais aceitável. Para não bancar o "maria vai com as outras", tomo a iniciativa de responder ao velho hoje mesmo, mandando-te uma cópia. Você e ele corrigirão as ~~piruadas~~ piruadas em falso que eu emitir. Como você sabe, gosto de dar palpite por minha conta, embora "correndo o risco" de não sintonizar com os mestres, para, além de não só executar um direito facultado a todos os bichos caretas, cumprir o dever de desembuchar o que penso. Assim também se logra mais uma vantagem: a de habituar a cabeça a trabalhar, que essa coité não foi laboriosamente feita pelos nossos pais para servir de cuia para mate. Isso não ~~impede~~ ~~impede~~ as homenagens especiais a certos "cocos de respeito" que se intelectualizam e brilham sob a ação de loções cheirosas, diretamente aplicadas ao casco... 2) A missão "oficial" que levou o Baby. Não tem nada de complicado e de "vasto". Quizemos que ele fosse o portador de uma resolução unanimemente aprovada contra o disse-disse, a sofisticaria, as tabulices, e, no frígido dos ovos, a trapalhada desorganizativa e bastante provocadora ~~xxx~~ em que o Iv. tornou a embarcar, segundo as cartas em teu poder. Há ainda outra carta, peor que todas, a última, que não te mandei porque justamente aquela noite devia ser lida aos amigos numa festinha lá em cima. Que leva o homem de oficial? Mais ou menos o seguinte, que ele anotou num papel e certamente repesitará: a) quezemos a opinião de todos aí e não a do autor das cartas; b) para isso insistimos em saber si o documento do Juan já foi lido por todos e que pensa cada um (a última carta do I. diz que "o tal documento" está "circulando" e que depois termos a opinião de todos, isto é, la para as calandras fregas, quando terminar essa interminável "circulação" entre meia dúzia de pessoas.); c) discordamos da insistência (contida ainda nos manda dizer em linguagem aberta sua chorralho de cartas; e) lamentamos que Iv. não reconheça abertamente seus erros, não faça nunca uma auto-crítica franca e definitiva, e por isso esteja insistindo de vez em quando em coisas negativas; f) frizamos uma vez por todas nossa mais absoluta reprovção á idea de formar-se no estrangeiro uma direção "lianista, com ou sem os companheiros "com bastante hierarquia" (segundo Iv. e S.), e seja declaradamente como tal ou ~~hã~~ sob qualquer disfarce, "secretaria", "bureau", ou "fracção" de Directorio no estrangeiro "pelas vantagens técnicas", segundo ainda na última carta ~~ixix~~ insiste I., embora dizendo, dada a falta de ligação permanente com o Rio, que essa idea não poderia ser praticada "atualmente" e por isso pro-

¹⁷² Carta 1054 – Fazem parte da carta, as páginas 1054, 1055 e 1056. Arquivo NuLIME. Manuscrito em português. Destinatário: Joaquim. Remetente: Palma. A catalogação segue a ordem apresentada por Thalita Coelho em seu TCC, defendido em 2013.

que se ponha uma pedra em cima e não se fale mais nisso; minha opinião pessoal é de que, com pedra ou sem pedra em cima, ele não tira da cabeça essa idéia que em diversas oportunidades, durante tres anos, temos tido que combater, mesmo quando ela vem escondida que nem o "folharal" dos carnavalescos do Rio, ultimamente adotado como ~~se~~ camuflagem para fazer andar o observador e manter as sentinelas em campos cobertos de vegetação... Acho que ~~xxx~~ tu ~~deves~~ conversar com o I. sobre isso. Dada a capacitação e a seriedade desse companheiro, presumo que concordará com o nosso ponto de vista e nos ajudará na liquidação dessas "sortidas" de puro arrivismo. O que ~~xxx~~ tu ~~deves~~ fazer em tua carta de ontem, sobre as "missões", as coisas diretas para um salvador e não para os que têm a responsabilidade imediata de tocar o bonde em sua terra ~~xxxxxx~~ (em outras tentativas desse envolvimento do salvador, que já ~~ativamos~~ aqui, a coisa não pegou nem podia pegar, pois o homem a quem se dirige com esse trabalhinho, sendo quem é, não come o anzol, limita-se a dar os conselhos que tanto nos aproveita a todos, mas frizando sempre que o faz nesse caráter, de simples sugestão e em coisas eventuais, porque são outros os que têm que resolver), essas novas missões e "representações" tornam ainda mais perigosa a insistência sobre a direção no estrangeiro. Por isso acho que tu ~~deves~~ liquidar com toda energia o último gormem de tal pretensão, com o apoio que não te faltará dos melhores elementos (af, sobretudo P. e Bg.: 3) Agora vamos aos primeiros resultados negativos, e por antecipação, da "possível missão". Nossa última festinha, além de ser pouco concorrida, foi prejudicada por bate-papos extensos e entreveros verbais, em torno de duas coisas apenas: correspondência de I. e a "possível missão" que estaria a chegar. No primeiro ponto estivemos todos de acordo, finalmente, em reforçar a autoridade de P., que I. procurava torpedear, perguntando (a la gato miu), si suas cartas representavam o pensamento do grupo ou ~~são~~ apenas opiniões individuais, isso quando P. comunicara o que se tinha "resolvido" o que, em troco miudo, equivalia a perguntar si P. ~~xxxx~~ não falseava as resoluções. Alguem chegou a propor uma "carta coletiva", apoiando P. Propuz e foi aceito justamente o contrario: que P. escrevesse, dando conta de nossa resolução, solidaria com ele e afirmando que todos estranhavamos a pergunta de I., pois P. nunca extralimitou poderes nem falseou nossas resoluções; sendo ele o ~~paradoxo~~ transmissor dessa resolução, don-
 segunda parte foi peor. Quando parecia que iamos chegar a alguma coisa de concreto sobre as medidas que ~~XXXX~~ P. propunha em apoio a C.S., J. falou ~~xxx~~ aprovando e sugerindo coisas. Depois falou o companheiro de quarto do Baby: achava que não se devia fazer nada em apoio a esse homem, que era um mero instrumento da demagogia de gg, de quem era amigo íntimo, etc., etc. Foi a conta: só P. não se mareou no primeiro instante. O proprio J., com a sua sinceridade e ax o seu bom senso, sentindo vibrar sua confessada fibra anti-gt., começou a aceitar que não se podia fazer nada "oficialmente", como grupo, e aí choveram opiniões sobre a nossa atuação "oficial" — um merengue! Como naquela passagem de Machado de Assis, "a confusão era geral"... Póde-se, não se póde, deve-se, não se deve... J. achava que podiamos ir á C. parlamentar algum de nós pessoalmente, em caráter privado, levar a folha do jornal e quasi (não me lembro se chegou a frizar isso) dizer que nada tínhamos que ver com aquilo e que não topávamos tapeações do ~~XXXX~~ EN. Por fim, tableau: o companheiro de quarto em certos assuntos) propoz que esperassem pelo menos uma semana, pois aí vinha uma pessoa que podia esclarecer todas as nossas dúvidas, não só quanto á posição desta ou daquela ~~em~~ figura ou grupo, como inclusive sobre o problema da direção agitada pelo I., pois si ainda existia uma direção organizada essa pessoa traria instruções, e papati, papati, choriam propostas cada qual mais desencontrada e todas, mais ou menos, no sentido de não fazer nada sobre C.S. ou fazer muito pouco, até que chegasse a palavra esclarecedora. Bonito, hein? Aí teriamos a pessoa com bastante hierarquia para dirigir-nos nos menores detalhes! Aí contra essas propostas, num tom quasi agastado, e felizmente encontrei em nosso planozinho (e ele provou bem, mostrando como é bom trabalhar com uma rota traçada e saída para a com-
 pliação. Sustentel que não havia que estar levantando questões e discutindo

coisas parceladas. Tivemos aprovado um plano de trabalho. Não podíamos em cada caso concreto desprezar a linha desse plano a qualquer pretexto, quer para dar outra orientação a nossas tarefas, quer para protelar medidas ou deixar de trabalhar. Imagina, velho, que o nosso proprio J., entusiasmado na discussão, como daquela outra vez em que estavas, começou a argumentar ainda contra toda iniciativa, chegando a dizer que as interpretações na aplicação de um plano podiam ser diferentes, que ele não se achava obrigado pelo plano a fazer o que propunhamos P. e eu, etc. Foi alem e disse que, composta a c. executiva de P. V. e ele, si os dois pensassem diferente dele já não podia continuar, e que si V. estivesse com ele então era a maioria da comissão que ficava contra o sec., que sei eu quanta coisa! Deixamos serenar os ânimos, e então, P. e eu voltamos á carga no que todos tinham de estar de accordo: cumprir o plano. Ver de que forma, dentro ~~da orientação do plano~~ da orientação do plano, teríamos que aproveitar a excelente material que ~~se nos chegaria~~ (ainda não ~~chegou~~ chegou) daí. Assim tudo acabou de acordo e hoje á noite vamos estudar, ~~le em cima~~ le em cima, a maneira de aproveitar a bola, e está claro que temos de fazer como já começou o proprio J. de nota que você elogia. O resto da festinha se prejudicou, não podemos dançar todas as músicas do programa, porque o tempo estava esgotado. ~~Além desse prejuizo imediato~~ Além desse prejuizo imediato, ha a considerar o mais cacete, que pôde trazer e não ha dúvida que trará coisas desagradáveis num futuro próximo: a tendência a que as "missões especiais" pretendam orientar-nos nos menores detalhes. Hoje mesmo vou falar a P. e J. sobre isso, e dizer-lhes que, de minha parte, acho que só podemos ouvir essas informações como simples informações de um companheiro que chega, mas que chega sem credenciais para ditar-nos normas e traçar nossa orientação. Sobre tudo porque tenho em meu poder carta vinda dos pagos que mostra como está autilio por lá... 4) O Baby ja te disse o conteúdo dessa carta? Quiz que ele levasse verbalmente, para não confiar ao papel coisas chatas. O que nos dizem da terra do livro que acabaste de ler e porque tão enfeitado estás, faz um pouco de luz sobre ~~aquele~~ aquele chorrião de cartas, ~~que nos deu tanto trabalho~~ que nos deu talvez a quem as fez... Os amigos certos e conhecidos, que vêm pelos canais competentes, chamam nossa atengão para o que está ocorrendo na capital, onde gente suspeita, julgando-se possivelmente "com bastante hierarquia", resolveu abaixar a banca nacionalmente e quer impôr sua autoridade a todos, a sob pena de sanções, fazendo crer que tem poderes para tanto, ou talvez que que receberam "missões especiais"... O Baby te dirá o resto. 5) Si não falas-te como N. e o Baby, como naquela noite em que demos duro os dois, procurando melhorar a forma de atuar do ultimo (e até certo ponto nosso esforço não foi inutil) ha o perigo de que ele volte a todo pano á posição antiga. O grupinho reduzido, com V. á frente, poderá obter algum controle, mas será melhor se você podesse ter insistido, e até que o velho chegue e veja as coisas com seus proprios olhos. 6) Que diabo, velho! Faze esta gente mover-se! Assim, nem na semana santa vou ter o prazer de ~~ver~~ ver judas com você... E eu que fazia o projeto de um "veillon" contigo no natal! 7) Continuo a trabalhando muito e sem tempo para nada; imagina que o último artigo para a seção de los lunes (que não sei si sairá, pois os homens estão roendo a corda) foi escrito praticamente sobre a perna, aproveitando o ~~meu~~ tempo que tenho para almoçar. Isso é mau. Não se pôde fazer uma coisa com responsabilidade assim, muito menos quando não se tem a vela de famosos entrevistadores de telefonos e estatuas... 8) Viste o bonito que fez o grupo, destacado na seção de ajuda como exemplo? Egdás contente? A macadada é boa. Graças especialmente ao impulso que lhe deste, ha de passar por cima dos pequenos obstáculos, e seguir trabalhando com algum êxito. Espero que não te arrependas do tempo "perdido" com ela. 9) Um abraço pelo assunto do oriente. Resgando definitivamente a fantasia, os amarelos obrigam tio Sam a enquadrar-se cada vez mais, não é? E os resultados aqui se farão sentir imediatamente. Não diz a maioria dos países deste hemisferio, que inclusive o nosso, que no caso da agressão a um país americano todos se consideram agredidos? Temos que tocar todas as nossas coisas em ritmo mais ligeiro, amigo. Exige forte dos amigos daí que te ajudem sem perda de tempo. O abraço afetuoso do

P.S. Para não perder o correio, e como o pessoal lá de casa me transtornou pedindo a tua vez, mais cedo, chegou-te amanhã a copia de

Manana
1935

Bs. Aires¹⁷³, 7-XII-41.

Querido camarada e amigo Joaquim:

Acabo de receber tua carta de ontem¹⁷⁴. As desagradáveis notícias sobre a importância das altas missões, os segredos de Estado e os “mistérios” do Rio Janeiro infelizmente não causaram surpresa. Já estamos começando a sofrer os efeitos de tudo isso por antecipação, ainda que em pequena escala, como te contarei adiante. O remédio vai ser a vinda do velho, mas, conforme o que diz em carta que recebi de lá anteontem, continua no mesmo atoleiro e cada vez mais irritado. Ia falar ao “Salvador”, mas este há dias está de cama. A última vez que tratei do assunto do velho com R. perguntei-lhe si não seria o caso de ir um de nós buscá-lo. Ele compreendeu naturalmente que isso seria¹⁷⁵ algo chocante para os amigos de lá, e, delicado como é, respondeu que não valia a pena e que escreveria pedindo¹⁷⁶ medidas urgentes. Começo, a cada semana que passa a sentir mais ainda a necessidade de mandar alguém, o P., ou melhor ainda, para isso o V. Dir-se-á que é uma despesa “inútil”. Mas não é despesa não só inútil, prejudicial, a permanência do velho ali por tanto tempo, com as mãos e os pés atados, quando tanto precisamos dele? Que achas se lhe mando propor isso: a ida de um paisano que o ajude a arrumar as malas? Passemos agora, e por ordem, a coisas concretas. 1) Opinião de Munhoz. Em longa carta que me escreve, torna aos pontos de vista já conhecidos, frisando mais ainda a posição que aconselha¹⁷⁷, segundo a análise que faz da situação europeia. Eu tinha reservado o dia de hoje, domingo, para responder-lhe. Pensei em esperar a tua¹⁷⁸ opinião mais detalhada, embora já a conheça em linhas gerais e que me parece mais aceitável. Para não bancar o “maria vai com as outras”, tomo a iniciativa de responder ao velho hoje mesmo, mandando-te uma cópia. Você e ele corrigirão as piruadas¹⁷⁹ em falso que eu emitir. Como você sabe gosto de dar palpite por minha conta, embora “correndo o risco” de não sintonizar com os mestres, para, além de não só exercitar um direito facultado a todos os bichos

¹⁷³ Buenos Aires

¹⁷⁴ Rasura.

¹⁷⁵ Inserção manual.

¹⁷⁶ Rasura.

¹⁷⁷ Rasura.

¹⁷⁸ Rasura.

¹⁷⁹ Rasura.

caretas, cumprir o dever de desembuchar o que penso. Assim também se logra mais uma vantagem: a de habituar a cabeça a trabalhar, que essa coité não foi laboriosamente feita pelos nossos pais para servir de cuia para mate. Isso não impede¹⁸⁰ as homenagens especiais a certos “cocos de respeito” que se intelectualizam e brilham sob a ação loções cheirosas, diretamente aplicadas ao casco... 2) A missão “oficial” que levou o Baby¹⁸¹. Não tem nada de complicado e de “vasto”. Quisemos que ele fosse o portador de uma resolução unanimemente aprovada contra o disse-que-disse, a sofisticaria, as rabulices, e, no frigidar dos ovos, a trapalhada desorganizativa e bastante provocadora¹⁸² em que o Iv.¹⁸³ tornou a embarcar, segundo as cartas em teu poder. Há ainda outra carta, pior que todas, a última, que não te mandei porque justamente aquela noite devia ser lida aos amigos numa festinha lá em cima. Que leva o homem de oficial? Mais ou menos o seguinte, que ele anotou num papel e certamente respeitará: a) queremos a opinião de todos aí e não a do autor das cartas; b) para isso insistimos em saber se o documento do Juan¹⁸⁴ já foi lido por todos e que pensa cada um (a última carta do I. diz que “o tal documento” está “circulando” e que depois teremos a opinião de todos, isto é, lá para as calendas gregas, quando terminar essa interminável “circulação” entre meia dúzia de pessoas; c) discordamos da insistência (contida ainda na última carta) sobre a identidade do autor; d) censuramos as coisas que nos manda dizer em linguagem aberta num chorrilho de cartas; e) lamentamos que Iv. não reconheça abertamente seus erros, não faça nunca uma autocrítica franca e definitiva; e por isso esteja insistindo de vez em quando em coisas negativas; f) frisamos de uma vez por todas a nossa mais absoluta reprovação à ideia de formar-se no estrangeiro uma direção aliancista, com ou sem os companheiros “com bastante hierarquia” (segundo Iv e S.)¹⁸⁵, e seja declaradamente como tal ou¹⁸⁶ sob qualquer disfarce, “secretaria”, “bureau”, ou “fração” de Diretório no estrangeiro “pelas vantagens técnicas”, segundo ainda na última carta insiste I. , embora dizendo, dada à falta de ligação permanente com o

¹⁸⁰ Rasura.

¹⁸¹ Talvez Baby seja Baby Bocayuva Cunha. Em extensa pesquisa encontrei fotos que relacionavam Octavio Malta a Jorge Amado e Baby Bocayuva Cunha.

¹⁸² Rasura.

¹⁸³ Talvez Ivan Pedro de Martins.

¹⁸⁴ Juan, das cartas que analisei.

¹⁸⁵ Ivan Pedro de Martins e Roberto Sisson.

¹⁸⁶ Rasura.

Rio, acha que essa ideia não poderia ser praticada “atualmente” e por isso propõe¹⁸⁷ que se ponha uma pedra em cima e não se fale mais nisso; minha opinião é de que, com pedra ou sem pedra em cima, ele não tira da cabeça essa ideia em que diversas oportunidades, durante três anos, temos tido que combater, mesmo quando ela vem escondida que nem o “folharal” dos carnavalescos do Rio, ultimamente adotado como¹⁸⁸ camuflagem para fazer andar o observador e manter as sentinelas em campo cobertos de vegetação... Acho que¹⁸⁹ tu deves conversar com o T.¹⁹⁰ sobre isso. Dada a capacidade e a seriedade desse companheiro, presumo que concordará com o nosso ponto de vista e nos ajudará na liquidação dessas “sortidas” de puro arrivismo. O que¹⁹¹ tu contas em tua carta de ontem, sobre as “missões”, as coisas diretas para um salvador e não para os que têm a responsabilidade imediata de tocar o bonde em sua terra¹⁹² (em outras tentativas desse envolvimento do salvador, que já as tivemos¹⁹³ aqui, a coisa não pegou nem podia pegar, pois o homem a quem se dirigem com esse trabalhinho, sendo quem é, não come o anzol, limita-se a dar os conselhos que tanto nos aproveita a todos, mas frisando sempre o que eu sempre o que faz nesse caráter, de simples sugestão e em coisas eventuais, porque são outros os que têm que resolver), essas novas missões e “representações” tornam ainda mais perigosa a insistência sobre a direção no estrangeiro. Por isso acho que tu deves liquidar com toda a energia o último germe de tal pretensão, com o apoio que não te faltará dos melhores elementos daí, sobretudo T. e Bg.¹⁹⁴; 3) Agora vamos aos primeiros resultados negativos, e por antecipação, da “possível missão”. Nossa última festinha, além de ser pouco concorrida, foi prejudicada por bate-papos extensos e entreveros verbais, em torno de duas coisas apenas: correspondência de I. e a “possível missão” que estaria¹⁹⁵ a chegar. No primeiro ponto estivemos todos de acordo, finalmente, em reforçar a autoridade de P.¹⁹⁶, que I. procurava torpedear, perguntando (a la gato

¹⁸⁷ Carta tem mais de uma página e estão numeradas. Aqui inicia a página 2.

¹⁸⁸ Rasura.

¹⁸⁹ Rasura.

¹⁹⁰ Talvez o tenente Antônio Tourinho.

¹⁹¹ Rasura.

¹⁹² Rasura.

¹⁹³ Rasura.

¹⁹⁴ Talvez Brasil Gerson.

¹⁹⁵ Rasura.

¹⁹⁶ Pedro Mota Lima, como dissemos.

ruivo¹⁹⁷), se suas cartas representavam o pensamento do grupo ou¹⁹⁸ se apenas opiniões individuais, isso quando P. comunicara o que se tinha “resolvido”, o que, em troco miúdo, equivalia a perguntar se P.¹⁹⁹ não falseava as resoluções. Alguém chegou a propor uma “carta coletiva”, apoiando P. Propus e foi aceito justamente o contrário: que P. escrevesse, dando conta de nossa resolução, solidária com ele e afirmando que todos estranhávamos a pergunta de I., pois P. nunca extralimitou poderes nem falseou nossas resoluções; sendo ele o²⁰⁰ transmissor dessa resolução, confirmávamos a confiança que sempre nos mereceu e merece a cada vez mais. A segunda parte foi pior. Quando parecia que íamos chegar a alguma coisa de concreto sobre as medidas que²⁰¹ P. propunha em apoio a C. S.²⁰², J. falou²⁰³ aprovando e sugerindo coisas. Depois falou o companheiro de quarto do Baby; achava que não se devia fazer nada em apoio a esse homem, que era um mero instrumento da demagogia de gg²⁰⁴, de quem era amigo íntimo etc. etc. Foi a conta: só P. não se mareou no primeiro instante. O próprio J., com a sua sinceridade e o seu bom censo, sentindo virar²⁰⁵ sua confessada fibra anti-gt., começou a aceitar que não se podia fazer nada “oficialmente”, como grupo, e aí choveram opiniões sobre a nossa atuação “oficial” – um merengue! Como naquela passagem de Machado de Assis, “a confusão era geral”... Pode-se, não se pode, deve-se, não se deve... J. achava que podíamos ir à C. parlamentar algum de nós pessoalmente, em caráter privado, levar a folha do jornal e quase (não me lembro se chegou a frisar isso) dizer que nada tínhamos que ver com aquilo e que não topávamos tapeações do EN. Por fim, tableau: o companheiro de quarto (que você sabe é uma excelente pessoa, mas não mora nem pode morar em certos assuntos) propôs que esperássemos pelo menos uma semana, pois aí vinha uma pessoa que podia esclarecer todas as nossas dúvidas, não só quanto à posição desta ou daquela²⁰⁶ figura ou grupo, como inclusive sobre o problema da direção agitada pelo I., pois se ainda existia uma direção organizada essa pessoa traria

¹⁹⁷ Talvez uma referência ao provérbio popular “gato ruivo, do que usa, cuida”.

¹⁹⁸ Rasura.

¹⁹⁹ Rasura.

²⁰⁰ Rasura.

²⁰¹ Rasura.

²⁰² Talvez Coelho de Souza.

²⁰³ Rasura.

²⁰⁴ Talvez uma referência a Getúlio Vargas.

²⁰⁵ Rasura.

²⁰⁶ Rasura.

instruções, e patati, patatá. Choviam propostas cada qual mais desencontrada e todas, mais ou menos, no sentido de não fazer nada sobre C. S²⁰⁷. ou fazer muito pouco, até que chegasse a palavra esclarecedora. Bonito, hem? Aí teríamos a pessoa “com bastante hierarquia” para dirigir-nos menores detalhes. Saí contra essas propostas, num tom quase agastado, e felizmente encontrei em nosso planozinho (e ele provou bem, mostrando como é bom trabalhar com uma rota traçada) a saída para a complicação. Sustentei que não havia que estar levantando questões e discutindo coisas²⁰⁸ parceladas. Tínhamos aprovado um plano de trabalho. Não podíamos em cada caso concreto desprezar a linha desse plano a qualquer pretexto, quer para dar outra orientação a nossas tarefas, quer para protelar medidas ou deixar de trabalhar. Imagina, velho, que o nosso próprio J. , entusiasmado na discussão como daquela outra vez em que estavas, começou a argumentar ainda contra toda iniciativa, chegando a dizer que as interpretações na aplicação de um plano podiam²⁰⁹ ser diferentes, que ele não se achava obrigado pelo plano a fazer o que propúnhamos P. e eu, etc... Foi além e disse que composta a c²¹⁰. executiva de P. V. e ele, se os dois pensassem diferente dele já não podia continuar, e que se V. estivesse com ele então era a maioria da comissão que ficava contra o sec.²¹¹. , que sei eu quanta coisa! Deixamos serenar os ânimos, e então, P. e eu voltamos à carga no que todos tinham de estar de acordo: cumprir o plano. Ver de que forma, dentro da²¹² orientação do plano, teríamos que aproveitar o excelente²¹³ material que²¹⁴ nos chegaria (ainda não²¹⁵ chegou) daí. Assim tudo acabou de acordo e hoje à noite vamos estudar²¹⁶, lá em cima, a maneira de aproveitar a bola, e está claro que temos que fazer como já começou o próprio J. na nota que você elogia. O resto da festinha se prejudicou, não podemos dançar todas as músicas do programa, porque o tempo estava esgotado²¹⁷. Além desse prejuízo imediato, há a considerar o mais cacete, que pode trazer e

²⁰⁷ Como dissemos, Coelho de Souza.

²⁰⁸ Início da terceira página da carta.

²⁰⁹ Rasura.

²¹⁰ Comissão executiva

²¹¹ Talvez Robert Sisson, que era secretário geral no exílio.

²¹² Rasura.

²¹³ Rasura.

²¹⁴ Rasura.

²¹⁵ Rasura.

²¹⁶ Rasura.

²¹⁷ Rasura.

não há dúvida que trará²¹⁸ coisas desagradáveis num futuro próximo: a tendência a que as “missões especiais” pretendam orientar-nos nos menores detalhes. Hoje mesmo vou falar a P. e J. sobre isso, e dizer-lhe que, de minha parte, acho que só podemos ouvir a essas informações como simples informações de um companheiro que chega, mas que chega sem credenciais para ditar-nos normas e traçar nossas orientação²¹⁹. Sobretudo porque tenho em meu poder carta vinda dos pagos²²⁰ que mostra como está aquilo por lá... 4) O Baby²²¹ já te disse o conteúdo dessa carta? Quis que ele levasse verbalmente, para não confiar ao papel coisas chatas. O que nos dizem da terra do livro que acabaste de ler e por que tão enfeitado estás, faz um pouco de luz sobre²²² aquele chorrilho de cartas²²³, que nos deu tanto²²⁴ trabalho, e mais talvez a quem as fez... Os amigos certos e conhecidos, que vêm pelos canais competentes, chamam nossa atenção para o que está ocorrendo na capital, onde gente suspeita, julgando-se possivelmente “com bastante hierarquia”, resolveu abafar a banca nacionalmente e quer impor sua autoridade a todos²²⁵, sob pena de sanções, fazendo crer que tem poderes para tanto, ou talvez²²⁶ que receberam “missões especiais”... O Baby te dirá o resto. 5) Se não falaste com o T.²²⁷ e o Baby, como naquela noite em que demos duro os dois, procurando melhorar a forma de atuar do último (e até certo ponto nosso esforço não foi inútil) há o perigo de que ele volte, a todo pano à posição antiga. O²²⁸ grupinho reduzido, com V. à frente, poderá obter algum controle, mas seria²²⁹ melhor se você pudesse²³⁰ ter insistido, e até que o velho chegue e veja as coisas com seus próprios olhos. 6) Que diabo, velho! Faze esta gente mover-se! Assim, nem na semana santa vou ter o prazer de malhar²³¹ judas com você... E eu que fazia o projeto de um

²¹⁸ Rasura.

²¹⁹ Rasura.

²²⁰ Referência à terra natal. Cidade de origem.

²²¹ Como dissemos, provavelmente Baby Bocayuva Cunha.

²²² Rasura.

²²³ Rasura.

²²⁴ Rasura.

²²⁵ Rasura.

²²⁶ Rasura.

²²⁷ Como dissemos, possivelmente, Tourinho. Tenente Antônio Tourinho.

²²⁸ Rasura.

²²⁹ Rasura.

²³⁰ Rasura.

²³¹ Rasura.

“reveillon” contigo no natal! 7) Continuo trabalhando muito e sem tempo pra nada; imagina que o último artigo para a seção de los lunes (que não sei se sairá, pois os homens estão roendo a corda) foi escrito praticamente sobre a perna, aproveitando o tempo que²³² tenho para almoçar. Isso é mau. Não se pode fazer uma coisa com responsabilidade assim, muito menos quando não se tem a veia de famosos entrevistadores de telefones e estátuas... 8) Viste o bonito que fez o grupo, destacando na seção de ajuda como exemplo? Estás contente? A macacada é boa. Graças especialmente ao impulso que lhe deste, há de passar por cima dos pequenos obstáculos²³³, e seguir trabalhando com algum êxito. Espero que não te arrependas do tempo “perdido” com ela. 9) Um abraço pelo assunto do oriente²³⁴. Rasgando definitivamente a fantasia, os amarelos²³⁵ obrigam tio Sam²³⁶ a enquadrar-se cada vez mais, não é? E os resultados aqui se farão sentir imediatamente. Não diz a maioria dos países deste hemisfério²³⁷, inclusive o nosso, que no caso da agressão a um país americano todos se consideram agredidos? Temos que tocar todas as nossas coisas com ritmo mais ligeiro, amigo. Exige forte dos amigos daí que te ajudem sem perda de tempo. Abraço afetuoso do

Palma²³⁸

PS: Para não perder o correio e como o pessoal lá de cima me telefonou pedindo que vá mais cedo mando-te amanhã a cópia de minha carta ao velho²³⁹²⁴⁰.

Palma²⁴¹²⁴²

²³² Rasura.

²³³ Rasura.

²³⁴ Referência aos japoneses.

²³⁵ Japoneses.

²³⁶ Estados Unidos da América.

²³⁷ Rasura.

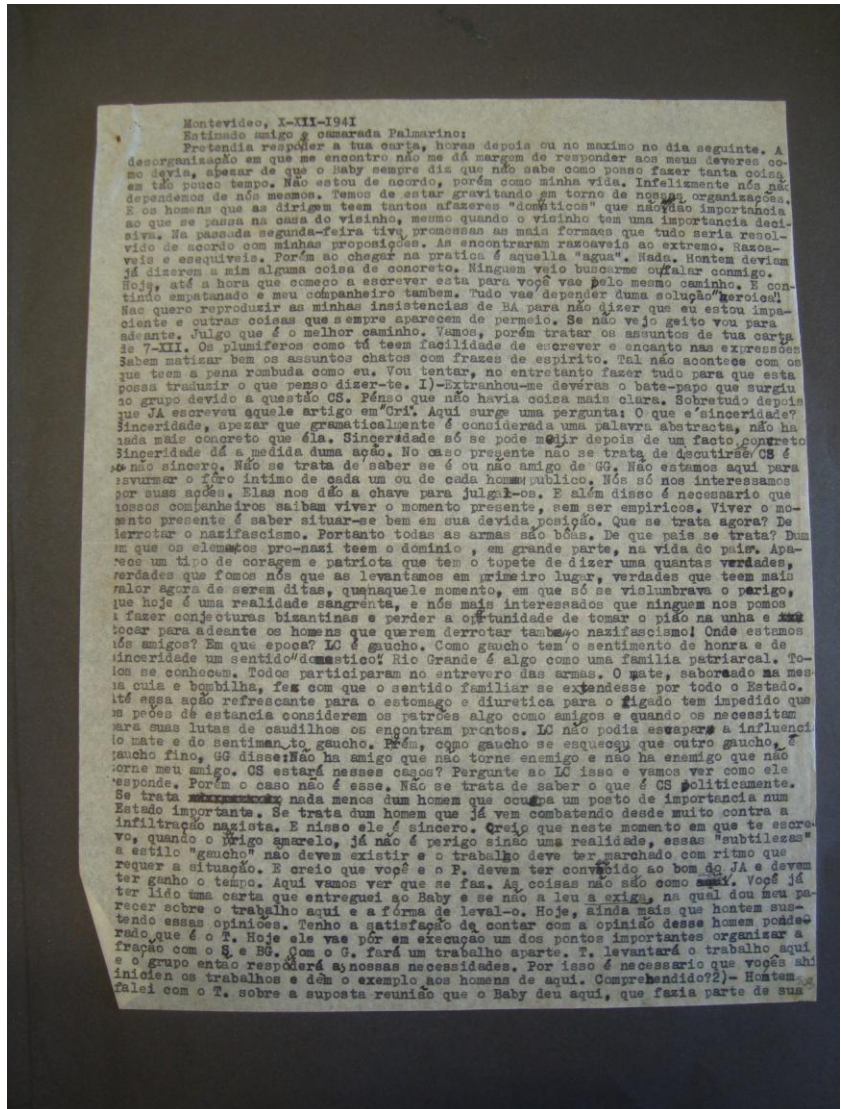
²³⁸ Assinatura a lápis.

²³⁹ Rasura.

²⁴⁰ Referência à carta de Munhoz, citada anteriormente.

²⁴¹ Palma está escrito a lápis.

²⁴² Palma e Palmarino estamos tratando como a mesma pessoa.



Montevideo, X-III-1941

Estimado amigo e camarada Palmarino:

Pretendo responder a tua carta, horas depois ou no máximo no dia seguinte. A desorganização em que me encontro não me dá margem de responder aos meus deveres como levita, apesar de que o Baby sempre diz que não sabe como posso fazer tanta coisa em tão pouco tempo. Não estou de acordo, porém como minha vida, infelizmente não tem dependência de nós mesmos. Temos de estar gravitando em torno de nossas organizações. E os homens que as dirigem tem tantos afazeres "domésticos" que não dão importância ao que se passa na casa do vizinho, mesmo quando o vizinho tem uma importância decisiva. Na passada segunda-feira tive promessas as mais formosas que tudo seria resolvido de acordo com minhas propostas. As encontraram razoáveis ao extremo. Razões válidas e esquivais. Porém ao chegar na prática é aquela "água". Nada. Nenhum deviam já dizerem a mim alguma coisa de concreto. Ninguém veio buscar-me ofícios como. Hoje, até a hora que começo a escrever esta para você vai pelo mesmo caminho. E continuo empantando e meu companheiro também. Tudo vai depender de uma solução pessoal. Não quero reproduzir as minhas insistências de BA para não dizer que eu estou impaciente e outras coisas que sempre aparecem de perneio. Se não vejo jeito vou para adiante. Julgo que é o melhor caminho. Vamos, porém tratar os assuntos de tua carta de 7-III. Os pluri-fócos como tu tem facilidade de escrever e encanto nas expressões sabem matizar bem os assuntos chatos com frases de espírito. Tal não acontece com os que tem a pena acobrada como eu. Vou tentar, no entretanto fazer tudo para que esta possa traduzir o que penso dizer-te. 1) - Extranhou-me deveras o bate-papo que surgiu ao grupo devido a questão CS. Penso que não havia coisa mais clara. Sobretudo depois que já escrevi aquele artigo em 'Crí'. Aqui surge uma pergunta: O que é sinceridade? Sinceridade, apesar que geralmente é considerada a palavra abstracta, não ha nada mais concreto que ela. Sinceridade só se pode medir depois de um facto comprovado. Sinceridade dá a medida dum acto. No caso presente não se trata de desentendimentos, CS é sincero. Não se trata de saber se é ou não amigo de GG. Nós estamos aqui para esvumar o fogo intimo de cada um ou de cada homem publico. Nós só nos interessamos por suas acções. Elas nos dão a chave para julgá-los. E ali disse é necessário que todos companheiros saibam viver o momento presente, sem ser empiricos. Viver o momento presente é saber situar-se bem em sua devida posição. Que se trata agora? De derrotar o nazifascismo. Portanto todas as armas são boas. De que país se trata? Bem me que os elementos pro-nazi tem o domínio, em grande parte, na vida do país. Aparece um tipo de coragem e patriotismo que tem o topete de dizer uma quantas verdades, verdades que fomos nós que as levantamos em primeiro lugar, verdades que tem mais valor agora de serem ditas, naquele momento, em que só se vislumbrava o perigo, que hoje é uma realidade sangrenta, e nós mais interessados que ninguém nos pomos a fazer conjécturas bizantinas e perder a oportunidade de tomar o pélo na unha e fazer porer adiante os homens que quem derrotar tambem o nazifascismo! Onde estamos nós amigos? Em que época? Lá é gaúcho. Como gaúcho tem o sentimento de honra e de sinceridade um sentimento "doméstico" Rio Grande é algo como uma família patriarcal. Todos se conhecem. Todos participaram no antrevero das armas. O mate, saboreado na mesa e a cuia e bombilha, fez com que o sentido familiar se expandesse por todo o Estado. Lá essa acção refrescante para o estomago e diurética para o fígado tem impedido que se podes de estancia considerem os patrões algo como amigos e quando os necessitam para suas lutas de casuilhos os encontram prontos. Lá não podia esquecer a influencia do mate e do sentimento gaúcho. Porém, como gaúcho se esqueço que outro gaúcho, T. gaúcho fino, GG dissertação ha amigo que não torna amigo e não ha amigo que não torna meu amigo. CS estará nesse caso? Pergunte ao Lá isso e vamos ver como ele responde. Porém o caso não é esse. Não se trata de saber o que é CS politicamente. Se trata de saber se nda menos dum homem que occupa um posto de importância num Estado importante. Se trata dum homem que já vem combatendo desde muito contra a infiltração nazista. E nisso ele é sincero. Creio que neste momento em que te escrevo, quando o Rio Grande amarelou, já não é perigo sino a realidade, essas "subtilidades" a estilo "gaúcho" não devem existir e o trabalho deve ter marchado com ritmo que requer a situação. E creio que você e o P. devem ter convulso no bom dia. Já e devem ter ganho o tempo. Aqui vamos ver que se faz. As coisas não são como antes. Você já ter lido uma carta que entreguei ao Baby e se não a leu a exige, na qual dou meu parecer sobre o trabalho aqui e a forma de levá-lo. Hoje, ainda mais que hontem suscitando essas opiniões. Tenho a satisfação de contar com a opinião desse homem ponderado, que é o T. Hoje ele vai pôr em execução um dos pontos importantes organizar a fracção com o S. e B. Com o G. fará um trabalho aparte. T. levantará o trabalho aqui e o grupo então responderá as nossas necessidades. Por isso é necessário que você ande iniciem os trabalhos e dê o exemplo aos homens de aqui. Compreendido?)- Hontem falei com o T. sobre a suposta reunião que o Baby deu aqui, que fazia parte de sua

²⁴³ Carta 503 – Alcança ainda as páginas 504 e 505. Arquivo NuLIME. Manuscrito em português. Destinatário: Palmarino. Remetente: Joaquim. A catalogação segue a ordem apresentada por Thalita Coelho em seu TCC, defendido em 2013.

missão. Ele me disse mais ou menos o seguinte: A reunião não foi mais que uma cons-
vencão de despedida. Se falou o certo da posição do I. sobre o envio das cartas
e, principalmente, aquela em que falava de tantos 'homens da situação. Ele, segundo se
dizisse reconheceu seu erro. Sobre a posição no exterior não foi tão clara. Não subs-
nem como pensa ele a respeito. Houveram mais as consabidas declarações de que "vamos
interessante expressão do grupo, GA, se retirou antes de terminar a reunião.
O I. não empresta dela a menor importância. Fazia parte do programa do Baby e eis
necessitava dar conselhos "atermes" a seus soldados. Não fosse ele da "hierarquia"
que é. 3) - Porém o mais importante vem adiante. É o caso de dizer sensacional. O
Baby antes de sair daqui teve uma entrevista de última hora com outra pessoa de "hi-
erarquia". Nada menos que o Com. A entrevista foi devêras dramática. Dramática emu-
amigo Palmirino. O referido Com. tinha enviado ao Presidente Bal. um telegrama de
apoi antes de lá falar no Estádio Centenário. E se justava de ter ganho "de mac os
outros". Poderá! Se ele não tem outra perspectiva na vida sino esperar actos dessa
natureza para sapear um telegrama em nome da ANL. Não é difícei. Não lhe falta uma
certificação para levar a pratica "sua adesão". Porém o Com. não está satisfeito ain-
da com isto. Está redigindo um cartapácio no qual não faltará as consabidas manifes-
tações "ideológicas" e etc. O Baby a ser notificado por ele de seu intento de "bliz-
tarções" de adesões em nome da ANL (para que fontes credas e para qual tantos es-
tu. Teve uma reacção justa dizendo que ele não estava autorizado a fazer semelhante
coisa individualmente. O Baby quiz explicar-lhe nossa justa posição. Porém o Com.
atrapalhando nas tamenças de su "hierarquia" estrilou. E não ficou por ahí. Fez uma as-
no (nada menos) de comunista. O Baby apesar de baixinho, cresceu e gritou: Faga o
me que vopz disse se tem coragem! Não te desmascaremos. Porém, lastimavelmente não sou
os companheiros de Monte, e BA. (y a "cordalidade" tão requerida por Baby?) Que ela
est usava "cachinhos" como os emulos do João do Rio. Bases que facha o tempo. O Com.
Baby quando me contava isso estava indignado. Quasi que brigas que facha o tempo. O Com.
pegou a apontar o caminho da porta ao Baby. Porém havia uma terceira pessoa pre-
sente nesse "merengue". A terceira pessoa, não era a inofensiva da gramática, era
nada menos que outro tipo de grande "hierarquia" o I. Procurou conciliar. Não ti-
nhu nenhum interesse que a coisa se rompesse assim tão duramente. Perderia a possi-
bilidade de assinar um documento. Conclusão: o Baby está indignado com o Com. Que
dizia e que digiamos nós? Se convenceu o Baby que a "cordalidade" não foi ele, e não nós que insul-
falsa quando não estamos de acordo politicamente? Não foi ele, e não nós que insul-
tamos o Com. por causa de seus "cachinhos"? A nós não nos interessa os "cachin-
nhos" de ninguém. Nós interessa a conduta politica. E consequentemente a conduta moral
e privada de cada um de nós como militantes revolucionários. Nada mais. O caso
porém entraña um aspecto de mais gravidade. O momento não está para "chistes". Es-
tamos atravessando momentos cruciais em que nossa cabeça deve funcionar, independen-
tamos dos "cachinhos". Examinemos a posição actual do Brasil e outras que estamos gover-
tando como consequencia dialectica da situação actual. A ultima declaração do gover-
no brasileiro, coloca-o no caminho da luta contra o "eixo". Coloca-o na luta contra os
elementos que apolam o "eixo", que são em ultima análise os mais reaccionarios do Bra-
nosra capacidade consiste em ir audaciosamente, porém com a cabeça fria em saber,
explorar a situação actual tao favoravel. Nós devemos estar de acordo com a posição
inicial do governo e impulsional-o a ir mais adiante. Nosso dever consiste em saber
mobilizar a massa popular para que a governo possa cumprir seu compromisso interna-
cional e prevenir contra qualquer acção dos "quidacolonistas" que estão no Brasil,
encarapitados nos órgãos administrativos, principalmente nas forças armadas e seus a-
parelho de segurança interna. Não deve ser para qualquer tipo sem escurupol revolu-
cionario, que faz a vida degenerada de Montevideo e até us "cachinhos" suspirosas
fazer uso dela como qualquer trapo para cumprir uma acção revolucionaria e patrio-
tica porque é pura satisfação individual sem sentimentos revolucionarios e patrio-
ticos. Como se ve a coisa é mais seria e exige uma reacção prompta e enérgica de nos-
sa parte, não no tocante ao gesto como ele se pencia, sino como pensa e atua po-
liticamente. Isso implica numa responsabilidade colectiva. O esforço de 35 é mais

de quem propriedade de qualquer sec. geral eventual, E' patrimonio de toda a na-
ção, de milhares de lutadores, de Freitas, de Freitas, tenha-se em conta. E' uma
coisa seria, sobretudo neste momento. Não devemos protestar e não consentir que
ele, sem razão, sem motivo, engraiando o conhecido direito de sec. geral e delegação
na Prata, dada a título precário, por uma prescrição direção, queira perturbar não
só o trabalho feito com a cabeça e o coração. Não podemos mais tolerar tais atribu-
ções individuais e suspeitosas. O Sr. ... que cada vez que o congo mais, mais me en-
canta sua ponderação, seu dever vir um documento claro e enérgico no sentido de pro-
ceder com qualquer ação individual de S. e mais ainda, de publicar qualquer documento
hilar que qualquer ação individual de S. e mais ainda, de publicar qualquer documento
em nome da ANL. Hoje nós somos da ANL. E os que sofreram martírios a que estão
em postos a lutar mais direitos que ele, apesar que quer explorar a circun-
stância passada de ter sido sec. ger. d'ela. Agora que o Baby também compran-
do é perfeitamente cabível essa ação e conseguirmos a adesão de todos. Não de-
ves levantar empecilhos a questão. Falar logo que receber esta do Baby, reunir
a Fração, falar ao R. e ao G. e depois obter a ~~seguinte~~ adesão de J. e P. ~~uma~~
para honestos como são tudo se fará unanimemente. Isso urgentíssimo. 4) Junto segue
o projecto de uma declaração conjunta dos emigrados e exilados políticos que vivem
em Prata. O T. propoz que a enviasses urgentemente a vós e que viesse daí a pro-
posição. Aqui preparo com o T. o trabalho. Vós podem ver pelo seu conteúdo que
é ampla. Se ha alguma modificação deve ser no sentido de amplificar-a sempre e não
de sectorial-la. Se está de acordo com v. manda urgentemente a proposição. Não de-
ve esperar nenhuma reunião. Isso é coisa extraordinária e deve ser ~~veramente~~
publicada. Para assim apresentar-a ao Baby e ao R. Obtido seu apoio fale com o V. P.
J. O resto é fácil. Vós deve deixar tudo para que isso seja rapidamente resol-
vido. Tinha em conta que ~~vós~~ sabendo JA e P. que estou aqui diga-lhe que estou
de acordo com ela e a assino. Rápidez, meu velho. 5) O T. propoz que de uma vez por
todas venha daí uma proposição e explicação porque não tratamos de acordo que no
Prata haja grupos da ANL ou mesmo de nacionalistas libertadores. Ele está de acordo.
Depende de uma nota de vós e tudo se resolve. ~~Trac~~ garante a aprovação aqui. 6) -
Pensar que se deve fazer imediatas publicações dos seguintes artigos: Sobre a rena-
scenta dos alemães, italianos e japoneses no Brasil. Vós se lembra daqueles Bri-
lhantes que se publicou na "A Manhã". Hoje eles tem muita actualidade. Devem ser
assinados por vós, J., Baby e P. "CRI" e outros jornais devem ser explorados. Ade-
mais dos nossos desde logo. Outra coisa: Falei com o responsável do IP. Conseguir
que vós, JA e o Baby escrevam artigos especiais para ele. Devem ser pequenos, tí-
picos do que escreveu Paraguassú no dia 10-12 (que segue junto a esta). Mandem logo
e que não fique para as calendas gregas. 7) Sobre o velho acho justo que se va bus-
cal-o. Não sabes que é minha idea também. Fale concretamente em meu nome ao Fl. Di-
ga-lhe que eu estou de acordo e que deve ser tomada urgentemente todas as medi-
das pertinentes ao caso. 8) Não recebi ainda a tua copia da carta do velho. Como vou
botar esta antes de ir a direção e ~~empurrar~~ o companheiro. A coisa vai lenta meu amigo. Ho-
je fui visitar a quella mulher que vós tem em Cox. Disse-lhe que tomem as medidas mais
necessárias. Disse-lhe que deixarem o critério provinciano que estão embulhos e
que mirem a nossa terra como se ~~isso~~ deve. Vamos ver amigos. 10) -Pensar que vós de-
ve ter em vista que a coisa vai ser mais rapida do que pensamos. Prepara-te meu
amigo. 11) -Conte-me algo da chegada d'ela. Na outra tenho coisas para te contar so-
bre ela muito interessante. Apreciação de T. muito justa. Aguarde. 12) Quero que
me mandes urgentemente o artigo de Vitor sobre o 27 e me diga se foi publicado o
meu sobre a anistia e ~~sempre~~ onde. 13) -Diga ao JA e ao P. que não tive tempo
de escrever-lhes. O farei breve. Porém que sempre me recordo deles com bons compa-
nheiros e que espero que nossa amizade se perpetuará para sempre. Saudes em meu nó-
me a familia JA e ao chefe E. 14) O uso desta carta envolve a habilidade tua. A
coisa que expresso orientando deve ser conhecida pela fração e grupo. Quando falo
para-me. Comprehendes? Tudo que aqui escrevo é para o bem de todo nosso grupo
e de cada um em particular. De acordo? Aproveito a oportunidade para pedir-te
saudes o velho R. e o G. e todos os amigos de ali, de esse bravo punhado de mestres
velhos e jovens. Até breve. Não tenho tempo de entrevistar estabias e telefones.
Porque me falta a musa inspiradora. Aqui a coisa é outra meu amigo... Estou an-
sioso de receber uma outra obra literaria tua. Diga ao Baby para escrever-me
"Slogan"... Principiei hãntem I e termino hoje II, quando vou pol-a no Correio

Paraguassú 30

Montevideo, X – XII – 1941²⁴⁴

Estimado amigo e camarada Palmarino:

Pretendia responder a tua carta, horas depois ou no máximo no dia seguinte. A desorganização em que me encontro não me dá margem de responder aos meus deveres como devia, apesar de que o Baby²⁴⁵ sempre diz que não sabe como posso fazer tanta coisa em tão pouco tempo. Não estou de acordo, porém como minha vida. Infelizmente nós não dependemos de nós mesmos. Temos de estar gravitando em torno de nossas organizações. E os homens que as dirigem têm tantos afazeres “domésticos”²⁴⁶ que não dão²⁴⁷ importância ao que se passa na casa do vizinho, mesmo quando o vizinho tem uma importância decisiva. Na passada segunda-feira, tive promessas as mais formais que tudo seria resolvido de acordo com minhas proposições. As encontraram razoáveis ao extremo. Razoáveis e exequíveis. Porém, ao chegar na prática é aquela “água”. Nada. Ontem deviam já dizer a mim alguma coisa de concreto. Ninguém veio buscar-me ou falar²⁴⁸ comigo.

Hoje, até a hora que começo a escrever esta para você vai pelo mesmo caminho. E continuo empatanado e meu companheiro também. Tudo vai depender de uma solução “heroica”²⁴⁹!

Não quero reproduzir as minhas insistências de BA²⁵⁰ para não dizer que eu estou impaciente e outras coisas que sempre de permeio²⁵¹. Se não vejo jeito vou para adiante. Julgo que é o melhor caminho. Vamos, porém tratar os assuntos de tua carta de 7 –XII. Os plumíferos como tu tem facilidade de escrever e encanto nas expressões sabem matizar bem os assuntos chatos com frases de espírito. Tal não acontece com os que têm a pena rombuda como eu²⁵². Vou tentar, entretanto, fazer tudo para que esta possa traduzir o que penso em dizer-te. I) – Estranhou-me deveras o bate-papo que surgiu no grupo devido a questão CS²⁵³. Penso

²⁴⁴ Carta em resposta à carta 1054.

²⁴⁵ Como dissemos, talvez Baby Bocayuva.

²⁴⁶ Marca sobre a palavra.

²⁴⁷ Rasura sobre as palavras, provavelmente inserção do acento.

²⁴⁸ O “?” foi adicionado manualmente.

²⁴⁹ Rasura.

²⁵⁰ Buenos Aires

²⁵¹ Juan faz esta mesma consideração na carta 514.

²⁵² Joaquim insinua que não domina a arte da escrita, tal como o amigo, para quem escreve.

²⁵³ Como dissemos, CS, talvez seja Coelho de Souza

que não havia coisa mais clara. Sobretudo depois que J.A.²⁵⁴ escreveu aquele artigo em “Cri²⁵⁵”. Aqui surge uma pergunta: O que é sinceridade? Sinceridade, apesar de que gramaticalmente é considerada uma palavra abstrata, não há nada mais concreto que ela²⁵⁶. Sinceridade só se pode medir depois de um fato concreto. Sinceridade dá a medida de uma ação. No caso presente não se trata de discutir se CS é ou não sincero²⁵⁷. Não se trata de saber se é ou não amigo de GG²⁵⁸. Não estamos aqui para esvurmar o foro íntimo de cada um ou de cada homem²⁵⁹ público. Nós só nos interessamos por suas ações. Elas nos dão a chave para julgá-los. E, além disso, é necessário que nossos companheiros saibam viver o momento presente, sem ser empíricos. Viver o momento presente é saber situar-se bem em sua devida posição. Que se trata agora? De derrotar o nazi-fascismo. Portanto, todas as armas são boas. De que país se trata? De um em que os elementos²⁶⁰ pro-nazi têm o domínio, em grande parte, na vida do país. Aparece um tipo de coragem patriota que tem o topete de dizer umas quantas verdades, verdades que fomos nós que as levantamos em primeiro lugar, verdades que têm mais valor agora de serem ditas, que naquele momento, em que só se vislumbrava o perigo, que hoje é uma realidade sangrenta, e nós mais interessados que ninguém nos pomos a fazer conjecturas bizantinas e perder a oportunidade²⁶¹ de tomar o pião na unha e tocar para adiante os homens que querem derrotar também o nazi-fascismo! Onde estamos nós os amigos? Em que época? LC²⁶² é gaúcho. Como gaúcho tem o sentimento de honra e de sinceridade um sentido “doméstico”²⁶³. Rio Grande é algo como uma família patriarcal. Todos se conhecem. Todos participaram no entrevero das armas. O mate²⁶⁴, saboreado na mesma cuia e bombilha²⁶⁵, fez com que o sentido familiar se estendesse por todo o Estado. Até essa ação refrescante para

²⁵⁴ Jorge Amado.

²⁵⁵ Jorge Amado escreveu para o *La Crítica*, durante o período em que esteve exilado.

²⁵⁶ Marca manual.

²⁵⁷ A questão do apoio a Coelho de Souza é descrita também em outras cartas.

²⁵⁸ Possivelmente, como já dissemos, esta seja uma referência a Getúlio Vargas.

²⁵⁹ Rasura.

²⁶⁰ Rasura

²⁶¹ Rasura

²⁶² Luiz Carlos Prestes.

²⁶³ Rasura.

²⁶⁴ Referência ao chimarrão, bebida típica do Rio Grande do Sul.

²⁶⁵ A cuia e a bombilha são instrumentos utilizados para beber o chimarrão.

o estômago e diurética para o fígado tem impedido que os peões de estância considerem os patrões algo como amigos e quando os necessitam para suas lutas de caudilhos os encontram prontos²⁶⁶. LC não podia escapar²⁶⁷ a influência do mate e do sentimento gaúcho. Porém²⁶⁸, como gaúcho, se esqueceu que outro gaúcho, é gaúcho fino, GG²⁶⁹ disse: Não há amigo que não torna inimigo e não há inimigo que não torne meu amigo. CS²⁷⁰ estará nesses casos? Pergunte ao LC²⁷¹ isso e vamos ver como ele responde. Porém, o caso não é esse. Não se trata de saber o que é CS politicamente. Se trata²⁷² nada menos de um homem que ocupa²⁷³ um posto de importância em um Estado importante²⁷⁴. Se trata de um homem que já vem combatendo desde muito contra a infiltração nazista²⁷⁵. E nisso ele é sincero. Creio que neste momento em que te escrevo, quando o perigo²⁷⁶ amarelo²⁷⁷, já não é perigo senão realidade, essas “sutilezas” a estilo “gaúcho” não devem existir e o trabalho deve ter marchado com ritmo que requer a situação. E creio que você e o P.²⁷⁸ devem ter convencido²⁷⁹ ao bom do J.A.²⁸⁰ e devem ter ganho o tempo. Aqui vamos ver que se faz. As coisas não como aí²⁸¹.

²⁶⁶ Existe uma música tradicionalista gaúcha (Seiva da Vida e Paz/João Chagas Leite) que diz “Quando vires pelo pago/ O ritual do chimarrão/Unindo patrão e peão/Reze pra que a humanidade/Partilhe dessa igualdade/Em campeira comunhão”.

²⁶⁷ Rasura, acredito que seja a palavra escapar.

²⁶⁸ Rasura. “Prem”; o ‘o’ foi adicionado manualmente.

²⁶⁹ Como disse, referência a Getúlio Vargas.

²⁷⁰ Referência a Coelho de Souza.

²⁷¹ Na ocasião, Luiz Carlos Prestes encontrava-se preso.

²⁷² Rasura.

²⁷³ Rasura.

²⁷⁴ Coelho de Souza, entre 1937 e 1945, foi Secretário de Educação e Cultura do RS.

²⁷⁵ No Estado Novo, Coelho de Souza, secretário de educação deste estado, procurou implementar a política educacional do novo regime e, considerando a escola como um dos setores pelos quais se daria a ofensiva nazista no sul do Brasil, a nacionalização devia estar alicerçada na instituição escolar (BASTOS, 2005, p. 46-47).

²⁷⁶ Rasura. “Prigo” o “e” foi posto manualmente.

²⁷⁷ Ameaça japonesa.

²⁷⁸ Como dissemos, talvez seja Pedro Mota Lima

²⁷⁹ Rasura.

²⁸⁰ Jorge Amado.

²⁸¹ Rasura

Você já [deve] ter lido uma carta que entreguei ao Baby²⁸² e se não a leu a exija²⁸³, na qual dou meu parecer sobre o trabalho aqui e a forma de levá-lo. Hoje, ainda mais que ontem sustento essas opiniões. Tenho a satisfação de contar com a opinião desse homem ponderado que é o T²⁸⁴. Hoje ele vai por em execução um dos pontos importantes: organizar a fração com o S²⁸⁵ e BG²⁸⁶. Com o G, fará um trabalho a parte. T. levantará o trabalho aqui e o grupo então responderá as nossas necessidades. Por isso, é necessário que vocês aí iniciem os trabalhos e deem o exemplo aos homens de aqui. Compreendido? 2) – Ontem falei com o T. sobre a suposta reunião que o Baby deu aqui, que fazia a parte de sua missão²⁸⁷. Ele me disse mais ou menos o seguinte: A reunião não foi mais que uma conversação de despedida. Se falou é certo da posição do I²⁸⁸. sobre o envio das cartas e principalmente, aquela em que falava de tantos homens da situação. Ele, segundo se disse reconheceu seu erro. Sobre a posição no exterior não foi tão clara. Nós sabemos como pensa ele a respeito. Houve mais as consabidas declarações de quem “vamos trabalhar”, de quem “vamos a sintonizar com BA²⁸⁹,” etc. E para que não faltasse uma velha e interessante expressão do grupo, Ga. se retirou antes de terminar a reunião. O T. não empresta dela a menos importância. Fazia parte do programa do Baby e ele necessitava dar conselhos “paternais” a seus soldados. Não fosse ele da “hierarquia” que é. 3) Porém, o mais importante vai adiante. É o caso de dizer sensacional. O Baby antes de sair daqui teve uma entrevista de última hora com outra pessoa de “hierarquia”. Nada menos que o Com²⁹⁰. A entrevista foi deveras dramática. Dramática, meu amigo Palmarino. O referido Com. tinha enviado ao Presidente Bal.²⁹¹ um telegrama de apoio antes dele falar no Estádio Centenário²⁹². E se jactava de ter ganho

²⁸² Talvez Baby Bocayuva

²⁸³ Sublinhado pelo autor da carta.

²⁸⁴ Provavelmente Tourinho, como já disse.

²⁸⁵ Provavelmente Roberto Sisson.

²⁸⁶ Provavelmente Brasil Gerson.

²⁸⁷ Rasura.

²⁸⁸ Como dissemos, provavelmente, seja Ivan Pedro de Martins.

²⁸⁹ Buenos Aires.

²⁹⁰ Como dissemos, talvez seja Roberto Sisson.

²⁹¹ Possivelmente uma referência a Alfredo Baldomir Ferrari (Paysandú, 27 de agosto de 1884 - Montevideo, 25 de fevereiro de 1948) foi um militar, arquiteto e político uruguaio. Baldomir foi presidente constitucional entre 1938 e 1942.

²⁹² O Estádio Centenário é um estádio localizado em Montevidéu, no Uruguai.

“de mão os outros”. Pudera! Se ele não tem outra perspectiva na vida senão esperar atos dessa natureza para sapear um telegrama em nome da ANL. Não é difícil. Não lhe falta uns centésimos para levar a prática “sua adesão”. Porém, o Com. não está satisfeito ainda com isto. Está redigindo um cartapácio no qual não faltará as consabidas manifestações “ideológicas” e etc. O Baby, a ser notificado por ele de seu intento de “blitzkrieg²⁹³” de adesões em nome da ANL (para que fostes criada e para qual tantos esforços demos e tanto companheiros perderam a vida e outros²⁹⁴ estão presos!) protestou. Teve uma reação justa dizendo que ele não estava autorizado a fazer semelhante coisa individualmente. O Baby quis explicar-lhe que nossa justa posição. Porém o Com. trepando nas tamancas de sua “hierarquia” estrilou. E não ficou por aí. Fez uma ameaça²⁹⁵ japonesa. Disse que não nos compreendia (pudera!) e que nos ia denunciar como (nada menos) de comunistas! O Baby apesar de baixinho cresceu e gritou: Faça o que você disse se tem coragem! Nós te desmascaremos. Porém, lastimavelmente não soube tomar o lado político da questão. Disse-lhe que ela já tinha perdido a moral entre os companheiros de Monte.²⁹⁶ e BA²⁹⁷ (e a “cordialidade” tão requerida por Baby?). Que ele até usava “cachinhos” como os êmulos de João do Rio. Parece que fechou o tempo. O Baby quando me contava isso estava indignado. Quase que brigam de verdade. O Com. chegou a apontar o caminho da porta ao Baby. Porém havia uma terceira pessoa presente nesse “merengue”. A terceira pessoa não era inofensiva na gramática, era nada menos que outro tipo de grande “hierarquia”: O I. procurou conciliar. Não tinha nenhum interesse que a coisa se rompesse assim tão duramente. Perderia a possibilidade de assinar um documento. Conclusão: o Baby está indignado com o Com. que dizia e que dizíamos nós? Se convenceu o Baby que a tão reclamada “cordialidade” é falsa quando não estamos de acordo politicamente? Não foi ele, e não nós que insultamos o Com. por causa de seus “cachinhos”? A nós não nos interessa os “cachinhos” de ninguém. Nos interessa a conduta política. E conseqüentemente a conduta moral e privada de cada um de nós como militantes revolucionários. Nada mais. O caso, porém entranha um aspecto de mais gravidade. O momento não está para “chistes”. Estamos atravessando momentos cruciais em que nossa cabeça deve funcionar,

²⁹³ Blitzkrieg - termo alemão para guerra relâmpago.

²⁹⁴ Rasura.

²⁹⁵ Rasura.

²⁹⁶ Grupo de Montevideú.

²⁹⁷ Grupo de Buenos Aires.

independente dos “cachinhos”. Examinemos a posição atual do Brasil e outras que estamos antevendo como consequência dialética da situação atual. A última declaração do governo brasileiro coloca-o no caminho da luta contra o “eixo²⁹⁸”. Coloca-o na luta contra os elementos que apoiam o “eixo²⁹⁹”, que são em última análise os mais reacionários do Bra. Nossa capacidade consiste em ir audaciosamente, porém com a cabeça fria em saber explorar a situação atual tão favorável. Nós devemos estar de acordo com a posição inicial do governo. E impulsioná-lo a ir mais adiante. Nosso dever consiste em saber mobilizar a massa popular para que o governo possa cumprir seu compromisso internacional e prevenir contra qualquer ação dos “quitacolonistas³⁰⁰³⁰¹” que estão no Brasil, encarapitados nos órgãos administrativos, principalmente nas forças armadas e no aparelho de segurança interna. Saber combinar a lutar em favor dos EE.UU e seus aliados com a necessidade de democratização do Brasil e da necessária pacificação da família brasileira, a anistia em última análise. Levantar hoje a bandeira da ANL mesmo que seja para dizer o que dissemos em nosso programa de ação é extremamente perigoso e falso. A bandeira da ANL está ainda eivada do espírito de 35³⁰² e não sofreu retificação pública. Não deve ser para qualquer tipo sem escrúpulo revolucionário, que faz a vida desregrada de Montevideo e até usa “cachinhos suspeitosos” fazer isso dela como qualquer trapo para cumprir, mas ação inescrupulosa. Inescrupulosa porque é pura satisfação individual sem sentimentos revolucionários e patrióticos. Como se vê, a coisa é mais seria e exige reação pronta e enérgica de nossa parte, não no tocante ao jeito como ele se penteia, senão como pensa e atua politicamente. Isso implica numa responsabilidade coletiva. O esforço de 35 é mais de que a propriedade de qualquer sec. geral³⁰³ eventual. É patrimônio de toda a nação, de milhares de lutadores, de Prestes, de Prestes, tenha-se em conta. É uma coisa seria, e, sobretudo, neste momento. Nós devemos protestar e não consentir que ele sem

²⁹⁸ Países do Eixo: Alemanha e Itália. Estes foram responsáveis pelo crescimento da instabilidade em território europeu e efetiva eclosão da guerra. O Japão foi o outro grande protagonista que formava a tríade de países a serem combatidos na guerra.

²⁹⁹ Rasura

³⁰⁰ Provavelmente uma referência aos quinta-colunistas, termo é usado para designar todo aquele que auxilia a ação de forasteiros, mesmo quando não há previsão de invasão.

³⁰¹ Rasura, não consegui entender a palavra.

³⁰² Referência à Revolução de 35.

³⁰³ Ainda referência a Roberto Sisson.

razão, sem motivo, esgrimindo o consabido direito de sec. geral³⁰⁴ e delegação no Prata, cada título precário, por uma precária direção, queira perturbar nosso trabalho feito com a cabeça e o coração! Não podemos mais tolerar tais atitudes individuais e suspeitosas. O T.³⁰⁵, que cada vez o conheço mais, mais me encanta sua ponderação, seu critério e firmeza, aconselha, e estou completamente de acordo com ele, que de BA deve vir um documento claro e enérgico no sentido de proibir qualquer ação individual de S³⁰⁶. e mais ainda, de publicar qualquer documento em nome da ANL. Todos nós somos da ANL. E os que sofreram martírios e que estão dispostos a luta. Temos³⁰⁷ mais direitos que ele, apesar de que quer explorar a circunstância passada de ter sido sec. geral dela. Agora que o Baby também compreendeu isso é perfeitamente cabível essa ação e conseguiríamos a adesão de todos. Tu debes levantar energicamente a questão. Falar logo que receber esta ao Baby, reunir a fração, falar de R e ao Gor. E depois obter adesão de J. e P. pois honestos como são, tudo se fará unanimemente. Isso é urgentíssimo. 4) Junto segue o projeto³⁰⁸ de uma declaração conjunta dos emigrados e exilados políticos que vivem no Prata. O T. propôs que a enviasse urgentemente a vocês e que viesse daí a proposição. Aqui preparo com T. o trabalho. Vocês podem ver pelo seu conteúdo que é ampla. Se há alguma modificação deve ser no sentido de amplifica-la sempre e não sectarizá-la. Se estas de acordo com ela mande urgentemente a proposição. Não devem esperar nenhuma reunião. Isso é coisa extraordinária e deve ser prontamente publicada. Faça assim: apresente-se ao Baby e ao R. Obtido seu apoio fale com o V.P. e J. O resto é fácil. Você deve deixar tudo para que isso seja rapidamente resolvido. Tenha em conta que sabendo J.A. e P que estou aqui diga-lhe que estou de acordo com ela e assino. Rapidez, meu velho. 5) O T. propõe que de uma vez por todas venha daí uma proposição e explicação porque não estamos de acordo que no Prata haja grupos da ANL ou mesmo de nacionais libertadores. Ele está de acordo. Depende duma nota de vocês e tudo se resolve. A fração³⁰⁹ garante a aprovação aqui. 6) – Penso que deve fazer imediatas publicações dos seguintes artigos: Sobre a

³⁰⁴ Roberto Sisson era considerado secretário geral do exílio.

³⁰⁵ Como eu disse, referência a Tourinho. Antônio Bento Monteiro Tourinho.

³⁰⁶ Talvez, como dissemos, seja Sisson.

³⁰⁷ Rasura.

³⁰⁸ Não consegui entender. Rasura. A transcrição do texto ficará para a sequência da pesquisa.

³⁰⁹ Rasura.

penetração dos alemães, italianos e japoneses no Brasil. Você se lembra daquele brilhante que se publicou no “A Manhã”,³¹⁰. Hoje eles têm muita atualidade. Devem ser assinados por você, JA³¹¹, Baby³¹² e P³¹³. “Cri”³¹⁴, e outros jornais devem ser explorados. Ao demais dos nossos desde logo. Outra coisa: Falei com o responsável do DP. Consegui que você, JA e o Baby escrevam artigos especiais para ele. Devem ser pequenos, tipo do que escreveu Paraguassú³¹⁵ no dia 10-12 (que segue junto a esta). Mandem logo e que não fique para as calendas gregas³¹⁶. 7) Sobre o velho acho justo que se vá buscá-lo. Tu sabes que é minha ideia também. Fale concretamente em meu nome ao FL³¹⁷. Diga-lhe que estou de acordo e que deve ser tomadas urgentemente todas as medidas pertinentes ao caso. 8) Não recebi ainda sua cópia da carta ao velho³¹⁸. Como vou botar esta antes de ir a direção de minhas cartas, te informarei na outra. 9) – Faço esforços de sair daqui a empurrar o companheiro. A coisa vai lenta, meu amigo. Hoje fui visitar aquela mulher que você³¹⁹ conheceu em Cor. Disse-lhe que tomem as medidas me enérgicas porque quero chegar antes da festa que se anuncia para breve na cidade maravilhosa³²⁰. Disse-lhe que deixassem a critério provinciano que estão embuídos e que mirem a nossa terra como se deve. Vamos ver amigo. 10) – Penso que você deve ter em vista que a coisa vai ser mais rápida do que pensamos. Prepare-te meu anjo³²¹. 11)- Conte-me algo da chegada “dela”. Na outra, tenho coisas para te contar sobre ela muito interessante. Apreciação de T. muito justa. Aguarde. 12) Quero que me mandes urgentemente o artigo de Vitor sobre o 27 e me

³¹⁰ Referência ao Jornal A Manhã, do Rio de Janeiro.

³¹¹ Jorge Amado.

³¹² Baby Bocayuva.

³¹³ Como dissemos, acreditamos que seja Pedro Motta Lima.

³¹⁴ Talvez uma referência ao *La Crítica*.

³¹⁵ Manoel Paraguassu. Em busca na rede encontrei a menção a um Manoel Paraguassu, um pintor e aquarelista. Mas não encontrei evidências que fosse o mesmo.

³¹⁶ Expressão usada para indicar um dia que jamais chegará.

³¹⁷ Possível referência a Fernando Lacerda.

³¹⁸ Acredito que este velho seja Munhoz. Referência à carta que Palma diz que enviará na carta 1054.

³¹⁹ Inserido manual “conheceu”.

³²⁰ Referência ao Rio de Janeiro.

³²¹ Apesar dos problemas com e tensões, as cartas são permeadas pelo cuidado e afeição entre os comunistas, destaco esta porque julgo que seja a maior expressão de carinho dentre o *corpus* selecionado.

diga se foi publicado o meu sobre a anistia³²² e donde. 13) – Diga ao JA e ao P. que não tive tempo de escrever-lhes. O farei em breve. Porém que sempre me recordo deles como bons companheiros e que espero que nossa amizade se perpetuará para sempre³²³. Saúde em meu nome a família de JA e ao “chefe” P³²⁴. 14) O uso desta carta involucra em habilidade tua. A coisa que expresso orientação deve ser conhecida pela fração e grupo. Quando falo sobre Baby e “ela” são coisas privadas nossas e servem para você ajudar ao Baby superar-se. Compreende? Tudo que a que escrevemos é para o bem do nosso grupo e de cada um em particular. De acordo? Aproveito a oportunidade para pedir-te que saúdes o velho R. e o G. e todos os amigos de aí, de esse bravo punhado de mestres velhos e jovens. Até breve. Não tempo de entrevistar estátuas e telefones porque me falta a musa “inspiradora”. Aqui a coisa é outra, meu amigo... Estou ansioso de receber outra obra literária tua. Diga ao Baby para escrever-me. “Slogan”...
Principiei ontem 10 e termino hoje 11, quando vou pô-la no Correio. Joaquim³²⁵.

³²² Rasura.

³²³ Outra demonstração de amizade que merece destaque. Apesar da ausência, a presença, a lembrança, a confiança e a renovação dos votos de amizade.

³²⁴ Reforça a hipótese de que seja Pedro Mota Lima.

³²⁵ Assinatura a caneta, no canto da página.

Buenos Ayres, 10 de Dezembro de 1941.

Meu caro Joaquim: um abraço. Ontem, aniversário do Pompeu, recebi sua carta. Escrevi aqui com o Pompeu, o Costa, o Pedro. Hoje estou lhe respondendo, após ter agido 50 folhas de biografia. Está sendo um livro grande, o material é muito e é assombroso. Criei no livro. Desse caso material se eu não escrever um livro que preste então a que não nasce para isso. Recolhi material pela Rosa, depois mais enviado pelo malta pelo correio e de dona Leopoldia também a carta de Lygia. Estou de partida do México. Ao que me parece para aqui. Agora, respondo sua carta. Quanto ao ponto. Você verá se escrevo algo. Tenho pouca documentação aqui, estou esperando que o Colho de Souza mande as coisas que mandei pedir a ele. Assim pretarei estar chegando. Também agora estou escrevendo quasi que exclusivamente a biografia. Se penso nisso e se trabalho nisso (de férias na editora para adiantar o livro). Hoje tenho 230 folhas escritas, pouco mais de metade. Com mais 15 dias quero ter as 400 que o livro usará. 2ª) As direções que dei à livreria foram de "distribuições". Você bem sabe como a revista está madura. Será que vale a pena continuar a mandar coisa para além de qualquer maneira. Vou fazer outro plano de ações e lhe enviar para você entregar à editoria. 3ª) A conferência foi muito bem. Foi sucesso, grande interesse pela literatura brasileira entre os ouvintes. Problemas por lá uma venda de livros, vendeu bastante. O "Jubiado" está com a edição argentina exotada. Quanto a minha ida para fazer conferências aqui, está muito bem, mas só em janeiro, nos princípios, quando estiver o livro no prelo, a edição espanhola. Assim si formos a outra, você e eu. Certo que tem mesmo que ser feito aí, devido ao "então" daqui. 4) Certo tudo que você diz sobre o artigo do R. e graças pelo seu interesse. 5) Fico esperando suas notas, as de Lourinhã, tudo que este interessar a respeito da minha ideia, cada vez acho mais interessante fazermos a edição. Fico pensando que seria feita aí, papel de jornal, tipo pequeno para fazer um livro de 200 páginas, etc. Os detalhes estudaremos aí. Você e que podia contar com os amigos da editorial. Pegue um livro edição Biblioteca Sopena (custa 80 centavos argentinos) e peça aos amigos daí que consultem uma oficina e saibam porquanto fica a cada página de um volume daquela para 500 ou 1000 exemplares, como lhe parecer melhor. Assim já teríamos um orçamento. Aqui só Pedro sabe. Receti de dona Leopoldia excelente material fotográfico. Se você quiser de alguma coisa, nesse sentido, me mande. 6) Fico esperando suas opiniões sobre o Jubiado e o Capitães. Você sabe o valor que ela tem para mim. Quanto à você se estar apaixonando por uma rapariga devido às informações da companhia de touros, é muito cabível. Você está na época em que tem mesmo que casar. E a casar eu lhe reconheço uma baixa. Então, veja como o touro se deu bem. Vou mandar a cópia da minha conferência sobre do mesmo Jubiado. Amanhã mesmo irá. O poema sobre F. de Noronha está no mesmo jornal em que saiu o artigo do R. Um número antes. Será possível você arranger aí, por que aqui não tenho? Se não for vou providenciar. Essas são as respostas à sua carta. Notícias não há a não ser as que você sabe pelas revistas. Dos amigos aqui: Pompeu perdeu o emprego pois o escritório fechou. Está providenciando outro. Costa e Rosa vão bem. O resto do pessoal também. Estávamos esperando Sigson que acabou a vinda e não veio. Esperamos também o Amazonas, não sei se virá agora. E você, ainda não virá por aqui? Eu estou com muita vontade de ir também o livro, e que acontecera até 2 ou 3 de janeiro, de ir descer ao Rio. Está trabalhando no livro dia e noite, agora, e quando me entregarem o livro me entregarei completamente. Fico muito exotado. Principalmente a este livro onde estou dando tudo que posso. Cuido que você gostaria de este livro. Penso que você não está aqui. Le quando eu vier lá no Rio. Você me dê um endereço por minha conta e fico pensando que seria excelente que você e Lygia, Anita e R. lere todo o livro antes de publicado e creio que aquele amigo gordo que você trouxe aqui também, você está aí ainda aí quando eu minha ida, em janeiro. Penso em passar o ano aí. Então pretarei para o aparecimento do livro, que deve ser dar uma mão de ajudar. Segundo o malta no Rio há grande interesse pelo livro. Abraço. Tou, Leopoldia e dona Leopoldia, abraços de Anita e de Pompeu pra você e abraço mande-me a companhia dele, abraços de Anita e de Pompeu pra você e abraço ao seu amigo. 10/12/41

Carta de Pompeu para o Joaquim, com uma folha de biografia e um envelope com uma carta de Lygia.

³²⁶ Carta 1095 - Arquivo NuLIME. Manuscrito em português. Destinatário: Joaquim. Remetente: Sem identificação, por inferência Jorge Amado. A catalogação segue a ordem apresentada por Thalita Coelho em seu TCC, defendido em 2013.

Buenos Ayres, 18 de dezembro de 1941.

Meu caro Joaquim: um abraço. Ontem, aniversário de Pompeu³²⁷, recebi sua carta. Boiamos aqui com o Pompeu³²⁸, o Costa³²⁹, o Pedro³³⁰. Hoje estou lhe respondendo, após ter escrito 30 folhas da biografia³³¹. Está saindo um livro grande, o material é muito assombroso. Creio no livro. Diante desse material, se eu não escrever um livro que preste então é que não nasci para isso. Recebi o material pela Rosa³³², depois mais enviado pelo Malta³³³ pelo correio e de dona Leocádia³³⁴ também e carta de Lyggya³³⁵. Estão de partida do México. Ao que me parece para aqui³³⁶. Agora respondo sua carta, ponto por ponto. 1º) material sobre infiltração de italianos, alemães e japoneses no Brasil³³⁷. Vou ver se escrevo algo. Tenho pouca documentação aqui, estou esperando que o Coelho³³⁸ de Souza³³⁹ mande-me as coisas que mandei pedir a ele. Assim esperarei até chegarem. Também agora estou escrevendo quase exclusivamente a biografia. Só penso nisso e só trabalho nisso (de férias na editora para adiantar o livro). Hoje tenho 230 folhas escritas. Pouco mais da metade. Com mais 15 dias quero ter as 400 que o livro dará. 2º)

³²⁷ Thomaz Pompeu Accioly Borges, tradutor de *El Caballero de la esperanza*, a biografia de Luiz Carlos Prestes, escrita por Jorge Amado, entre 1941 e 1942.

³²⁸ Idem.

³²⁹ Carlos Costa Leite, segundo Zimbarb (2001), Jorge Amado hospedou-se na casa de Costa Leite para escrever a biografia de Luiz Carlos Prestes. Também existem evidências que Jorge Amado se hospedou na casa do cineasta Ernesto Sábato, enquanto escrevia a obra que contava a vida Prestes. (PALACIOS, 2014).

³³⁰ Pedro Mota Lima, como dissemos.

³³¹ Biografia de Luiz Carlos Prestes.

³³² Como a professora Leonor Schiar, filha de Rosa, afirmou que Jorge Amado e Rosa não tiveram contato, durante o exílio do escritor, acredito que se trata de Rosa Meirelles, a quem Jorge Amado agradeceu pelo apoio para escrever a biografia de Prestes. Outra possibilidade mais plausível é que seja Rosa Malta, pois logo em seguida há a referência ao Malta.

³³³ Possivelmente, o jornalista Octavio Malta.

³³⁴ Leocádia Felizardo Prestes, mãe de Luiz Carlos Prestes.

³³⁵ Irmã de Luiz Carlos Prestes.

³³⁶ Buenos Aires.

³³⁷ Joaquim também faz a solicitação de artigo sobre o assunto na carta 503, destinada à Palma.

³³⁸ Inserção do “e” manuscrita.

³³⁹ Ver nota sobre Coelho de Souza, na carta 503.

As direções que dei à livraria foram de “diretrizes³⁴⁰”. Você bem sabe como a revista esta medrosa. Será que vale a pena continuar a mandar coisas para eles? De qualquer maneira vou fazer outro plano de direções e lhe enviar para você entregar a editorial. 3º) A conferência foi muito bem³⁴¹. Fez sucesso, grande interesse pela literatura brasileira entre os ouvintes. “Problemas” pôs lá uma venda de livros, vendeu bastante. O “Jubiabá” está com a edição argentina esgotada. Quanto à minha ida para fazer conferência aí³⁴² está muito bem, mas só em janeiro, nos princípios, quando estiver o livro no prelo, a edição espanhola. Assim aí faríamos a outra, você e eu. Creio que tem mesmo que ser feito aí, devido ao “estado” daqui. 4) Certo tudo que você diz sobre o artigo do R. e graças pelo seu interesse. 5) Fico esperando suas notas, as de Tourinho³⁴³, tudo que este conseguir aí. Quanto à minha ideia, cada vez acho mais interessante fazermos a edição. Penso que teria que ser feita aí, papel de jornal, tipo pequeno para fazer um livro de 200 páginas, etc. Os detalhes estudaríamos aí. Você é que podia adiantar com os amigos da editorial. Pegue um livro edição Biblioteca Sopena³⁴⁴ (custa 80 centavos argentinos) e peça aos amigos daí que consultem uma oficina e saibam porquanto fica a³⁴⁵ página de um volume daquele para 500 ou 1000 exemplares, como lhe parecer melhor. Assim já teríamos um orçamento. Aqui só o Pedro³⁴⁶ sabe. Recebi de dona Leocádia formidável material fotográfico. Se você souber de alguma coisa aí nesse sentido, me mande. 6) Fico esperando sua opinião sobre Jubiabá e os Capitães. Você sabe o valor que ela tem para mim. Quanto a você se estar apaixonando por uma baiana devido às informações da companheira de Tou³⁴⁷. é muito cabível. Você está na época em que tem mesmo que casar. E a casar eu lhe recomendo uma baiana. Gente boa, veja como o Tou se deu bem. Vou uma mandar uma cópia da minha conferência sobre dona Leocádia. Amanhã mesmo irá. O poema sobre F. de Noronha saiu no mesmo jornal em que saiu artigo de

³⁴⁰ Talvez referência à Revista Diretrizes, para a qual Jorge Amado escrevia.

³⁴¹ Possivelmente uma referência à conferência sobre literatura moderna, na qual J.A. fala na carta 1094, na AIAPE.

³⁴² Montevidéu.

³⁴³ Talvez seja uma referência a Tourinho: Antônio Bento Monteiro Tourinho.

³⁴⁴ Encontrei uma referência a uma editora Ramon Sopena, conhecida como Biblioteca de Sopena.

³⁴⁵ Rasura

³⁴⁶ Pedro Mota Lima, provavelmente.

³⁴⁷ Como disse, Tourinho.

R., um número antes. Será possível você arranjar aí, por que aqui não tenho? Se não for vou providenciar.

Essas são as respostas a sua carta. Novidades não há a não ser as que você sabe pelos jornais. Dos amigos aqui: Pompeu³⁴⁸ perdeu o emprego, pois o escritório fechou. Está providenciando outro. Costa³⁴⁹ e Rosa³⁵⁰ vão bem. O resto do pessoal também. Estávamos esperando Sisson³⁵¹ que anunciou a vinda e não veio. Esperando também o Amazonas³⁵², não sei se virá agora. E você, anda virar por aqui? Eu estou com muita vontade de, em terminando o livro, o que acontecerá até 2 ou 3 de janeiro, de ir descansar aí. Estou trabalhando no livro dia e noite, agora, e quando me entrego a um livro me entrego completamente, fico muito esgotado. Principalmente a este livro onde estou dando tudo que posso. Creio que você gostará dele. Penaliza-me muito você não estar aqui. De quando em vez faço no livro uma firmação por minha conta e fico esperando que seria excelente que você a lesse. Enfim o R. lerá todo o livro antes de publicado e creio que aquele amigo gordo que você trouxe aqui também. Você estará ainda aí quando a minha ida, em janeiro? Penso em passar o mês aí, só voltarei para o aparecimento do livro, que deve se dar nos fins de janeiro.

Segundo o Malta³⁵³, no Rio há grande interesse pelo livro. Abrace Tou³⁵⁴, recomende-me à companheira dele, abraços de Maria³⁵⁵ e de Pompeu para você e abraços do seu amigo,

Assinatura³⁵⁶

³⁴⁸ Como disse, Thomás Pompeu, Campeòn.

³⁴⁹ Carlos Costa Leite, provavelmente.

³⁵⁰ Provavelmente, Rosa Meirelles.

³⁵¹ Talvez Roberto Sisson.

³⁵² Possivelmente João Amazonas.

³⁵³ Como disse, Octavio Malta.

³⁵⁴ De novo, Tourinho.

³⁵⁵ Maria, que no futuro casará com Pompeu.

³⁵⁶ Rabiscada, a caneta, no canto da página.

Estimado amigo e omarada Baby:

Extranho a teu silêncio para comigo. Sei tua habilidade de manter com os amigos e camaradas o difícil gênero de literatura "epistolar". Sei também o prazer com que manejas a tua pequena "metrófora". Atribuo a duas coisas: 1) - As ocupações "domésticas" e 2) - Não constitua prazer manter relações com este modesto soldado. Admiro-me mais sabendo que você é o propagandista da "cordialidade" an-tre nós. Em fim estas divagações não são próprias para o dia em que te escrevo.

Antes de entrar propriamente no assunto de minha carta, quero dizer-te que te de-sinco antes que passes no meio da maior alegria as festas do Natal, Ano Bom e Réia. Agra-deço depois de tantos anos de separação vocês se juntarem. Era merecido essa união. Não que tanto tempo decorrido para ti que os demais possam realizar a festa da fi-li-a. Não teamos também direito a ela. Desejo, pois, repito, que tú e tua família es-tão reunidos e que em breve possamos nós todos fazê-lo. ~~Transmita~~. Transmita, em meu nome, a todos nossos amigos que passem da melhor maneira as festas deste fim de ano e do princípio do outro, ano de nossa vitória.

O assunto central desta carta é tratar com vocês a melhor maneira de come-morar o aniversário de LCP. Aqui a coisa marcha regular. Por parte de nossos pa-trícios a coisa não vai mal. Os informes que o Bichinho me dá são sempre verda-deiros por ele é uma pessoa ponderada. O que falta é a cooperação da gente do no-ssos club. Poucas vezes os nossos pedidos eram razoáveis e até modestos. Porém, até a-gora, nada obtivemos. Minha experiência de BA me obriga a ser ponderado. Não que-ria dar motivos a nenhuma queixa contra nós. Quería apenas que um camarada traba-lhasse com o Bichinho para ajudá-lo no desempenho de suas funções. Até isso não consegui porque aqui sempre se alega falta de quadros. Contudo nosso trabalho de-ser feito e por isso temos que revestirmos de calma. Sobre o 3 de Janeiro é muito mais difícil fazer-l-o ~~mas~~ ~~mas~~ ~~mas~~ onde você mora. Junto de mando um plano que elaboramos, e que estamos fazendo força para realizá-lo que pode ser adaptado às circunstâncias de aqui. Um acto é possível que não se possa fazer. Uma festa ínti-ma bem animada, debaixo do signo sentimental, com a presença dos patrióticos e de nossos grandes amigos é possível que resulte boa e simpática. Escrever nos jornais creio que é também possível no tom do artigo que vai junto. Saírá um outro em "J" e este nos dará uma página no próximo numero. Confiamos em vocês e, principalmente, em você que é mestre nesses assuntos. Apresente estas sugestões ao grupo e o grupo pode aceitar algumas. Mandem vossas sugestões e vosso plano para coordenarmos dum lado e do outro do rio nossos actos nesse sentido.

Outro assunto. Ainda não recebemos a declaração que foi discutida aqui a base de nosso projecto. Já li uma declaração de outro grupo. Estamos devêras ~~af~~ trazados. Providencia de ~~mandar~~ mandar outra.

Ante-hontem enviei uma longa carta a Palma e a Pom, capeando um trabalho meu sobre a correspondência. Pedi a Palma para mostrar-te antes. Quando respon-da esta diga-me tua opinião ao caso de teres lido já "tal carta ou não?".

Interessa-me saber porque não saiu nada mais na "Cr."? Que houve? ~~Q~~ ~~Q~~ ~~Q~~ escreveu uma nota interessante sobre Lameço na "Ta Razão". Você leu?

Por último: Todo teu esforço em preparar a viagem do Manuel se perdeu. Es-tou fazendo tudo novo e mais difícil. Os nossos amigos daqui ainda não estão pre-parados para estas empresas. Bem, velho Baby já escrevi demasiado. Não sei se sa-bes que minha instalação é má. Agora mesmo quero escrever-te com calma e é quasi impossível. O amigo, que é dono da casa que vivo está em casa e durante o tempo que estão "atamancando" esta ele fala continuamente comigo. Que martírio! Em fim consegui coordenar alguma coisa do que pretendia dizer-te e que espero que teu dinamismo será o motor que faça andar estas coisas. Aproveito a oportunidade para re-rogar-te que saudeie o R. e família, o G. e a todos os paisanos em actualidade para dinâmico as meus desejos que tenham felizes e alegres festas. A ti e família um mil-hão de felicidades e que em breve possamos festejá-la todos como uma só família em torno de uma só mesa....

Dia de Natal de 1941.

Joaquim

Estimado³⁵⁸ amigo e camarada Baby³⁵⁹

Estranho o teu silêncio para comigo. Sei tua habilidade de manter com os amigos e camaradas o difícil gênero da literatura “epistolar”. Sei também o prazer com que manejas a tua metralhadora³⁶⁰. Atribuo a duas coisas: 1) – As ocupações “domésticas” e 2) – Não constituís prazer manter relações com este modesto soldado. Admiro-me mais sabendo que você é propagandista da “cordialidade” entre nós. Enfim, estas divagações não são próprias para o dia em que te escrevo.

Antes de entrar propriamente no assunto de minha carta, quero dizer-te que te desejo que passes no meio da maior alegria as festas de Natal, Ano Bom e Reis. Agora depois de tantos anos de separação vocês se juntaram. Era merecido essa união. Nós que tanto temos concorrido para que os demais possam realizar a festa da família, temos também o direito a ela. Desejo, pois, repito, que tu e tua família estejam³⁶¹ reunidos e que em breve possamos nós todos fazê-lo³⁶². Transmita, em meu nome, a todos os nossos amigos que passem da melhor maneira as festas deste fim de ano e de princípio do outro, ano da nossa vitória.

O assunto central desta carta é tratar com vocês a melhor maneira³⁶³ de comemorar o aniversário de LCP³⁶⁴. Aqui a coisa marcha regular. Por parte de nossos patrícios a coisa não vai mal. Os informes que o Bichinho me dá são sempre verdadeiros por ele que é uma pessoa ponderada. O que falta é a cooperação da gente do nosso clube. Poucas vezes os vejo. Desde que estou aqui, tivemos duas “tertúlias”. Em ambas disseram que os nossos pedidos eram razoáveis e até modestos. Porém, até agora, nada obtivemos. Minha experiência de BA³⁶⁵ me obriga a ser ponderado. Não quero dar motivos a nenhuma queixa contra nós. Queria apenas que um camarada trabalhasse com o Bichinho para ajudá-lo no desempenho de suas funções. Até isso não consegui porque aqui se alega falta de quadros. Contudo nosso trabalho deve ser feito e

³⁵⁸ A carta teve toda acentuação acrescentada a caneta preta. Vários pequenos ajustes feitos manualmente.

³⁵⁹ Baby Bocayuva Cunha.

³⁶⁰ Rasura a lápis.

³⁶¹ Rasura a lápis.

³⁶² Rasura.

³⁶³ Rasura a lápis, ajuste da palavra.

³⁶⁴ Luiz Carlos Prestes

³⁶⁵ Talvez uma referência ao Grupo Comunista de Buenos Aires.

por isso temos que revestirmos de calma³⁶⁶. Sobre o 3 de janeiro³⁶⁷ é muito mais difícil fazê-lo³⁶⁸ aí³⁶⁹ onde você mora. Junto de mando um plano que elaboramos, e que estamos fazendo força para realizar o que pode ser adaptado às circunstâncias daí. Um ato é possível que não se possa fazer. Uma festa íntima bem animada³⁷⁰, debaixo do signo sentimental com a presença dos patrícios e de nossos grandes amigos é possível que resulte boa e simpática. Escrever nos jornais creio que é também possível no tom do artigo que vai junto. Sairá um outro em “J”³⁷¹ e este nos dará uma página no próximo número. Confiamos em vocês, e, principalmente, em você que é mestre nesses assuntos. Apresente estas sugestões ao grupo e o grupo pode aceitar algumas. Mandem vossas sugestões e vosso plano para coordenarmos dum lado e do outro do rio³⁷² nossa ação nesse sentido.

Outro assunto. Ainda não recebemos a declaração que foi discutida aqui a base de nosso projeto. Já li uma declaração de outro grupo. Estamos deveras atrasados. Providencie de mandar outra.

Anteontem enviei uma longa carta a Palma e a Pom³⁷³ capeando um trabalho meu sobre a correspondência. Pedi a Palma para mostrar-te antes. Quando responder esta diga-me tua opinião no caso de teres lido já “tal calhamaço”.

Interessa-me saber por que não saiu nada mais na Cr³⁷⁴? Que houve? O BG³⁷⁵ escreveu interessante sobre Lampeão na “La razòn³⁷⁶”. Você leu? Por último: Todo teu esforço em preparar a³⁷⁷ viagem do Manuel³⁷⁸ se perdeu. Estou fazendo tudo novo e mais difícil. Os nossos amigos daqui

³⁶⁶ Queixa similar aparece na carta 513. Porém, nesta correspondência as críticas são veladas e discretas.

³⁶⁷ Aniversário de Luiz Carlos Prestes.

³⁶⁸ Rasura a lápis.

³⁶⁹ Rasura, acrescentado “ahi” a caneta.

³⁷⁰ A festa, nesses termos, também aparece no corpo da carta 513.

³⁷¹ Talvez o suplemento literário, *O Jornal*, órgão vinculado à campanha da Aliança Liberal. Jorge Amado escrevia para o suplemento.

³⁷² Possível menção à localização dos camaradas. O Rio Uruguai serve de limite entre o Brasil e a Argentina e entre a Argentina e o Uruguai. Provavelmente, um dos correspondentes está em Montevidéu e o outro em Buenos Aires.

³⁷³ Talvez uma referência a Pompeu. Thomás Pompeu, outros codinomes podem ser associados a ele: Campeão e engenheiro.

³⁷⁴ Talvez uma referência ao *La Crítica*.

³⁷⁵ Como disse, talvez seja uma referência a Brasil Gerson.

³⁷⁶ *La Razòn*.

³⁷⁷ Rasura a lápis.

ainda não estão preparados para estas empresas. Bem, velho Baby já escrevi demasiado. Não sei se sabes que minha instalação é má. Agora mesmo quero escrever-te com calma é quase impossível. O amigo, que é dono da casa que vivo está em casa durante o tempo que estou “atamancado” esta ele fala continuamente comigo. Que martírio!³⁷⁹

Enfim consegui coordenar alguma coisa que pretendia dizer-te e que espero que teu dinamismo será o motor que faça andas estas coisas. Aproveito a oportunidade para rogar que saúdes o R. e família, o G e a todos os paisanos em meu nome e reitero os meus desejos que tenham felizes e alegres festas. A ti e família um milhão de felicidades e que em breve possamos festejá-la todos como uma só família em torno de uma só mesa...

Dia de Natal de 1941.

Joaquim³⁸⁰

³⁷⁸ Em outras cartas, se fala na viagem do Velho. Talvez Manuel seja outra referência a esta pessoa.

³⁷⁹ Juan, na carta 514, faz reclamação semelhante.

³⁸⁰ Assinatura em caneta preta.

Caro amigo Munhoz: 27-12-41

Faz dias que recebi a tua carta de 16-12-41. Queria responder-te prontamente. Tive, porém, de fazer outras coisas necessarias. Conclusão: Pouco adiante! Ha aqui duas coisas dificeis de vencer: a) A incompreensão do nosso club e b) A unidade e mobilização de nossos patriotas. Aqui, onde deveriamos concentrar nosso trabalho, é onde estamos debéis. E cheguei a uma conclusão: Enquanto não vier para aqui, ou mais companheiro, para ajudar ao companheiro T., unico que me parece responsavel, não faremos o que devíamos. E é lastimavel que poríamos possibilidades que ofereceram agora a situação de nossos pagos. O pessoal do club não é má gente. Verbalmente reconhecem que os nossos pedidos são razoaveis e até modestos. Porém na pratica nada se faz. Alega-se que não ha quadros. Bem, é a velha historia. Historia que todos nós sabemos. Em fim estamos em casa alheia e, com a experiencia de BA, não devemos perder a paciencia. Aliás é coisa que voce, velho amigo Munhoz, deve ter um grande "stock". Nossos clubs ainda tem uma compreensão "provinciana" de sua missão. Disse uma coisa em BA e quero repetir-a a ti, que és um de nossos mestres, que enquanto não valemos mais que hoje, não nos darão valor. Por isso tenho uma enorme vontade de terminar com minha "excurssão" e entrar de cheio no cumprimento de meu dever. Fracasaram todas as "demarches" anteriores. Temos que organizar todo de novo. Parece que vas ser muito trabalhoso, porém tenho que tomar todas precauções. Desejo que a proxima carta que recebas já seja banhada pelo aroma de nossas plagas.

Apesar de todas as dificuldades vamos fazendo alguma coisa. Não só dentro do país, publicações, reuniões, estudos, bem como trabalhando para organizar alguma coisa que sirva de fio permanente entre nós. Você compreende que ha uma diferença entre aqui e BA. Em BA temos um club que cada dia é mais forte e um grupo de bons e esforçados companheiros. Nosso trabalho é mais adiante, por isso temos de suportar, com calma, muitas contrariedades. Um assunto muito importante, que só queria dizer-te quando chegasses em BA. Em vista que se retarda a tua viagem e talés siga pronto quero dizer-te que ha um bom amigo dos pagos, que veio até aqui para entregar ao amigo nosso, irmao Rodevasis, o material junto. O que é mais emocionante é que os companheiros que "veraneiam" em S. Paulo, mesmo nas condições que se encontram reuniram seus recursos e mandaram o companheiro até aqui. Como por falta de papel não poudes atrayessar o rio, resolvi seu assunto enviando para os nossos patriotas e para o irmao Rodevasis o informe interessante que vas junto a esta. Não é muito novo, porém é devéras interessante, demonstração que nossa gente vive e aprende. O companheiro, operario simples e fiel ao nosso club, gente que nós conhecemos, não foi tratado como devia. Vive aqui abandonado. Dois companheiros, T. e eu, estamos sempre junto a ele procurando amenizar-lhe a sua estadia. Porém, ha quasi dois meses não se consegue o dinheiro para o amigo seguir adiante. Pelo informe se póde deduzir que todos nós estamos empenhados em buscar soluções para o reerguimento de nosso club, e mais ou menos todos coincidimos em subsanar os erros sectarios anteriores e saber aproveitar todas as circunstancias politicas favoraveis. Examine, amigo Munhoz, o informe que é mais util que ouvir minhas elocubrações.

A tua ultima carta é justissima. Sempre estive de acordo que para a liberdade dos nossos, principalmente do grande chefe, metade de nosso club, no dizer do chefe da casa matriz, é trabalho unificado de todos os fieis. O que ha de importante que temos em mão uma serie de novos recursos. O trabalho exterior, bem orientado póde permitir melhor um trabalho interior. Agora mesmo estamos na véspera da comemoração de mais um aniversario do nosso chefe. Aqui os companheiros podiam fazer muito. A pouca gente e a falta de entusiasmo de alguns, aliados ao pouco interesse demonstrado pelo club, talvez não possamos fazer nenhum acto e 3 de Janeiro. Sómente publicações nos jornaes. Junto a esta segue um artigo do Manuel Paragussé publicado no dia de Natal. O que ele pintava, podia ser perfeitamente feito. Creio que voce ahí, amigo como é do chefe poderá por em pratica muitas das ideias nossas. Os amigos daqui disseram que durante o Janeiro vindouro fariam um grande acto em homenagem ao chefe. Disse que era muito boa a ideia. Porém que se podia aproveitar a época das festas para mandar cartas, telegramas e os presentes e continuar com a propaganda nos jornaes. Além disso propus que mandassem uma carta a nossa velha por motivo das festas. O JA numa carta que me mandou disse-me que éia lhe mandou mais material e que já estavam de malas prontas. Que sabes a respeito?

Ainda nesta não quero aberdar outros problemas mais profundos. A minha instalação é má. Estou numa casa pequena dum familia operaria. Marido, mulher e filho. Como ha trabalho o companheiro fica muito em casa. Toda a hora quer con-

381 Carta 514 – Compreende também a página 515. Arquivo NuLIME. Manuscrito em português. Destinatário: Munhoz. Remetente: Juan. A catalogação segue a ordem apresentada por Thalita Coelho em seu TCC, defendido em 2013.

... pensar comigo. É impossível trabalhar assim. Além disso é a radio que fera o no-
gão ouvido a toda a hora. Estou apuroso de terminar com tudo isso. Espero fazer-o
pronto. E tratando-se de instalações imagino o que passas por ahí. Estou convencido
amigo Munhos que não resisto mais e vou constituir "meu lar". Mas te exparte meu va-
lho. Não aguento mais esta vida de estar dependendo de todos, sem que possamos tra-
balhar a gosto. Espero que este proximo ano voce resolva tambem teu assunto, pois
necessitamos dar o maximo de nossa energia e não temos tempo de suportar uma serie
de pessoas que nos aborrecem. Ainda mais um assunto de ahí, entregues-lhe uma serie
tenha te visitado. O mesmo dia que sahi daqui, entregues-lhe um embrulho contendo
livros para voce e para pessoas de tua casa. Vinha além disso uma jornada da terra.
Que custava a esse amigo chegar até tua casa? É lamentavel que não tenhamos recebido
os livros, pois sempre erguima distrapão. Deves reclamar-lhe todo que entregamos.
Na hora que esta chegar ahí deve entrar em pleno desenvolvimento a XII festa do glul
Espero que leias livros que nos existimos. Pense, como insisti na terra do irmão
Rodovais e aqui tambem, que não devia ser uma coisa esporadica e formal a ajuda
ao nosso club e ao nosso chefe. Era ao meu ver, um dever de todos os clubs de Ame-
rica. Disse mais, ajudar-nos era uma auto-defesa. Compreendero assim os irmãos de
ahí? Ou mantendo o criterio "provinciano" manifestado em todos lugares que passamos?
Espero que voce, com tua capacidade e amor ao nosso club, aliado a teu prestigio,
consiga fazer com que eles compreendam isso. Gostaria saber algo dele através tuas
critricas palavras.

Já te disse acima que segundo a informaçao de JA a nossa boa velha já está
armando as malas para sair do Mexico. Nada mais sei. Todas as minhas cartas e
bilhetes não obtiveram resposta. Se voce sabe alguma coisa me escreva porque ago-
ra mais que nunca, não quero perder o contacto com ela.
Quando voce chegar na terra em que vive o Palma, voce terá occasiao de saber
a attitude de cada companheiro. Estou em constante ligaçao com os companheiros e
principalmente com o Palma. Com motivo do 7 de Dezembro, escrevi um projeto de de-
claraçao, que enviei aos amigos de M. Establou-se uma discussao tremenda entre os
amigos. Salutar dum lado, porém perigosa de outro. Até agora não podemos dar a luz
tal documento devido a que a discussao foi prolongada. Creio que o OL, que sempre
viveu o ambiente dos conchavos e combinaçoes, que não comprehendem nunca o valor
da classe trabalhadora, que sempre realizou um trabalho caudilhista, que foi encheido
de entrega, attitudes que agora é não fazer nenhuma critica, etc. Ele e out-
ros que o seguem, esquecem o nosso chefe na prisao. Eles não comprehendem quando
ha defesa do continente enquanto perdurar a divisao entre os filhos de nosso paiz-
se, enquanto não houver uma intendente de vista entre todos os filhos de nosso paiz-
mo que seja só para as tarefas actuaes. O Palma, que está melhorando a olhos vis-
tos, que julgo que será engramente util á nossa causa, não tem permitido taes ati-
tudes de animar o pessoal, só trouxe informaçoes desanimativas. Chegou ao ponto o OL de
Rodovais e Corifen, deem sua opiniao! Porque isso? E nós não valmos nada? Voo-
dir opiniao nos nossos amigos, porém somos nós que devemos ter maior idade para re-
solver nossos assuntos. Protests contra esse sistema que foi tao combatido lá enci-
ma. Sono nós que temos responsabilidade frente aos nossos problemas. E por isso é
que temos amigos como voce e outros para resolver nossas dificuldades. Além disso
já muita gente opaz tambem de opinar sobre nossos assuntos, porque os vivem e os
sentem.

Que dizer-te sobre o que se passa na terra santa. Para nós que já a conhe-
cemos bem não nos extranha tudo isso. Voce se lembra daquele bom amigo da terra de
Carmen aos principios furia seus estudos com o mapa e chegava aquelas conclusoes
derrotistas? Hoje tambem é perigoso tomar a posicao contraria. Cada dia mais me
orienta pelo que vem de lá. Realizam grandes ações, porém com segurancas e sem fan-
foreneria prejudicial. Aqui os amigos tem o defeito de cair tambem no sensaciona-
lismo do periodismo burguez. Nós não precisamos disso. Nós não precisamos enganar
o povo. Cada dia que passa mais esses mestres nos dao liçao. Creio que já é tempo
de aprender-nos. Velho Munhos quero transmitir-te nesta os meus desejos que passes
o mais ligeiramente as festas do Ano Novo e dos Reis. Tenho a esperanca que no pro-
ximo ano, ano de nossa victoria, estejamos reunidos com nossa familia, em torno
de uma mesa comùn... Um abraço a ti e familia onde vives. Diga-lhes que lhes desejo
boas festas e... mais juizo.

João

Caro amigo Munhoz:

Faz dias recebi a tua carta de I6-I2-4I. Queria responder-te³⁸³ prontamente. Tive, porém, de fazer outras coisas necessárias. Conclusão: Pouco adiantei. Há aqui duas coisas aqui difíceis de vencer: a) – A incompreensão do nosso clube e b) – A unidade e mobilização de nossos patrícios. Aqui, onde deveríamos concentrar nosso trabalho, é onde estamos débeis. E cheguei a uma conclusão: Enquanto não vier para aqui um ou mais companheiro, para ajudar ao companheiro T³⁸⁴., o único que me parece responsável, não faremos o que devíamos. E é lastimável que percamos possibilidades que oferecem agora a situação de nossos pagos³⁸⁵. O pessoal do clube não é má gente. Verbalmente reconhecem que nossos pedidos são razoáveis e até modestos. Porém na prática nada se faz. Alega-se que não a quadros³⁸⁶. Bem, é a velha história. Histórias que todos nós sabemos. Enfim, estamos em casa alheia³⁸⁷ e, com a experiência de BA³⁸⁸, não devemos perder a paciência. Aliás, é coisa que você, velho amigo Munhoz, deve ter um grande “stock”. Nossos clubes ainda têm uma compreensão “provinciana” de sua missão, disse uma coisa em BA³⁸⁹ e quero repeti-la a ti, que és um de nossos mestres, que enquanto não valermos mais que hoje, não nos darão valor. Por isso tenho uma enorme vontade de terminar minha “excursão” e entrar de cheio no comprimento do meu dever. Fracassaram todas as “demarches” anteriores. Temos que organizar todo de novo. Parece que vai ser muito trabalhoso, porém

³⁸² Tal como acontece com a carta 503, remetida por Joaquim, esta carta também tem todas as acentuações acrescentadas manualmente. No entanto, a de Joaquim era com caneta preta e esta com lápis laranja ou caneta vermelha.

³⁸³ Rasura.

³⁸⁴ Provavelmente, como dissemos, se trata de Antônio Bento Monteiro Tourinho.

³⁸⁵ Como disse, terra natal.

³⁸⁶ Acreditamos que seja uma referência a membros do grupo, faltam pessoas para trabalhar.

³⁸⁷ Brasileiros em terras estrangeiras.

³⁸⁸ Buenos Aires. Joaquim faz essa mesma ressalva na carta 497, destinada ao Baby. Reforçando a hipótese de que Joaquim e Juan sejam a mesma pessoa.

³⁸⁹ Como dissemos, Buenos Aires.

tenho que tomar todas as precauções. Desejo que a próxima carta que recebas já seja banhada pelo aroma de nossas plagas³⁹⁰.

Apesar de todas as dificuldades, vamos fazendo alguma coisa. Não só dentro do país, publicações, reuniões, estudos, bem como trabalhos para organizar alguma coisa que sirva como um elo permanente entre nós. Você compreende que ha uma diferença entre aqui e BA. Em BA temos um clube que cada dia é mais forte e um grupo de bons e esforçados companheiros. Nosso trabalho é mais adiante, por isso temos de suportar, com calma, muitas contrariedades. Um assunto muito importante, que só queria dizer-te quando chegasses em BA. Em vista que se retarda a tua viagem e talvez³⁹¹ siga pronto quero dizer-te que há um bom amigo dos pagos, que veio até aqui para entregar ao amigo nosso, irmão Rodovasis, o material junto. O que é mais emocionante é que os companheiros que “veraneiam” em S. Paulo, mesmo nas condições que se encontram reuniram recursos e mandaram o companheiro até aqui. Como por falta de papel não pode atravessar o rio, resolvi seu assunto enviando para os nossos patrícios e para o irmão Rodovasis o informe³⁹² interessante que vai junto a esta. Não é muito novo, porém é deveras interessante, demonstração que nossa gente vive e aprende. O companheiro, operário simples e fiel ao nosso clube, gente que nós conhecemos, não foi tratado como devia. Vive aqui abandonado. Dois companheiros T³⁹³. e eu, estamos sempre junto a ele procurando amenizar-lhe a sua estadia. Porém, há quase dois meses não se consegue o dinheiro para o amigo³⁹⁴ seguir adiante. Pelo³⁹⁵ informe pode deduzir que todos nós estamos empenhados em buscar soluções para o reerguimento do nosso clube, e mais ou menos todos coincidimos em subsanar os erros sectários anteriores e saber aproveitar todas as circunstâncias políticas favoráveis. Examine, amigo Munhoz, o informe que é mais útil que ouvir minhas elocubrações.

A tua última carta é justíssima. Sempre estive de acordo que para a liberdade dos nossos, principalmente do grande chefe³⁹⁶, metade de nosso clube, no dizer do chefe da casa matriz, é trabalho unificado de todos os fiéis. O que há de importante que temos em mão uma série de

³⁹⁰ Região. Joaquim pretende, portanto, voltar ao Brasil.

³⁹¹ Rasura. Inserção manual do “v”.

³⁹² Rasura.

³⁹³ Como dissemos, Tourinho.

³⁹⁴ Rasura.

³⁹⁵ Rasura.

³⁹⁶ Luiz Carlos Prestes que estava preso na ocasião.

novos recursos. O trabalho exterior, bem orientado pode permitir melhor um trabalho interior. Agora mesmo, estamos na véspera da comemoração de mais um aniversário do nosso chefe. Aqui os companheiros podiam fazer muito. A pouca gente e a falta de entusiasmo de alguns, aliados³⁹⁷ ao pouco interesse demonstrado pelo clube, talvez não possamos fazer nenhum ato a 3 de Janeiro³⁹⁸. Somente publicações nos jornais. Junto a esta, segue um artigo do Manuel Paraguassu³⁹⁹ publicado no dia de Natal. O que ele plantea⁴⁰⁰, podia ser perfeitamente feito. Creio que você aí, amigo como é do chefe poderá por em prática muitas das ideias nossas. Os amigos daqui disseram que durante o Janeiro vindouro fariam um grande ato em homenagem ao chefe⁴⁰¹. Disse que era muito boa a ideia. Porém que se podia aproveitar a época das festas para mandar⁴⁰² as cartas, telegramas e os presentes e continuar com a propaganda nos jornais. Além disso, propus que mandassem uma carta a nossa velha⁴⁰³ por motivo das festas. O JA⁴⁰⁴ numa carta que me mandou disse-me que ela lhe mandou mais material e que já estavam de malas prontas⁴⁰⁵. Que sabes a respeito?

Ainda nesta não quero abordar outros problemas mais profundos. A minha instalação é má. Estou numa casa pequena duma família operária. Marido, mulher e filho. Como não⁴⁰⁶ há trabalho o companheiro fica muito em casa. Toda a hora quer conversar comigo. É impossível trabalhar assim⁴⁰⁷. Além disso, é a rádio que fere o nosso ouvido a toda hora. Estou ansioso de terminar com tudo isso. Espero fazê-lo⁴⁰⁸ pronto. E tratando-se de instalação imagino o que passas por aí. Estou

³⁹⁷ Rasura.

³⁹⁸ Aniversário de LCP.

³⁹⁹ Referência a um artigo de Manuel Paraguassu pode ser visto na carta 513.

⁴⁰⁰ Rasura.

⁴⁰¹ Prestes

⁴⁰² Rasura.

⁴⁰³ Referência à dona Leocádia, mãe de Prestes.

⁴⁰⁴ Jorge Amado escreveu ao Joaquim contando sobre o material da biografia.

Nada impede que também tenha escrito a Juan ou que tenham compartilhado a leitura da carta. No entanto, aponto como um reforço a hipótese de que sejam a mesma pessoa.

⁴⁰⁵ No Acervo, a carta 1095 de Jorge Amado para Joaquim traz esta informação.

⁴⁰⁶ Inserido manual o “não”.

⁴⁰⁷ Joaquim faz queixa similar em carta ao Baby (carta 497).

⁴⁰⁸ Interessante perceber que este mesmo tipo de separação aparece nas cartas remetidas por Joaquim. Situação que reforça minha hipótese de que se trate da mesma pessoa.

convencido, amigo Munhoz, que não resisto mais e vou constituir “meu lar”⁴⁰⁹. Não te espante meu velho. Não aguento mais essa vida de estar dependendo de todos, sem que possamos trabalhar a gosto. Espero que este próximo ano, você resolva também teu assunto, pois necessitamos dar o máximo de nossa energia⁴¹⁰ e não temos tempo de suportar uma série de pessoas que nos aborreçam. Ainda mais um assunto de aí. Estranha-me que Z. não tenha te visitado. O mesmo dia que saí daqui⁴¹¹, entreguei-lhe um embrulho contendo livros para você e para pessoas de tua casa. Vinha, além disso, uns jornais da terra. Que custava a esse amigo chegar até sua casa? É lamentável que não tenhas recebido os livros, pois sempre era uma distração. Deves reclamar-lhe todos que entregamos. Na hora que esta chegar aí deve estar em pleno desenvolvimento a XII festa do clube. Espero que eles se lembrem que nós existimos. Penso, como insisti na terra do irmão Rodovasis⁴¹² e aqui também, que não devia ser uma coisa esporádica e formal a ajuda ao nosso clube e ao nosso chefe. Era a meu ver, um dever de todos os clubes da América. Disse mais, ajudar-nos era uma autodefesa. Compreenderão assim os irmãos daí? Ou manterão o critério “provinciano” manifestando em todos os lugares que passamos? Espero que você, com tua capacidade e amor ao nosso clube, aliado a teu prestígio consiga fazer com que eles compreendam isso. Gostaria de saber algo dele através tuas criteriosas palavras.

Já te disse acima que segundo a informação JA a nossa boa velha⁴¹³ já esta arrumando as malas para sair do México. Nada mais sei. Todas as minhas cartas e bilhetes não obtiveram respostas⁴¹⁴. Se você alguma coisa me escreva porque, agora mais que nunca, não quero perder o contato com ela.

Quando você chegar à terra em que vive o Palma, você terá a ocasião de saber a atitude de cada companheiro. Estou em constante ligação com os companheiros e principalmente com o Palma. Com o motivo de 7 de Dezembro, escrevi um projeto de declaração que enviei aos amigos de BA⁴¹⁵. Entabulou-se uma discussão tremenda entre os amigos. Salutar

⁴⁰⁹ Em carta, Jorge Amado, trata deste assunto com Joaquim.

⁴¹⁰ Rasura.

⁴¹¹ Rasura.

⁴¹² Na carta 514, existe uma referência aos irmãos Rodovasis.

⁴¹³ Dona Leocádia Prestes.

⁴¹⁴ Juan Picón remeteu carta à dona Leocádia, a carta 514 do Acervo, em que faz esta afirmação. O que corrobora com a hipótese de que Juan Picón e Juan sejam a mesma pessoa.

⁴¹⁵ Buenos Aires.

de um lado, porém perigosa de outro. Até agora não podemos dar a luz tal documento devido a que a discussão foi prolongada. Creio que o CL⁴¹⁶ que sempre viveu a ambiente dos conchavos e combinações, que não compreendeu nunca o valor da classe trabalhadora, que sempre realizou um trabalho caudilista, que foi enchido de vendo na terra que vive a Marina, entorpeceu o nosso trabalho com suas atitudes de entrega, atitudes que agora é não fazer nem uma critica etc. Ele e outros que o seguem, esquecem o nosso chefe na prisão. Eles não compreendem que não há defesa do continente enquanto perdurar a divisão entre os filhos de nossos países, enquanto não houver uma identidade de vista entre todas a nacionalidade, mesmo que seja só para as tarefas atuais. O Palma, que está melhorando a olhos vistos, que julgo que será enormemente útil a nossa causa, não tem permitido tais atitudes sem princípios. Além disso, a companheira dele, CL., veio da terra. Ao invés de animar o pessoal, só trouxe informações desanimativas. Chegou ao ponto o CL de propor que antes que os nossos patrícios examinem o que venha da terra, os irmãos Rodovasis e Corifeu, deem sua opinião! Porque isso? E nós não valemos nada? Você meu amigo sabe melhor do que eu, como devemos levantar nosso trabalho. Podemos pedir opinião aos nossos amigos, porém somos nós que devemos ter maior idade para resolver nossos assuntos. Protesto contra esse sistema que foi combatido lá em cima. Somos nós que temos responsabilidade frente aos nossos problemas. E por isso é que temos amigos como você e outros para resolver nossas dificuldades. Além disso, já há⁴¹⁷ muita gente capaz também de opinar sobre nossos assuntos, porque os vivem e os sentem.

Que dizer-te sobre o que se passa na terra santa. Para nós que já a conhecemos bem não nos estranha tudo isso. Você se lembra daquele bom amigo da terra de Carmem aos princípios fazia seus estudos com o mapa e chegava aquelas conclusões derrotistas? Hoje também é perigoso tomar a posição contrária. Cada dia mais me oriento pelo que vem de lá. Realizam grandes ações, porém com segurança e sem fanfoneria prejudicial. Aqui aos amigos tem o defeito de cair também no sensacionalismo do periodismo burguês. Nos não precisamos disso. Nós não precisamos enganar o povo. Cada dia que passa mais esses mestres nos dão lição. Creio que já é tempo de aprendermos. Velho Munhoz, quero transmitir-te nesta os meus desejos que passes o mais

⁴¹⁶ Talvez, Costa Leite.

⁴¹⁷ Rasura.

alegremente⁴¹⁸ as festas do Ano Novo e dos Reis. Tenho a esperança que no próximo ano, ano de nossa vitória, estejamos reunidos com nossas famílias em torno duma mesa comum...⁴¹⁹ Um abraço a ti e família onde vives. Diga-lhes que lhe desejo boas festas e ... mais juízo.
Juan⁴²⁰

⁴¹⁸ Rasura.

⁴¹⁹ Essa mesma frase aparece na carta 497, destinada a Baby e remetida por Joaquim.

⁴²⁰ Assinatura a lápis laranja.

Estimada amiga D. Leocádia,

Está o momento que escrevo a senhora não sei ao certo se tem recebido cartas minhas. De todos os lugares em que tenho estado nunca deixei de corresponder-lhe, como era e deve ser o meu dever, com a senhora. Ultimamente, como todos os nossos amigos e admiradores da nossa grande causa, temos estado atentos pelas notícias que Ligia nos deu, relativo ao estado de saúde que voltava a ser má. Logo que recebemos as notícias por intermédio de R., nos pussemos a campo, para dar providências que o caso requeria. Nessa ocasião escrevi a senhora e a Ligia, quase as medidas que queríamos e as providências que havíamos tomado. Posteriormente sobre pelo amigo que se encontra ainda em Santiago que já se tinha obtido a vossa entrada lá. Falei também com um deputado de lá e ele me garantiu que já estava todo arranjado.

Quando cheguei aqui, me interessei para que os amigos falassem com gente de certo prestígio, visto que as relações de nossos amigos são boas com o governo para conseguirem também uma visita para a senhora entrar aqui. Além disso falei com os patriotas para intensificarem a sua actividade em torno da campanha pro-Frestas que se encontra algo esquecida. Com motivo de 15 de Novembro e depois de 27 se recordou algo de nossa luta e da situação de Frestas. Disse, creio que a senhora tem notícias, pois se mandou cartas. Agora com a passagem do aniversário de Frestas e das Festas do Natal, Ano Bom e outras quisemos aproveitá-las para intensificar a campanha e deixar alguma coisa organizada. Devo dizer-lhe que devido a múltiplas tarefas que assoberta a debil organização daqui, as coisas não marcham como seria ~~de~~ de desejar. Contudo se prepara' pouco mais de Janeiro um acto e antes faremos uma campanha pelo coronas. Aproveitando também que a Igreja Católica Brasileira se mostra interessada na anistia e na pacificação da família brasileira, nós queremos/abrir também esse enorme sector da opinião pública de nossa terra. Dehi a maneira ~~de~~ como temo/abordado o assunto.

Outro dia recebi uma carta de já, que trabalha activamente na biografia, amizade com a colaboração prestada pela senhora e Ligia, me escreveu dizendo que estão para sair dehi. Fiquei imensamente satisfeito que já tenham resolvido uma situação angustiosa. Isso veio me alegrar, pois o amigo de Santiago dias antes me havia demonstrado pessimismo a esse respeito. Por isso não quero alargar-me nesta carta, porque temo não encontrar-lhe mais ahi.

Quero aproveitar a oportunidade para transmitir-lhe o desejo de todos os patriotas e amigos que a senhora esteja melhor e que possa passar as festas com alegria e na esperança que a nova situação criada na nossa ~~terra~~ terra e de todo o momento vimento na America abram as portas da prisão a todos os nossos amigos e no proximo Natal possamos todos reunirnos como uma só familia. Aproveito a oportunidade para desejar a Ligia e a Anita Leocádia milhões de felicidades e que junto a senhora estejam fortes para continuar como sempre animadas em nossa luta. Espero que a proxima que escreva a senhora já seja dentro de nossos pagos.

Abraça-lhe com toda a emoção o amigo e admirador

Juan

Montevideo 28-12-41

Direcao: Sr. JUAN PICÓN
Bartolomé Mitre 13,26
Montevideo.

Junto segue um artigo sahido no "Diario Popular" no dia de Natal.

⁴²¹ Carta 510 - Arquivo NuLIME. Manuscrito em português. Destinatário: Dona Leocádia. Remetente: Juan Picón. A catalogação segue a ordem apresentada por Thalita Coelho em seu TCC, defendido em 2013.

Estimada⁴²² amiga D. Leocádia⁴²³,

Até o momento que escrevo à senhora não sei ao certo se tem recebido⁴²⁴ cartas minhas. De todos os lugares em que tenho estado nunca deixei de corresponder, como era e deve ser o meu dever, com a senhora. Ultimamente, como todos os nossos amigos e admiradores de nosso grande chefe⁴²⁵, temos estados aflitos pela notícia que Lígia⁴²⁶ nos deu, relativo ao estado de saúde que volta a ser mau. Logo que recebi as notícias por intermédio de R., nos pusemos a campo, para dar providências como requer⁴²⁷. Nessa ocasião escrevi à senhora e à Lígia⁴²⁸, quais as medidas que sugeríamos e as providências que havíamos tomado. Posteriormente soube pelo amigo que se encontra ainda em Santiago que já se tinha obtido a vossa entrada lá. Falei também com um deputado de lá e ele me garantiu que já estava tudo arranjado.

Quando cheguei aqui, me interessei para que os amigos⁴²⁹ falassem com gente de certo prestígio, visto que as relações de nossos amigos são boas com o governo para conseguirem também uma visação⁴³⁰ para a senhora entrar aqui. Além disso, falei com os patrícios para intensificarem a sua atividade em termo da campanha pró Prestes que se encontra algo esquecida. Com motivo de 15 de novembro e depois do 27 se recordou algo de nossa luta e da situação de Prestes. Disso, creio que a senhora tem notícias, pois se mandou cartas. Agora com passagens do aniversário⁴³¹ de Prestes e das festas do Natal, Ano Bom e outras

⁴²² A carta apresenta pequenos ajustes de acentuação de forma manual.

⁴²³ Leocádia Felizardo Prestes, nasceu em 11/05/1874, em Porto Alegre. Em 1936 foi escolhida para encabeçar a luta Pró-Prestes. Acompanhada da filha mais nova Lygya, percorreu diversos países fazendo denúncias das atrocidades que aconteciam em terras brasileiras. Com a Segunda guerra Mundial, viajou para o México, onde morreu em 1943.

⁴²⁴ Rasura.

⁴²⁵ Referência a Luiza Carlos Prestes.

⁴²⁶ Lígia, irmã caçula de Prestes, acompanhou a mãe durante a campanha em favor da libertação de Prestes.

⁴²⁷ Rasura.

⁴²⁸ Lygya Prestes, irmã caçula de Luiza Carlos Prestes.

⁴²⁹ Rasura. Semelhante rasura aparece na carta XX, de Joaquim.

⁴³⁰ Visto

⁴³¹ Rasura.

quisemos aproveitá-las⁴³² para intensificar a campanha⁴³³ e deixar alguma coisa organizada. Devo dizer-lhe que devido a múltiplas tarefas que assoberba a débil organização daqui, as coisas não marcham como seria de⁴³⁴ desejar. Contudo se prepara para⁴³⁵ o mês de Janeiro um ato e antes faremos uma campanha pelos jornais. Aproveitando também que a Igreja Católica Brasileira se mostra interessada na anistia e pacificação da família brasileira, nos queremos abranger também esse enorme setor da opinião pública de nossa⁴³⁶ terra. Daí a maneira⁴³⁷ como temos abordado o assunto.

Outro dia recebi uma carta do JA⁴³⁸, que trabalha ativamente na biografia⁴³⁹, animado com a colaboração prestada pela senhora e Ligia, me escreveu dizendo que estão para sair daí. Fiquei imensamente satisfeito que já tenham resolvido uma situação angustiosa. Isso veio me alegrar, pois o amigo de Santiago dias antes me havia demonstrado pessimismo a esse respeito. Por isso não quero alargar-me nesta carta, porque temo não encontra-lhe mais aí.

Quero aproveitar a oportunidade para transmitir-lhe o desejo de todos os patrícios e amigos que a senhora esteja melhor e que possa passar as festas com alegria e na esperança⁴⁴⁰ que a nossa situação criada na nossa⁴⁴¹ terra e de todo movimento⁴⁴² na América abram as portas da prisão a todos os nossos amigos e no próximo natal possamos todos nos reunir como uma só família. Aproveito a oportunidade para desejar à Ligia e à Anita Leocádia⁴⁴³ milhões de felicidades e que junto à senhora estejam fortes para continuar como sempre animadas em nossa luta. Espero que a próxima que escrevo à senhora já seja dentro de nossos pagos⁴⁴⁴.

⁴³² É possível encontrar este tipo de separação silábica em cartas escritas por

Joaquim.

⁴³³ Rasura.

⁴³⁴ Rasura.

⁴³⁵ Rasura.

⁴³⁶ Rasura.

⁴³⁷ Rasura.

⁴³⁸ Joaquim recebeu carta similar de Jorge amado.

⁴³⁹ Cavaleiro da Esperança.

⁴⁴⁰ Rasura.

⁴⁴¹ Rasura.

⁴⁴² Rasura.

⁴⁴³ Filha de Luiz Carlos Prestes e Olga Benário.

⁴⁴⁴ Uruguai.

Abraça-lhe com toda a emoção o amigo e admirador
Juan⁴⁴⁵

Montevideo : 28-12-41

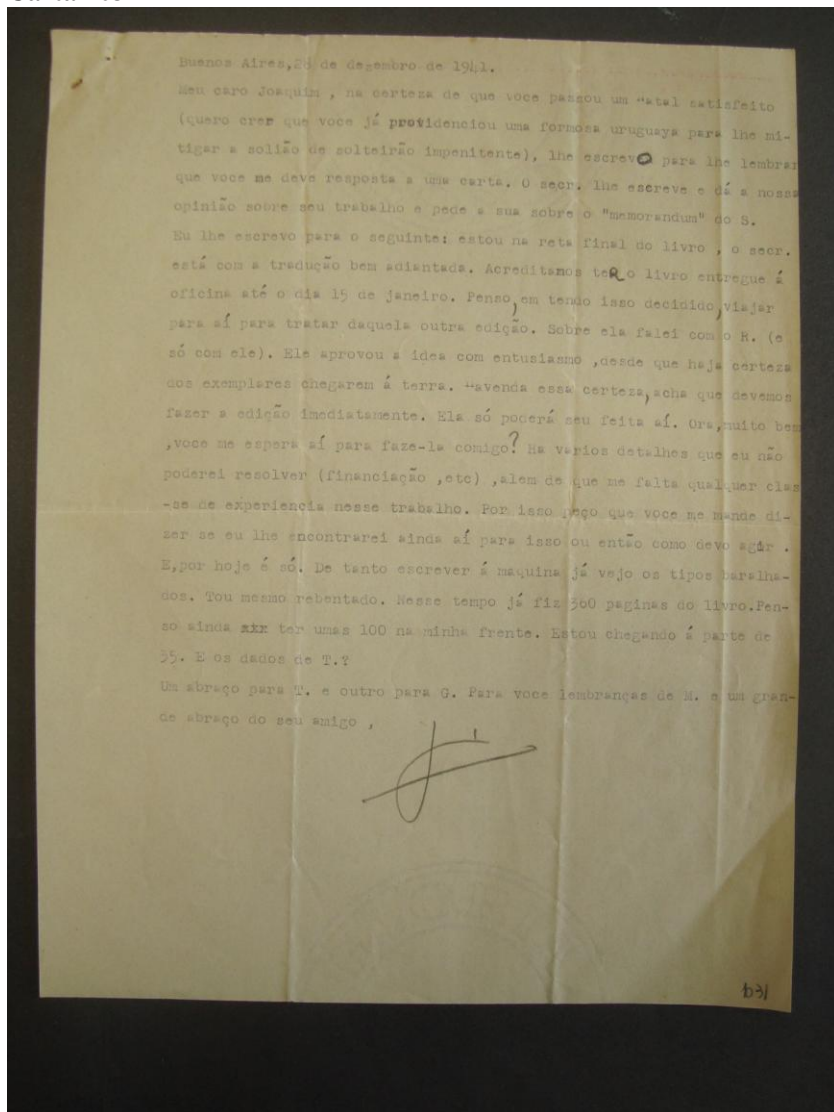
Direcao: Sñr. Juan Picon

Bartolomé Mitre 13.26

Montevideo.

Junto segue um antigo saído no “Diário Popular” no dia de Natal

⁴⁴⁵ Assinatura em tinta preta.



⁴⁴⁶ Carta 1031 - Arquivo NuLIME. Manuscrito em português. Destinatário: Joaquim. Remetente: Por inferência, Jorge Amado. A catalogação segue a ordem apresentada por Thalita Coelho em seu TCC, defendido em 2013.

Buenos Aires⁴⁴⁷, 28 de dezembro de 1941.⁴⁴⁸

Meu caro Joaquim, na certeza de que você passou o Natal satisfeito (quero crer que você já providenciou⁴⁴⁹ uma formosa uruguaia para lhe mitigar a solidão de solteirão impenitente), lhe escrevo⁴⁵⁰ para lhe lembrar que você me deve uma resposta a uma carta. O secr⁴⁵¹. lhe escreve e dá a nossa opinião sobre o seu trabalho e pede a sua sobre o “memorandum” do S⁴⁵².

Eu lhe escrevo para o seguinte: estou na reta final do livro⁴⁵³, o secr. está com a tradução bem adiantada. Acreditamos ter⁴⁵⁴ o livro entregue à oficina até o dia 15 de janeiro. Penso em tendo isso decidido, viajar até aí para tratar daquela outra edição. Sobre ela falei cm o R. (e só com ele). Ele aprovou a ideia com entusiasmo, desde que haja certeza dos exemplares chegarem à terra. Havendo essa certeza, acha que devemos fazer a edição imediatamente. Ela só poderá ser feita aí. Ora, muito bem, você me espera aí para fazê-la comigo? Há vários detalhes que eu não poderei resolver (financiamento⁴⁵⁵ etc.), além de que me falta qualquer classe de experiência nesse trabalho. Por isso peço que você me mande dizer se eu lhe encontrarei aí para isso ou então como devo agir. E, por hoje é só. De tanto escrever à máquina já vejo os tipos baralhados. Tou mesmo rebentado. Nesse tempo já fiz 360 páginas do livro. Penso ainda ter umas 100 na minha frente. Estou chegando à parte de 35⁴⁵⁶. E os dados de T.⁴⁵⁷?

Um abraço para T⁴⁵⁸ e outro para G. Para você lembranças de M⁴⁵⁹ e um grande abraço do seu amigo

Assinatura⁴⁶⁰.

⁴⁴⁷ A carta apresenta pequenos ajustes de acentuação a lápis.

⁴⁴⁸ A carta teve toda pontuação corrigida manualmente.

⁴⁴⁹ Rasura.

⁴⁵⁰ Rasura.

⁴⁵¹ Possivelmente Thomás Pompeu, tradutor da biografia.

⁴⁵² Provavelmente Robert Sisson, como já dissemos.

⁴⁵³ Indicando a finalização da biografia de Prestes, publicada em 1942.

⁴⁵⁴ Rasura.

⁴⁵⁵ Financiamento.

⁴⁵⁶ Revolução de 35.

⁴⁵⁷ Tourinho, possivelmente.

⁴⁵⁸ Possível referência a Tourinho, como dissemos.

⁴⁵⁹ Maria, como dissemos.

⁴⁶⁰ Um “J” A lápis.

Buenos Aires, 31.XII.41

Meu caro Joaquim.

Recebi e agradeço sua carinhosa carta de Natal. Não a respondi logo, primeiro, porque não acabava ainda o trabalho a que voce se referia, depois porque eu não tinha como procurar casa. Hoje, então, se mudou; e antes, mesmo, de completar a arrumação de nosso precioso mobiliário, estou a fazê-lo, para mandá-la em mão própria, minha l. carta.

Realmente, confinado entre quatro paredes com mulher e dois filhos, e porque, em verdade, eu me desaccostumara de ser marido e pai, nunca me foi tão tolerante tempo. Meu silêncio com voce, entretanto, se explica pela mesma razão por que não escrevo aos outros amigos daqui: não é minha tarefa, e eu não gosto de me meter na de outros. Mas nunca por causa da cordialidade entre os meus amigos, e muito menos porque não quizesse relações com esse "modesto soldado" que é voce.

Não pretendo esconder que divergimos em muitas coisas, e lamento profundamente não haver discutido mais alguns. Mas o meu apreço por voce, e a consideração que eu dispesso a homens como voce, devem modir-se pelos conceitos que emiti em casa do Campesin.

Plenamente de acordo com as suas ótimas sugestões sobre o L. Caral, eu nada teria a acrescentar, porque, como de costume, voce esgota o assunto. Entretanto, felizmente conseguimos realizar tudo que voce sugere. E aqui, nem isso. A "Liga pelos Direitos do Homem" já começou a se manifestar, bem como "La Hora". Fizemos conseguir uma ou duas entrevistas (E. Leirós, que já regressou, Palacios), alguns livros com dedicatória dos amigos, visitas e presentes levados à escaizade, outros mandados diretamente ao Rio e uma festinha do Domitío, a que compareceram o Rodó. Na véspera de Natal, voce já deve saber, nos divertimos muito em casa do Campesin, que é realmente um numero quando entorna um pouco (e se entorna um pedaco dessa noite: canções, danças, músicas, canto, cordão, pandeiro, reco-reco, chochelho; um colosso! É pena que voce não estivesse. Um casal argentino que estava lá ficou assombrado. Anda dizendo que só não sabe de divertir-se. Pobre, outro número; o rei da alegria. Até acabou da boa e dançou. E comeu como dois frades beneditinos. Finha mais apetite que um soldado que eu conheço.

Quanto à declaração, meu velho, pelas razões já apresentadas em carta do Campesin, e mais algumas, não me parece devia ser assunto tratavel por Voce diretamente. Si não queremos ficar todos de cabelo branco, e si o Juca quer continuar mais seguro a sua viagem. Ademais, de acordo, inteiramente com as suas sugestões, segundo já ficara asentado na última conversa que af tivemos, que eu quero crer não foi anulada, mas, pelos dois grupos, diretamente.

Não li o artigo de "La Razón". Gostaria que não-lo mandasse. Crítica restringiu sua paginação, por falta de papel. Esperem manter o prometido.

Minha garota escreveu a D. Leopoldia, com algumas informações das férias que trazia, e a sugestão feita por seus irmãos a que escreva a certos amigos antigos do seu filho, manifestando o desejo de regressar, para cuidar de perto a saúde do seu filho.

Agradecemos, muito sensibilizados, seus bons votos de Festas. E fazemos, de nossa parte, os nossos melhores, por que voce tenha, no ano próximo, muitas alegrias entre elas a suprema, quero dizer, a segunda em importância (porque a primeira é outra que voce se por cima de todas), isto é: que encontre a sua cara metade: uma boa garota que vote e não no caminho do bem, mas que não seja uma "garotinha" qualquer, e sim uma mulher (e porque não dizer, um pedaco!) digna de voce.

E, apesar das minhas arvelias com voce, pecha um abraço bem apertado, com todo o afeto de irmão e amigo, e um pensamento carinhoso para sua mãezinha, de Baby.

Do queridíssimo casal de bichinhos, com muitos carinhos de Minha Flor e das crianças, os melhores votos de saúde e alegrias (e boas boatas...) do

Baby

1029

⁴⁶¹ Carta 1029 - Arquivo NuLIME. Manuscrito em português. Destinatário: Joaquim. Remetente: Baby. A catalogação segue a ordem apresentada por Thalita Coelho em seu TCC, defendido em 2013.

Buenos⁴⁶² Aires, 31, XII, 41
Meu caro Joaquim.

Recebi e agradeço a sua carinhosa carta de Natal⁴⁶³. Não a respondi logo primeiro, por que não conhecia ainda o trabalho a que você se referiu, depois por que andava como louco procurando casa. Hoje, enfim, me mudei; e antes mesmo de completar a arrumação do nosso precioso mobiliário, estou a fazê-lo⁴⁶⁴, para mandá-la em mão própria, minha 1ª carta.

Realmente, confinado entre quatro paredes com mulher e dois filhos não pouco travessos, excessiva separação que tivemos têm direito a minha⁴⁶⁵ tolerância, e porque, em verdade, eu me desacostumara de ser marido e pai, nunca⁴⁶⁶ me foi tão escasso o tempo. Meu silêncio com você, entretanto, se explica pela mesma razão por que não escrevo aos outros amigos daí: não é minha tarefa, e eu não gosto de me meter na de outrem. Mas nunca por que menospreze a cordialidade entre os meus amigos, e muito menos por que não quisesses relações com esse “modesto soldado” que é você.

Não pretendo esconder que divergimos em muitas coisas, e lamento profundamente não haver discutido⁴⁶⁷ – mais alguns. Mas o meu apreço por você, e a consideração que eu dispenseo o homem como você, devem medir-se pelos conceitos que emiti em casa do Campéon⁴⁶⁸.

Plenamente de acordo com as suas ótimas sugestões sobre o L. Carlos. Eu nada teria de acrescentar, por que, como de costume, você esgota o assunto. Seremos felizes se lograrmos realizar tudo que você sugere. E aqui, nem isso. A “Liga pelos Direitos do Homem” já começou a se manifestar, bem como “La Hora⁴⁶⁹”, pensamos em conseguir uma ou duas entrevistas (P. Leirós⁴⁷⁰, que já regressou, Palacios⁴⁷¹), alguns

⁴⁶² A carta também traz a acentuação e a pontuação manual. No entanto, é possível perceber a diferença da correção que comporta outras cartas, de Juan e de Joaquim.

⁴⁶³ Referência à carta 497.

⁴⁶⁴ Rasura.

⁴⁶⁵ Rasura.

⁴⁶⁶ Rasura.

⁴⁶⁷ Aparece “discutidos”, mas o “s” foi cortado manualmente.

⁴⁶⁸ Pompeu.

⁴⁶⁹ Referência ao jornal argentino.

⁴⁷⁰ Talvez uma referência a Francisco Peres Leirós, político e socialista argentino.

livros com dedicatórias dos autores⁴⁷², visitas e presentes levados à embaixada, outros⁴⁷³ mandados diretamente ao Rio e uma festinha do Comitê, a que comparecerá o Rodó⁴⁷⁴. Na véspera de Natal, você já deve saber, nos divertimos muito em casa do Campeón, que é realmente o número quando entorna um pouco (e se entornou um pedaço essa noite): comida, dança, musica, canto, cordão, pandeiro, reco-reco, chocalho; um colosso! É pena que você cá não estivesse. Um casal argentino que estava lá ficou assombrado. Anda dizendo que só nos sabemos divertir. Palma, outro número; o rei da alegria. Até macumba da boa ele dançou. E comeu como⁴⁷⁵ dois frades beneditinos. Tinha mais apetite que um soldado que eu conheço.

Quanto à declaração, meu velho pelas razões já apresentadas em cartas do Campeón, e mais algumas, não me parece deva ser assunto tratável por Você diretamente. Se não queremos ficar todos de cabelo branco, e se o Juca⁴⁷⁶ quer continuar mais seguro a sua viagem. Ademais, de acordo, inteiramente com as suas sugestões, segundo já ficara acertado na última conversa que aí tivemos, (que eu quero⁴⁷⁷ crer não foi anulada), mas, pelos dois grupos diretamente⁴⁷⁸.

Não li o artigo de “La Razón⁴⁷⁹”. Gostaria que nô-lo mandasse.

Crítica restringiu sua paginação, por falta de papel. Prometem manter o prometido.

Minha garota escreveu a D. Leocádia⁴⁸⁰, com algumas informações frescas que trazia, e a sugestão feita por seus irmãos e que escreva a certos amigos antigos do seu filho, manifestando o desejo de regressar, para cuidar do perto a saúde do seu filho.

Agradecemos muito sensibilizados, seus bons votos de festas. E fazemos de nossa parte, os nossos melhores, por que você tenha, no ano próximo, muitas alegrias entre elas a suprema, quero dizer, a segunda em importância (por que a primeira é outra que você põe por cima de

⁴⁷¹ Talvez uma possível referência a Alfredo Palácios. Palácios foi um advogado, político e professor argentino.

⁴⁷² Rasura.

⁴⁷³ Rasura.

⁴⁷⁴ Rodó aparece citado em cartas de Jorge Amado. Foi ele quem escreveu um artigo sobre o ABC de Castro Alves que envaideceu o autor baiano.

⁴⁷⁵ Rasura.

⁴⁷⁶ Joaquim fala em Viagem de Manoel, aqui, Baby fala de Juca.

⁴⁷⁷ Rasura.

⁴⁷⁸ Sublinhado pelo autor da carta.

⁴⁷⁹ Periódico.

⁴⁸⁰ Leocádia Prestes.

todas), isto é: que encontra a sua cara metade: uma boa garota que bote você no caminho do bem, mas que não seja uma “garotinha” qualquer, e assim uma mulher (e por que não dizer, um pedaço!) digna de você.
E apesar das minhas arrelias com você, receba um abraço⁴⁸¹ bem apertado, com todo afeto de irmão e amigo, *e um pensamento carinho para sua mãezinha*⁴⁸², do Baby⁴⁸³.
Ao queridíssimo casal de bichinhos, com muito carinho de Minha Flor e das crianças, os melhores votos de saúde e alegria (e bons boatos...) do Baby.

⁴⁸¹ Rasura.

⁴⁸² Esse trecho em itálico estava escrito manualmente na carta.

⁴⁸³ Mesmo com opiniões divergentes, os comunistas mantinham o afeto e amizade acima destas questões. Política que não afeta as relações entre amigos.

Querido amigo e camarada Palma:
 Hace días que no recibo nada de vosotros. Y tenía gran interés de recibir de vosotros informes de la marcha de vuestros trabajos. Oreo que ya habéis recibido un trabajo mío, que debería merecer de todos vosotros atención máxima. También envié a la dirección de Baby y a sus cuidados un material sobre el cumpleaños de nuestro gran jefe. Acompañaba éste un artículo escrito por Manuel Paraguaná que podría ser transcrito ahí, con algunas modificaciones. Leí en vuestro diario una iniciativa parecida a la nuestra; enviar regalos a nuestro jefe. ¿Se ha hecho algo de concreto en este sentido? Aquí, mi buen amigo Palma, la cosa es extremadamente difícil. Ya debes conocer mi opinión a respecto. No hay entusiasmo alguno. El propio Bichinho entre todos esos elementos pierde la perspectiva. El grupo quedó aún más reducido. JCS se fué trabajar lejos de la ciudad. Ahora están reducido a 4 personas. Pero de las 4 GC no hace nada. BG está siempre ocupado. I que de los jos parece muy activo solo hace cosas cuando su nombre puede brillar. En el último viernes también no se pudo reunir el grupo. Y había cosas interesantes a tratar. No hacen nada, pero tienen planes grandiosos. Voy relatarte una proposición, craso de I y apoyada por BG; hacer una declaración amplia sobre lo que debe hacerse en la Conferencia de los Cancilleres ~~que~~ que se realiza el próximo 15 de enero en la Ciudad Maravillosa! Además enviar nuestro apoyo a todas las Embajadas Americanas en su lucha antinazi. No podía ser más pretencioso y más ridículo. En cambio un modesta reunión no se realiza; la celebración del cumpleaños de nuestro jefe; idem; una modesta contribución monetaria al nuestro diario que tanto lo crees ahora, lo mismo; y así por adelante. La culpa la tiene ustedes porque hace 15 días no escribiste para el grupo de aquí. Y no se justifica tal cosa. La declaración está en mi posesión y la dí a Bichinho, pero éste no la quiere entregar al grupo, porque entiende que deb venir por los canales competentes. Y así es todo. El grupo solo tiene uno que nos es del club: I. Y por causa de este toda nuestra acción está trabada. Es simplemente intolerable tal cosa. Amigo Palma no veo salida para esta situación como nos encontramos ahora. Bichinho no tiene ningún interés que las cosas marchen. El no ve utilidad en el labor de aquí. El club no ayuda nada. No hay manera de hacerlos comprender que no deben ayudar un poco siquiera. Promesas, y nada más. Lo que tenemos de hacer es levantar nuestro club y así valdremos algo, en todos los sentidos. ahora quiero decirte, que ciertos tipos, como Ipolito están marcados a fuego. Personas como tú y otros que tienen verdadero amor a nuestra causa ya saben bien que quieren y lo que hicieron. Veniré días en que ellos quieren engañar con su demagogia. Pero nosotros entaremos vivos para decir lo que han hecho y cuales sus propositos. No quedarán impunes esos arrivistas, vanidosos y oportunistas. Esos tipos que hicieron y hacen de nuestra santa causa divertimento y pelotazo para sus calculos. La justicia popular y de los trabajadores será inflexible en este sentido.

Junto sigue las cartas que me enviaste. Sigo vuestras instrucciones. Van las fechadas de I-II-4I, I7-II-4I, 2-IO-4I, 24-9-4I, 18-9-4I, 2-9-4I y 7-7-4I. Luego que la recibis necesito que me lo comunicais. ¿Entendido?

Te ruego que me escribas relatando hechos de ahí y diga a Pompilio que hay absoluta necesidad de comunicarse sistemáticamente con el grupo, sino todas quedan empantanadas. Necesito más que me digas se hablaste con el amigo R sobre el dinero que pedimos para mandar al amigo para los pagos. Aprovecho la oportunidad para saludarte e desearte millones de felidades el nuevo año. Además ruego que saludes a todos de nuestro grupo y que espero cartas de ellos.

Montevideo-29-I2-4I

Juan

⁴⁸⁴ Carta 513 -Em espanhol Destinatário: Palma Remetente: Juan. Arquivo NuLIME. Manuscrito em português. A catalogação segue a ordem apresentada por Thalita Coelho em seu TCC, defendido em 2013. A carta foi traduzida para o português.

Querido amigo e camarada Palma⁴⁸⁵:

Faz dias que não recebo nada de vocês. Eu tenho grande interesse de receber de vocês informações sobre o andamento dos trabalhos. Creio que já recebeste um trabalho meu, que deveria merecer de todos vocês atenção máxima.

Também enviei para o endereço de Baby⁴⁸⁶ e seus cuidados um material sobre o aniversário do nosso chefe maior⁴⁸⁷. Acompanha esse um artigo escrito por Manuel Paraguassu⁴⁸⁸ que poderia ser transcrito aí, com algumas modificações.

Li no seu diário uma iniciativa parecida com a nossa: enviar presentes ao nosso chefe. Faremos algo de concreto nesse sentido? Aqui, meu bom amigo Palma, a coisa é extremamente difícil. Já debes conhecer a minha opinião a respeito. Não há entusiasmo algum. O próprio Bichinho entre todos esses elementos perde a perspectiva. O grupo foi ainda mais reduzido. JCS⁴⁸⁹ foi trabalhar longe da cidade. Agora, estão reduzidos a 4 pessoas. Mas, das 4, GC não faz nada. BG⁴⁹⁰ está sempre ocupado. E se parece de longe, muito ativo, só faz coisas quando seu nome pode brilhar. Na última sexta também não pode se reunir o grupo. E havia coisas interessantes a tratar. Não fazem nada, mas têm planos grandiosos. Vou te relatar uma proposição: criei de I. apoiada⁴⁹¹ por BG. Fazer uma declaração ampla sobre o que deve fazer-se na Conferência dos Chanceleres⁴⁹² que se realiza no próximo 15 de janeiro na Cidade Maravilhosa! Também enviar nosso apoio a todas as embaixadas americanas em sua luta antinazista. Não poderia ser mais pretensioso e mais ridículo. Em vez de uma modesta reunião não se realiza, a celebração de nosso chefe, idem; uma modesta contribuição monetária ao nosso cotidiano que tanto precisa agora, o mesmo; e assim por diante. A culpa é sua, porque faz 15 dias que não escrevias para o grupo daqui.

⁴⁸⁵ A carta é de Juan, mas desta vez escrita em espanhol. O que comprova que Juan escrevia tanto em espanhol quanto em português.

⁴⁸⁶ Talvez Baby Bocaíuva, como já foi dito.

⁴⁸⁷ Aniversário de Prestes.

⁴⁸⁸ Juan faz referência a este artigo na carta 514.

⁴⁸⁹ Possivelmente José Correia de Sá, como já dissemos.

⁴⁹⁰ Como dissemos, Brasil Gerson.

⁴⁹¹ Apoyada – no feminino?

⁴⁹² Reunião convocada por Washington em seguida ao ataque japonês a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941. III Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas realizou-se no Palácio Tiradentes, Rio de Janeiro, entre os dias 15 a 28 de janeiro de 1942.

E não se justifica tal coisa. A declaração está em minha posse e eu dei para Bichinho, mas este não quer entregar ao grupo, porque entende que deve vir de canais competentes. E assim é tudo. O grupo só tem um que não é do clube. I⁴⁹³. E por causa disto toda nossa ação está travada. É simplesmente intolerável tal coisa. Amigo Palma, não vejo saída para esta situação em que nos encontramos agora. Bichinho não tem nenhum interesse que as coisas mudem. Ele não vê utilidade com o trabalho aqui. O clube não ajuda em nada. Não tem maneira de fazê-los entender que deveriam ajudar um pouco pelo menos. Promessas, e nada mais. O que temos que fazer é levantar nosso clube e assim valeremos algo em todos os sentidos. Agora, quero dizer-te que, certos tipos, como Ipolito, estão marcados a fogo. Pessoas como tu outros que tem verdadeiro amor a nossa causa já sabem bem que querem e o que fizeram. Virão dias que eles querem enganar com sua demagogia. Mas nós estaremos vivos para dizer o que fizeram e quais os seus propósitos. Não serão impunes esse carreiristas, [vaidosos] e oportunistas. Esses tipos que fizeram e fazem da nossa santa causa divertimento e passos para seus cálculos. A justiça popular e dos trabalhadores, será inflexível nesse sentido.

Junto segue as cartas que me enviaste. Sigo as tuas instruções. Vão fechadas de I-12-41, 17-11-41, 2-10-41, 24-9-41, 18-9-41, 2-9-41 e 7-7-41. Logo que as receba preciso que avises. Entendido?

Te peço que escrevas relatando atos daí e que digas a Pompílio que há absoluta necessidade de comunicar-se sistematicamente com o grupo, se não tudo permanece atrasado. Preciso mais que me digas se falaste com o amigo R. sobre o dinheiro que pedimos para mandar para o amigo para os pagos. Aproveito a oportunidade para saudar-te e desejar-te milhões de felicidades neste novo ano.

Também rogo que saúdes a todos do nosso grupo e que espero cartas deles.

Montevidéu, 2- 12- 41

Juan⁴⁹⁴

⁴⁹³ Possivelmente, Ivan Pedro de Martins.

⁴⁹⁴ Assinatura em caneta preta.

IV: CONATUS

Florianópolis, 15 de março de 2014.

Cara⁴⁹⁵,

Fico feliz em saber que estão todos bem. Foi realmente um prazer ouvi-la contar pessoalmente histórias que não teria como saber de outra forma. Muito obrigada.

Muito obrigada também pela correção dessa primeira versão, foram valiosas! Aproveitei todas. Encontrei uma carta que fazia menção a uma Rosa. A carta era de Jorge Amado. Pensei que pudesse ser a Rosa ou Rosa Meirelles que também habitou se não a Mala, o entorno dela. Fiz um pequeno texto falando da Amizade que encontrei nos escritos, no Acervo e nas histórias que encontrei pela frente. Encaminho para ti, para conhecimento. Intitulei “Conatus”, porque, segundo alguns filósofos, significa o esforço, o impulso de autopreservação; um instinto de viver. Achei que essa palavra caberia bem àquelas pessoas.

Aguardo notícias suas, aproveito para agradecer por tudo, por toda ajuda, por toda conversa e por toda reflexão que me proporcionasse.

Abraços afetuosos,

R.

⁴⁹⁵ Carta F40 – Manuscrito em português. Destinatário: Filha de Rosa. Remetente: R.. Sem catalogação.

4.1 Amizade, resistência e afeto

*O mar vagueia onduloso sob os meus
pensamentos
A memória bravia lança o leme:
Recordar é preciso.
O movimento vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a
vida,
salgando-me o rosto e o gosto*

Conceição Evaristo

Apresenta-se aqui uma questão embaraçosa: se devemos algumas vezes preferir os amigos novos, dignos de amizade, aos velhos amigos, assim como preferimos aos velhos os cavalos novos. Dúvida indigna de um homem, porque a amizade não pode dar lugar ao fastio, à saciedade, como acontece com outras coisas. As amizades antigas são, como esses vinhos velhos, doces e agradáveis; e é verdadeiro o dito comum de que, para serem perfeitos amigos, é necessário que tenham comido juntos muitos alqueires de sal⁴⁹⁶.

Falar da amizade entre comunistas é falar sobre muitas refeições onde o prato principal era o sal. Falei dessa amizade agridoce entre pessoas que habitaram por anos e anos uma mala, plena de ideologias, de entusiasmo por um mundo melhor, de fidelidade política, saudades, mágoas, arrependimentos, erros e acertos. Na discussão que propus ao apresentar meu trabalho, abordei a concepção contemporânea de amizade associada à intimidade e à familiaridade. Concepção herdada dos tradicionais discursos sobre amizade, que desde a Grécia Antiga vinculam a semântica de amizade aos ideais de igualdade-fraternidade. Discuti como esse discurso tradicional exclui a amizade entre mulheres e entre homens e mulheres, por exemplo. As pesquisas, os depoimentos, as entrevistas que vi para compor as personagens desta dissertação provam que essa exclusão se dá muito mais porque a história da humanidade foi escrita por homens do que pela inexistência de exemplos que comprovassem que é sim possível a Amizade entre mulheres. As cartas e os fatos históricos, a vida narrada destas mulheres que, de uma forma ou de outra, habitaram a Mala contradiz, portanto, esse discurso clássico. A amizade através das cartas liberta inclusive da necessidade de proximidade física entre as sujeitos. Eu me aproveito dessa desvinculação espacial e a torno também temporal. Amiga⁴⁹⁷ é muito mais do que o que nos permite conceber as noções de afinidade, proximidade. Para possibilitar a leitura destas amizades não adoto a mesma conotação originária dos discursos tradicionais. A amiga íntima não é mais só espelho, outro eu com o qual se estabelece uma relação de perfeita identificação, da forma prevista nestes discursos tradicionais; uma fusão de almas. A amiga é muito mais aquela com quem se conversa, em quem se confia, que concede apoio, não pressupondo essa perfeita justaposição das identidades que estão em perfeito estado de harmonia; não presume uma relação de opiniões coincidentes, onde não

⁴⁹⁶ Cícero, Diálogos sobre Amizade.

⁴⁹⁷ Por se tratar de amizades entre mulheres, escolhi utilizar somente nesta parte do texto apenas o gênero feminino.

existe diferença ou conflitos. A amizade epistolar, tal como estamos tratando aqui, amplia a relação de proximidade e confiança; permitindo maneiras diferentes de estar junto, de não se sentir tão só ou desamparada; ainda que a situação política seja o único elemento de justaposição – ou qualquer tema que seja comum a duas pessoas.

Para tentar entender a noção de experimentação política da amizade (ORTEGA, 2000), precisei também entender a concepção elaborada por Espinosa, que fala da potência dos corpos em afetar e ser afetado. Esse fenômeno pode causar o aumento da capacidade de ação. A força do afeto nessas relações de amizades engendradas pela militância política, epistolares ou não, mostrou não só a experimentação, a empatia, alteridade, mas também acolhimento e solidariedade. O fortalecimento da amiga com o qual se compartilha o sentimento, estando fisicamente junto ou não, é tão importante quanto o próprio bem-estar. O que se percebe em algumas das cartas escritas pelos comunistas⁴⁹⁸ é que eles são afetados tanto pelo amparo que concedem quanto pelo sentimento suscitado durante as trocas, os diálogos, os desabaços.

Trazendo um pouco sobre a história das Cartas, Anne Vincent-Buffault (1996), em seu livro *Da Amizade*, disserta sobre a troca de correspondência como uma forma de manter contato entre conhecidos, além da comunicação entre as pessoas, geograficamente distantes. A autora diz que a troca de correspondência foi a maneira encontrada para manter as relações de amizade durante os séculos XVIII e XIX. A valorização da amizade por meio de cartas se dá então através dessa escrita do íntimo. A carta fica impregnada de discurso sensível, afetivo. Para além da afeição, as cartas também registravam os discursos políticos, literários e culturais. Nas cartas comunistas, a força dos afetos entre amigos demonstra a capacidade de expor sentimentos, transcrevê-los e compartilhar a experiência de estar no mundo e compartilhar dos mesmos anseios, expectativas e escolhas.

As relações de amizade das cartas que transcrevi nesta etapa da pesquisa – relações nascidas por questões políticas - me ajudam a entender nossa condição humana de ser tocado pela experiência do outro. A troca que percebo neste pequeno conjunto de cartas propõe, dentre outras coisas, um esforço para considerar o outro em relação a si, em considerar as variáveis que decorrem dessa alteridade. A relevância da atividade discursiva da amizade, na qual os interlocutores, numa relação de igualdade política, compartilham informações de como se colocam na

⁴⁹⁸ Uso o gênero masculino porque estou citando os comunistas que escreveram as cartas que compõe o *corpus* de análise.

vida e nesse movimento, traduzindo suas experiências desse universo compartilhado.

A amizade, em muitos aspectos, acontece quando se compartilha pensamentos, sentimentos, sensações, angústias e histórias. A amizade não nasce necessariamente, porque se tem no amigo espelho para todas as nossas opiniões. O amigo não é aquele que está fisicamente do seu lado, mas com quem se pode, através de conversa, trocar experiências e percepções da vida e de si mesma.

A autenticidade destes afetos, a autenticidade destas relações que acontecem por meio de cartas são evidenciadas pelas narrativas das mesmas e revelam essa forma de estar junto, mesmo geograficamente distante. Nesse desvelar, percebo que os sujeitos femininos são mutuamente afetados pelas trocas simbólicas que se dão no registro discursivo das conversas epistolares.

Esses intercâmbios despertam transformações subjetivas que podem modificar formas de pensar e que podem instaurar o aumento da potência de agir.

No que concerne às relações de amizades estabelecidas por cartas, penso que se trata de uma especificidade quanto à qualidade da presença (do corpo) do interlocutor. O interlocutor pode estar presente pelos valores, ideias e forma de pensar. Partindo destes pressupostos, então, não se pode falar em acorporeidade. O corpo está presente e, segundo Espinosa (2008), a relação entre corpo e mente não é causal: é de envolvimento recíproco. O autor afirma que o objeto da idéia que constitui a mente humana é o corpo, ou seja, um modo definido da extensão, existente em ato, e nenhuma outra coisa (*apud* BARATA RIBEIRO, 2010). O certo é que estas amizades-cartas, cartas-amizades não engendram transformações na mente. As alterações corpóreas também existem: estas relações podem gerar bem-estar: tudo que o que acontece no corpo humano deve ser percebido pela mente (ESPINOSA, 2008 *apud* BARATA RIBEIRO, 2010).

Absorvo o que Arendt (1993) e Derrida (1997) falam sobre amizade; parto do ponto de vista dos autores que dizem que a experimentação política da amizade é base para a relação com o outro. É nesta base que os sujeitos femininos se desestabilizam e passam a questionar suas opiniões, a forma como percebem o mundo. A provocação que surge deste tipo de relação desloca o ponto de vista; gerando, portanto, o deslocamento da perspectiva e criando a condição necessária para uma mudança do pensamento; mudança qualitativa e significativa. Transformações subjetivas que podem potencializar as habilidades e a capacidade do sujeito de agir. Forma-se, cria-se, então, esse vínculo no

qual os corpos se modificam por uma relação agonística. É onde o contato com a alteridade possibilita as mudanças e os deslocamentos. Esse fenômeno pode provocar um reposicionamento no mundo. Em alguns trechos das narrativas das cartas, é possível perceber que os laços de amizades são configurados pela intensa relação de trocas afetivas; nestas, os sujeitos são sensivelmente afetados pelas linhas que representa o pensamento do outro. Essas relações de amizade designam momentos de reflexão, de aprimoramento do pensamento, mas também de afeto e acolhimento e podem permitir o aumento da potência de pensar e agir (ESPINOSA, 2008). Estes corpos são potencialmente afetados por fatos que revigoram a mente e ampliam o desejo de viver. A filósofa Marilene Chauí (2003) afirma que é a relação de amizade que pode aumentar a possibilidade da força de existir de um corpo. Segundo Marilene Chauí, uma potência de existir pode, portanto, ser fraca ou forte. E o sujeito, (constituído por partes, pela conexão de ideias e pela união de corpos) pode possuir partes que se tornam mais fortes ou mais fracas. As partes submetidas ao peso da força das potências externas são consideradas fracas. As partes fortes são, então, aquelas “que podem coexistir com a exterioridade sem ser por ela destruídas e, mais do que isso, cuja força pode aumentar justamente graças à relação com elas” (CHAUÍ, 2003, p.213). Amizade é elo com outra pessoa. Elo que desperta interesse pela outra, que desperta o desejo da troca, que possibilita o crescimento simultâneo. É um bem-querer, é um sentimento singular, próprio, mas que se estende a outro. E não é comum que, ao tentarmos conceituar o amor, tenhamos conceitos similares: “A designação da amizade como uma expressão do amor é já a demonstração de sua nobre qualidade de alegria, pois o amor é a alegria mesma acompanhada da idéia de uma causa exterior” (ESPINOSA, 2008, p.181).

A amizade, se percebida a partir da expressão do amor e da felicidade, é condição de resistência e de afirmação da vida. Para os gregos, conforme li em Arendt, uma vida sem amizade nem merecia ser denominado vida. Para os gregos, a felicidade só se dava a partir da partilha com uma amiga. Espinosa afirma que se amizade e felicidade são indissociáveis é porque os amigos nos ajudam a perceber o mundo de forma diferente, agem sobre nós ou em defesa da elevação do conatus⁴⁹⁹.

⁴⁹⁹Conatus, termo do latim que significa esforço. Segundo Espinosa (2008), conatus é o esforço, o impulso de autopreservação; um instinto de viver. Conatus é a potência permanente do existir, do agir e do resistir.

II

A amizade política não se firma longe da presteza das palavras que servem às experiências do mundo; não nos afastamos de quem somos para sermos amigas; a amizade pertence à experiência do agir, do falar - do escrever; onde partilhamos nosso lugar no mundo e nesse movimento humanizamos o mundo Arendt (2008). O registro discursivo da amizade permite a partilha das experiências, tornando-as significativas para outras. O mundo só se torna mundo enquanto objeto do discurso.

[...] o mundo não é humano simplesmente por ser feito por seres humanos, e nem se torna humano simplesmente porque a voz humana nele ressoa, mas apenas quando se tornou objeto de discurso. Por mais afetados que sejamos pelas coisas do mundo, por mais profundamente que possam nos instigar e estimular, só se tornam humanas para nós quando podemos discuti-las com nossos companheiros. (ARENDR, 2008, p.33-34).

A força da experiência discursiva da amizade condiz com a beleza de sermos afetadas pela outra, com o discurso da outra. A qualidade política da experiência discursiva da amizade desloca perspectivas, relativiza ideias, alarga o repertório de pensamento; isto porque essa relação suscita o desejo de cooperação, de superação, de existir, agir, modificar, modificar-se.

A amizade concerne o reconhecimento dos que nossos corpos têm em comum. E nos fortalecemos desse reconhecimento. A solidariedade solidificada pela amizade permite que nos esforcemos para a prática comum da afirmação e da resistência, do agir e do pensar. A amizade, mediada por cartas ou não, oferece-nos o afeto, o reconhecimento de que vale à pena lutar pelo mundo, por nós mesmas, nos reconhecemos nas simultaneidades de desejos, de capacidade de reflexão, de ação, de compartilhar e permitir-se ser além. A amizade permite a vida em comum. A amizade permite a vida.

III

Depois do Acervo, depois das cartas que foram o ponto de partida, a conversa se estabeleceu a partir do pensamento de Jacques Derrida. Esse pensamento surge como uma estratégia de leitura. A partir dele, foi possível refletir sobre o que é “natural”, o que eu conhecia e tinha como único caminho ou caminho mais promissor. Segui para uma alternativa inesperada - de escrita e de desvelar da pesquisa, de insinuação e de ambivalência. Dentro dessa conjuntura, a desconstrução me serviu para questionar os meus limites, as minhas fronteiras, as divisões, classificações que fizeram antes de mim e que segui sem protestar até esse momento. Essa “colonização” permeou a construção da minha identidade, inclusive acadêmica, escrevendo o texto fui (re)(des)construindo-me. Esse não questionar me reduziu ao outro, me tornei espelho. Quando, ao descobrir a desconstrução através da análise de quadros e esculturas, fiz o caminho inverso de Jacques Derrida. O francoargelino partiu da reflexão sobre como os textos não possuem uma semântica enquadrada ou pré-agendada; eu parti da semântica, do significado factual que se conhecia e re(inventei-o).

A minha leitura desconstrutiva apontou muitas aporias e becos; quando me propus a falar de uma história que não era minha, me aproximando e me distanciando, tornei, de certa forma, as coisas mais difíceis. Esse movimento ocorre para proporcionar uma abertura, para propor outro caminho, talvez uma leitura “alternativa”. E essa aproximação ficção-real como experiência que não ocorreu, como uma experiência ficcional não se completa, não termina e não acaba.

Eu não escrevi sobre Derrida, não escrevi sobre a desconstrução e nem sei se sou capaz de fazê-lo. Porém, fui influenciada pelo conceito que o consagrou.

Derrida propôs uma desmontagem de estruturas calcificadas, em linhas gerais, é isso que fiz.

Ele propõe que se desconstrua a ideia de que a linguagem tenha uma relação direta, imediata, com aquilo a que faz referência. E essa é basicamente a ideia do meu texto. Utilizo o conceito elaborado por Derrida para assumir que toda palavra é secundária, uma vez que ela nunca pode alcançar, possuir a coisa à qual ela se refere. Isto porque não existe nada “em si” que ela possa alcançar. Assim, essas coisas do mundo (até o próprio mundo!) não existem antes do movimento da escritura. A linguagem, o discurso produz o mundo, o passado, o presente e o futuro.

Esse conceito é central porque alterou a forma como olhava as cartas, a história, os fatos que habitavam a Mala. Sob o holofote da desconstrução, não só passei a pensar sobre a linguagem de outra forma, mas sobre tudo, inclusive sobre o objeto da minha pesquisa.

Foi fundamental para que eu entendesse que nada, no universo e nos mundos possíveis, existe fora da linguagem, incluindo eu em relação a mim mesma (isto porque sempre existiu a estrutura que faz referência, mesmo quando uma hipótese). Em outras palavras, não se consegue falar, mostrar nada “enquanto tal”, sem a interferência da linguagem. E mesmo a minha tentativa pode ser considerada uma traição ao que propus. E não exista algo que se possa consertar nesse percurso, toda revelação já é então uma traição à coisa revelada. A promessa do desconstruir é isso, promessa. É tudo e nada, tudo que construo pela linguagem, é pela linguagem desconstruído; é promessa da gênese, do enquanto tal não palpável, que pertence a um tempo que não é o meu, a uma existência que não é minha, a uma materialidade que não é minha experiência. O mais incrível é que não é por isso que não se realiza; não se realizaria mesmo que fossem minhas marcas, minhas memórias. O que não permite essa realização enquanto tal é justamente a impossibilidade de capturar a essência disto sem a interferência da linguagem.

As cartas são ponto de partida, toda a travessia e linha de chegada, mesmo que provisórias.

Aos olhos de Derrida, a palavra escrita estende o alcance da linguagem tanto no espaço quanto no tempo. O filósofo assegura a comunicação do pensamento de alguém mesmo depois de sua morte, não sem expô-lo a riscos e a escritura. Os “traços” de presença serão a condição de possibilidade da repetição do signo e da concepção do texto como um evento. Assim, um texto nunca está fechado em si mesmo; sempre permanecerá disponível para novas leituras, novos olhares.

Não é por outro motivo que coloco Derrida como centro da discussão teórica. Não é por conta da sua produção filosófica; é muito mais porque o nome próprio só deixou de existir a partir da leitura do livro em que fala o franco-argelino fala sobre arte. Só me permiti escrever sobre cartas, sobre a Rosa, da forma como fiz, porque toda história precisa de uma autoria e de uma contra-assinatura. Eu propus uma leitura possível. E, quando, ao ler as sugestões da professora Leonor, filha de Rosa, que ela poderia ter escrito uma ou outra carta foi a maior comprovação desse caminho. Ao fazer os ajustes que tornariam a história mais verossímil, não o fiz tanto para atender a essa performance. Ao fazê-lo, o fiz para aumentar as contra-assinaturas possíveis.

IV

Jacques Derrida promove uma reflexão sobre amizade em seu livro *Políticas da amizade*. Li o livro novamente por sugestão da banca de qualificação e essa (re)visitação - tanto minha à obra de Derrida quanto a dele aos discursos sobre Amizade - desconstruí o que se tem pensado sobre a amizade.

Na leitura de Derrida, o amigo na perspectiva ciceroniana é aquele que possui, porta, carrega a imagem ideal do eu, trata-se da eu projetada na outra. A observação do amigo passa por esta etapa, este olhar. A recíproca é verdadeira, na medida em que o olhar do amigo é um olhar amigável. Deste modo, o amigo ideal é sua dupla (eu-mesmo) projetada, seu outro self com melhorias. Em suma, a amizade ciceroniana é um sonho narcísico, uma procura pelo modelo de si próprio no outro e uma negação da alteridade (DERRIDA, 1997).

Derrida lembra que, para Aristóteles, não há amizade sem confiança e a confiança toma tempo. A fidelidade e a confiança são colocadas fora de uma temporalidade linear e homogênea, pois a percepção delas não ocorre de maneira planejada. O engajamento em uma amizade toma tempo, pois vai além do momento presente e é sustentada na memória.

A amizade decorre de decisões e reflexões e, se a estabilização da certeza nunca é dada, logo a estabilização daquilo que é que se torna certo deve cruzar a indecisão suspensa, a indecisão como tempo de reflexão. Assim, este ato pertence àquilo que é incalculável em uma decisão (DERRIDA, 1997, p. 16).

Ao discutir textos que falam sobre Amizade em Nietzsche, Hegel, Carl Schmidt e Heidegger, Jacques Derrida também se estende aos discursos sobre inimizade. Aliás, para o autor, os dois conceitos, amigo e inimigo, constantemente se cruzam e de maneira interminável trocam de lugares.

Mas, a verdade é que Jacques Derrida não aborda nada que não se tenha dito sobre a filosofia da amizade. No entanto, o autor (re)faz os passos destes filósofos e propõe um análise como se nunca se houvesse dito nada sobre estes discursos. (Re) constrói. (Des) constrói.

Durante seu texto, Derrida quer relançar a questão da amizade como questão do político. Faz isso durante o percurso. E, ao final do livro, surpreende ao perguntar: “Por que na herança principal do pensamento ocidental sobre a amizade se descobre excluindo o feminino? Como, nesta tradição de pensamento sobre a amizade que se impôs, foi

excluído o feminino, a heterossexualidade, a amizade entre mulheres, ou a amizade entre homem e mulher?” (ALBARNOZ [s.d.]). A partir de Derrida, é possível pensar em uma construção de laços de solidariedade. Solidariedade que é essencial para ampliar a coesão social necessária à democracia plena.

Obviamente, este pequeno parêntese é insuficiente para tratar da obra e das palavras de Derrida. Cada uma das citações ou apontamentos merecia uma discussão mais extensa. Para fins de conclusão deste trabalho, é mais interessante pinçar o questionamento que Derrida faz sobre Amizade entre mulheres. A ausência do feminino destacada pelo autor é suficiente para entendermos a ausência dos estudos sobre amizade entre mulheres e até para ponderarmos sobre o senso comum que considera que mulheres não são amigas. Todos os depoimentos que escutei ou li de mulheres que foram presas políticas tanto nas Ditaduras de Vargas quanto da Militar contradizem a história oficial. A amizade entre mulheres foi sempre fator de cuidado, de sobrevida, de afeto de conatus. Real, factual.

A Amizade é o tema central do meu trabalho e permeia o processo de interpretação das cartas comunistas. A construção da amizade que estabeleço entre as interlocutoras, R. e filha de Rosa, é pano de fundo para explicar o que aprendi lendo alguns trabalhos sobre amizade, inclusive o de Derrida. A construção dessa amizade entre pessoas distantes que tem suas vidas (e seus corpos) afetados pela escrita do outro. Rosa é centro deste trabalho. Mas, não só ela: todas as mulheres que militaram na Ditadura Vargas e Militar. Mulheres que também eram mães, esposas, amantes e amigas. Essas mulheres sempre precisaram lutar mais, inclusive contra elas mesmas e a pressão social que sofriam por descumprir o acordo tácito que a sociedade impunha. Mulheres fortes, inacreditavelmente fortes. E se não tinham “instinto maternal” tinham de sobra inteligência e vontade de mudar o mundo seja para os seus ou para si mesmo; seja para mudar o futuro da humanidade ou apenas o seu. Ao final, permanece a história desta mulher que tentei reconstruir, talvez como Jorge Amado fez com Prestes, com epítetos que a qualificam como mais do que uma mulher simples, que abandonou as filhas em nome do amor por um desconhecido ou pelo partido.

Sobre Derrida, longe de mim propor um fechamento da obra do filósofo. Só aponte os pontos principais que me ajudaram a entender o discurso sobre a Amizade.

V

Escrevi cartas sobre cartas, resguardo a autonomia deste gênero epistolar. Mesmo que possa tratar da descrição do cotidiano, de sentimentos, escritos de um espaço de tempo marcado. A carta não é um diário. A carta, a *priori*, implica a existência de um destinatário reconhecido, uma leitura imediata. A carta também não pode ser lida como autobiografia, pois enquanto a segunda se destina ao público, a carta é destinada a uma pessoa ou grupo de pessoas, a *priori*. A carta não é, em teoria, sobre fatos passados, é escrita durante os fatos, durante o tempo em que estes fatos aconteceram. A linguagem utilizada nas cartas, por ser próxima da linguagem coloquial, faz com que esta seja considerada conversa escrita.

A teoria epistolar teve seu auge na Idade Média, quando surgiu a “ars dictaminis”- a arte da escrita de cartas. A definição de carta, segundo “Rationes dictandi” é a seguinte:

[a carta] é o adequado arranjo das palavras assim colocadas para expressar o sentido pretendido por seu remetente. Ou, em outras palavras, uma carta é um discurso composto de partes ao mesmo tempo distintas e coerentes, significando plenamente os sentimentos de seu remetente.

A ênfase do autor está no que diz respeito à retórica da carta, na construção do discurso. A carta é, a partir desta concepção, discurso que adequadamente transpõe as palavras. E, no entanto, não se distancia da coloquialidade presente em diálogos.

Já na “Brevíssima e muito resumida fórmula de elaboração epistolar”, publicada em 1520, por Erasmo aparece que:

O sofista grego Libânio define a carta deste modo: ‘a carta é um colóquio de ausente a ausente’. Ora, como colóquio em termos familiares interpretamos, pois entendemos que a carta nada traz que a difira de uma conversação do cotidiano em linguagem comum, e muito erram aqueles que uma certa grandiloquência trágica utilizam na composição da carta e, onde todos os homens de engenho agem sem artifício, procuram esplendor e glória de abundância e de ostentação, quando muito pouco é necessário (*apud* TIN [s.d]).

A carta permanece nos limites do cotidiano, é, portanto, uma construção discursiva e se é assim, as cartas, sejam real ou fictícia, possuem qualquer grau de literariedade. Isso significa dizer que estas cartas obedecem a certos traços, certas linhas que destacam determinada estética. Segundo Sophia Angelides,

[...] embora numa carta a descrição de uma paisagem, o relato de um acontecimento, de uma vivência, a expressão de um sentimento tenham o cunho da veracidade, da não-ficção, porque seu sujeito-de-enunciação é histórico, o material lingüístico é submetido ao crivo altamente seletivo do escritor, que recria a sua experiência pessoal (ANGELIDES, 2001 *apud* TIN [s.d]).

As cartas podem ser lidas como material auxiliar para conhecer determinada autora/escritora ou como obra de literatura; podem ainda serem lidas para solucionar problemas relacionados à obra dos autores, para perceber como determinadas autores se relacionavam com questões do seu dia a dia. Cartas podem ser ainda idealizadas para possibilitar uma leitura do passado. E podem ser utilizadas para recriar um espaço e um tempo diferente. Podem ser ficção.

POST SCRIPTUM

L'Ultima Lettera

*[...] É preciso eternizar as palavras
da liberdade ainda e agora...*

Conceição Evaristo

Em tempo:

Queria me despedir de você, ainda que finalize tardiamente este trabalho. Quase não finalizei, é verdade. Foram tantos os percalços acadêmicos e pessoais. Tantas idas e vindas. Tanta covardia. Que frustrante seria se não conseguisse tornar fato a história da judia sem nome. Não tinha intenção de transformar a senhora em heroína, viu? Tão pouco quis revirar seu passado. Na verdade, eu quis e fiz, mas para tornar-te real, para mim e para quem ler a dissertação. Te contei como comecei a desenhar o texto? Eu queria falar de amizade e queria falar de ti. Queria que minhas verdades fossem postas neste trabalho e que ele fosse espelho de mim, de ti, de todas nós.

Eu não queria escrever uma história única para as memórias das mulheres que lutaram nas ditaduras de Vargas e militar. O meu desejo era contar uma história possível para todos nós, mulheres, que de uma forma ou de outra, precisamos provar que somos perfeitas. Mães naturais, funcionárias competentes, sedutoras, femininas, fortes e filantropas. Conteí a história dessa mulher incrível. Essa mulher que permaneceu desconhecida para uma das filhas e que foi amparada pela outra que reconheceu uma maternidade que ela mesma recusou. Escolhi falar de ti, Rosa, para falar de nós. Escolhi contar através de cartas as amizades, a vida política de tempo que não vivi. Desconstruí o que os mais próximos a ela haviam enterrado. Percebi que a Mala do Jorge era muito mais do que inéditos do escritor incrível. O sentimento, o amor, as mágoas, a Amizade que aquela Mala representa estão muito além das linhas que escrevo. Estarão além de qualquer história que se possa contar.

Rosa, quando soube que sua filha participaria da banca, teve medo. Tive medo do que poderia revelar nossos encontros. Não queria que as memórias de outros interferissem drasticamente em como te via. Tão pouco queria que a forma como te via interferisse nas memórias de outros. Não queria que o texto se tornasse veneno⁵⁰⁰, embora corresse esse risco. Tive um cuidado enorme em retirar a parte mais triste desta história, a parte em que Esther⁵⁰¹ aparece, não porque queria omiti-la,

⁵⁰⁰ Por se tratar de pessoas reais, com mágoas reais, por vezes, aqueles que conviveram diretamente com Rosa podem sentir esse sabor amargo das lembranças recontadas a partir do discurso de outra.

⁵⁰¹ Esther Seliar nasceu em 28 de setembro de 1926, filha de Isaac Seliar e Rosa. Quando Esther tinha cinco anos, a mãe abandonou a família. A filha nunca se

mas porque o afeto das tuas decisões sobre a vida dela são coisas que só pertencem à senhora, a sua filha caçula e à Esther.

Você sabe, quando comecei a ler o Acervo de Jorge Amado foram vocês, as mulheres, quem me chamaram. Foram suas vozes que ouvi. Mas, principalmente, foram os seus silêncios que ouvi.

No último mês, quando assisti filmes e depoimentos das mulheres que lutaram contra as ditaduras, numa busca por inspiração, a sensação que tinha era sempre uma só: vocês lutavam contra mais de uma ditadura; contra uma delas, infelizmente, ainda lutamos.

Minha querida amiga, não sei se a história que (re)(des)construí pra ti é digna daquela que contarias, se estivesse aqui. Mas, gostaria que ficasse claro que apesar da magia que a tua vida me traz, as amizades, as vidas que descrevi não eram só suas. Queria representá-las, representar Rosas, Maria, Anita, Matilde, Zélia e tantas outras. Meu trabalho foi a (re)(des) construção do Acervo. Naquele sentido de Derrida mesmo⁵⁰². Um trabalho que deseja outro olhar, outra versão, uma primeira versão.

Me deparei com questões que sempre foram minhas, mas que não eram objeto principal do meu trabalho. O feminismo, por exemplo. Ao escrever o último capítulo usando o gênero feminino era somente para lembrar que a Amizade poderia também ocorrer entre mulheres. Usar a linguagem para tornar a Amizade um sentimento nosso, feminino. Tratei de Amizade entre mulheres e homens. Além disso, a maternidade esteve permeando toda escrita. Fui atravessada muitas vezes por essa questão: no trabalho e na vida. Ao pensar mais de uma vez em desistir porque as muitas jornadas estavam me sobrecarregando, a mais verdadeira para mim também foi a primeira a ficar de lado: a sobrevivência e a maternidade se impuseram. Caminhos que não escolhi, mas que também não abandonei.

Rosa, naqueles nossos encontros nas madrugadas, naquelas minhas buscas pelo teu fantasma, fui além do que havia pensado inicialmente.

recuperou dessa perda. Foi uma musicista brasileira de destaque. Morreu em janeiro de 1978.

⁵⁰² Também quando Derrida fala sobre a pulsão do arquivo: “A pulsão do arquivo é um momento irresistível não apenas para guardar os rastros, mas também para dominar os rastros, para interpretá-los. Logo que tenho uma experiência, tenho uma experiência de rastro, não posso reprimir o movimento de interpretar os rastros, de seleccioná-los ou não, de guarda-los ou não e, portanto, de constituir os rastros em arquivos e de escolher o que quero escolher. Interpretação ativa e seletiva. É a própria interpretação”. (2012, p.

132)

Eu só queria fazer um trabalho que fosse academicamente relevante: seja pelo conteúdo ou pela forma. Mas, fui além naquilo que importa pra mim: o trabalho precisa ser verdadeiro para quem escreve e enquanto se escreve porque depois de impresso ficou no passado e talvez nem se reconheça a assinatura do autor.

Muitas vezes, Rosa, foi a senhora quem ditou o que seria dito. E se a ideia inicial era mesclar teoria e ficção, consegui tão bem que não sei quais são as linhas que escrevi e quais foram as que você escreveu.

Quando, em uma madrugada, comecei a escrever essa história ela não tinha a forma atual. Nem perto dela. Minha interlocutora não era você ou sua filha. A história da Mala se sobrepôs a ficção que desejava criar. Eu só queria que você aparecesse em notas de rodapé. Imagine!

O Acervo me fascinou e acho que sempre fará isso. Ainda agora, antes de escrever esta carta estava lendo um texto, acredito que do Jorge, não vou usá-lo, mas gostaria. Jorge, ou quem quer que seja que tenha escrito, fez uma análise das correspondências que os comunistas trocavam. Você não tem noção da riqueza que deixei para trás. Ou melhor, você mais do que ninguém sabe exatamente quais relíquias ignorei.

Sinto um pouco de inveja da vida que vocês levavam. Vocês se doavam a uma causa, às amizades. A solidão que carregaram, o entre lugar em que viveram certamente é um preço caro a se pagar pelas escolhas que fizeram, é bem verdade.

Quando ouvi sua filha falar que algumas das cartas que escrevi poderiam ser suas, fiquei imensamente satisfeita. O acordo entre nós foi estabelecido. O pacto está ali, naquela constatação.

Derrida disse em uma entrevista que para que uma pintura fosse de determinado artista era preciso que alguém reconhecesse nela os traços desse pintor. Era preciso que alguém contra-assinasse a obra⁵⁰³. E se ela

⁵⁰³ “Haverá assinatura cada vez que um acontecimento ocorrer, cada vez que houver produção de uma obra cuja ocorrência não seja limitada ao que é semanticamente analisável. Isto é a sua significância: uma obra que é mais do que ela significa, que está *ali*, que resta *ali*. Portanto, desse ponto de vista, a obra não tem nome. Ela recebe o seu nome. Da mesma maneira que a assinatura do autor não está limitada ao nome do autor, assim também a identidade da obra não está necessariamente identificada com o título que ela recebe no catálogo. [...] isto significa que se pode repeti-la, resenhá-la, caminhar em volta dela: ela está *ali*. Ela está *ali*, e mesmo se ela não significar nada, mesmo se ela não for exaurida pela análise do seu significado, pela sua temática e semântica, ela está *ali* em acréscimo ao que significa. E este excesso, obviamente, provoca o discurso *ad infinitum*; é nisso que consiste o discurso crítico. Uma obra é

era ou não desse determinado artista, não era relevante para a questão. Essa contra-assinatura da sua filha foi a defesa que precisava, a verdade que procurava, ainda que tenha precisado ajustar uma série de fatos. Antes de me despedir, Rosa, gostaria de compartilhar uma carta que escrevi para ninguém e para o Universo, de certa forma. Eu tinha 16 anos, por favor, desconsidere a escrita infantil. Abro aspa para mim mesma.

"Sou feliz!
Tenho tudo que quero!
Hipocrisia...
Não tenho liberdade.
E quero ser livre!
Sou prisioneira da minha consciência.
Sou prisioneira das pessoas que amo.
Minha alma é livre?
É livre quando desperta em atitudes tão pouco convencionais.
E quero ser assim. Não quero mais.
Sou prisioneira até do desejo de ser livre.
Mas e daí? Quem se importa?
Sou só mais uma encarcerada no meio de tantos.
Minha rebelião é dormir. Meu desabafo é chorar. Choro lágrimas que me custam tão caro, tão caro que me custam a vida.
Eu me abandono, esqueço de mim, esqueço quem sou.
Sou feliz.
Sou feliz?
Finjo ser domesticada, finjo ser quem não sou.
Minha alma e é sempre será imperfeita. Mas, talvez não deseje que a sombra da perfeição me rodeie.
Quem me ama, me aprisiona.
Hipocrisia, falsidade.
[...]"

Fico envergonhada em dizer que quase 18 anos depois, ainda me sinto prisioneira. Talvez tenha sido essa a gênese da nossa amizade; quando percebi que, em certo grau, foste livre. Você foi a mulher mais livre que realmente conheci.

sempre inexaurível desse ponto de vista” (DERRIDA, 2012, p. 34, *grifos do autor*).

Te peço novamente desculpas se sobram silêncios e excessos, contei a minha verdade sobre a sua.

Não tenho pretensão de terminar essa história ou de dar uma versão final, talvez tua neta cumpra o que me disse, talvez ganhes uma exposição sobre a sua vida, já pensou?

Te trato por senhora por pura força do hábito. Nas minhas memórias, te vejo forte, linda, jovem, idealista, Amiga e livre.

Você foi minha heroína neste percurso. Não tanto pela intensa vida política ou pela coragem de crer em pessoas quando era mais fácil acreditar no divino. Não tanto porque militou por algo em que depositara suas crenças, coisa que faço muito mais em pensamento que em ação. Não por ter viajado o mundo em busca de um futuro melhor. Não por ter vivido por um amor. E não por ter desafiado convenções sociais para viver esse amor. Você foi minha heroína por ter ousado se colocar em primeiro lugar, por ter se escolhido. Não defendo sua escolha, não a critico tampouco; só enalteço a coragem de tê-lo feito; de ter convivido até o fim da vida com o remorso, a culpa presente em qualquer mãe da atual sociedade. Rosa, você é meu alter ego; gosto que seja assim.

Me despeço, mas sei que nossa amizade não termina aqui.

Abraços,
Roberta

Florianópolis, 20 de janeiro de 2015.

REFERÊNCIAS

A VERDADE. **Rose Nogueira e a luta da mulher contra a ditadura.** (21 set. 2011). Disponível em: <<http://averdade.org.br/2011/09/rose-nogueira-e-a-luta-da-mulher-contr-a-ditadura/>>. Acesso em: 02 nov. 2013.

AGAMBEN, Giorgio. A imanência absoluta. In: Eric Alliez (Org.). **Deleuze: uma vida filosófica.** São Paulo: Ed.34, 2000.

ALMEIDA, Teresa Souza de. A Ficção Científica em Portugal. A Ficção Científica em Portugal. In. Revista **O gênero epistolar.** Portugal. V. 1 – N° 2 – p 7. Out. 1998.

ANGELIDES, Sophia. **Carta e Literatura:** correspondência entre Tchekhov e Gorki. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

AMADO, Jorge. **O País do Carnaval.** São Paulo: Martins, 1957.

_____. **Cacau.** São Paulo: Martins, 1957.

_____. **Jubiabá.** 46 ed. São Paulo: Record, 1984.

_____. **Capitães da Areia.** Rio de Janeiro: 1991.

_____. **Os subterrâneos da liberdade:** os ásperos tempos. Tomo I. São Paulo: Livraria Martins, 1954.

_____. **Os subterrâneos da liberdade:** agonia dos tempos. Tomo II. São Paulo: Livraria Martins, 1954.

_____. **Os subterrâneos da liberdade:** a luz do túnel. Tomo III. São Paulo: Livraria Martins, 1954.

_____. (1981) - **Entrevista** concedida em julho de 1981 ao jornalista Antônio Roberto Espinosa para o caderno Literatura Comentada da Editora Abril. Disponível em: <<http://sopadepoesia.blogspot.com.br/2010/08/entrevista-com-jorge-amado.html>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

_____. [s.d.]. **Entrevista**. Concedida a *Geneton Moraes Neto*. Disponível em: < <http://www.geneton.com.br/archives/000326.html>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômacos**. Brasília: Editora da UnB, 1991.

BARBOSA, Julia Monnerat. Militância Política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB. 2010. Tese (**Doutorado em História**) — UFF, Rio de Janeiro, 2010.

BARTHES, Roland. **A câmara clara**: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [1980] 1984.

BASTOS, Maria Helena Câmara. A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1939- 1942): o novo e o nacional em revista. **Pelotas: Seiva Publicações**, 2005.

_____. O Rio Grande do Sul durante o Estado Novo: uma política de nacionalização do ensino (1937-1945). In: Educação. Porto Alegre: v. **21**, n. 34, p. 33- 69, abr.-jul. 1998.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas II**: Rua de mão única. Editora Brasiliense, São Paulo, 1995.

_____. Passagens. Editora UFMG/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, Belo Horizonte/São Paulo, 2009.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito; tradução Paulo Neves. - 2- ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999. - (Coleção tópicos).

BLOCHTEIN, Jacob. **Ecos de Uma Vida**. Porto Alegre: AGE Editora, 2004.

Disponível em:
<https://books.google.com.br/books?id=pFvB4cW9UUEC&pg=PA17&lpg=PA17&dq=Bar%C3%A3o+Maurice+de+Hirsch&source=bl&ots=n54OBmMfK9&sig=2E9NwJlIvI64JXonpPULIELh5M&hl=pt-R&sa=X&ei=5_jIVJ2cMYvlsAST4IHQBg&ved=0CDEQ6AEwAw#v=218>

onepage&q=Bar%C3%A3o%20Maurice%20de%20Hirsch&f=false> .
Acesso em: 26 jan. 2015.

BRAREN, Ingeborg. Porque Sêneca escreveu epístolas?. In. **Revista Letras Clássicas** – ano 3, nº 3, p. 39-44 - 1999.

BRUM, Eliane. **Duas Mulheres Indomáveis**. (07 mar. 2011). Disponível em: <
<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT216621-15230-216621-3934,00.html>>. Acesso em: 12 maio de 2014.

_____. P.S.: Beijo tua boquinha gulosa. As cartas de amor de Guimarães Rosa para Aracy revelam o lado mais sensual do autor de *Grande Sertão: Veredas*. (06 set. 2008). Disponível em: <
<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,ERT12009-15254-12009-3934,00.html>>. Acesso em: 12 maio de 2014.

CABRAL. Ethel Scliar. **Minha avó Rosa**. Disponível em: <
<http://clubedolivro.wordpress.com/category/a-cavalaria-vermelha/>>.
Acesso em: 12 maio 2014.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. Tradução Nilson Moulin. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

CAMPOS, Reynaldo Pompeu de. **Repressão judicial no Estado Novo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1982.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade estudos de teoria e história literária**. São Paulo: Editora Nacional, 1973.

CARDOSO, Nilce Cardoso 2007 in: **A amizade como forma de “cuidado com o mundo” na trajetória de Mnemonize** Vol.5, nº1, p. 95-116 (2009) concedida à Susel Oliveira da Rosa. Disponível em: <
http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/download/165/pdf_150>. Acesso em: 02 nov. 2013.

CARDOSO, Nonato. Pequena história de Hermes Cardoso, o pragmático carteiro e escritor não publicado. Polichinelo, Revista **Literária**. Belém, PA. nº 12, agosto de 2010.

CHAUÍ, M. **Política em Espinosa**. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

CERTEU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Arte de Fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1994.

DA ROSA, Susel Oliveira. A amizade como forma de “cuidado com o mundo” na trajetória de Nilce Cardoso e Delsy Gonçalves de Paula. *Mnemosine*. Vol.5, nº1, p. 95-116 (2009) – Artigo. Disponível em: <http://www.mnemosine.com.br/ojs/index.php/mnemosine/article/view/165/pdf_150>. Acesso em: 22 mar. 2014.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles. “A imanência: uma vida”. In: VASCONCELLOS, Jorge; ROCHA, Emanuel Ângelo da (Org.). **Gilles Deleuze: imagens de um filósofo da imanência**. Londrina: Ed. da UEL, 1997.

_____. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 1997.

_____. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2006.

_____. “A imanência: uma vida”. In: Gilles Deleuze: imagens de um filósofo da imanência. Organização de Jorge Vasconcellos e Emanuel Ângelo da Rocha Fragoso. Londrina: Ed. da UEL, 1997.

DE-NARDIN, Maria Helena. 2007. Um estudo sobre as formas de atenção na sala de aula e suas relações com a aprendizagem. 122 f. **Dissertação** (Mestrado em Psicologia social e institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10087/000594777.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 de março de 2009.

DERRIDA, Jacques. **Políticas da amizade**. Porto: Campo das Letras, 2003.

_____. **Pensar em não ver**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2012.

_____. **A Escritura e a Diferença**. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **Mal de Arquivo: uma impressão freudiana**. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. “O carteiro da verdade”. In: _____. **O cartão-postal: de Sócrates e Freud e além**. Tradução de Ana Valéria Lessa e Simone Perelson. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. O Perdão, a verdade, a reconciliação: qual gênero?. In: NASCIMENTO, E. (org.). **Jacques Derrida: pensar a desconstrução**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. pp. 45-92.

ESPINOSA, B. **Ética**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FGV. CPDOC. O Estado Novo. [S.D]. Disponível em:
<<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/EstadoNovo>>.
Acesso em: 22 jan. 2015.

FALCÃO, João. **Giocondo Dias, a vida de um revolucionário**. Rio de Janeiro: Agir, 1993.

_____. **O Partido Comunista que eu conheci: 20 anos de clandestinidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

FAUSTINO, Silvia. **Derrida e a Linguagem**. [s.d]. Disponível em:
<<http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/derrida-e-a-linguagem/>>.
Acesso em: 29 jan. 2015.

FAURI, Ana Letícia. Erico Veríssimo: a epístola como expressão do literário. **Dissertação** (Mestrado em Literatura) – Pontifca Universidade Católica, Porto Alegre: PUC, 2001.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 6 ed. São Paulo: EdUSP, 1999.

FIALHO, A. Veiga. **Uruguai: Um Campo de Concentração**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979.

FUNDAÇÃO CASA DE JORGE AMADO. Disponível em: <http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=75>. Acesso em: 22 jan. 2015.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRANK, A. **O diário de Anne Frank**. Edição integral. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2000.

FREIRE, José Célio. Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência. [s.d]. In: **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. v. 60, n. 2 (2008). Disponível em: <<http://seer.psicologia.ufrj.br/index.php/abp/article/view/210/179#1a>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

GALLE, Helmut. **Elementos para uma nova abordagem da escritura autobiográfica. Matraga**. Rio de Janeiro, ano 13, n. 18, p. 64-91, 2006.

GORENDER, Jacob. **O combate nas trevas**. A esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada. 3a. ed., São Paulo, Ática, 1987.

GRAMSCI, Antonio. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HOLANDA, Joana Cunha de. Eunice Katunda (1915-1990) e Esther Scliar (1926-1978): Trajetórias Individuais e Análise de ‘Sonata de Louvação’ (1960) e ‘Sonata para Piano’ (1961). Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese (**Doutorado em Música**), Departamento de Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

HOOCK-DERMALE, Marie-Clarie. Ler e escrever na Alemanha. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das mulheres no Ocidente: O século XIX**. Tradução Maria Helena da Cruz Coelho, et al. Porto: Afrontamento; São Paulo: EBDADIL, 1991.

IONTA, Marilda Aparecida. As Cores da Amizade na Escrita Epistolar de Anita Malfatti, Oneyda Alvarenga, Henriqueta Lisboa e Mário de

Andrade. (**Tese Doutorado em História**). Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, Brasil, 2004.

JORGE AMADO, João. (**E-mail** em 04 fev. 2010). MONTFORT Associação cultural. Disponível em: <http://www.montfort.org.br/jorge-odioso-pela-defesa-que-faz-do-odioso-regime-comunista/>. Acesso em: 20 maio 2014.

JORNAL DO COMÉRCIO. Carta de Jorge Amado a Tânia Carneiro Leão. (s.d). Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2012/08/05/carta-de-jorge-amado-a-tania-carneiro-leao-51545.php>> . Acesso em: 2 jun. 2014.

_____. Carta de uma mãe que pede justiça (28 mar. 2013). Disponível em: <<http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=120190>>. Acesso em: 02 nov. 2013.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro**. O retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: Letras, 2007.

KONRAD, Diorge. **O Rio Grande do Sul e o perigo comunista no golpe do Estado Novo**. [s.d] Portal Vermelho. Disponível em: <http://www.vermelho.org.br/coluna.php?id_coluna_texto=1153&id_coluna=14>. Acesso em: 12 jun. 2014.

LA PUBLICITAT. Consell de Guerra. 25 de julho de 1925. Disponível em: <<http://mdc2.cbuc.cat/cdm/compoundobject/collection/publicat22/id/483/show/469/rec/2>>. Acesso em: 17 jun. 2013.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à Internet. Trad. De Jovita Maria Gerheim Noronha e Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 2008. (Coleção Humanitas).

_____. “Entrevista”. Revista Ipotesi, Juiz de Fora, n. 11, p. 21-30, jul./dez. 2002.

MARTINS, Marisângela T. A. **À esquerda de seu tempo**. Escritores e o Partido Comunista do Brasil (Porto Alegre – 1927-1957). 2012. Tese

(**Doutorado**) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/61721/000864800.pdf?sequence=>. Acesso em: 20 mar. 2014.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. 10. ed. rev. São Paulo (SP): Global, 2006.

_____. **Sobre literatura e arte**. São Paulo: Global, 1979.

Memória Política e Resistência. Pesquisa de Fichas e Prontuários. Disponível em:

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/memoriapolitica/fichas.php?nome=j&ano_inicial=&ano_final=&prontuario=&organizacao=&pagina=671>. Acesso em: 17 jun. 2013.

MILANEZ, Ângela - **Entrevista**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PLoj2YwrIEg>>. Acesso em: 22 maio 2014.

MONTAIGNE. Da amizade. In: Coleção ‘**Os Pensadores**’. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MORAES, Marcos Antônio de. Carta, testemunho e biografia. In: AYALA, Maria Ignez Novais e DUARTE, Eduardo de Assis (org.). **Múltiplo Mário**. Ensaios. João Pessoa. UFPB/Ed Universitária; Natal: UFRN/Ed. Universitária, 1997, p 187.

MORASHA. Maurice de Hirsch o "Barão da Tzedacá". [s.d]. Disponível em:

<http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos_view.asp?a=961&p=0>. Acesso em: 12 abr. 2014.

MOSER, Benjamin. **Clarice**. Trad. José Geraldo Couto. 2 ed. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NASSER, David. **Falta alguém em Nuremberg**. Torturas da polícia de Filinto. Rio de Janeiro: J.Ozon, s/d.

ORTEGA, F. **Para uma Política de Amizade:** Arendt, Derrida, Foucault. Rio de Janeiro: Relume Dumar

OLIVEIRA DE ANDRADE, Bruno. Imagem e memória - Henri Bergson e Paul Ricoeur. In: **Revista Estudos Filosóficos**. nº 9/2012 – versão eletrônica – ISSN 2177-2967.DFIME – UFSJ - São João del-Rei-MG, p.136 – 150. Disponível em: <<http://www.ufsj.edu.br/revistaestudosfilosoficos>>. Acesso em: 06 jan. 2014.

PALACIOS, Ariel. Casa de Ernesto Sábato, em Buenos Aires, será Museu. (09 abr. 2014). O Estadão. Disponível em: <<http://cultura.estadao.com.br/noticias/geral,casa-de-ernesto-sabato-em-buenos-aires-sera-museu-imp-,1151276>>. Acesso em: 28 jan. 2015.

PALAVRA OPERÁRIA. [s.d]. Disponível em: < <http://www.ler-qi.org/Patricia-Galvao>>. Acesso em: 16 jan. 2015.

PCB. **Breve Histórico do PCB**. [s.d]. Disponível em: <<http://pcb.org.br/portal/docs/historia.pdf>>. Acesso em: 20 maio 2014.

PCdoB. **Publicidade dos 90 anos do PCdoB homenageia comunistas baianos**. Disponível em: <http://www.pcdob.org.br/noticia.php?id_noticia=178747&id_secao=3>. Acesso em: 17 jun. 2013.

PERRONE, Claudia Maria; ENGELMAN, Selda. **O Colecionador de Memórias**. [s.l., s.d.]. Disponível em: <http://www.ilea.ufrgs.br/episteme/portal/pdf/numero20/episteme20_artigo_perrone_engelman.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2012.

PRIKLADNICKI, Fábio. Desconstrução e Identidade: O caminho da diferença. 2007. 101f. **Dissertação** (Mestrado em Literatura Comparada) - Pós graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2007.

RAMOS, Graciliano. **Garranchos**. Organização de Thiago Mio Salla. Rio de Janeiro: Record, 2013.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. 1988. **Dicionário de Teoria da Narrativa**. São Paulo: Ática.

Revista FON-FON: a imagem da mulher no Estado Novo (1937-1945) / Semiramis Nahes - São Paulo: Arte & Ciência, 2007. Disponível em: <http://www.unimar.br/publicacoes/ftp/miolo_Fon_Fon.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2015.

RUBIM, Rosane; CARNEIRO, Maried. **Jorge Amado 80 anos de vida e obra**: subsídios para pesquisa. Fundação Casa de Jorge Amado, 1992.

SALOMON, Marlon. **As correspondências**: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

SANTOS, Maria Demétrio dos. A correspondência de Mário e a "felicidade" no credo modernista. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, Universidade de São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros, n. 36, 1994, p. 96.

SARAMAGO, José. **Cadernos de Lanzarote II**. São Paulo: Companhias das Letras, 1999.

SCHMIDT, Rita Terezinha. Recortes de uma história: a construção de um fazer/saber. In: RAMALHO, Cristina (Org.). **Literatura e feminismo**: propostas teóricas e reflexões críticas. Rio de Janeiro: Elo, 1999.

SCHNEIDER, Michel. O outro Eu. In: SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander Melo. **Crítica e coleção**. Belo Horizonte: Ed. Humanitas, 2011.

SCLIAR CABRAL, Leonor [s.d.]. **Entrevista**: Uma trajetória em busca do saber. Uma referência na história das idéias lingüísticas no RS – concedida à *Amanda Eloina Scherer*. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/fragmentum/article/viewFile/6340/3837>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

SCLIAR-CABRAL, Ethel. Minha Avó Rosa. (19 mar. 2009). Clube do Livro. Disponível em: <<https://clubedolivro.wordpress.com/author/scliar/>>. Acesso em: 29 out. 2014.

SEGATTO, José Antonio. **Breve história do PCB**. Belo Horizonte: Oficina de livros, 1989.

SILVA, Maria Manuela Parreira da Silva. **Correspondência de Fernando Pessoa**. Vs. I e II. Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.

SILVEIRA, Eder. **Memorialismo como ficção de si e como ficção histórica**. [28 abr.2014]. In: Sibilía. Disponível em: <<http://sibila.com.br/critica/memorialismo-como-ficcao-de-si-e-como-ficcao-historica/10689>>. Acesso em: 31 maio 2014.

SOUZA, Eneida Maria de; MIRANDA, Wander. **Crítica e coleção**. Belo Horizonte: Ed. Humanitas, 2011.

STRATHERN, Paul. **Derrida em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

TIN, Emerson. **Cartas e Literatura**: reflexões sobre pesquisa do gênero epistolar. Disponível em:<https://www.academia.edu/7389199/Cartas_e_Literatura_reflex%C3%B5es_sobre_pesquisa_do_g%C3%AAnero_epistolar>. Acesso em: 20 jan. 2015.

VALVERDE, Maria de Fátima. A carta, um gênero ficcional ou funcional?. In: Actas do Congresso Internacional da Associação Portuguesa de Literatura comparada – Estudos Literários/ Estudos culturais, maio 2001, Universidade de Évora. Disponível em: <<http://www.eventos.uevora.pt/>>. Acesso em: 6 mar. 2013.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. São Paulo: Círculo do Livro, s.d. Disponível em: <<http://virginiawoolf.files.wordpress.com/2012/03/um-teto-todo-seu-virginia-woolf.pdf>>. Acesso em 25 maio 2011.

ZACHARIADES, Grimaldo Carneiro (Org.). **Ditadura Militar na Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2009. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/verdade/resistencia/ufba_ditadura_militar_na_bahia_1.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2013.

ZIMBARG, Luis Alberto. **O cidadão armado: comunismo e tenentismo (1927-1945)**. Dissertação de mestrado, Unesp/Franca. São Paulo, 2001.

ANEXOS

I

“Foi uma pessoa que sofreu muito porque a minha mãe deixou a família quando eu tinha dois anos e meio. Meu pai gostava muitíssimo dela e tentou duas vezes trazê-la de volta à família, mas ela se recusou, então, em 1938, ele casou de novo. Dos dois anos e meio até os nove anos, eu fui criada na família de tios, o tio Jaime e a tia Rosa. Quando o meu pai se casou novamente (casou-se, não, porque naquela época não existia o divórcio, mas enfim constituiu uma nova família), nós nos mudamos de Passo Fundo para Porto Alegre em 1939. Nesta ocasião, minha irmã Esther e eu fomos estudar no Colégio Americano. Meu pai, volto a dizer, sempre se preocupou muito com a educação e procurou nos dar a melhor possível na época. Sobre a minha mãe, o que eu tenho a dizer é o seguinte: a minha mãe era inteligentíssima, mas era uma pessoa emocionalmente muito perturbada porque ela também veio de uma família desestruturada: o pai dela tinha abandonado a família e, adolescentes, ela e a irmã fugiram para Berlim, passaram os horrores da guerra lá e depois vieram para o Brasil. Minha mãe casou-se para fugir da fome, não foi um casamento por amor. Nascemos, minha irmã e eu, desse casamento que não foi um casamento por amor, por parte dela, porque o meu pai tinha adoração pela minha mãe. Ela era uma pessoa que colocava a política acima da família. Eu diria que ela não tinha instinto maternal. Numa das ocasiões ela foi presa a frente do portão do Mercado Municipal de Porto Alegre, quando estava distribuindo panfletos e eu e a minha irmã tínhamos ficado presas em casa, sozinhas. Nós fomos salvas de morrer confinadas porque a vizinhança arrombou a porta aos nossos gritos, só para contar um episódio, e depois, como já foi mencionado, ela deixou a família. Mas antes de isso acontecer, ela foi deportada porque era polonesa, então nós fomos morar em Rivera, fronteira com Livramento. Minha irmã Esther já freqüentava a escola em Livramento, era só cruzar a rua. Nesta ocasião é que minha mãe, militante do Partido Comunista

uruguaio, conheceu uma pessoa que se chamava Bernardino do Valle, se apaixonou por essa pessoa, foi embora e nos deixou. Então eu tenho que falar sobre a minha madrastra, D. Cecília, porque dos nove aos dezenove anos, que foi quando eu casei, eu morei com a minha madrastra e com meu pai. A minha madrastra era uma pessoa que também lia muito, era uma pessoa muito dedicada aos afazeres da casa e deste segundo

casamento nasceu mais uma irmã, a Lúbia, hoje conhecida como Lúbia Zilberknop”

FONTE: SCLIAR CABRAL, Leonor [s.d.]. Entrevista: Uma trajetória em busca do saber. Uma referência na história das idéias lingüísticas no RS – concedida à *Amanda Eloina Scherer*. Disponível em: <<http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/fragmentum/article/viewFile/6340/3837>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

II

Senhor professor,

Fazendo um levantamento, pela internet, de textos referentes a meu pai, o escritor Jorge Amado, encontrei essa referência sua a meus pais, à ABL e ao ex-Presidente José Sarney.

"[...]Hoje, o Sarney é membro da Academia Brasileira de letras. Junto com o Jorge Amado, e até com a mulher do tal Jorge odioso.[...]"

Naturalmente não desejo discutir as qualidades literárias de meu pai. Muitos não gostam do que ele escreveu e nunca foi uma unanimidade. Não gostar da literatura de JA é um direito de cada um e depende apenas de gosto pessoal.

Não posso conceber, contudo, que seu despreço pelos escritos de um escritor justifiquem apodá-lo de "o tal Jorge odioso".

Não creio que o senhor professor tenha tido o privilégio de conhecê-lo ou muito menos de conviver com ele. Os que o conheceram sabiam da sua extrema generosidade. Não me parece, também, razoável que o professor demonstre esse ódio por quem não conhece.

Que outras razões então haveria? Por se tratar o professor de um pensador católico? Teria ódio de tudo o que não fosse católico? Ou seria pelo fato de ser o professor um homem conservador (prefiro o termo conservador a reacionário)? Consideraria odioso todo aquele que se posicionasse a favor do socialismo, como era o caso de meu pai?

Posso lhe informar que o sectarismo nunca foi uma característica dele. Suas posições políticas e seu materialismo nunca o limitaram. Entre seus amigos contava com pessoas das mais variadas cores políticas. Sendo materialista foi responsável pela introdução na constituição de 46 (foi deputado constituinte) do artigo que garantia a liberdade religiosa no Brasil. Mais recentemente, pouco antes de sua morte, levantou-se em defesa da Irmandade da Boa-Morte (de Cachoeira), ameaçada pelo descaso dos poderes públicos.

Se meu pai lhe parece odioso por não ter comungado de sua posição política ou com sua fé religiosa, temo que a maior parte da humanidade seja odiosa a seus olhos.

Tenho pena do senhor professor.

Atenciosamente

João Amado

FONTE: MONTFORT Associação cultural. 4 de fevereiro de 2010Disponível em: <http://www.montfort.org.br/jorge-odioso-pela-defesa-que-faz-do-odioso-regime-comunista/>. Acesso em: 20 maio 2014.

III

Minha avó Rosa

março 19, 2009 in A Cavalaria Vermelha



Rosa de Luxemburgo

Falamos da violência, falamos do ódio, da raiva e dos desatinos humanos, esparramados nos campos de batalha, mesmo quando não são campos e sim cidadelas respingadas por países alheios. Mas que dizer dos sonhos e ds esperanças? Pois este post vai para minha vó, que viveu e morreu comunista. Seu nome verdadeiro não sei. Sei que se auto denominou Rosa, em homenagem à Rosa de Luxemburgo. Sua história fui re-construindo pouco a pouco, com o passar do tempo. Quando a vi pela última vez, fizera 90 anos. Morava no Uruguai, já há décadas. Minha vó era judia polonesa. Fugiu para Alemanha (!) e de lá para o Brasil. Casou, teve duas filhas. Fugiu de novo, casou de novo. Desta vez no Uruguai.

Paixões comunistas

Pois assim, perseguida, o Partido Comunista – lá nos idos de 1930 – mandou minha Vó Rosa refugiar-se no Uruguai. Deixou aqui as filhas, pequenas, e o marido. E se foi. Ao cruzar a fronteira, um companheiro a esperaria, para levá-la a lugar salvo, de bom abrigo. Foi cruzar a fronteira e cruzar olhares. Apaixonou-se. Vovô foi atrás, implorou e pediu. Nada. Rosa lá ficou, pelas bandas uruguaias. Lembro de alguns verões, passados em Punta del Este. Meu avô emprestado, garçom e chefe de cozinha, fazia pêssegos flambados, que me enchiam de admiração – o prato flamejante, o fogo vivo de quem ainda pregava o comunismo.



De pé, famélicos do mundo

Chegamos à pequena casa. Vovó pequenina, encurvada, fala que se arrasta. Olha para a bisneta, Bianca, que do alto de seus 10 anos, exhibe orgulhosa na lapela um pin com a foice e o martelo. Vovó diz, orgulhosa: – Esta é das minhas! Não resisto, e pergunto: *-Mas vovó, o Muro de Berlim caiu, a União Soviética não existe mais... O comunismo desapareceu!* Vovó me leva até seu quarto, aponta para a cabeceira da cama. Em cima, na parede nua, dependurado um único quadro: um retrato de Marx. E sorri, confiante: *- O comunismo pode acabar, o ideal jamais!* Minha avó Rosa morreu, ainda acreditando no seu sonho, ainda acreditando na igualdade dos homens e em um mundo melhor. Com

exércitos de todas as cores – vermelhas, amarelas, verdes, azuis – cantando a Internacional e clamando: - *Non pasarán!* Sem cavalos pisoteados, sem gargantas cortadas, sem sangue correndo. Apenas um retrato de Marx, que posso até ver sorrindo, na cabeceira de minha avó Rosa. E, ao longe, meu pai cantando o Hino da Internacional: *De pé, famélicos do mundo!* Ethel Scliar Cabral

FONTE: CABRAL. Ethel Scliar. **Minha avó Rosa**. Disponível em: <<http://clubedolivro.wordpress.com/category/a-cavalaria-vermelha/>>. Acesso em: 12 maio 2014.

IV

Acervo Octavio Malta – Retirado de uma fanpage. Não foi dado, mas foi pista de pesquisa.



Foto 01



Octavio Malta

Página curiosa · 17 de julho de 2013 ·

Ainda sobre o vatapá para Jorge Amado em 1944. Malta é o que está sentado, de óculos, em meio a três mulheres: Bluma Wainer, Ziloca Lacerda e Suzana, mulher de Augusto Rodrigues (o terceiro em pé à esquerda).

Os demais são Cesar (irmão de Bluma), James Amado (irmão do anfitrião Jorge) e, ao lado de Augusto, encoberto, Dorival Caymmi. No fundo, Carlos Lacerda. Quem está olhando para a criança é Theódilo de Barros Filho, e o menino no ombro de Samuel Wainer é Sergio Lacerda. A menina é Lila, filha de Matilde e Jorge Amado, no colo de Suzana Rodrigues.



Octavio Malta

Página curtida · 15 de julho de 2013 ·

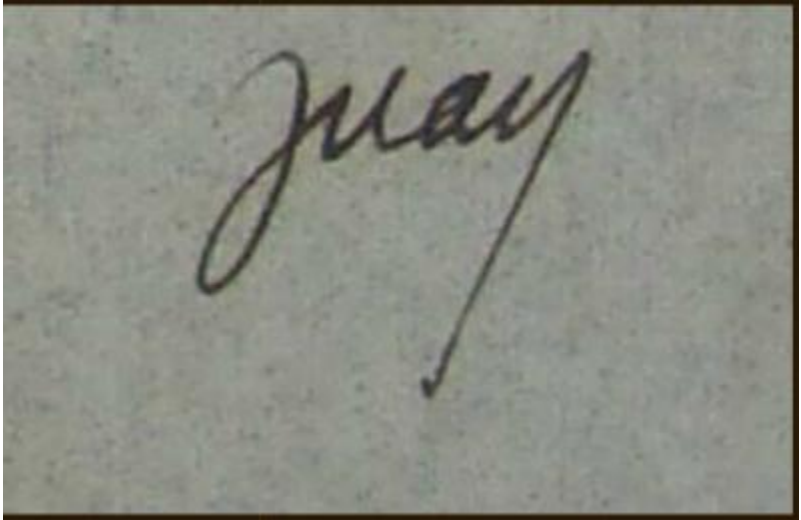
A foto foi feita na casa de Matilde e Jorge Amado, na Urca, onde Dorival Caymmi, de braços abertos, foi apresentar a noiva Stella aos amigos. No parapeito da janela Moacyr Werneck de Castro. Ao lado de Caymmi, sentado, Emil Farhat. Malta está com a mão no ombro de Carlos Lacerda e a sua direita Samuel Wainer. O almoço, um vatapá, foi no dia 10 de março de 1944.

Foto 02

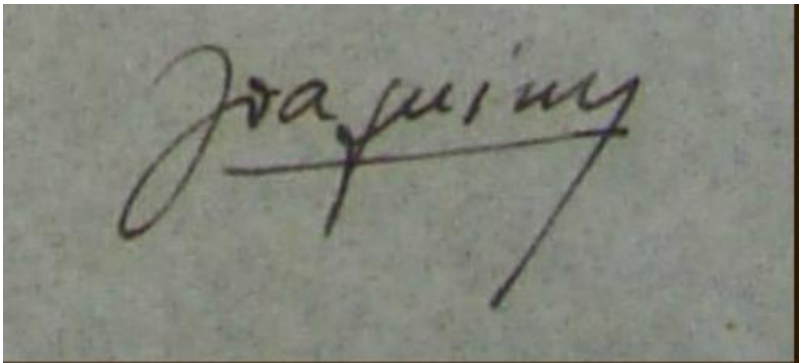
FONTE: FANPAGE OCTAVIO MALTA. Disponível em:
<<https://www.facebook.com/pages/Octavio-Malta/504651026288999?fref=ts>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

V

Assinatura de Juan e Joaquim, em destaque, para comparação.



Assinatura de Juan



Assinatura de Joaquim

VI

agosto 16, 2012

JORGE AMADO

Um manifestante ergue um cartaz em Moscou: "Operários de todo o mundo, perdoai-nos". Diante da TV, o ex-comunista Jorge Amado vê um mundo desabar

Jorge Amado faria cem anos neste agosto de 2012. Reviro meus arquivos (não tão) implacáveis, em busca de uma entrevista que fiz com ele no momento em que o socialismo virava pó. O ex-comunista Jorge Amado via com espanto o desfile de imagens surpreendentes pela TV, como manifestantes dançando sobre as ruínas do Muro de Berlim ou o queda do ditadores como o romeno Nicolae Ceausesco, personagem de uma cena patética: reuniu a multidão para aplaudi-lo, mas foi silenciado por vaias. Amado se declarava atordoado com a "rapidez imensa" dos fatos exibidos pela TV, o que o levou a confessar a um amigo, o cineasta Costa Gavras: somente ali, ao testemunhar o desabamento dos regimes socialistas, ele se deu conta da importância da televisão. A entrevista:

Socialismo? "Nunca houve". O que existia era "uma mentira imensa", "uma falsificação completa". Quem faz afirmações tão contundentes, como se quisesse fechar um ciclo de desilusões, é o homem que, um dia, num livro que hoje renega, descreveu assim a figura do ditador Stalin: "Mestre, guia e pai, o maior cientista do mundo de hoje, o maior estadista, o maior general, aquilo que de melhor a humanidade produziu" (O Mundo de Paz).

Jorge Amado, o maior best-seller da literatura brasileira, recordista de traduções, ex-deputado do Partido Comunista, anuncia, nesta entrevista exclusiva, que ainda não se recuperou da perplexidade causada pela "experiência terrível" : viu cinco imagens de TV destroçarem um mundo de crenças no chamado "socialismo real". Primeira imagem: o Muro de Berlim caindo. Segunda: um estudante anônimo enfrentando os tanques na Praça da Paz Celestial. Terceira: uma estátua de Lênin desabando no leste europeu. Quarta: a multidão vaiando o ditador romeno Ceausescu. Quinte: um manifestante soviético empunhando o cartaz "Operário de Todo o Mundo, Perdoai-nos". Impressionado, passou uma noite discutindo o poder destas imagens com o amigo Costa Gavras, cineasta de Estado de Sítio e Desaparecido, durante um encontro em Paris. Ainda espantado com a "rapidez dos fatos", Jorge Amado repete um ensinamento que extraiu de um aprendizado "sofrido, longo e cruel: "O

coletivo não é o oposto do indivíduo. Sem considerar o indivíduo como ser humano, não se pode pensar em socialismo".

Do refúgio parisiense, onde se esconde dos jornalistas porque quer dar forma definitiva ao romance chamado Bóris, o Vermelho, Jorge Amado manda dizer que "escreve muito mal", é uma "negação como contista" e, pior, não sabe "contar histórias". Como se não bastasse, confessa que é um eterno candidato a vagabundo - que só quer ser lembrado, no futuro, como "um baiano romântico e sensual".

GMN: As mudanças no Leste europeu e na União Soviética de Gorbatchev- que parecem ter desorientado as esquerdas no mundo inteiro - abalaram o senhor também ?

Jorge Amado: "Eu me desorientei - e muito - antes, quando descobri que Stalin não era o pai dos povos, ao contrário do que sempre pensei. Aquele foi um processo doloroso, difícil, cruel e demorado. A maioria das causas dos acontecimentos atuais talvez já fossem claras para mim. Mas os acontecimentos são de uma rapidez imensa. Jantei com Costa Gavras, meu amigo. Discutimos esta situação: não é só um mundo que acabou. É tudo o que foi a vida e o objetivo de luta de milhões de pessoas. É gente que lutou com generosidade e coragem e foi presa e torturada por lutar por uma coisa que - de repente - se acaba. A pergunta que você pode me fazer agora é a seguinte: é o socialismo que não presta ou é a falsificação do socialismo ? O que é que acontece nestes países ? Já não são regimes socialistas nem a Polônia nem a Hungria nem a Tchecoslováquia nem a Alemanha oriental. Não estão deixando de ser socialistas a Bulgária, a Romênia e até a Albânia! Mas não acredito que o socialismo, como ideia, deixe de ser o que representa como avanço e como um passo adiante. Nunca houve socialismo, como não houve democracia. Como a implantação dos regimes socialistas foi baseada naquilo que é fundamentalmente errado - a ditadura de classe - , houve, então, uma falsificação total e completa !

O mundo era um antes da revolução de outubro, na Rússia. Passou, depois, a ser outro. Estados ditos socialistas - mas que não eram, na realidade - podem deixar de existir. Isso não quer dizer, no entanto, que os valores novos trazidos pela Revolução de outubro - como uma consciência coletiva maior e fraternal - não persistam. Persistem. O que acontece é que o mundo não será mesmo igual. Já não é. O capitalismo de hoje também já não é o mesmo de antes. Não sou sociólogo. Eu via sempre, na televisão, no Brasil, que todo dia apareciam dois, três cientistas políticos. É cientista político pra burro. É uma quantidade imensa. São formidáveis. Não sou cientista político - infelizmente - nem

crítico literário. Mas vem à minha casa gente que lutou toda a vida. De repente, um mundo vem abaixo!

Durante o encontro com Costa Gavras, eu disse que - de repente - estou me dando conta da importância da televisão. Via na TV as imagens do muro de Berlim. Vi o homem parando os tanques na China. E as imagens do ditador da Romênia? Reuniu duzentas mil pessoas para aplaudi-lo, mas, de repente, a multidão começa a vaiá-lo. A imagem do ditador na tribuna é inesquecível. Outra imagem :uma imensa estátua de Lênin com uma corda no pescoço. E o pessoal puxando para derrubá-la. Devo dizer a você que aquilo me picou o coração. É todo um mundo que vem se acabando - e desabando em cima da cabeça da gente. É terrível para algumas pessoas - que devem se sentir suicidas, sem ter o que fazer da vida. Não sou sociólogo, mas sem democracia não se pode construir o socialismo. O coletivo não é o oposto do indivíduo, como foi nestes países. Sem considerar o indivíduo como ser humano, você não pode pensar em socialismo".

GMN: A denúncia do stalinismo provocou um choque aomda maior no senhor ?

Jorge Amado: "O choque veio já antes da denúncia, porque eu vinha sabendo das coisas. Mas é evidente que a denúncia de Krushev trouxe coisas de q-ue eu não fazia a mínima ideia".

GMN: Mikail Gorbachev é o ídolo de Jorge Amado hoje ?

Jorge Amado: "Meu último ídolo chama-se Stálin. Já não tenho ídolos - há tempos. Como ídolo, Stalin é o bastante. É suficiente...Gorbachev é um grande estadista do nosso tempo. Todos nós devemos a ele um fato importante: o perigo de uma guerra atômica - que iria acabar com a vida sobre a Terra - diminuiu muito. O que é que Gorbachev faz ? O que ele faz é expor a verdade. Havia uma mentira imensa que dizia: "O socialismo é este". De repente, a gente viu que não era. Outra imagem de TV que me impressionou foi transmitida durante a comemoração do aniversário da Revolução de outubro. Durante uma manifestação de cento e cinquenta mil pessoas em Moscou, dois cartazes me marcaram muito. Um dizia: "Setenta anos para chegara a nada". E outro: "Proletários de todo o mundo, perdoai-nos". São dois negócios terríveis".

GMN: O senhor diz que o mundo de tantas pessoas que deram a vida toda a estes ideais desabou diante desses mudanças todas. Seu mundo desabou, politicamente ?

Jorge Amado: "Eu já vinha dizendo que, sem democracia, não se pode construir o socialismo. O coletivo não é o oposto do indivíduo, como foi nestes países. Sem considerar o indivíduo ser humano não se pode

pensar em socialismo. O que vai existir é, sempre, uma falsificação. São coisas que, para mim, ficaram claras, dentro de um processo sofrido, longo e cruel".

GMN: O livro *Os Dentes do Dragão* traz o registro do atrito que houve entre o senhor e Oswald de Andrade, na época em que ambos militavam no Partido Comunista. Oswald de Andrade escreveu: "Numa reunião do comitê de escritores, diante de quize pessoas do PC, apelei para que o sr. Jorge Amado se retirasse de São Paulo e denunciei-o como espião barato do nazismo. Em 1940, Jorge convidou-se no Rio para almoçar na Brahma com um alemão altamente situado na embaixada e na agência Transocean, para que esse alemão me oferecesse escrever um livro em defesa da Alemanha. Recusei e Jorge ficou surpreso, pois aceitara várias encomendas desse gênero do mesmo alemão". Houve uma briga séria?

Jorge Amado: "Houve, realmente, um atrito. Oswald - de quem eu era amigo - desejava ser candidato a deputado na chapa do Partido Comunista. Não foi. Não sei porque - talvez porque outras pessoas tivesse feito intriga - Oswald achou que eu tinha concorrido para que ele não entrasse na chapa. O que aconteceu, na verdade, foi o contrário. Eu lutei - e muito - para que ele entrasse na chapa do partido. Não consegui. Oswald não entrou. Atribuí a mim este fato, o que fez com se afastasse de mim. Depois, voltamos às boas - ele, infelizmente, já enfermo. Não sei se Oswald pediu a minha exclusão do partido. Não vale a pena falar sobre este assunto".

GMN: Mas ele pediu a exclusão do senhor do Partido Comunista ?

Jorge Amado: "Isso, se houve, não sei".

GMN :Oswald de Andrade cita também o encontro que teve com o senhor e com um alemão na embaixada. O senhor se lembra ?

Jorge Amado: "Não".

GMN :Ao se referir ao ato de escrever, o senhor já disse: "Quanto à escrita propriamente dita, aceito palpite". O senhor aceita palpite de quem ?

Jorge Amado: "Quem palpita é Zélia (Gattai), porque vive ao meu lado. Sou mau datilógrafo. Só escrevo com dois dedos. Emendo muito. Hoje, escrevo e reescrevo. Quando jovem, emendava pouco. A gente vai perdendo aquele elan da juventude e vai ganhando experiência. A escrita, então, passa a ser sempre difícil. Você escreve e reescreve. Depois, quando parece que o texto ficou do meu agrado, Zélia bate à máquina uma cópia que ainda vou ler e reler. É aí que ela dá palpite. A partir de certo momento do livro, dou a ler a meu irmão James Amado, uma opinião que levo em conta. E ele lê - e palpita".

GMN :Não é uma contradição o mais famoso escritor brasileiro dizer que escreve "mal" , como o senhor diz?

Jorge Amado: "Para começar, sou contra este tipo de qualificativo - "o mais", "o maior". É difícil dizer quem é "o mais", "o maior", "o melhor". Há os que são bons. Outros são ótimos. Não sou uma pessoa que se considere isso ou aquilo. Não sei que adjetivo usar, mas sou bastante modesto, humilde e crítico a meu respeito. Há uma pergunta que - adiante - você já não me fará. É esta: "E o Prêmio Nobel ? Você não acha que vai ganhar ?". Por que eu haveria de ter ? Nunca esperei. Desejar é outra coisa. Aspirar é outra coisa. Aliás, nunca aspirei a prêmio nenhum. Nunca lutei por nenhum prêmio. Nunca fui candidato. Quem deve ganhar os prêmios é o livro, não o autor. Uma das coisas mais tristes da vida literária é ver um sujeito cavando um prêmio. É um horror. Quando me dão, fico satisfeito. Eu me admiro por que é que haveria de ganhar o Prêmio Nobel. É um prêmio para grandes, grandes escritores. Não me considero como tal".

GMN: O senhor acha que escreve mal de verdade ?

Jorge Amado: "Eu escrevo muito mal".

GMN: Que reparos, então, o senhor faz a seus textos ?

Jorge Amado: "A crítica faz tantos reparos....Não sou um escritor que trabalha. Um crítico francês chamado Jean Rocha escreveu todo um livro sobre mim. Disse que escrevo bem. Não ousou fazer tal afirmação. Porque há os que dizem que não existe quem escreva pior do que eu. Sou um escritor que nunca teve a unanimidade da crítica. O País do Carnaval foi o meu único livro unanimemente elogiado. Eu era um menino.... (N: Quando terminou de escrever o livro, Jorge Amado tinha tinha 18 anos). Desde então, tenho levado pau. Nunca nenhum outro livro meu, a partir de então, recolheu unanimidade. A crítica sempre foi polêmica em torno do meu trabalho. Também sou uma negação como contista. O que aparece como conto meu por aí é sobra de romance, coisas que não foram adiante ou que não usei".

GMN : Escrever, para o senhor, é uma necessidade física ? Em algum momento, o senhor já admitiu a possibilidade de deixar de escrever ?

Jorge Amado: "Sempre penso, com grande desejo, em não fazer nada. Minha tendência é vagabundar, andar, ver pessoas e coisas, ler livros. Mas sempre o livro se impõe a mim. Já há algum tempo, estou resistindo a ir para a máquina de escrever, pela terceira vez, para tentar escrever um livro chamado Bóris, o Vermelho. Em 1984, minha filha morava no Maranhão. Viajei até lá para, um pouco escondido, tentar escrever Bóris. Acabei começando um livro chamado Tocaia Grande, concluído dois anos depois. O livro foi escrito em várias casas no Brasil. Fiquei

fugindo de uma para outra- só que me descobriam. Vim em 1987 para Paris, para tentar escrever Bóris. Mas escrevi O Sumiço da Santa, porque descobri que nunca tinha feito um livro sobre sincretismo cultural e religioso, algo que é presente na maioria dos meus romances, mas nunca como tema central. Não pude escrever Bóris porque a estrutura da narrativa não estava suficientemente madura na minha cabeça.

Vou ter de explicar a você a minha forma de trabalhar: quando tenho a ideia de um livro, trato de amadurecê-la na cabeça, antes de ir para a máquina - mas não no sentido do que seria a história do livro. Não sei contar uma história. Minha mulher senta com os netos e conta uma história que eu mesmo ouço com imenso prazer. Zélia inventa. Já eu sou incapaz. O enredo - ou a história dos meus livros - decorre dos personagens. Porque os personagens é que os fazem. Nunca sei, hoje, o que vai acontecer no dia de amanhã com a história. Os personagens é que vão construindo a história aos poucos. Um personagem que coloco ali, por uma necessidade técnica, por um detalhe, de repente vive e cresce. A história decorre dos personagens. É uma coisa vivida, em vez de ser inventada. Nunca penso em termos de história. Penso, sim, em figuras, em ambientes e em como será a arquitetura da narrativa. Busco encontrar o começo. Porque o começo do livro é que é difícil - exatamente porque não sei contar uma história. Não tenho a invenção da história. É difícil. Preciso que os personagens comecem a ficar de pé - e a andar com seus pés, para que a história também ande. Duas vezes pensei que Bóris estivesse maduro. Quando fui para a máquina, vi que não era o que queria.

O que quero fazer, no livro, é o perfil de um jovem brasileiro entre 18 e 20 anos na década de 70. É apenas um jovem. Mas as circunstâncias da vida política brasileira na época - uma ditadura militar, com tudo o que ela representava - levam a que ele desempenhe um determinado papel que não sei exatamente qual é. Isso virá. Não me amedronto, porque, quando escrevo, a história sempre vem".

GMN: O senhor terminou de escrever o romance de estreia, O País do Carnaval, há exatamente 60 anos, em 1930. Tempos depois, chamou o livro de "um caderno de aprendiz". Qual é o principal reparo que o Jorge Amado de 78 anos faz, hoje, ao Jorge Amado de 18 anos, como romancista ?

Jorge Amado: "O País do Carnaval e Cacau e Suor são cadernos de um aprendiz de romancista. O principal reparo que faço - sobretudo a O País do Carnaval - é que é um romance com bastante influência europeia. Sobre o romance pesa - e muito - uma visão europeia do Brasil. Eu era

um menino influenciado, de um lado, pela leitura de uma literatura europeia, e, de outro, pelo Modernismo - que, apesar cultivar uma brasilidade e um lado nacionalista na Antropofagia, também tinha europeia, sobretudo da França e da Itália. As primeiras obras de Oswald de Andrade, como Os Condenados, são bastante influenciadas por D'Annunzio. O meu é um livro europeizante - de certa maneira".

GMN: Curiosamente, o personagem principal do livro chega da Europa e volta para lá...

Jorge Amado: "O personagem passa pelo Brasil. A tradução francesa de O País do Carnaval só foi feita agora pela Editora Gallimard, sessenta anos depois da publicação. Nunca permiti a tradução de O País do Carnaval até há poucos anos. Quando completei setenta e cinco anos, um dos meus editores italianos fez uma tradução do livro - na verdade, uma edição especial, quase universitária, com estudos. Era uma homenagem aos setenta e cinco anos, fora das coleções normais. Não pude impedir a tradução. A partir daí é que a Gallimard comprou os direitos da tradução em francês. São as duas únicas línguas em que foi traduzido. Com a tradução francesa, recebi, há poucos dias, um telefonema de uma editora dos Estados Unidos que quer comprar O País do Carnaval. Não decidi ainda se aceitarei ou não".

GMN: Por que o senhor - que conheceu grandes figuras da literatura e da política do mundo inteiro - nunca se animou a escrever uma autobiografia ?

Jorge Amado: "Prefiro escrever romance. Enquanto eu puder trabalhar numa obra de criação, acho preferível. Quando sentir que já não posso, quem sabe eu me volte para uma autobiografia. Mas não é algo que me tente".

GMN: O senhor não dá importância a depoimentos históricos de escritores ?

Jorge Amado: "Gosto de ler biografias e memórias - com prazer. Não incluo nos meus projetos, por ora, escrever minha autobiografia. Mas quem sabe?".

GMN : Néelson Rodrigues disse que, se algum dia alguém fosse escrever um verbete sobre ele, bastaria redigir uma frase : "Néelson Rodrigues - também conhecido como flor da obsessão". Se o senhor fosse escrever um verbete sobre Jorge Amado, quais palavras usaria ? Como é que o senhor gostaria de ser lembrado daqui a 50 anos numa enciclopédia?

Jorge Amado: "Um baiano romântico e sensual. Eu me pareço com meus personagens - às vezes, também com as mulheres".

(Entrevista gravada em 1990)

FONTE: AMADO, Jorge. [s.d.]. **Entrevista.** Concedida a *Geneton Moraes Neto*. Disponível em: <<http://www.geneton.com.br/archives/000326.html>>. Acesso em: 05 ago. 2013.

VII

ESPECIAL

Carta de Jorge Amado a Tania Carneiro Leão

Enviada pouco depois da morte do autor, carta virou prefácio de Livro geral, de Carlos Pena Filho

Publicado em 05/08/2012, às 06h21

Do JC Online

LEIA TAMBÉM

- Jorge Amado travou diálogos culturais com Pernambuco
- Jorge Amado e a paixão pelo Recife dos amigos
- Jorge Amado segundo a crítica literária
- O centenário de Jorge Amado, o romântico do século 20
- Entrevista com Anco Márcio Tenório sobre Jorge Amado

Carlinhos

Não, não desejo ir ao Recife, nem mesmo para chorar com Tania e Otilia, para fitar em silêncio a face de Eufrásio, para acariciar a cabeça de Clarinha. Nem mesmo para sentar-me com os amigos Rui e Paulo, com Caio e Zé Conde, e recordar palavras tuas, momentos, histórias, gargalhadas. Nem mesmo para reencontrar-te nas pontes sobre o Capibaribe, no fundo da livraria, no bar, na casa do mestre Gilberto. Porque ainda não pude aceitar a ideia de que já não estás, porque ainda não pude conformar-me com a injustiça de tua morte, porque não posso ainda conceber a tua cidade sem o seu poeta magro e angélico. Ah! Carlinhos, tu eras contra a injustiça e a tristeza, contra a desolação e o homem solitário. Como ver tua cidade, que aprendi a amar em tua companhia, desolada e em luto? Não, Carlinhos, não irei, e tu compreenderás. Não irias também, tenho certeza. Sem ti, já não será mais a mesma, essa cidade do Recife. Eras o seu poeta, o irmão mais moço de Joaquim Cardozo, o amigo do general e do pobre da esquina, da aeromoça e do folião do Carnaval, do prefeito e da rainha do maracatu, do peta Ascenso, do compositor Capiba, do pintor Brennan e do fabuloso Ariano, do ateu e do católico, do protestante e do espírita, do rico e do pobre, era a solta fantasia e a densa realidade, o ar, a chuva e o sol dessa cidade, sue cotidiano de beleza, eras o seu poeta. Foi preciso que faltasses assim, brusca terrivelmente, para que compreendessem que eras o dono da cidade, que eras a cidade, sua infinita e complexa

realidade. Porque eras simples como o pão e profundo como a água do rio, estavas plantado no chão da tua gente como certas plantas trepadeiras aparentemente frágeis, porém mais resistentes e permanentes que as grandes árvores. Eras a rosa e o musgo, a fruta sumarenta e o cacto de espinhos. Tua flor tinha riso e sangue, levavas nos ombros de toda fragilidade a dor e esperança de teu povo, sua solidão, o cangaço e a multidão no frevo.

Foste tão tua gente que muito tempo vai passar antes que surja outro poeta assim, para ser tão amado por seu povo.

Eras frágil de carne e osso, tão leve na balança, um vento mais forte podia te arrastar como uma folha de árvore ou um pedaço roto de poema. Por isso, talvez, sempre me deste a ideia de um anjo por amor perdido nas ruas do Recife. Mas como eras denso de vida por dentro, como eras tão homem e tão povo, tão pernambucano e universal! Como sabia em tão frágil estrutura tanta esperança do homem, cangaceiro, todo desolado sertão, toda a vívida cidade e mais a doçura da amizade, da mais terna, da doce amizade? Eras talvez um anjo, eras sem dúvida um anjo extraviado, pois só assim se explica fosse homem tão completo, poesia tão solitária.

Teu clima era o amor, a amizade, a ternura, o dar-se a cada instante, a preocupação pelos outros, eras o cantor de todos os que necessitam e se erguiam para conseguir. Nunca foste capaz de ódio; tuas raivas e tuas brigas eram ainda fruto de muito amor e não duravam, logo voltavam a ser ternura.

Aqui te vejo, nessa cidade da Bahia, que Odorico, Cícero, o príncipe Eduardo e eu te ensinamos nos dias alegres, quando transportaste para as ruas mágicas o teu mistério. Não aceito a tua falta, tua ausência pois se ainda ontem ríamos aqui, na Reitoria e no restaurante do mercado, na casa de Odorico e na ladeira, ouvindo o Governador dizer teus versos e vendo Moisés e encher de vinho o teu copo. Não, não irei ao Recife. Aqui posso pensar em ti como se apenas houvesse retornado à tua cidade, depois de visitar minha cidade.

Aqui posso imaginar que estou à tua espera para outros dias alegres de coração leve e riso alto.

Foi injustiça demais, Carlinhos. Quando chegamos a certa idade, vamos

indo pela vinda com os vivos, mas também com os nossos mortos, aqueles que vão faltando. Carregamos nossos defuntos, e eles fazem parte de nossa vida, vão conosco. Em geral, porém, os amigos que partem são os que já deram tudo ou quase tudo de si, já completaram seu trabalho, cantaram as estrofes de seu canto. Não era ainda a hora de partires, ainda era cedo demais. Como será agora a noite do Recife se já não estás para ir buscar aurora no fundo do rio e trazê-la para as pontes e para o casario? É difícil, quase impossível, tomar de tua morte e carregá-la nos ombros.

Queria buscar tua palavra e escrevê-la aqui, entregá-la a Clarinha em nome de Paloma e João, a Tania, em nome de Zélia. Foste amor e solidão da terra, cidade e sertão, dor e esperança. Mas havia uma atmosfera tua, um clima, um ar na tua angélica humanidade. Era uma atmosfera azul, quase infantil e mágica. Azul, Carlinhos, esse mistério que tu foste. Azul, Carlinhos, tua morte de sangue coagulado, azul na tua definitiva permanência de poeta, tão terrível azul este momento.
Jorge Amado

FONTE: AMADO, Jorge. [s.d.]. **Carta de Jorge Amado a Tânia Carneiro Leão**. JORNAL DO COMÉRCIO, 2012. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2012/08/05/carta-de-jorge-amado-a-tania-carneiro-leao-51545.php>> . Acesso em: 2 jun. 2014.